



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA**



GUSTAVO DE SOUZA RUBBI

**PERDIDAS NA ESQUINA: LUTAS DE REPRESENTAÇÕES E COMPOSIÇÕES
VISUAIS DAS TRAVESTIS NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA - RJ (1978-1981)**

Uberlândia - MG
2024

GUSTAVO DE SOUZA RUBBI

**PERDIDAS NA ESQUINA: LUTAS DE REPRESENTAÇÕES E COMPOSIÇÕES
VISUAIS DAS TRAVESTIS NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA - RJ (1978-1981)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros (Orientadora) – (UFU)

Prof. Dr. Paulo Roberto Souto Maior Júnior – (UFPB)

Prof.^a Dra. Mônica Brincalpe Campo – (UFU)

Uberlândia-MG, 23 de fevereiro de 2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R894 Rubbi, Gustavo de Souza, 1998-
2024 Perdidas na esquina [recurso eletrônico] : lutas de
representações e composições visuais das travestis no
jornal Lâmpião da Esquina - RJ (1978-1981) / Gustavo de
Souza Rubbi. - 2024.

Orientador: Carla Miucci Ferraresi Barros.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.652>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Barros, Carla Miucci Ferraresi, 1972-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 11, PPGHI				
Data:	Vinte e três de fevereiro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	12:30
Matrícula do Discente:	12212HIS010				
Nome do Discente:	Gustavo de Souza Rubbi				
Título do Trabalho:	Perdas na esquina: lutas de representações e composições visuais das travestis no jornal Lampião da Esquina - RJ (1978 - 1981)				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Linguagens, Identidades e Subjetividades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	O medo nosso de cada dia: a construção audiovisual dos afetos em tempos de Covid-19				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: [Paulo Roberto Souto Maior Júnior / UFPB](#); [Mônica Brincalepe Campo / PPGHI/UFU](#) ; [Carla Miucci Ferraresi de Barros](#) orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. [Carla Miucci Ferraresi de Barros](#), apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

[Aprovado.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Miucci Ferraresi de Barros, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/02/2024, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mônica Brincalepe Campo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 23/02/2024, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Roberto Souto Maior Júnior, Usuário Externo**, em 26/02/2024, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5110416** e o código CRC **78B7481B**.

Às travestis que já se foram, que ainda virão e as que estão constantemente questionando os dualismos binários herdados e fazendo da contradição um lugar frutífero de existência.

AGRADECIMENTOS

É surpreendente como no curto intervalo de desenvolvimento dessa dissertação pude conhecer pessoas que me apresentaram e me ensinaram novas formas de ver o mundo e escrever a história. É surpreendente também, como nesse curto espaço temporal reafirmei antigos elos e amigos que continuaram comigo nessa longa viagem. Aos novos e antigos laços que me acompanharam nessa extensa caminhada de tão curta duração, agradeço:

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Carla Miucci Ferraresi de Barros por todo apoio, ajuda, comprometimento e leitura dedicada da minha dissertação. Obrigado professora, por me mostrar a potencialidade que uma imagem pode ter.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Souto Maior que se dispôs a participar da banca examinadora e a transmitir suas valiosas críticas e sugestões.

À Prof.^a Dra. Mônica Brincalpe Campo, por todas as aulas de quartas-feiras que além de produtivas me permitiram um pouco de calor diante da fria rotina de escrita da dissertação. Obrigado professora, por todas as indicações bibliográficas e por todas as contribuições fornecidas a esta pesquisa!

À Prof.^a Dra. Ana Paula Spini pelos apontamentos realizados na banca de qualificação. Depois de sua leitura atenta e de seus comentários eu não poderia deixar de reconhecer que esta pesquisa também tem um pedacinho de você. Obrigado professora, por toda a contribuição oferecida!

À Prof.^a Dra. Ana Flávia Cernic Ramos, que através da categoria “ver fazer” me apresentou a importância da leitura como parte primordial do processo de escrita.

Ao Prof. Dr. Amon Santos Pinho, por me lembrar que no imenso campo imprevisível da história podemos encontrar e entender no passado o nosso presente.

Agradeço ainda os docentes Maria Elizabeth, Gilberto César, Adalberto Paranhos, Cleber Vinícius e Rodrigo de Freitas que apesar do breve contato causaram uma grande transformação nesta dissertação.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, pela concessão da bolsa que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

De maneira geral, sou grato a todo o corpo docente do programa de pós-graduação em história, direção, secretaria, administração e todas as pessoas que atuam para fazer da Universidade Federal de Uberlândia um espaço público, acessível e de qualidade. Obrigado por possibilitarem a realização da minha graduação em história e a conclusão do meu mestrado.

Não poderia deixar de reconhecer o apoio daqueles que me acompanham e torcem por mim a tanto tempo. Meus pais, Elaine e Paulo e meus irmãos, Gabriel e Vinícius, por todo incentivo e suporte incondicional.

Ao meu companheiro Ualisson Pereira Freitas, que para mim tem cheiro de família, de lar e de companhia. Obrigado por todo carinho, amor e por seguir comigo em mais essa estrada.

Minhas amigas e amigos que estiveram comigo ao longo desse percurso. Agradeço a Francine Rodrigues, que mesmo depois de tantas transformações e mudanças a gente ainda se entende, se identifica e se encontra.

À Victória Melo, Dirce Melo e Marco Daniel Melo, pelo carinho, ajuda e preocupação. Depois de tudo que fizeram por mim é inevitável não considerar vocês como tia e tio.

Ao Erasmo Gondim, Raquel Encinas e Miguel Ângelo por dividirem comigo o peso de uma decisão. Obrigado pelas conversas, reflexões e por me ajudarem a suportar toda a contradição dessa vida.

Ao Giliard Prado, meu professor de graduação, meu antigo orientador e minha motivação profissional. Obrigado por sempre estar disposto a me socorrer com os dilemas acadêmicos.

Aos companheiros de linha de pesquisa, Bruno Taumaturgo, Bárbara Falleiros, Eduardo Silva e Amanda Gomes por todas as risadas e momentos juntos.

Por fim, sou grato a todas as pessoas que não tiveram os nomes aqui citados, mas que sempre me ensinam novas maneiras de compreender o mundo e contribuíram nessa minha trajetória.

Nem todas as fissuras que fendem a dominação masculina assumem a forma de rupturas espetaculares de recusa e rebelião. Elas nascem frequentemente dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão.

Roger Chartier

(CHARTIER, Roger. *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 96)

Aqui está minha alocação para uma intersecção utópica das teorias feministas de gênero, heterogêneas, multi-culturais, “ocidentais” [...], que foram chocadas na estranha irmandade com dualismos binários herdados, contraditórios, hostis. O falocentrismo foi ovulado pelo sujeito dominador, o galo inseminador das galinhas permanentes da história. Mas no ninho com este ovo prosaico foi posto o germe de uma fênix que falará todas as línguas de um mundo virado de ponta cabeça.

Donna Haraway

(HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 22, 2016, p. 246)

RESUMO

Em 1978, a imprensa brasileira noticiou que os horizontes de expectativas se abriam para uma liberalização do contexto político nacional. Com os vislumbres de ventos favoráveis para uma certa abertura democrática, surgiu nessa conjuntura, o jornal *Lampião da Esquina*. Produzido e editado por homossexuais, o periódico circulou entre abril de 1978 e julho de 1981 e publicou trinta e oito edições regulares e três edições extras, das quais cerca de vinte e oito edições destacaram através de reportagens, artigos de opinião, entrevistas e cartas a temática de gênero e corpo das travestilidades. Nesse sentido, a fim de compreender os matizes que caracterizaram os processos de construção identitária das travestis o presente trabalho tem como objetivo investigar as trajetórias representacionais e as composições visuais referente a essas identidades veiculadas pelo jornal *Lampião da Esquina*, analisando de que forma o projeto político e o projeto gráfico produzidos pelos editores e colaboradores influenciaram nas narrativas acerca das travestilidades. Para alcançar o objetivo proposto, foi analisado a disseminação, às disputas e os tensionamentos acerca das composições travestis, buscando evidenciar as tensões presentes nas diferentes formas de representar essas identidades e a maneira pela qual o jornal contribuiu para a reafirmação de antigos estereótipos e para a construção de novos, acerca das travestilidades. Utilizou-se, principalmente, as perspectivas de *gênero* de Donna Haraway, o conceito de *representações* de Chartier, bem como o conceito de *visualidade* de Nicholas Mirzoeff. O estudo das *representações* e *visualidades* elaboradas pelos editores acerca das travestilidades possibilitou revelar que ao decorrer das publicações os editores agruparam as múltiplas identidades que se mesclavam em torno da concepção de homossexuais. Este trabalho revelou, também, que o periódico atuou produzindo uma determinada prática imaginária das travestis, atribuindo certos comportamentos e características a essas identidades. Ademais, o estudo do projeto político e gráfico da fonte, favoreceu a composição de um quadro imagético/representacional das travestis durante os anos 1970 e 1980.

Palavras-chave: travesti, Lampião da Esquina, representação, visualidade.

ABSTRACT

In 1978, the Brazilian press reported the possibility of a liberalization of the national political context. With expectations of a democratic opening, the newspaper *Lampião da Esquina* emerged at this juncture. Produced and edited by homosexuals, the periodical circulated between April 1978 and July 1981, publishing thirty-eight regular editions and three extra editions. Around twenty-eight editions presented, through reports, opinion articles, interviews and letters, the theme of gender and the body of transvestites. In this sense, in order to understand the characteristics and processes of identity construction of transvestites, the present work aims to investigate the representational trajectories and visual compositions of these identities in the newspaper *Lampião da Esquina*. In this way, we analyzed how the political and graphic projects produced by editors and collaborators influenced the narratives about transvestites. To achieve the proposed objective, the dissemination, disputes and tensions surrounding transvestite compositions were analyzed. We seek to highlight the tensions present in the different ways of representing these identities and the way in which the newspaper contributed to the reaffirmation of old stereotypes and the construction of new ones regarding transvestites. We mainly used Donna Haraway's gender perspectives, Chartier's concept of representations, and Nicholas Mirzoeff's concept of visibility. The study of the representations and visibilities created by the editors regarding transvestites made it possible to reveal that during the publications the editors grouped the multiple identities under the concept of homosexuals. This work also revealed that the periodical acted by producing a certain imaginary practice of transvestites and attributed behaviors and characteristics to these identities. Furthermore, the study of the fountain's political project favored the composition of an image/representational picture of transvestites during the 1970s and 1980s.

Keywords: transvestite, *Lampião da Esquina*, representation, visibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Capa das edições n. 4 e n. 36	43
Figura 2. Variações da logomarca do jornal. Edições 0, 1, 3, 24, 30 e 33	56
Figura 3. Capa do jornal <i>Snob</i>	66
Figura 4. Ilustração do conto literário “Do outro lado da porta”	67
Figura 5. Quadrinho da edição n. 36	71
Figura 6. Ornamento de página e publicidade	74
Figura 7. Ornamento de página e cartum	76
Figura 8. Cartum e capa	79
Figura 9. Cartum publicado na edição n. 35	81
Figura 10. Fotografias da Rafaela Mambaba	90
Figura 11. Cenas do filme República dos Assassinos, 1979.....	91
Figura 12. Capa do livro Shirley e fotografias de Válder Firmo	92
Figura 13. “Visual do travesti brasileiro” fotografias de Maurício Domingues	95
Figura 14. Fotografia “Um passeio na Zona”	109
Figura 15. Comercial “Bombril quase de graça com Rogéria”	111
Figura 16. Primeira aparição de Eloína	116
Figura 17. Fotografias de divulgação do filme República dos Assassinos	120
Figura 18. Ilustração do conto A dona boazuda.....	121
Figura 19. Eloína montada para atrair clientes.....	122
Figura 20. Automutilação de Eloína	125
Figura 21. Policiais perseguindo Eloína.....	128
Figura 22. A médica e a monstra	136
Figura 23. Cenas da “caça as travestis”	147
Figura 24. Passeata contra a repressão policial	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5 – Ato Institucional Número Cinco

AI-2 – Ato Institucional Número Dois

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CBA – Comitê Brasileiro de Anistia

CNV – Comissão Nacional da Verdade

DCDP – Divisão de Censura e Diversões Públicas

DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna

FHAR – Frente Homossexual de Ação Revolucionária

GALF – Grupo Ação Lésbica Feminista

GARRA – Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos

HIV – Vírus da imunodeficiência humana

IPEAC – Instituto de Pesquisa Estudos e Assessoria do Congresso

LGBTQTIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, “+” abarca as demais orientações sexuais e de gênero.

MHB – Movimento Homossexual Brasileiro

MFPA – Movimento Feminino Pela Anistia

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

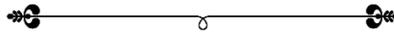
MLF – Movimento de Libertação das Mulheres

PDS – Partido Democrático Social

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1 – Ventos favoráveis às contradições: o surgimento do Lampião da Esquina e os objetivos de seu projeto político	37
1.1 – O primeiro sexo e as estratégias representacionais: as concepções de gueto defendidas e elaboradas pelo Lampião da Esquina.....	41
1.2 – Mantendo a moral e os bons costumes: a busca do conselho editorial pela aceitação social da homossexualidade masculinizada.....	59
Capítulo 2 – As travestis na mira do Lampião: elaborações discursivas e composições imagéticas construídas pelo corpo editorial acerca das travestilidades	84
2.1 – Arremessando as primeiras pedras: as composições editoriais acerca das práticas travestis.....	87
2.2 – Das sólidas bases institucionais à instabilidade do ser: elaborações discursivas de movimentos sociais, ativistas e intelectuais acerca das identidades travestis	103
2.3 – A produção de visualidades na seção tendências: analisando as construções de práticas imaginárias das travestis na literatura, teatro e cinema.	114
Capítulo 3 – As tarântulas nas páginas do Lampião da Esquina: experiências e expectativas das travestis representadas em entrevistas realizadas pelo jornal	131
3.1 – Um mosaico de experiências: o corpo, o gênero e as identidades das travestis representados em entrevistas e reportagens realizadas pelo periódico.....	133
3.2 – A guerra às mariposas e as pequenas flores da revolução: analisando as operações de higienização e as táticas de resistências das travestilidades à repressão	144
Considerações finais	153
Fontes e bibliografia	155
Anexos	169

Introdução



Brasil, 1978. Naquele ano os horizontes de expectativas se abriram para uma certa liberalização do contexto político nacional. A imprensa noticiou promessas de um executivo menos rígido, da criação de novos partidos políticos, de anistia às pessoas perseguidas pelos anos mais duros do Regime Militar¹ e de possibilidades de abertura do discurso brasileiro. Com os vislumbres de ventos favoráveis para uma certa abertura democrática surgiu, nesse contexto, o jornal *Lampião da Esquina*.² Sediado no Rio de Janeiro, o periódico foi publicado na chamada imprensa alternativa,³ e propôs como objetivos em seu editorial desvincular a imagem dos homossexuais de preconceitos e preceitos negativos, bem como “ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados”, representando grupos de lésbicas, travestis e gays.⁴

O nome do jornal enunciou uma dupla metáfora que, de algum modo, antecipou os objetivos de seu projeto político. A primeira sugeria um lampião destinado a iluminação dos cruzamentos. Enquanto a segunda, remetia a figura de um cangaceiro – típico símbolo de virilidade masculina conhecida na região do nordeste do país – que se localizava na esquina, em um desvio da rota recomendada pela moralidade dominante, mas que não abdicava de sua

¹ Regime Militar indica uma postura que entende que os acontecimentos de 1964-1985 foram marcados pelo golpe, a agitação cultural, as passeatas estudantis de 1968, a guerrilha da esquerda, a repressão, a tortura e a abertura política. Ademais, Marcos Napolitano expõe que em 1964 houve um golpe de Estado que “foi resultado de uma ampla coalizão civil -militar, conservadora e antirreformista [...]. O golpe foi o resultado de uma profunda divisão na sociedade brasileira, marcada pelo embate de projetos distintos de país”. Para o autor o golpe foi civil-militar, entretanto ele não endossa a visão de que “o regime político subsequente tenha sido uma ‘ditadura civil -militar’”, pois “ainda que tenha tido entre os seus sócios e beneficiários amplos setores sociais [...] os militares sempre se mantiveram no centro decisório do poder”. Em consonância com essas teorizações, utilizamos nesta dissertação, o conceito de Regime Militar indicando, assim, que houve um golpe civil militar, mas que o regime político subsequente teve como centro decisório do poder os militares. Ver mais em: NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 11-13.

² LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, abr, 1978, p. 2.

³ Imprensa alternativa ou também conhecida como imprensa *nanica* é entendida pelo autor Bernardo Kucinski como um veículo de informação que se contrapunha ao discurso da grande mídia e ao discurso oficial. O autor classifica duas grandes classes de jornais alternativos. A primeira de caráter político, com viés de valorização do nacional e do popular. A segunda classe possuía influências da contracultura norte americana, do orientalismo e do anarquismo. A imprensa alternativa no Brasil foi formada por inúmeros periódicos, entre eles pode ser citado: Pasquim (RJ), Opinião (RJ), ChanaComChana (SP), Brasil Mulher (SP), Versus (SP), etc. Ver mais em: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, abr, 1978, p. 2.

conhecida masculinidade.⁵ Desse modo, nota-se que o projeto político dos editores se apoiou na construção – imagética e textual – de uma identidade homossexual que fosse mais tolerada e aceita pela sociedade do período, seguindo alguns preceitos de moralidade que dialogaram com determinados parâmetros da heteronormatividade.

Produzido e editado por homossexuais, o *Lampião da Esquina* circulou predominantemente entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas alcançou de certa forma outras capitais do Brasil por meio de assinaturas individuais.⁶ A publicação durou três anos com tiragens mensais de doze a quinze mil exemplares, com aproximadamente vinte páginas por edição.⁷ Entre abril de 1978 e julho de 1981 foram publicadas trinta e oito edições regulares e três edições extras, das quais cerca de vinte e oito edições destacaram através de reportagens, artigos de opinião, entrevistas e cartas a temática de gênero e corpo⁸ das travestis.⁹ Nota-se, portanto, que existiu um certo interesse por parte do conselho editorial em classificar, representar e compor imageticamente as práticas e experiências que

⁵ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. 2006. 129f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006, p. 36. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12924>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

⁶ Conforme informações disponíveis nas edições do *Lampião da Esquina*, o jornal era distribuído no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Londrina, Florianópolis, Jundiaí, Campos, Belo Horizonte, Divinópolis, Juiz de Fora, Vitória, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa e Campina Grande. Além disso, o historiador Victor Mariusso ressalta que o jornal chegou a circular em cerca de quatorze capitais do Brasil. Ver mais em: LAMPÍÃO. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 31, p. 2, dezembro, 1980; MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. p. 22. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16505>>. Acesso em: 03 out. 2022.

⁷ RODRIGUES, César Felipe. *Lampião da Esquina: disputas e (Re)Construções das Masculinidades e Identidades Homossexuais do Fim da Década de 1970*. 2020. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Araraquara, 2020. p. 26. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204299>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

⁸ O corpo é entendido aqui como uma construção histórico-cultural pois, “uma vez que o próprio ‘sexo’ seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização da norma regulatória”. Segundo Judith Butler, o sexo e o corpo não são “simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é”, mas são normas pelas quais os sujeitos tornam viáveis e qualificam suas identidades. Além disso, Ricardo Mélo pontua que os corpos “se constituem no modo como são vividos em uma potencialização política heterocentrada” e essas políticas, mais do que “regular os corpos, os maquinizam”. Ver mais em: BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 154; MÉLLO, Ricardo Pimentel. *Corpos, heteronormatividade e performances híbridas*. *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 24, p. 202, 2012. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9ywwzLKWftzTmptJdhR5XTb/?lang=pt#>>. Acesso em: 4 out. 2022.

⁹ Esse dado é uma estimativa obtida através da análise das 41 edições. A leitura das edições foi acompanhada da produção de uma *ficha de análise* que possuía o registro de uma ficha técnica (com dados referente a cidade de produção, o ano, número da edição e data da publicação) e uma descrição do jornal (com dados referentes as informações contidas na capa e matérias que tratassem da temática das travestilidades). Além disso, localizou-se a frequência que as palavras travestis, transexuais, bicha-louca, mariposas, bicha biônica, bonecas e deslumbradas (palavras utilizadas pelos editores como sinônimo de travesti) apareciam em cada uma das edições. A partir disso, chegou-se à estimativa de que em mais da metade das edições disponibilizadas a temática das travestis estava presente. Para conferir o modelo de ficha de análise utilizada para o estudo do periódico ver *Anexo II*.

envolveram as subjetivações dessas identidades. Além de construir uma narrativa sobre a situação social e política do grupo de homossexuais, o *Lampião da Esquina* selecionou “temas e assuntos que orientaram e de certa forma fundamentaram a constituição e fortalecimento de identidades”.¹⁰ Nesse sentido, este estudo objetiva compreender as elaborações referentes às identidades travestis veiculadas pelo jornal, entre os anos 1978 e 1981, analisando as diversas lutas de representações e composições visuais presentes nas páginas do periódico. Assim, buscou-se observar que as construções produzidas pelo *Lampião da Esquina* da homossexualidade enquanto uma identidade não desviante, pautaram-se na afirmação do sexo masculino. Além do mais, essas elaborações – acerca de um tipo de homossexualidade aceitável – não ocorreram sem tensões e nem sempre foram consenso dentro do editorial do jornal.

Apesar de não ser o primeiro nem o único jornal brasileiro destinado ao público homossexual, o *Lampião da Esquina* apresentou-se como importante fonte de análise, pois alcançou um grande número de pessoas, teve extensa repercussão e periodicidade bastante regular.¹¹ Situado em contexto político-ideológico de organização de grupos de gays e lésbicas e de surgimento e consolidação do *Movimento Homossexual Brasileiro* (MHB), os escritos do periódico, de certa maneira, colaboraram para a construção do imaginário de luta desses grupos em contexto de perseguição.¹² Entretanto, articulado a um projeto político de afirmação da homossexualidade como uma identidade não desviante, parte do corpo editorial assumiu a postura de elaborar a figura de um *guei masculinizado*¹³ que reforçou estereótipos

¹⁰ RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura. In: GREEN, James N; QUINHALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos -SP: EdUFScar, 2015, p. 92.

¹¹ Jorge Luís Pinto Rodrigues aponta que possivelmente o jornal *Snob* do início dos anos 1960, criado por Agildo Guimaraes, foi o primeiro jornal destinado ao público homossexual a circular no Brasil. Entretanto, o autor evidencia também, que o *Lampião da Esquina* foi o primeiro em nível nacional a abordar a questão da sexualidade, principalmente da homossexualidade. Ver mais em: RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007, p. 59-61.

¹² O *Lampião da Esquina* surge em um contexto no qual os assuntos relacionados a gênero, sexo e comportamento já estavam sendo discutidos e debatidos no cenário brasileiro. Artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil provocavam em suas apresentações discussões sobre androginia. A banda de rock Secos & Molhados causava grande impacto e muita curiosidade devido a aparência dos integrantes. E o grupo Dzi Croquettes, realizavam espetáculos que misturavam teatro e dança, no qual rompiam com as fronteiras entre masculino e feminino. Ver mais em: RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura, op. cit., p. 8.

¹³ A ideia de *guei masculinizado* fazia parte do projeto político do *Lampião da Esquina* que pretendia mostrar a homossexualidade segundo novas perspectivas, assumindo o lugar de homossexual sem que fosse necessário deixar de performar o papel de “masculinidade viril”. Ver mais em: BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 36.

e preconceitos relacionados as pessoas que performavam em algum grau a feminilidade, entre as quais as trans e travestis.

O movimento dos editores em apresentar a homossexualidade a partir de novas perspectivas, afirmando que os homossexuais não eram pessoas que necessariamente negavam seu sexo, resultou em batalhas com outras identidades que não se viam representadas na imagem de *homossexual masculinizado*. Essas disputas por representações tornaram-se aparentes, quando travestis e trans¹⁴ se posicionaram e reivindicam espaço no projeto político do periódico. Portanto, a análise detalhada do jornal permitiu questionar: Quais discursos, textuais e imagéticos, utilizados pelo *Lampião da Esquina* para representar as travestis? Como o projeto político e gráfico do corpo editorial dialogou com essas identidades e subjetividades? Quais as representações imagéticas que os editores evocaram para compor a identidade dos homossexuais? O que essas imagens e textos produziram sobre as práticas travestis? Sob quais ideias e valores o jornal produziu a identidade travesti?

O *Lampião da Esquina*, estava inserido em um contexto em que as forças de repressão do país consideravam a homossexualidade como parte relevante de uma conspiração mais geral para subverter a ordem e a moralidade vigentes. Apesar de um relativo avanço nas discussões referentes às sexualidades, à discriminação aos homossexuais, travestis e transexuais esteve presente em diversos setores e manifestações da cultura em nosso país. Assim, para auxiliar no entendimento dessa intrincada relação entre o Regime Militar, sexualidades e identidade de gênero, utilizou-se o texto de número sete do segundo volume do relatório da Comissão Nacional da Verdade, produzido em 10 de dezembro de 2014 e intitulado *Ditadura e homossexualidade*.¹⁵ Trata-se de um conjunto de textos elaborados a partir das atividades desenvolvidas por grupos de trabalhos constituídos ao

¹⁴ Os termos travestis e trans, utilizados separadamente indicam discussões a respeito da construção e afirmação de uma identidade travesti. Alguns estudos apontam que as travestis não querem ser confundidas com outras identidades que se agrupam em torno do termo transexuais. Essa nomenclatura, está vinculada a um imaginário que entende que as mulheres trans necessitam de realizar tratamentos hormonais e até cirurgias para migrar para o outro gênero e assim, conseguir se encaixar novamente na binaridade masculino/feminino. As travestilidades não necessariamente buscam essa resignificação de gênero, elas performam suas sexualidades, muitas vezes, para além do binarismo macho/ fêmea. Ver mais em: DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200010>>. Acesso em: 16 maio 2018; CABRAL, Vinícius. *Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas*. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015; SANTOS, Rafael França Gonçalves. Amizades e invenções de si: as experiências trans em Campos dos Goytacazes. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 1, n. 3, p. 136-148, nov. 2017. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em: 23 mar. 2020; LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

¹⁵ COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Textos temáticos, *Ditadura e homossexualidades*. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume 2 - Texto 7.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

longo do desenvolvimento da Comissão Nacional da Verdade. Fizeram parte da escrita desse relatório vítimas dos abusos do Regime Militar, familiares, pesquisadores e pessoas interessadas na memória dos temas e das pessoas investigadas.¹⁶

Os textos que compõem a documentação, referem-se às violações dos direitos humanos cometidas pelos governos militares, em diferentes segmentos, grupos ou movimentos sociais, como por exemplo, povos indígenas, homossexuais, trabalhadores rurais e estudantes universitários. No que se refere ao texto temático de número sete, este reuniu algumas análises dos arquivos da repressão que ajudam a compreender as relações entre o Regime Militar e homossexualidade, o jogo de repressão e tolerância frente às práticas homossexuais e às formas de organizações desenvolvidas por grupos de lésbicas, travestis e gays durante o Regime Militar. Nesse sentido, esse documento permitiu entender, não só o clima repressivo às travestis, mas também a consolidação de uma memória que relegou a elas um espaço marginalizado na sociedade, seja pela repressão e estigmatização histórica sofrida por todos os grupos considerados desviantes, seja pela tentativa de afirmação de uma certa homossexualidade em detrimento de relegar a dissidência a outras identidades. Assim, buscou-se, neste trabalho, a partir da análise das edições do *Lampião da Esquina* e do relatório da Comissão Nacional da Verdade, compreender as formas pelas quais o corpo editorial do periódico construiu as travestilidades e a maneira pela qual atuaram na produção de um discurso que fosse comum as identidades¹⁷ tidas como desviantes.

Ao buscar entender por meio das publicações do *Lampião da Esquina* os embates entre a posição dos editores, em diferentes tempos em que a publicação existiu, e as reivindicações constantes das travestis nas páginas do periódico; acreditamos que esta pesquisa, ao analisar as tensões que permearam o campo das representações (incluindo o discurso das visualidades) e das produções e consolidação das identidades desviantes, torna-se relevante para a compreensão das composições acerca das identidades e práticas das *travestilidades*.¹⁸

¹⁶ Ibidem, p. 9

¹⁷ Identidade é entendida aqui como uma construção social que se produz através de relações dialógicas com o Outro. A afirmação de identidades envolve relações de disputas. Ver mais em: CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012, p. 09.

¹⁸ Conceito utilizado para se referir a multiplicidade de processos identitários pelos quais as travestis passam para se construírem enquanto femininas. Indica também, a complexidade das experiências relacionadas à construção e desconstrução do gênero e corpo travesti. Ver mais em: PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele*: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 313f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Carlos: Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399?show=full>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

Para realizar a análise do jornal *Lampião da Esquina* esta dissertação apoiou-se no trabalho realizado por diversos pesquisadores. Nesse sentido, é necessário apresentar as interlocuções que possibilitaram que a presente pesquisa avançasse nos estudos do periódico a respeito das *visualidades e representações* acerca das travestilidades.

Alguns estudiosos direcionaram as suas pesquisas para o entendimento do periódico como instrumento de lutas políticas dos homossexuais durante o Regime Militar no Brasil, como por exemplo, o trabalho de Alexandre Magno Maciel Costa e Brito.¹⁹ O autor evidenciou, que no contexto de censura e repressão, a imprensa alternativa apresentou-se como um importante meio de debate e problematização de temas políticos, feministas, homossexuais e culturais. As constatações de Brito – a respeito da imprensa alternativa –, fizeram-se relevante para este estudo na medida que contribui para a compreensão dos processos de violências contra a população LGBTQIA+, divulgadas nas páginas do *Lampião da Esquina*. Além disso, auxiliou na análise das discussões referentes às relações estabelecidas entre a imprensa feita por e dirigida ao público homossexual e os aparelhos repressivos dos governos ditatoriais.²⁰

Claudio Roberto Silva, buscando compreender os avanços e modificações em torno dos debates a respeito da homossexualidade, realizou entrevistas com intelectuais que produziram reflexões acerca da questão homossexual no período de abertura democrática. Entre esses intelectuais, encontravam-se os editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*. A partir da pesquisa, o autor identificou que o projeto político do jornal se baseou na união de todos os indivíduos que de alguma forma eram estigmatizados pelo sistema e que o corpo editorial foi composto por membros com opiniões divergentes.²¹ Silva, aponta que o periódico foi um espaço no qual o conselho editorial selecionava e organizava certos temas que consideravam relevantes, e que as suas publicações adotaram os valores da

¹⁹ BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa. *O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)*. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/21357>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

²⁰ É importante ressaltar que a perseguição e a abjeção contra as travestis e homossexuais no Brasil não foi algo exclusivo do Regime Militar. Essa repressão é construída historicamente. Entretanto, Fábio Henrique Lopes pontua que as violências praticadas durante o regime militar tiveram uma dimensão machista, misógina e homofóbica e que o regime militar desenvolveu formas de repressão e perseguição específica a algumas identidades. Ver mais em: LOPES, Fábio Henrique. Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira: Apontamentos de uma pesquisa. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 23, n. 35, 2016, p. 145. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p145>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

²¹ SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, op. cit.

contracultura, com o objetivo de dar enfoque à questão das minorias, mas na prática voltou-se ao debate das homossexualidades.²²

As análises do autor a respeito dos membros que compunham o conselho editorial do *Lampião da Esquina*, deram suporte para esta pesquisa avançar no entendimento dos aspectos que configuravam as narrativas do projeto político e gráfico do periódico. Assim, para além de presar pelo estudo das características dos membros que compuseram o corpo editorial, essa dissertação compreende de que forma o projeto político, o projeto gráfico e as narrativas produzidas pelos editores influenciaram nas construções acerca das travestilidades.

Outro autor que contribuiu para essa discussão foi Marcio Leopoldo Gomes Bandeira.²³ Privilegiando em suas investigações a análise da seção *Cartas na Mesa*, publicadas no *Lampião da Esquina*, a sua pesquisa buscou identificar as formas pelas quais os discursos propagados no periódico vão ser responsáveis pela afirmação de certas práticas homossexuais. Bandeira, constata que a seção de *Cartas na Mesa* era utilizada pelos editores para evidenciar que existiam homossexuais em diferentes regiões do país e que o jornal possuía um público de leitores interessados nas suas publicações.²⁴ Mais do que indicar o alcance, o público que o periódico atingiu e o perfil dos leitores, a seção de cartas do *Lampião de Esquina* foi um espaço dedicado não somente para a publicação das cartas dos assinantes, mas também, de respostas escritas pelos editores. Portanto, essa seção reuniu informações importantes acerca da recepção dos leitores diante dos conteúdos do jornal e fornece indícios a respeito de como a temática das travestilidades foi recebida pelo público leitor. Além disso, a análise de cartas escritas por travestis e a resposta dos editores dadas a essas epístolas, contribuiu para o entendimento das disputas e lutas por representações travadas entre os editores e as travestilidades.

Diante dos estudos apresentados, esta pesquisa buscou contribuir com as análises que vinculam o *Lampião da Esquina* como instrumento de lutas políticas das identidades tidas como desviantes, ao mesmo tempo que problematiza certa construção de uma visão monolítica dessas identidades. Para além disso, procurou questionar as composições textuais e imagéticas elaboradas pelo projeto político do periódico, demonstrando como as práticas

²² O antropólogo Edward Macrae, também aponta o *Lampião da Esquina* como um marco do movimento homossexual e destaca que o periódico foi responsável por levar as questões das homossexualidades para o debate na esfera pública. Assim como Silva, Macrae destaca que apesar do jornal se propor a falar para todas as minorias se voltou, predominantemente para os interesses dos homossexuais masculinos. Ver mais em: MACRAE, Edward. A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "Abertura". Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 53.

²³ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit.

²⁴ *Ibidem*, p. 77.

travestis tensionaram as construções acerca dos seus corpos, identidades e subjetividades²⁵ realizadas pelos editores do jornal.

Alguns dos trabalhos sobre o jornal *Lampião da Esquina*, detiveram-se para o entendimento das representações travestis elaboradas pelo periódico e buscaram entender como foram urdidas as tramas que deram sustentação ao seu projeto político. Entre os estudos que se dedicaram a essa temática, pode ser citado a pesquisa de Ronaldo Pires Canabarro.²⁶ Ao identificar no jornal os caminhos das construções identitárias das travestis, demonstrando como o uso gramatical colabora para a construção dessas identidades, o autor contribui para a compreensão dos lugares de pertencimento e a dicotomia do *ser/fazer* travesti. O historiador entende as travestilidades como identidades “que tem se construído de forma ambígua, uma vez que não aciona o discurso de ‘homem’ e, embora seja feita de elementos femininos, não advoga o desejo de ser ‘mulher’”.²⁷ Canabarro apresenta também, o periódico *Lampião da Esquina* como fonte potencial para a análise dos aspectos que envolvem a consolidação do movimento homossexual e amplia o entendimento de como as identidades travestis foram se construindo enquanto identidade política, durante as décadas de 1970 e 1980.

Nesse sentido, a partir do trabalho de Canabarro e do estudo que ele empreende a respeito das relações entre o projeto político do jornal, produzido por e para homossexuais, e a presença constante da temática das travestilidades em suas páginas, é possível avançar na análise, dando enfoque para os conjuntos de enunciados e elementos que os editores produziram a respeito dos significados e definições acerca das travestis. A investigação dos elementos utilizados pelos editores para compor uma identidade travesti, contribui ainda, para a compreensão do periódico como um instrumento de produções de memórias que atua definindo como as identidades tidas como desviantes devem ser lembradas e relembradas.

No que se refere a análise das representações *trans* e travestis no jornal, destaca-se a produção de Edlene Oliveira Silva e Alexandre Brito.²⁸ O artigo, permitiu pensar as

²⁵ Para o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari, a subjetividade é uma bricolagem de diversas relações entre o “Eu” e o “Outro”, é uma constante construção e desconstrução de sentidos. Portanto, a subjetividade se forma e se produz em processos de cortes e fluxos, conexões e rupturas e se constitui nas vias e relações com o coletivo. Analisar os processos de subjetivações é uma forma de entender como o sujeito institui o seu “eu” “[...] sempre em movimentos de empréstimo, de associação, de ruptura, de engendramento e cortes.” Ver mais em: ROCHA, Jorge Alberto; SALES, Deivison Warlla Miranda. Deleuze e Guattari: a noção de processos de subjetivação. *Nuevo Itinerario*, n. 13, 2018, p. 178.

²⁶ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*, op. cit.

²⁷ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*, op. cit, p. 13

²⁸ SILVA, Edlene Oliveira; BRITO, Alexandre. Travestis e transexuais no jornal *Lampião da esquina* durante a ditadura militar (1978-1981). *Dimensões - Revista de História da UFES*, v. 38, p. 214-239, 2017.

resistências travestis frente ao regime autoritário, evidenciando que as páginas sobre elas retratadas no jornal, apesar das suas limitações, possuem valor inegável de luta e visibilidade dessa identidade no período. Contribuiu também, para compreender de que forma essas identidades estavam sendo representadas no imaginário e discurso de um jornal homossexual. Os autores pontuam que, apesar de o jornal ser importante na luta pelos direitos travestis, em alguns momentos, reforçou estereótipos e preconceitos a respeito do grupo e conclui que padrões de beleza eram utilizadas pelos editores para classificar e categorizar as travestilidades.²⁹

Nota-se que esta dissertação buscou estabelecer um diálogo com a produção dos autores, que se mostram fundamental para contribuir com a análise das composições imagéticas e textuais construídas pelo *Lampião da Esquina* sobre as travestis. Entretanto, avança-se na discussão ao entender que o projeto político do jornal foi utilizado como uma estratégia calculada para afirmação de determinados propósitos políticos e estéticos. Assim, é possível ampliar a argumentação dos historiadores em questão, demonstrando que as relações entre o conselho editorial e as travestis ocorreram, não unicamente, por relações de disputas, mas também, por momentos de concepções.

A partir das contribuições dessas pesquisas, o presente trabalho amplia o espectro dos estudos que analisam os assuntos referentes às elaborações sobre as travestis no contexto de repressão dessas identidades. Além disso, essa dissertação buscou contribuir para a inserção, nas análises historiográficas, de questões relativas à construção de identidades e subjetividades das travestilidades, de forma a alargar o campo de análise e suas categorias conceituais. Com isso, procurou-se oferecer uma perspectiva que prese pelo projeto de construção imagética e discursiva que o jornal operou acerca das travestis e suas *performances*³⁰ – contribuindo para a produção de *memórias coletivas*³¹ que buscam dar

²⁹ Rita de Cássia Colaço Rodrigues, pontua que travestis e homossexuais estão imersos em ambientes formativos marcados pelo estigma e pela negação de seus direitos e práticas. Assim, tendo suas identidades construídas em bases do estigma e da desqualificação “[...] a autopercepção que esses agentes vão elaborando tende a reproduzir a perspectiva estigmatizada, ainda predominante em nossa sociedade”. A análise da autora, ajuda a compreender os motivos pelos quais o periódico, em certos momentos, reforça estereótipos e preconceitos relacionado às travestis. Ver mais em: RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*. 2012. 373 f. Tese (Doutorado em História Social) - UFF, Rio de Janeiro, 2012. p. 18.

³⁰ Pensar gênero performativo ou uma identidade performativa é entender os poderes que produzem essas categorias. É considerar que gênero e identidade são conceitos que envolvem disputas. Gênero em um sentido performativo, consiste em um fator produzido e constantemente construído. Ver mais em: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 48.

coesão às diferentes identidades tidas como desviantes –, e as táticas e estratégias em jogo durante a implementação desse projeto.

Apesar de apresentar uma preocupação em abordar a temática das *travestilidade* por meio da área de História, esta pesquisa também valoriza uma interdisciplinaridade com as áreas da Antropologia e Sociologia. Para compreender as elaborações que envolveram a construção de uma imagem das identidades travestis no contexto de abertura democrática, é necessário analisar nas páginas do periódico as interpretações sobre os processos de *montagem*, construção e desconstrução de corpos e a manipulação da identidade feminina, que podem ser entendidos a partir de trabalhos como o de Tiago Duque, Marcos Benedetti e Don Kulick.

A produção do autor Tiago Duque se faz relevante por possibilitar a compreensão de que os processos de construção e desconstrução dos corpos travestis estão relacionados a experiências subjetivas.³² Contribui, dessa forma, para o entendimento das múltiplas questões que envolvem gênero, corpos e identidades travestis. A obra de Marcos Benedetti, por sua vez, propõe abordar o corpo e o gênero das travestis em uma dimensão cultural, entendendo o processo de montagem das travestis, como um ato que envolve a manipulação e construção do feminino.³³ Os estudos de Don Kulick exploram ainda a lógica cultural que envolve as práticas e os processos de se tonar travesti.³⁴ Deste modo, a interdisciplinaridade com essas áreas de conhecimento é imprescindível para essa pesquisa.

Para além de contribuir com a historiografia que estuda as identidades tidas como desviantes no contexto do Regime Militar e presar por uma análise interdisciplinar, esta pesquisa torna-se relevante para a área de História e para os estudos de *gênero* e *subjetividades*, ao privilegiar a compreensão das travestis como sujeitos históricos e portadores de experiências que merecem ser valorizadas. Ao analisar as *lutas de representações* de travestis e os processos de composições de uma imagem desses sujeitos históricos, a presente pesquisa torna-se relevante por entender as formas pelas quais a presença constante das travestis nas páginas do *Lampião da Esquina* vão tensionar as representações construídas pelos editores. Trazendo o debate para o campo da História, o

³¹ As memórias coletivas são estratégias discursivas e simbólicas que tentam homogeneizar e caracterizar sujeitos individuais em um coletivo. Elas são configurações narrativas que buscam formar e dar coesão aos segmentos sociais. Ver mais em: CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., p. 30.

³² DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

³³ BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

³⁴ KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

trabalho pode mostrar a historicidade da produção da identidade travesti, visto que, a construção das travestilidades é histórica. Logo, o periódico ao selecionar, ordenar, estruturar e narrar de uma determinada forma aquilo que elege como fato digno de chegar até o público, traz à tona essa historicidade.³⁵

Após apresentar a bibliografia utilizada para sustentar e avançar às análises a respeito das temáticas contempladas nesta pesquisa é fundamental, nesse momento, delimitar previamente o corpus documental e alguns dos conceitos e categorias analíticas que se revestem de grande importância para a realização desta investigação.

O *Lampião da Esquina* foi um jornal brasileiro produzido por homossexuais e circulou durante os anos de 1978 e 1981. O subsídio para a sua circulação veio por meio da criação de uma editora também chamada de *Lampião* e de colaboradores que doaram algumas quantias. Em formato tabloide,³⁶ o periódico tinha editoriais fixos como *Cartas na Mesa*, em que as cartas dos leitores eram publicadas e respondidas, *Esquina*, na qual eram reunidas notícias, *Reportagem*, em que a matéria de capa estava localizada. E a partir do número cinco, a coluna *Bixórdia* que reunia fofocas em geral. Além dessas seções, havia também, um espaço nomeado de *Tendências* que era destinado a publicações de informações culturais, como indicações de livros, de peças teatrais, exposições, filmes e para

³⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 139.

³⁶ Os jornais alternativos fugiam tanto em forma quanto em conteúdo dos jornais publicados dentro da chamada grande imprensa. Um periódico de tamanho tabloide era caracterizado por possuir metade do tamanho utilizado pelos jornais convencionais e ainda poderia ser impresso em pequenas gráficas, pois possuía um custo mais baixo e, portanto, deixava sua confecção com um valor menor. Ver mais em: Ver mais: RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade* op. cit., p. 43; COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo*. op. cit., p. 48.

entrevistas.³⁷ A produção do conteúdo era feita pelo conselho editorial e por convidados que variavam a cada edição.³⁸

O jornal, surgiu dentro de um contexto de abertura democrática e de um relativo abrandamento da censura, que anos antes havia sido promovida e intensificada pelo Golpe Civil Militar de 1964.³⁹ Conforme apresentado pelo editorial da edição de número zero, a principal estratégia do periódico era promover a aceitação da homossexualidade dentro das normas e padrões já estabelecidos. Nota-se, portanto, que parte do corpo editorial ao assumir a postura de afirmação da homossexualidade masculinizada estabelece conflitos e tensões com identidades que não se viam representadas pela imagem de masculinidade viril.⁴⁰

Diante disso, o jornal *Lampião da Esquina* é entendido neste estudo a partir de uma perspectiva crítica sobre a imprensa, como espaço de interesses e de intervenção na vida social. O procedimento de análise das edições baseia-se no método de análise do conteúdo do

³⁷ Em algumas edições aparece a seção *Opinião*, dedicada a reunir informações do copo editorial, a seção *Ensaio*, teve duas aparições ao longo das edições e a seção *Literatura*, publicada duas vezes ao decorrer do jornal. Além disso, o historiador Geovane Batista Costa realiza uma análise detalhada das seções presentes nas edições do *Lampião da Esquina*, destacando que esporadicamente apareciam as seções *Ativismo*, *Festim*, *Violência* e *Verão*. Os pesquisadores José Miguel Arias Neto e Muriel Emídio Pessoa do Amaral também realizam essa análise e apontam que a partir do número dezoito aparece a seção *Troca-troca*, um espaço de paquera no qual era publicado perfis dos leitores para uma eventual correspondência entre interessados. Ver mais: RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade* op. cit., p. 70; COSTA, Geovane Batista. *Lampião da esquina*, um jornal alternativo do Brasil: iluminando identidade(s) e representação(ões) do(s) homossexual(is) de 1978-81. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019, p. 19. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11268> >. Acesso em: 10 out. 2022; ARIAS, José Miguel Neto; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015). *Cadernos.info*, Santiago, n. 39, p. 101-112, 2016. Disponível em: < https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-367X2016000200007 >. Acesso em: 10 out. 2022.

³⁸ Informações obtidas no site oficial do Grupo Gay Bahia que disponibiliza todas as edições do jornal *Lampião da Esquina*. Ver mais em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampião-da-esquina/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

³⁹ Carlos Fico expõe que não se pode pensar em um sistema de censura estabelecido somente durante o regime militar, visto que ela nunca deixou de existir no Brasil. No regime, a censura foi readequada e se apoiando em legislações já existentes passou a ser regulamentada por instrumentos como a lei de imprensa, classificação etária e proibições de atentados contra a moral e os bons costumes. O autor ressalta que desde os primeiros momentos de instauração do Regime Militar, a imprensa, as atividades artísticas e culturais foram reguladas pelo governo. Entretanto, foi a partir do ato institucional número cinco que se permitiu a realização de uma atividade censória sistematizada por parte dos governos militares. Ver mais em: FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. *O Brasil republicano*. vol. 4, 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 169-205.

⁴⁰ Existiam dois grandes núcleos de editores que comandavam o *Lampião da Esquina* – o núcleo do Rio de Janeiro administrado principalmente por Aguinaldo Silva e o núcleo de São Paulo, comando principalmente por Darcy Penteadó e Silvério Trevisan. Ao longo das publicações é possível observar os conflitos existentes entre os membros do corpo editorial. De um lado Trevisan, com influências do movimento gay de *San Francisco* e que direcionava o jornal para um aspecto intelectual. De outro lado, membros como Aguinaldo Silva que buscavam criar no jornal um espaço democrático de atuação. Ver mais em: RODRIGUES, Jorge Caê. Um *Lampião* iluminando esquinas escuras da Ditadura, op. cit., p. 101.

jornal, na abordagem temática e qualitativa.⁴¹ Assim, a metodologia de trabalho utilizada para realizar a leitura das edições do jornal observou as narrativas, a escolha dos assuntos veiculados, os posicionamentos político-ideológicos, bem como a maneira que o tema das identidades travestis foram apresentadas pelo jornal. Esta abordagem parte da possibilidade de realização de uma *história através da imprensa*, utilizando o periódico como fonte primária para pesquisa histórica.⁴²

O *Lampião da Esquina* é compreendido também, como espaço de articulação e disputa de interesses de diferentes forças sociais. Desse modo, nota-se que a imprensa atua como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, sendo não um mero veículo de informações ou transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, mas um instrumento de modificação do social.⁴³ Entende-se que as experiências das travestis retratadas nas páginas do periódico sofrem influências e modificações por parte do conselho editorial e que os meios de comunicação consistem em discursos nos quais os sujeitos produzem, comunicam e perpetuam os seus conhecimentos e objetivos.⁴⁴ Nesse sentido, realizou-se uma análise detalhada do projeto editorial do periódico, da conjuntura que possibilitou o seu surgimento, analisando também o projeto gráfico, a organização e distribuição dos conteúdos nas diversas seções e a hierarquização desses conteúdos. Para isso, utilizou-se como suporte metodológico a perspectiva das autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto que expõe que a imprensa deve ser entendida “não como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática constituinte da realidade social, que modela formas de pensar, define papéis sociais, generaliza posições que se pretendem compartilhadas e universais”.⁴⁵

Para auxiliar na compreensão de como as identidades travestis foram arquitetadas pelo corpo editorial do *Lampião da Esquina*, utilizou-se como fonte o relatório da Comissão Nacional da Verdade. Ele é abordado a partir dos contornos da política sexual concebida e implementada entre 1964 a 1988. Renan Honorio Quinalha, por meio de pesquisas nos acervos documentais produzidos pelos órgãos encarregados da repressão, bem como de uma

⁴¹ BARATA ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 4, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

⁴² *Ibidem*, p. 89.

⁴³ LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. op. cit., p. 118.

⁴⁴ BARBOSA, Marialva. *História da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Maud X, 2010, p. 179.

⁴⁵ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 35, p. 258 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221>>. Acesso em: 09 abril 2021.

revisão bibliográfica da literatura existente, demonstra como as questões comportamentais e sexuais foram centrais para o projeto da *utopia autoritária*,⁴⁶ ressaltando a forma pela qual o erotismo, pornografia, homossexualidades e travestilidades eram “classificados como temas e práticas ameaçadores não apenas contra a estabilidade política e a segurança nacional, mas também contra a ordem sexual, a família tradicional e os valores éticos que, supostamente, integravam a sociedade brasileira”.⁴⁷

Como forma de analisar as temáticas estabelecidas e responder aos questionamentos propostos, busca-se apoio em conceitos e categorias de pesquisa. Entendendo que as percepções do social não são discursos neutros, utiliza-se das categorias de *práticas e representações* de Roger Chartier. Em sua obra, Chartier assinala que as *lutas de representações* são importantes para se compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe a sua concepção de mundo, seus valores e seu domínio.⁴⁸ As *lutas de representações* têm como objetivos ordenar e hierarquizar as estruturas sociais, elas consistem em mecanismos utilizados por um grupo para se definir e definir o Outro. Nesse sentido, elas permitem entender os processos de classificações produzidos por um grupo e compreender as produções de práticas sociais.⁴⁹ Seguindo nesse eixo, o autor define *representação* como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social. Afirma ainda que *representação* é um processo de significação intencional, carregado de interesses, que correspondem a uma determinada estratégia de um agente ou grupo.⁵⁰ No que diz respeito ao conceito de *práticas*, Chartier o define como modos de agir carregados de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos. Dessa forma,

⁴⁶ Quinalha ressalta que a censura no Regime Militar brasileiro articulou dois aspectos principais: a censura política e a moral. A discussão proposta por ele, busca compreender as singularidades e conexões entre a censura moral e a política, ressaltando que a estrutura repressiva elaborada pelos governos militares, estiveram alinhadas a um propósito geral de regular uma política da sexualidade contra a nudez, as sexualidades, as representações homoeróticas e as transgeneridades. Argumenta ainda, que por meio do estabelecimento e apoio do legislativo existente, foi possível assegurar e legitimar as ações autoritárias e imposições censórias as produções culturais, aos corpos e as identidades. Ver mais em: QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, USP, São Paulo, 2017, p. 42-45. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/pt-br.php>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

⁴⁷ QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes*. op. cit., p. 31.

⁴⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁴⁹ CHARTIER, Roger. Introdução. In: *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 23.

⁵⁰ A representação atua como instrumento que produz um sentido e uma imagem de um objeto ausente, construindo certas características que o trazem na memória. Portanto, representar teria como efeito “fazer com que a coisa não tenha existência senão na imagem que a exhibe”. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 75.

essas categorias tornam-se úteis, tanto para analisar a forma como as práticas travestis foram produzidas pelo jornal, quanto para tornar inteligíveis as formas discursivas que elas utilizavam para se afirmar nos debates estabelecidos com o corpo editorial do periódico.

Segundo Francisco Santiago, o conceito de representação não pode ser subordinado às análises específicas das imagens em geral, visto que, ele não abrange todos os processos de construções de significados empreendidos no meio social. Além disso, uma imagem não estabelece apenas relações representacionais, elas podem também colidir com o mundo que às gerou.⁵¹ Portanto, a análise dos processos de composições imagéticas das travestilidades realizadas nas publicações do *Lampião da Esquina*, apoiou-se na concepção de *visualidades* de Nicholas Mirzoeff. Para o autor, a *visualidade* é um termo que faz referência à *visualização histórica*, ou seja, é uma prática imaginária criada a partir de informações e imagens.⁵² Assim, Mirzoeff define *visualidade* como a habilidade de compor um conjunto de imagens objetivando torná-las normais e incontestáveis. O conceito, refere-se ainda, a manifestação de poder que reivindica o direito de quem – e do que – se pode olhar.⁵³

Tanto na seção *Tendências*, dedicada a exposições culturais como livros, peças teatrais, filmes e ilustrações, quanto na seção *Esquina*, reservada a publicação de artigos e notas variadas, é possível encontrar manchetes como “O travesti, este desconhecido: o papel do travesti na emancipação feminina”⁵⁴ ou produções culturais, como a peça “A louca da consolação”.⁵⁵ Essas, entre tantas outras composições teatrais, literárias e cinematográficas das travestilidades presentes nas edições do periódico, fornecem indícios acerca das construções das *práticas imaginárias* das travestis, isto é, a forma pela qual essas produções culturais vão compor um conjunto de imagens do que seria a travesti. Assim, considerando que a *visualidade* atua construindo imaginários e formulando imagens e informações a

⁵¹ JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade: alguns dilemas da relação história e cinema. *Revista Domínios da Imagem*, Londrina, n. 3, p. 66, 2008.

⁵² MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 746-747, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>>. Acesso em: 17 maio 2022.

⁵³ MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. op. cit., p. 747.

⁵⁴ PENTEADO, Darcy. *O travesti, esse desconhecido*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 3, abril, 1980.

⁵⁵ *A louca da consolação* é uma peça teatral do Teatro Oficina de São Paulo que buscava retratar as práticas que seriam comuns as travestis. Na seção *Tendências*, publicada na edição vinte e sete do *Lampião da Esquina*, encontra-se a crítica do editor Darcy Penteado sobre o espetáculo. Nessa seção, também é possível observar outros tipos de produções que buscavam definir as práticas travestis, como por exemplo, o conto literário publicado na página vinte da edição quatro, *A dona boazuda* de Pedro Hilário, que narra a vida noturna de uma travesti, ou ainda, a entrevista “Durante dois meses ele foi Eloína. Mas é apenas um filme” na página dez da edição dezesseis com o ator Anselmo Vasconcelos, que descreve suas inspirações para interpretar a travesti Eloína no filme *República dos Assassinos* (1979) de Miguel Faria, entre outras.

respeito das coisas e das identidades, o conceito tornou-se útil para análise dos elementos imagéticos/visuais que jornal utiliza para definir as travestilidades. Auxiliou também, na compreensão dos indícios de como a imagem das travestis estava sendo construída e elaborada em outros meios e espaços.⁵⁶

Cabe evidenciar ainda que os estudos visuais podem contribuir com as análises dos processos representacionais, uma vez que, reforçam a necessidade de pensar o mundo social enquanto uma construção de significados. Além disso, a *visualidade* deixa de considerar que a natureza da imagem é uma imitação de seu referente, possibilitando assim, “produzir conhecimento histórico novo a partir das fontes visuais”.⁵⁷ Por conseguinte, trabalhar com o campo da cultura visual, permitiu entender que o visual é uma parte constituinte do campo social, portanto, não basta “observar o visível (as cerimônias, hábitos, práticas, artefatos, contextos empíricos) e deles inferir o não-visível”, é preciso considerar o potencial visual das ações sociais.⁵⁸ A partir dessas duas perspectivas – *representação* e *visualidade* – é possível pensar que as imagens divulgadas pelos jornais, rotineiramente, provocam uma mudança de percepção a respeito das identidades, além disso, geram outros sentidos sobre elas. A relação entre essas perspectivas, possibilitou “considerar a fotografia (e as imagens em geral), como ingredientes de nossa realidade social. Vivemos a imagem em nosso cotidiano, em várias dimensões e funções”.⁵⁹ Ulpiano Meneses, pontua que a *História Visual* não se trata de uma história produzida a partir de documentos visuais, “mas de qualquer tipo de documento e objetivando examinar a dimensão visual da sociedade, ‘visual’ se refere, nestas condições, à sociedade e não às fontes para seu conhecimento”.⁶⁰ Com isso, o estudo a partir dessas noções, viabilizou relacionar os registros visuais das travestis a aspectos da sociedade do período entre 1978-1981.

Além do conceito de *visualidade*, para entender as maneiras pelas quais o projeto político do *Lampião da Esquina* construiu a imagem das travestis e as implicações que marcaram as elaborações dessas construções, utilizou-se das categorias *táticas* e *estratégias*

⁵⁶ Nesse ponto, cabe ressaltar que acoplar a visualidade nas concepções historiográficas não “implica no abandono das noções de cultura ou de representação, mas que estas devem ser repensadas para adequar-se à particularidade do processo representacional singular que se constitui na imagem”. Ver mais em: JÚNIOR. Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade, op. cit., p. 74.

⁵⁷ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº 45, p. 20, 2003.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 16.

⁵⁹ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A fotografia como documento - Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, n. 14, p. 146, 2003.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 150.

de Michel de Certeau. Para o autor, *tática* é a ação construída dentro de um campo já estabelecido e consiste em “aproveitar as ocasiões, sem base para estocar benefícios [...] ou prever saídas”.⁶¹ No que diz respeito à categoria *estratégia*, Certeau a define como ações dos indivíduos que – em um mundo gerido por poderes visíveis e invisíveis de um Outro – buscam efetivar as suas vontades e poderes próprios.⁶² Diante disso, a categoria *tática* foi utilizada para compreender as elaborações e reelaborações realizadas pelo corpo editorial acerca das identidades tidas como dissidentes diante das frequentes imposições realizadas pelo governo ditatorial. Por sua vez, a categoria *estratégia* permitiu pensar o projeto político do jornal como uma ação calculada para a obtenção de um determinado propósito.

O conceito de *memória* e de *identidade* de Joel Candau também foram utilizados de forma privilegiada neste estudo. O autor evidencia que a *identidade* consiste em um compartilhamento de práticas, representações e crenças. Para ele, os indivíduos não são atomizados e portanto não criam as suas identidades independente uns dos outros, os sujeitos “são capazes de se comunicar [...] e acessar [...] um compartilhamento de conhecimentos, de saber, de representações, de crença [...]”.⁶³ Buscando uma definição conceitual para *identidade* Candau, destaca o seu caráter coletivo afirmando que *identidade coletiva* é uma representação, isto é, a maneira pela qual os indivíduos “percebem-se, imaginam-se [...] membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo”.⁶⁴ A partir disso é possível observar, por meio das análises do *Lampião da Esquina*, que ao tentar definir as práticas que seriam comuns aos homossexuais – vistos pelos editores como um grupo constituído por travestis, gays e mulheres lésbicas – o jornal buscava elaborar uma certa *identidade coletiva* que daria forma e coesão a esse coletivo. Assim, o conceito se faz útil para o estudo por ajudar a compreender as tentativas do corpo editorial de construir uma identidade homogênea do que seria o homossexual aceitável no interior de uma sociedade cis heteronormativa e ao mesmo tempo a fixação, em determinados momentos, para fora desse modelo de outras identidades, como por exemplo, as travestis e suas práticas.⁶⁵

⁶¹ CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas. In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 100.

⁶² CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas, op. cit., p. 99.

⁶³ CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., p. 31.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 25.

⁶⁵ O conceito de identidade, também é entendido neste estudo a partir das teorizações de Judith Butler. Segundo a autora, o sexo e o gênero estão diretamente ligados à construção dos sujeitos, pois entre os diversos fatores que constituem uma identidade, encontra-se essas noções. Nesse sentido, “nós só podemos nos construir como sujeitos sociais a partir de uma construção de gênero”. Pensar identidade através das concepções da Butler é

O debate a respeito das identidades relaciona-se ao tema da memória, pois, de acordo com Joël Candau, memória e identidade são inseparáveis e significaria um equívoco pensá-las como acontecimentos distintos, visto que não há construções identitárias sem recorrer a memória e, de maneira contrária, a composição memorial é sempre atrelada de uma afirmação identitária.⁶⁶ Desse modo, Candau define o conceito de *memória* a partir de seus elementos coletivos apontando que a *memória coletiva* é uma construção, ou seja, “um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”.⁶⁷ O autor expõe, que é possível encontrar na imprensa “inúmeros exemplos desses enunciados evocando a ‘memória coletiva’”.⁶⁸ Da mesma forma, Maurice Halbwachs, afirma que a *memória* é um elemento que se constrói e se mantém por meio de operações e produções sociais e sua força está em seu caráter coletivo de produção e rememoração, para o autor “[...] nossos pensamentos mais pessoais buscam sua fonte nos meios e nas circunstâncias sociais definidas”.⁶⁹

Nesse sentido, o *Lampião da Esquina* foi entendido, neste trabalho, como um instrumento de produções sociais e como elemento de produção de *memória*, visto que o corpo editorial elabora significados e definições acerca das travestilidades e das demais identidades tidas como desviantes. Segundo a concepção de Halbwachs e Candau de que em cada lembrança rememorada, pensamentos, reflexões e ideias há construções e referências dos jornais, livros e meios de comunicação, é possível pensar o periódico como responsável pela elaboração de lembranças e memória das travestilidades. Portanto, o conceito de *memória coletiva* possibilitou entender o *Lampião da Esquina* como um instrumento social formador de opinião que atuou elaborando concepções sobre as identidades. O conceito auxiliou ainda, na compreensão dos processos em torno da composição de uma memória sobre as travestilidades, produzida pelo corpo editorial do jornal.

Como o periódico representa identidades não hegemônicas e vistas como desviantes em um mundo que estabelece padrões irreais, a categoria *gênero* tal como abordada pela autora Donna Haraway, também foi útil. Haraway propõe pensar gênero e sexo como

compreender que o próprio sujeito não se inscreve mais por termos instáveis e permanentes. Assim, para a autora, é preciso que o conceito de identidade passe a ser analisado como uma categoria que se constitui de forma variável. Ver mais em: COELHO, Mateus Gustavo. *Gêneros desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler*. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2018, p. 21-24. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191493> >. Acesso em: 29 set. 2022.

⁶⁶ CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., 31.

⁶⁷ Ibidem, p. 24.

⁶⁸ Ibidem, p. 25.

⁶⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Vértices, 1990, p. 36.

fabricações e construções sociais, argumentando que não existem mais categorias naturais ou noções únicas que unam os indivíduos e que é necessário fugir das concepções dualistas como masculino e feminino, homem e mulher, que buscam identificar os corpos. Ela propõe pensar essas noções por meio da figura de *ciborgues* que pode “significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas [...] não tenham identidades permanentemente parciais e posições contraditórias”.⁷⁰ Aponta também, ser necessário que as oposições binárias e universalizantes que matem o sistema de sexo/gênero sejam implodidas e que a “natureza não mais seja imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo para o gênero”.⁷¹

A ideia do corpo pensado como *ciborgues* expõe que este não existe naturalmente como masculinos e femininos, mas é uma construção social. Essa perspectiva apresenta ainda que as identidades são sempre parciais e flexíveis já que podem, a qualquer momento, alterar seus fenótipos e com isso construir um novo gênero. Assim, *gênero* tornou-se uma categoria analítica útil por possibilitar o aprofundamento nos sentidos construídos sobre o masculino e o feminino, transformando o espectro da sexualidade em campos abertos a múltiplas interpretações e significações. A categoria possibilitou também, entender que a diferenciação dos termos *trans* e travesti age por meio da autoidentificação muito mais do que por atribuição.

Ainda referente ao campo dos estudos de gênero, utilizou-se das noções de *tecnologias do gênero*. A autora Teresa de Lauretis, propõe que o gênero comece a ser pensado a partir de uma visão teórica foucaultiana “[...] que vê a sexualidade como uma ‘tecnologia sexual’; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais [...] e de discursos e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana”.⁷² As tecnologias sexuais de Michel Foucault, constituem-se em um conjunto de técnicas desenvolvidas no final do século XVIII para assegurar a sobrevivência e hegemonia da classe burguesa. Essas técnicas, produziram discursos de classificação, mensuração e avaliação das práticas sociais,

⁷⁰ HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 46.

⁷¹ HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 22, p. 246, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644638>. Acesso em: 14 dez. 2021.

⁷² De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 208.

transformando o sexo em uma preocupação do Estado e instaurando todo um aparelho para produzir discursos “verdadeiros” sobre ele.⁷³

Nesse sentido, Lauretis em consonância com as colocações de Foucault, expõe que a construção do gênero ocorre através das várias *tecnologias do gênero*, como por exemplo, os meios de comunicação que possuem o “poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero”.⁷⁴ Diante disso, essas concepções, foram úteis para o entendimento dos processos que transformaram as travestilidades em objeto de conhecimento do jornal. Para além disso, possibilitou a compressão das formas pelas quais as publicações do *Lampião da Esquina* vão construir, elaborar e produzir às práticas das travestis.

Outro conceito que se fez relevante para a análise de gênero é o de *performatividade*. Como argumentado por Judith Butler, a *performatividade* propõe pensar a constituição do gênero como atos, gestos e atuações que são “[...] performativos, no sentido de que a essência ou identidade são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”.⁷⁵ A *performatividade* é compreendida “[...] não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia.”⁷⁶ Portanto, o conceito é entendido neste estudo, como um processo contínuo e incessante de produção e afirmação de práticas e formas de agir. Desse modo, essa percepção contribuiu para analisar os diálogos e embates estabelecidos entre o projeto político de um jornal homossexual e as performances travestis.

Ao buscar compreender a multiplicidade que envolve a construção das identidades travestis no *Lampião da Esquina*, e com a intenção de não se prender a noções fixas e limitadas de gênero, optou-se pelo uso da categoria *Queer*. Como apontado por Tiago Duque, o *Queer* está relacionado a uma concepção pós-estruturalista, que origina uma nova forma de identificação pessoal, incluindo todas as identificações sexuais que não são consideradas normais ou aceitas.⁷⁷ Nesse sentido, a categoria *Queer* – que pode significar excêntrico, esquisito, diferente, estigmatizado ou anormal – possibilitou a compreensão da identidade

⁷³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* 1: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 67-68.

⁷⁴ De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. op. cit., p. 228.

⁷⁵ BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

⁷⁶ BUTLER, Judith. Corpos que pesam. op. cit. p. 111.

⁷⁷ DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011, p. 31-34.

travesti como algo fluido, que está sujeito a manipulações intencionais do masculino e do feminino.

Diante do apresentado nota-se que os conceitos, as categorias e os posicionamentos metodológicos adotados, tornaram-se instrumentos úteis para a compreensão e análise dos processos que envolveram as *lutas de representações* e as composições imagéticas das travestilidades no *Lampião da Esquina*. Além do mais, para levar a efeito a análise dos processos de *representações* e *visualidades* das travestilidades realizados pelo periódico, esta dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, é analisado as estratégias do projeto político do *Lampião da Esquina*. Buscou-se inicialmente caracterizar os objetivos que moveram o projeto político e as estratégias que foram utilizadas para a sua afirmação, de modo a situar o tratamento dado pelos editores às questões travestis. Em seguida, são apresentados os esforços e tentativas do corpo editorial em afirmar a identidade gay como um projeto viável para a sociedade que estava sendo construída no período de abertura democrática, analisando também, o repertório imagético mobilizado pelos editores para compor a visualidade das identidades que se mesclavam na concepção de homossexual, entre as quais, as travestilidades.

No segundo capítulo, a análise centrou-se nas composições que foram realizadas pelo corpo editorial especificamente acerca das travestilidades. Pretendeu-se demonstrar a forma pela qual os editores e colaboradores recorreram a elementos simbólicos, textuais e imagético para construir, definir e mensurar as práticas travestis. Buscou-se ainda, apresentar os elementos que os editores selecionaram para elaborar uma *identidade coletiva* e uma *memória coletiva* das identidades tidas como desviantes. Após apresentar as concepções dos colaboradores, foi realizado um estudo das seções *tendências* e *esquina* buscando construir um inventário imagético e fornecer indícios acerca das construções de práticas imaginárias, ou seja, a forma pela qual as produções culturais vão compor um conjunto de imagens do que seria as travestis.

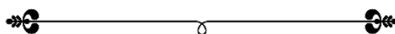
No terceiro capítulo, o intuito foi empreender um estudo das entrevistas e reportagem que os editores realizaram com as travestis, propondo dar espaço para que elas falassem e apresentassem suas experiências, expectativas e realidades. Através das entrevistas veiculadas no periódico buscou-se construir um grande mosaico com as experiências e as expectativas das travestis entrevistadas. Por meio das reportagens, analisa-se as perseguições realizadas pelo Estado, bem como, as violências cotidianas, ataques sociais e os processos de limpeza cometidos contra às travestis. Ao longo deste capítulo, demonstrou-se como a temática das travestilidades produziu disputas por representações e questionamentos ao

projeto político do periódico, mas também como em determinados momentos o *Lampião da Esquina* atuou como veiculador das violências cometidas contra as travestis cedendo, de certa maneira, espaço para que elas se posicionassem.

Posto isso, vejamos com o texto que segue, como a temática das travestilidades foi fabricada – através de símbolos, imagem e textos – pelo corpo editorial do *Lampião da Esquina*, as implicações que marcaram essas construções e como os editores vão atuar tentando organizar, classificar e estrutura as identidades tidas como desviantes no período de abertura democrática.

Capítulo 1

Ventos favoráveis às contradições: o surgimento do Lampião da Esquina e os objetivos de seu projeto político



*Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?*⁷⁸

O conselho editorial

Brasil, 29 de agosto de 1974. Em discurso proferido no Palácio da Alvorada, o general Ernesto Geisel⁷⁹ colocou em prática o plano dos militares de institucionalizar o Regime Militar e incorporar as bases e estruturas desse sistema na Constituição.⁸⁰ Esse processo, como proferido por Geisel, não poderia ser apressado pelo “[...] jogo de pressões manipuladas sobre a opinião pública e, através desta, contra o Governo [...]”, mas deveria se resumir em uma “lenta, gradativa e segura distensão”.⁸¹ A proposta de Geisel era um aprimoramento do *projeto de institucionalização*, elaborado por Artur da Costa e Silva.⁸² O

⁷⁸ O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, número 0, p. 2, abril, 1978.

⁷⁹ Ernesto Geisel foi um dos presidentes do Brasil durante o Regime Militar que teve papel de destaque no movimento de deposição de João Goulart. Tomou posse como presidente em março de 1974 e foi durante seu governo que o regime começou a enfraquecer por um processo de transição gradual à democracia. Apesar de ter flexibilizado a censura prévia à imprensa, ter permitido a propaganda política da oposição e revogado AI-5, foi em meio a seu mandato que ocorreu a morte do jornalista Vladimir Herzog no DOI-Codi de São Paulo. O governo Geisel foi marcado por “gestos pendulares” em que se flexibilizava em determinados momentos, para que em seguida reatasse a repressão. Antes de entregar o cargo para João Baptista Figueiredo, em 15 de março de 1979, seu governo enfrentou a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, a primeira greve de massa desde 1964. Ver mais em: MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da ditadura: Ernesto Geisel*. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/geisel/>>. Acesso em: 22 ago. 2022; SKIDMORE, Thomas Elliot. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 25-81.

⁸⁰ Carlos Fico ressalta que o debate a respeito de como transcorreu o fim do Regime Militar é um tema envolto em grandes controvérsias. Por uma perspectiva, há pesquisadores que consideram que a resistência democrática acelerou a redemocratização. Em contrapartida, há aqueles que destacam que a democratização foi resultado da imposição do projeto de abertura democrática arquitetado pelos militares. Ver mais em: FICO, Carlos. Rumo à democracia. In: FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2020, p. 94.

⁸¹ BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Ernesto Geisel*: discurso feito aos dirigentes da Arena, no palácio da alvorada. 29 ago. 1974, p. 122. Disponível em: < <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/17.pdf/view> >. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁸² Artur da Costa e Silva era marechal do Exército e foi presidente do Brasil durante o Regime Militar, entre 1967 e 1969. Em seu governo foi inaugurada a fase mais repressiva da do regime por conta da promulgação do Ato Institucional Nº 5 (AI-5), que vigorou até 1978, e permitiu a institucionalização da repressão, além de dar

general, delineou um lento processo de institucionalização que objetivou substituir os sistemas de repressão, a censura e as prisões arbitrárias por medidas que garantissem a segurança do regime e dos militares envolvidos.⁸³

A ideia de institucionalizar o Regime Militar é um fator que ganhou espaço em 1972 durante o governo Médici. O Instituto de Pesquisa Estudos e Assessoria do Congresso (Ipeac) patrocinou uma palestra que apresentou aos parlamentares a tese da “descompressão política gradual”.⁸⁴ Essa perspectiva, “partia do princípio de que era necessária uma retirada estratégica dos militares do coração do Estado [...]”. Significou “abrandar o controle da sociedade civil, sem necessariamente dar a ela espaço político efetivo no processo decisório”.⁸⁵ Nesse contexto, “o processo de ‘distensão’ e ‘abertura’ era, sobretudo, um projeto de institucionalização do regime”.⁸⁶ O discurso e o governo de Geisel partiram de uma visão estratégica de construção de um aparato para tutelar o Regime Militar. Portanto, durante seu governo abertura “era sinônimo de institucionalização da exceção, descompressão pontual, restrita e tática e projeto estratégico de retirada para os quartéis”.⁸⁷

A tímida distensão de 1974 transformou-se em 1978, pela crescente pressão das ruas, em uma agenda efetiva de abertura. A oposição cresceu: as greves operárias do ABC paulista se espalharam para outras cidades;⁸⁸ o movimento pela anistia ganhou corpo e foi às ruas;⁸⁹ o

poderes ao presidente para fechar o Parlamento e cassar políticos. O AI-5 ao contrário dos atos anteriores “não tinha prazo de vigência e não era, pois, uma medida excepcional transitória”. A partir do AI-5, os militares concentram-se no comando dos órgãos de vigilância e repressão e com isso, iniciou-se um ciclo “de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e expurgos de funcionalismo [...] estabeleceu-se a censura aos meios de comunicação e a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos do governo”. Ver mais em: MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da ditadura*: Costa e Silva. Disponível em: <<https://memoriasdeditadura.org.br/biografias-da-ditadura/artur-da-costa-e-silva/>>. Acesso em: 25 ago. 2022; FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 480.

⁸³ Ao falar de abertura política é necessário desconstruir a memória de que foi Geisel quem iniciou a democracia, uma vez que, o saldo repressivo de seu governo tensiona essa construção: “durante seu governo houve 39 opositores desaparecidos e 42 mortos pela repressão. A censura à imprensa, às artes e às diversões foi amplamente utilizada, abrandando-se somente em meados de 1976; o Congresso foi fechado durante 15 dias”. NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar*. op. cit., p. 210.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 213.

⁸⁵ *Idem*.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 210.

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ O Regime Militar reprimiu fortemente o movimento operário e os sindicatos sofreram intervenções do Estado, diversas lideranças foram presas e torturadas e a imprensa sindical foi proibida de circular. Entretanto, as greves organizadas pelo movimento operário, contribuíram para o aumento das forças de oposição ao regime e para a mudança do cenário político nacional. Este trabalho, não propõe aprofundar as discussões referentes as relações entre movimentos operários e o Regime Militar, para isso ver mais em: SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸⁹ Nos anos de 1978 e 1979, ocorreram vários comícios e manifestações públicas a favor da anistia. De forma geral, existiam dois principais movimentos ligados a essa questão. O Movimento Feminino Pela Anistia

movimento feminista brasileiro adquiriu forças e contestou a ordem política instituída pelo golpe civil-militar de 1964⁹⁰ e a volta do exterior de milhares de exilados proporcionou mudanças no contexto brasileiro e a eclosão, na esfera pública, de temas até então pouco explorados no campo político, entre os quais as discussões a respeito das homossexualidades.⁹¹ Assim, com a crescente pressão popular “a ‘questão democrática’ saía das enfadonhas discussões institucionais sobre o ‘modelo político’ mais adequado para institucionalizar o regime e ganhava a opinião pública mais ampla”.⁹²

Foi nesse cenário de efervescência que Winston Leyland, editor do jornal estadunidense *Gay Sunshine*, veio para o Brasil com o objetivo de reunir autores homossexuais brasileiros para produzir uma antologia da literatura gay latino-americana.⁹³ Em 1977, durante seu período no país, Leyland encontrou-se com João Antônio Mascarenhas e outros intelectuais⁹⁴ e jornalistas para ser entrevistado e contar sobre seu trabalho. Em meio

(MFPA), liderado por Therezinha Zerbini e o Comitê Brasileiro de Anistia (CBA) relacionados à militância de esquerda. Enquanto o MFPA pautava que a anistia deveria servir como “reconciliação da família brasileira”, os CBAs defendiam que a anistia deveria ser o primeiro passo para a justiça e para a investigação das violações aos direitos humanos cometidas pelo Regime. Ver mais em: GRECO, Heloisa Amélia. 50 anos do Golpe Militar/ 35 anos da Lei de Anistia: a longa marcha da “estratégia do esquecimento”. *Cadernos de História*, v. 15, n. 22, p. 160-189, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n22p160>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁹⁰ Na década de 1970, o movimento feminista surge no Brasil como uma organização de mulheres que contestavam a ordem política instituída pelo golpe militar de 1964. Apesar do movimento conter uma pluralidade de manifestações, de forma geral, as organizações dessas mulheres causaram grandes impactos nas instituições sociais e políticas, nos costumes e hábitos cotidianos, “ampliando definitivamente o espaço de atuação pública da mulher, com repercussões em toda a sociedade brasileira.”. Embora o *Lampião da Esquina*, em alguns momentos, suscita o debate a respeito dos movimentos feministas brasileiros, essa não será uma temática aprofundada nesta pesquisa. Ver mais em: SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 36, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFFPPCv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁹¹ No começo da década de 1970, com a nova ênfase que os antigos tropicalistas passaram a dar à androginia, o comportamento homossexual começou a sair dos recintos fechados para se tornar assunto da esfera pública. Ver mais em: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 53.

⁹² NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar*. op. cit., p. 235.

⁹³ Em depoimento oral, João Antônio Mascarenhas relata que a visita de Winston Leyland ao Brasil foi financiada pelo projeto *National Endowment for the Arts*, um órgão criado pelo Congresso Americano dos Estados Unidos que concedia prêmios que ajudavam financeiramente os projetos aprovados em todos os campos das artes: teatro, cinema, música e literatura. Ver mais em: SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 91.

⁹⁴ Carlos Vieira, aponta que durante o século XX o conceito de intelectual passa a ser entendido sob as noções de engajamento e comprometimento civil, referenciando assim os sujeitos participantes da vida pública. Considerando que o termo carrega uma multiplicidade de significados – e, portanto, não pode ser naturalizado – Vieira explora em seus escritos três sentidos para a diferenciação do conceito: um como mediador dos conflitos sociais, presente na obra de Karl Mannheim (segundo o autor, o intelectual era o sujeito capaz de compreender a sociedade e produzir uma síntese das conjunturas sociais); outro relacionado a ideia do intelectual como dirigente e organizador da cultura, problematizado nos textos de Antonio Gramsci (em Gramsci, o termo passa a ser visto através de uma perspectiva crítica para definir os indivíduos que representavam os interesses das classes sociais) e por último, o conceito de intelectual como produtor de capital simbólico, teorizado na obra de Pierre

aos encontros, Mascarenhas começou a organizar um grupo de homossexuais, que inspirados pelas ideias de Leyland, passaram a discutir a possibilidade de criar no Brasil uma publicação que abordasse a homossexualidade e o seu contexto social.⁹⁵ Assim, a partir da realização de várias reuniões, o grupo de intelectuais foi se ampliando e em abril de 1978 surgiu o jornal *Lampião da Esquina*.

Os “senhores do conselho” composto inicialmente, pelo jornalista Adão Costa; o escritor e jornalista Aguinaldo Silva; o crítico musical e jornalista Antônio Chrysóstomo; o crítico de cinema e jornalista Clóvis Marques; o escritor e artista plástico Darcy Penteadó; o poeta, crítico de arte e jornalista Francisco Bittencourt; o jornalista e escritor Gasparino Damata; o crítico de cinema e um dos teóricos do *Cinema Novo* Jean Claude Bernardet; o advogado, jornalista e tradutor João Antônio Mascarenhas; o cineasta e escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry,⁹⁶ partindo da proposta de criar um jornal que desse voz e representasse todos os grupos injustamente discriminados, colocaram em prática os objetivos do projeto político do *Lampião da Esquina*.⁹⁷ Mas quais eram os objetivos e estratégias que moveram esse projeto? Além disso, como o projeto político proposto pelo corpo editorial dialogou com as identidades que buscavam representar? Mais especificamente sobre as identidades travestis, como elas se encaixaram e se excluíram desse projeto político e gráfico? São essas as questões centrais que mobilizam as discussões deste capítulo.

Para analisar as questões propostas, o capítulo foi estruturado em duas seções. Na primeira, apresentamos as estratégias do projeto político do periódico. É discutido, como as temáticas das travestilidades se relacionam com os objetivos desse projeto e o espaço que foi reservado à essa temática ao longo das edições do jornal. Na segunda seção, as análises são destinadas à compreensão das estratégias usadas pelo corpo editorial para inserir o projeto político do *Lampião da Esquina* na sociedade que estava se formando no período de abertura democrática. Em seguida, é feita uma análise dos elementos textuais e imagéticos construídos pelos editores para estruturar uma identidade homogênea do que seria o homossexual aceitável no interior dessa sociedade. Além disso, buscou-se compreender

Bourdieu (nesse contexto, os intelectuais representam os indivíduos empenhados em expressar os interesses de sua classe social). Ver mais em: VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista brasileira de História da Educação*, nº 16, jan./abr. 2008. p. 74-79. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>>. Acesso em: 30 set. 2022.

⁹⁵ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 143.

⁹⁶ SENHORES DO CONSELHO. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 2, abril, 1978.

⁹⁷ Na primeira edição de 1978 é publicada uma fotografia de parte dos membros que compunham o conselho editorial do *Lampião da Esquina*. Ver *Anexo III*.

como as identidades travestis se relacionaram com as tentativas do conselho editorial de tentar construir uma identidade homogênea para os homossexuais.

1.1 – O primeiro sexo e as estratégias representacionais: as concepções de gueto defendidas e elaboradas pelo *Lampião da Esquina*

[...] esse negócio de jornalismo marrom quem faz é a grande imprensa, meninos, manipulando os belos olhos de vocês sem que vocês sequer percebam. Nós estamos aqui para uma muito outra, e bastante legal.⁹⁸

Lampião da Esquina

"Como será que eles descobriram?".⁹⁹ Essa foi a dúvida que pairou sobre as pessoas que receberam a edição experimental do *Lampião da Esquina*. O número zero do periódico teve sua circulação restrita e foi entregue protegido por um envelope de papel pardo de modo a não comprometer a identidade de quem o recebeu.¹⁰⁰ Segundo os editores, o jornal foi "enviado a cinco mil pessoas, sem distinção de credo, raça ou preferência sexual".¹⁰¹ Com o periódico em mãos, lia-se estampado na capa o nome *Lampião*¹⁰² e a chamada para a notícia "Homo eroticus – um ensaio de Darcy Penteador".¹⁰³ Não havia dúvidas de que se tratava de uma publicação que abordaria em seu discurso questões que envolvessem as homossexualidades. O editorial dessa edição demonstrou as principais estratégias que moveram os objetivos do projeto político do *Lampião da Esquina*. Entretanto, antes de analisá-las é preciso apresentar algumas características que definiram a forma e o conteúdo das publicações.

⁹⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Sem essa de entregação*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 9, 25 de maio a 25 de junho, 1978.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007, p. 67-68. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/17547> >. Acesso em: 23 jan. 2022.

¹⁰¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Sem essa de entregação*. op. cit. p. 9.

¹⁰² Jorge Luís Pinto Rodrigues, aponta que o número zero do jornal vem nomeado apenas como *Lampião*. A partir do número um o nome estampado na capa passa a ser *Lampião da Esquina*. Segundo o autor, a mudança ocorre, pois já existia no Rio Grande do Sul um jornal registrado como *Lampião*. Entretanto, Edward Macrae, pontua que o *Lampião da Esquina* tem esse nome para diferenciá-lo de uma editora paulistana chamada *Lampião*. Já o conselho editorial ao comentar os motivos do atraso da primeira edição ressalta que "foi preciso dar um sobrenome (da esquina) para evitar problemas de propriedade industrial". Ver mais em: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 143. RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 69. CARTAS NA MESA. *Assinantes se entendem*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 14, 25 jun. a 25 jul. 1978.

¹⁰³ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Capa*. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 1, abril, 1978.

O preço das edições regulares variou entre Cr\$ 15,00 a Cr\$ 60,00.¹⁰⁴ Os periódicos da imprensa *alternativa* ou *nanica*¹⁰⁵ surgiam, como forma de escapar dos rigores da censura vigente. Esses jornais eram publicados fora da grande imprensa¹⁰⁶ e geralmente eram pequenos, “de tiragem irregular, usando técnicas quase artesanais de impressão”.¹⁰⁷ As publicações do *Lampião da Esquina*, em sua maioria, não estavam muito preocupadas com a apresentação visual e a diagramação “[...] era pesada, com textos longos e tijolados, e com corpo da letra (tamanho) pequeno e difícil de ler [...], aparentemente a preocupação dos editores era muito mais com o conteúdo do que com a forma”.¹⁰⁸ Isso pode ser notado em algumas das capas do periódico:

¹⁰⁴ O historiador César Felipe Rodrigues, realiza uma análise interessante referente ao preço do jornal. De acordo com Rodrigues, o valor da primeira edição representava cerca de 1% do salário-mínimo que no período de 1978 era de Cr\$ 1.560. Já o valor da última edição de junho de 1982 correspondia entre 0,7% e 0,8% do salário-mínimo de Cr\$ 8.464,80. Para o autor, esses valores indicam que mesmo com uma inflação crescente nesse período, os editores tentaram manter o valor do jornal o mais acessível possível, a fim de atingir o maior número de pessoas. Ver mais em: RODRIGUES, César Felipe. *Lampião da Esquina*. op. cit. p. 29.

¹⁰⁵ Além dessas nomenclaturas os jornais alternativos ficaram conhecidos como *de leitor*, *independente*, *underground* ou ainda como *imprensa alternativa*. Segundo Kucinski a imprensa alternativa possuía algumas categorias: esquerda, que reunia publicações que eram influenciadas direta ou indiretamente por partidos políticos; contracultural que eram os jornais voltados para a crítica dos costumes; e publicações de movimentos sociais produzidas por pessoas vinculadas aos movimentos que queriam representar. Essas categorizações, não eram estanques e uma concepção não limitava a outra, poderiam existir, portanto, jornais que tratassem simultaneamente de assuntos políticos e culturais. Ver mais em: KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 5.

¹⁰⁶ Segundo Tânia de Luca, o termo grande imprensa é utilizado para referenciar um “conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. Nesse mesmo sentido, a autora Maria Aparecida Aquino, pontua que um jornal da grande imprensa era aquele que conseguia atingir “uma estrutura que implicava na dependência de um alto financiamento publicitário para a sua sobrevivência”. Ver mais em: LUCA, Tânia Regina de. *A grande imprensa na primeira metade do século XX*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149; AQUINO, Maria Aparecida. *O jornal O Estado de S. Paulo: um liberal convicto*. In: AQUINO, Maria Aparecida. *Censura, imprensa e estado autoritário (1968-1978): exercício cotidiano da dominação e da resistência o Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 37.

¹⁰⁷ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 141.

¹⁰⁸ RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 43-44.

Figura 1. Capa das edições n. 4 e n. 36



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

Nota-se que as capas apresentavam muitas informações. Uma grande quantidade de elementos gráficos era utilizada e as chamadas para as notícias se misturavam causando uma sensação de confusão. A diagramação¹⁰⁹ também foi motivo de estranhamento por parte dos leitores. Sandra Albuquerque, de Campina Grande na Paraíba, comentou que o “visual do jornal ainda não se impôs” e que “a revisão está capengando aqui e ali”.¹¹⁰ Outro leitor do periódico pontuou que “tudo é muito igual; os tipos de letras utilizados, as separações entre as secções e as indicações das secções”.¹¹¹ Outra carta ainda expôs a necessidade de “melhorar a impressão e a diagramação” da publicação para fazer com que ela “estoure nas bancas”.¹¹²

Existe uma linguagem específica da imprensa ligada ao próprio modo de produção jornalística. A informação é fornecida aos leitores através de uma escrita própria que mobiliza o uso de manchetes, títulos, artigos etc.¹¹³ Nas capas e no projeto gráfico¹¹⁴ do *Lampião da*

¹⁰⁹ Diagramação é o ato de dispor texto e figura em um determinado campo. Consiste em construir os elementos que vão guiar o leitor para uma melhor leitura. RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 102.

¹¹⁰ ALBUQUERQUE, Sandra Maria C. de. *Mais penas de pavão*. Cartas na mesa, *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, 25 jun. a 25 jul. 1978.

¹¹¹ CARTAS NA MESA. *Lampião é desnudado*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 14, 25 jul. a 25 ago.

¹¹² CARTAS NA MESA. *Por causa de Rivelino*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 14, 25 maio a 25 jun. 1978.

¹¹³ BARATA ZICMAN, Renée. *História através da imprensa*. op. cit. p. 91.

Esquina, todas essas possibilidades eram utilizadas ao mesmo tempo, gerando uma certa desorganização dos temas anunciados. Como por exemplo, na edição quatro de 1978 que trouxe grafado em letras grandes a palavra travesti e logo abaixo as fotografias de Clodovil Hernandes. Em um primeiro momento, somos levados a pensar que a palavra estaria associada à figura do estilista, mas trata-se de duas matérias diferentes às quais foram atribuídas o mesmo peso e hierarquia. A capa da edição trinta e seis é outro exemplo da diagramação utilizada pelo periódico. Podemos notar uma grande quantidade de fotos, vinhetas e ilustrações ocupando uma mesma posição de destaque e deixando o leitor sem saber por onde começar a leitura.¹¹⁵

No início, para financiar as publicações, parte dos editores se articularam para arrecadar recursos através de uma carta endereçada a cerca de doze mil homossexuais de todo o Brasil.¹¹⁶ O dinheiro arrecadado serviu para financiar os dois primeiros números do jornal¹¹⁷ e as edições seguintes foram mantidas através das assinaturas individuais e por meio do editor Aginaldo Silva, que nas edições finais, praticamente sustentou economicamente o periódico.¹¹⁸ Além de financiar por um determinado período as edições do jornal, o sistema de assinaturas individuais possibilitou que o *Lampião da Esquina* atingisse um público maior de leitores. Ademais, essa prática assegurou a divulgação e propagação de suas ideias em nível nacional.¹¹⁹

¹¹⁴ Projeto gráfico de um jornal é um conjunto de elementos utilizados para estruturar uma publicação, como por exemplo, os títulos e subtítulos, a escolha das fontes usadas, as fotos, ilustrações e figuras geométricas. RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 103.

¹¹⁵ Jorge Luís Pinto Rodrigues, formado em Comunicação Visual, realiza uma análise mais detalhada das capas do *Lampião da Esquina*. Segundo o autor os temas mais frequentes listados nas capas são: violência, ativismo, aliados políticos, comportamento sexual, bichas, travestis e entrevistas. Apesar de ter uma preocupação com a temática presente nas capas do jornal, nesta dissertação, a metodologia de análise privilegiou a leitura das matérias e reportagens veiculadas. Além disso, a metodologia de trabalho consistiu em primeiramente ler as quarenta e uma edições do *Lampião da Esquina* e produzir um fichamento detalhado dessas edições descrevendo a forma pela qual a temática das travestilidades foi apresentada pelos editores, a distribuição dessa temática ao longo das seções e a hierarquização dada a esse conteúdo. Posteriormente, foi realizado um fichamento temático elencando os principais temas apresentados pelo jornal referente a temática das travestis (para conferir o fichamento temático das edições do periódico ver *Anexo D*). Assim, para uma análise mais aprofundada das capas ver mais em: RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 95-101.

¹¹⁶ O surgimento no Brasil da técnica de impressão *off-set* (técnica que possibilita impressões em larga escala), otimizou a produção e impressão do *Lampião da Esquina*. Esse método, também favoreceu o jornal por possibilitar a impressão das tiragens com um custo mais baixo. Ver mais em: BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 54.

¹¹⁷ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 143.

¹¹⁸ SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 100.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 92.

O *Lampião da Esquina* assim como outros jornais alternativos abandonaram,¹²⁰ de certo modo, o pragmatismo de luta baseado exclusivamente no ideal de “luta de classes” e passaram a pregar pela importância do prazer individual.¹²¹ Em grande medida, os alternativos surgiram em “reação ao dogmatismo dos grupos de esquerda e à sua moral conservadora, abrindo um espaço de discussão tão importante – tanto à crítica dos costumes quanto à necessidade da liberdade política – que fora sufocada durante o período da ditadura militar”.¹²² Como destacado pelo colaborador do periódico, João Carneiro, os homossexuais eram frequentemente acusados pelas organizações políticas de “não atuarem, não se engajarem, não lutarem e não se filiarem a partidos”.¹²³ Na perspectiva do autor, os homossexuais eram vistos pela esquerda como alienados políticos “nojentos e fascistas” e pela direita como “comunistas canibais a serviço de Moscou”.¹²⁴ Assim as publicações de jornais alternativos, tais como o *Lampião da Esquina*, serviram, dentre muitos outros fatores, para “denunciar e combater os totalitarismos neofascistas e neostalinistas; denunciar e combater os herdeiros de Hitler/ Mussolini e os herdeiros de Stálin”.¹²⁵

Os anos 1960 e 1970 tiveram como marcas “ademais do terror das torturas e desaparecimentos promovidos pelo regime ditatorial, o movimento contracultural, fruto da

¹²⁰ Existia uma grande diversidade de jornais alternativos. Essa imprensa foi constituída por uma pluralidade de movimentos que abordavam diversos assuntos como: sexualidade, ecologia, racismo, emancipação feminina etc. Como apontado pela autora Susel Rosa, esses jornais recebiam essa nomenclatura, pois a “terminologia alternativo – remete à ideia de resistência contracultural em sentido amplo [...] e, também, a uma saída para uma situação difícil”. Segundo Patrícia Barros, os periódicos alternativos surgem do “desejo dos movimentos de esquerda de protagonizar as transformações que propunham” e da “insatisfação dos jornalistas e intelectuais com a grande imprensa”. No que se refere ao *Lampião da Esquina*, o periódico fazia parte de uma parcela da imprensa alternativa, denominada de imprensa gay. Segundo Geovane Costa, essa imprensa era destinada “majoritariamente aos leitores gay, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, e em sua grande maioria, produzida por jornalistas gays”. Além disso, Jorge Rodrigues ressalta que essa imprensa surge da “necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo e lutar contra um sistema que os tornava invisíveis”. Na segunda edição do *Lampião da Esquina* é divulgado uma propaganda de alguns alternativos que circulavam no período (ver *Anexo IV*). Ver mais em: ROSA, Susel Oliveira da Rosa. “Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia” imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, vol. 01, n. 01, jul./dez. 2005. p. 2 Disponível em: < <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/4850/2768> >. Acesso em: 14 out. 2022; BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”. *Akrópolis: revista de Ciências Humanas da UNIPAR*. v. 11, n. 2, abr./jun., 2003, p. 63; COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo do Brasil: iluminando identidade(s) e representação(ões) do(s) homossexual(is) de 1978-81*. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11268> >. Acesso em: 10 out. 2022; RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 55.

¹²¹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. op. cit., p. 72.

¹²² SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 89.

¹²³ CARNEIRO, João. *Esquerda, direita, um dois*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 2, abr. 1980.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ Idem.

circularidade das práticas e ideias oriundas dos Estados Unidos”.¹²⁶ As próprias publicações do periódico, tinham uma certa inspiração nos movimentos da *contracultura*.¹²⁷ O exílio de boa parte dos editores do *Lampião da Esquina* durante os anos de 1970 colaborou para o contato deles com os movimentos da *contracultura*, com as pautas do movimento homossexual, negros, mulheres e ecológico.¹²⁸ Ao retornarem para o Brasil e iniciarem as publicações do periódico, esses editores tentaram levar essas reivindicações para dentro do *Lampião da Esquina*. Devido a isso, a grande maioria das suas edições voltaram-se para as preocupações individuais como o corpo, o erotismo e a sexualidade.

Além da *contracultura*, na década de 1970 os movimentos artísticos brasileiros viveram o *desbunde*. Esse movimento representou o comportamento de uma juventude que possuía como política e estilo de vida a liberdade sexual, o uso de alucinógenos e a música. O *desbunde* foi marcado por uma postura de recusa diante da opressão vigente e era tido como uma forma de alternativa frente a outras organizações que aderiram à luta armada.¹²⁹ Significou um movimento de contestação cultural e de afirmação de novas possibilidades de expressão frente ao cenário conservador.¹³⁰ Para esses grupos, o *desbunde* era resultado de uma “desmunhecação política [...] tudo era cínico, sem esperança”.¹³¹ Assim, os editores – inspirados por esses movimentos – estavam mais envolvidos com questões dos grupos artístico e da liberação da censura, opondo-se muitas vezes a associações que buscavam a criação de um movimento homossexual.¹³²

¹²⁶ RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo*. op. cit., p. 93.

¹²⁷ Na contracultura as concepções de direito e poder são alterados e passam a valorizar as atuações individuais e subjetivas, assim “o direito passou a ser entendido como um exercício cotidiano na busca das liberdades, ampliando a noção de atuação revolucionária no espaço público.” Já o poder começava a se esboçar nos Estados Unidos, durante a década de 1960 “[...] a partir desses movimentos contraculturais, fazendo com que a ideia de Revolução Social se atrelasse à necessidade de uma Revolução Subjetiva concomitante à primeira”. Essas mudanças de reivindicações, acabavam por conflitar com as ideais dos grupos da esquerda tradicional – principalmente os de influência marxista-leninista – que entendiam que as questões relacionadas ao indivíduo possuíam um caráter pequeno-burguês e que devido a isso, não deveriam ter grande relevância “haja vista que todas as energias deveriam voltar-se para a chamada ‘Luta Maior’: a luta de classes”. Ver mais em: BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 38.

¹²⁸ SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 78.

¹²⁹ Segundo Victor Mariusso, os editores do *Lampião da Esquina* se dedicaram a expor como o Estado e alguns movimentos sociais “como, por exemplo, o trabalhista ou os partidos (ARENA e MDB) presentes no Brasil não estavam preocupados com as reivindicações das chamadas ‘minorias’ pensando-a como uma ‘luta menor’ em relação a uma ‘luta maior’”. Ver mais em: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina*. op. cit. p. 27.

¹³⁰ Ver mais em: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. 5. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

¹³¹ MACRAE, Edward. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 343-344. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

¹³² *Ibidem*, p. 44.

A partir de uma breve contextualização do periódico e dos elementos que caracterizaram suas publicações, partiremos para a análise das estratégias que moveram o projeto político do *Lampião da Esquina*.

Em seu editorial intitulado *Saindo do gueto*, os editores revelaram os objetivos que orientaram, por um determinado período, o projeto político do periódico. Eles apontam que a luta do *Lampião da Esquina* irá se empenhar em “desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos”.¹³³ Como se percebe, um dos propósitos de criação da publicação relacionava-se com as tentativas dos editores de desvincular as imagens dos homossexuais das representações que até o momento haviam se cristalizado em torno dessas identidades.

Durante a década de 1970, era comum nos programas de auditório da televisão brasileira a presença de figuras famosas e afeminadas. Personalidades como Clóvis Bornay,¹³⁴ Denner Pamplona Abreu e Clodovil Hernandez,¹³⁵ foram constantemente utilizadas para “provocar humor e gozações entre o público, sendo parte importante da popularidade desses programas”¹³⁶ e apesar de não serem opositores públicos do Regime Militar, eles acabaram se tornando alvos das “campanhas contra a homossexualidade e, especialmente, contra as representações de comportamentos que fugiam das noções tradicionais de gênero”.¹³⁷ Além disso, essas identidades eram repetidamente utilizadas por esses programas para construir e afirmar a composição visual de um homossexual estereotipado.

Os onze nomes que formaram o conselho editorial, bem como as informações que foram publicadas a respeito de suas profissões e ocupações, evidenciam as narrativas de determinados editores em apresentar o jornal produzido por uma “elite cultural gay” buscando, com isso, legitimidade para falar em nome das identidades homossexuais. Frequentemente os jornais da imprensa alternativa formavam um conselho editorial composto principalmente por personalidades de prestígio “com a finalidade de legitimar a linha

¹³³ O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, número 0, p. 2, abril, 1978.

¹³⁴ Era um candidato homossexual conhecido nos concursos de fantasias de Carnaval no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Textos temáticos: ditadura e homossexualidades. p. 305. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume 2 - Texto 7.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

¹³⁵ Denner Abreu e Clodovil Hernandez eram homossexuais que trabalhavam como costureiros para mulheres de alta classe social. Idem.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ Idem.

editorial, ampliar a base de sustentação do jornal ante as investidas da repressão e identificá-lo com correntes expressivas de opinião”.¹³⁸ Devido a esse perfil, os editores se consideravam os intelectuais responsáveis por apontar para novos modos de perceber e conceber as homossexualidades. Esse perfil sociocultural dos editores chegou a ser alvo de comentários entre o público leitor. Parte dos assinantes sentiram-se contemplados pela composição do corpo editorial. O leitor do Rio de Janeiro que assina sua carta como C. S. S.¹³⁹ comentou ser “animador, encontrar um grupo sério, capaz, fazendo algo em que acredita”.¹⁴⁰ Rogério Naccache de São Paulo, evidenciou que a “luz do LAMPIÃO abre finalmente o caminho que nos levará à luz elétrica” expondo que a credibilidade do jornal estava no fato de ter como “colaboração direta pessoas do naipe de Darcy Pentead, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt [...] e tantos outros”.¹⁴¹

Se por um lado a composição do conselho editorial agradou os leitores, por outro gerou críticas e insatisfações. Gide Guimarães, do Rio de Janeiro, se mostrou incomodado com a posição social ocupada pelos *senhores do conselho*. Em carta publicada no jornal, ele registrou suas insatisfações diante do perfil de classe alta dos membros do conselho editorial, questionando: “não seria o LAMPIÃO uma propriedade privada de uma elite que quer ser lida ‘do Oiapoque ao Chuí’ [...]?”.¹⁴² Destacou ainda, que viu nas publicações do periódico um certo “paternalismo de ‘bichas esclarecidas’ que tentam ‘compreender’ e unir suas vozes às de outras minorias que eventualmente ‘entram na redação’ [...]”.¹⁴³ O assinante argumentou em seguida: “qual deve ser o QI do leitor lampionesco?”¹⁴⁴ fazendo referência ao teor supostamente erudito das publicações.

Um assinante de Recife, que se identificou como J. C. L. ressaltou que achou o jornal “meio metido a intelectual” e que os editores “deveriam fechar mais com o bicharéu para não parecer um jornal muito elitista”. Questionou diretamente o corpo editorial: “Onde estão os travestis? Por que não tem uma no conselho de Lampião? Só tem professor e artista? Que

¹³⁸ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. op. cit., p. 9.

¹³⁹ O ato de registrar a assinatura do nome por meio das siglas, pode estar relacionado com fato do leitor não querer ser identificado e associado a um jornal destinado ao público homossexual.

¹⁴⁰ C. S. S. *Lendo o número zero*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 15, 25 maio a 25 jun. 1978

¹⁴¹ NACCACHE, Rogério. *Ecos do número zero*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, 25 jun. a 25 jul. 1978.

¹⁴² GUIMARÃES, Gide. *Qual é a tua, oh lampião?* Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 17, 25 ago. a 25 set. 1978.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Idem.

democracia é essa de vocês, onde o povo também não vota?”.¹⁴⁵ É interessante perceber a ambiguidade contida na reivindicação feita pelo leitor, pois para ele, assim como para tantos outros, as travestis não poderiam figurar entre os intelectuais, artistas, classe média, classe alta e a elas era relegado o lugar de povo e de subalterno. É contraditório, visto que o preconceito está muito presente nessa cobrança que os leitores fazem aos editores, por algo que chamam de democracia.

Outro leitor do Rio de Janeiro, que assinou sua carta com o nome de Ferreirinha de Aracaju expôs seu descontentamento com o perfil das publicações do *Lampião da Esquina*, destacando que os editores deveriam realizar um planejamento melhor e “um trabalho mais inteligente para atender à clientela”.¹⁴⁶ Argumentou ainda, que as edições estão longe de atingir o grande público “da Central do Brasil, da Tiradentes, da Cinelândia, do Buraco da Maísa, do Baixo Leblon e adjacências”.¹⁴⁷ Para o leitor, o conselho editorial precisava realizar mais “entrevistas com a plebe” e buscar “mais aproximação com o distinto público, para não ficar falando só entre eles”. Finalizou sua carta, pontuando a necessidade de o periódico atualizar suas matérias para não continuar “sendo um jornal para ler na cama... de quem tem tempo e não de nós: domésticas, serventes, garçons, cozinheiras de madame” e que apesar dos editores se preocuparem com o “lado de vocês, bem-nascidas, instruídas” não poderiam se esquecer “de nós que também compramos o jornal para pagar os gastos com estas reportagens quilométricas”.¹⁴⁸

Nesse contexto, nota-se que o periódico foi produzido por artistas, jornalistas e intelectuais que tinham certa respeitabilidade e notoriedade fora do *gueto* homossexual e que as posições ocupadas pelos editores, de algum modo, influenciaram o projeto do periódico desde sua “estilística e formas discursivas, até a abordagem e posicionamentos diante das temáticas que propunha”.¹⁴⁹

A busca pela constituição de novas representações das identidades homossexuais, as tentativas de desassociá-las das representações que haviam sido construídas até o momento e os esforços de compor novas visualidades para as identidades homossexuais, levaram os editores a fixarem o *Lampião da Esquina* para fora do *gueto*. A identidade tida pelo discurso

¹⁴⁵ J. C. L. *O povão, onde está o povão?* Cartas na mesa, *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 19, 25 ago. a 25 set. 1978.

¹⁴⁶ ARACAJU. Ferreirinha. *De assunto só*. Cartas na mesa, *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 2, janeiro, 1981.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 49.

hegemônico como desviante, ao performar¹⁵⁰ o gênero para fora dos padrões da moralidade dominante, conseqüentemente, foge dos sistemas de regulação dos corpos e ao mesmo tempo é “expulsa, negada e reduzida ao silêncio”.¹⁵¹ Essa identidade passa a ser reprimida. A repressão age como “[...] condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio e afirmação de inexistência [...]”.¹⁵² Esses fatores, conduzem essas identidades a se ocultarem e se inserirem em *guetos*. Assim, o *gueto* se resumia em um lugar “onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social”.¹⁵³

Os *guetos* eram espaços de sociabilidade,¹⁵⁴ lazer e encontros de lésbicas, travestis e gays, como por exemplo, os bares, saunas e praças.¹⁵⁵ Eram nesses lugares que as identidades reprimidas conseguiam construir suas subjetividades e adquirir coragem para assumi-la em âmbitos menos restritivos. Existiu um movimento que pautava a valorização desses locais por considerarem um importante “[...] foco de resistência, tentando expandi-lo por toda a cidade e procurando uma diluição natural de suas fronteiras”.¹⁵⁶ Contudo, entre essas identidades, existiram aquelas que desprezavam os *guetos*. Alguns até defendiam que esses espaços não eram adequados para a realização de suas práticas.

Diante disso, na apresentação dos objetivos do projeto político do *Lampião da Esquina*, o grupo de editores pontuou que era “preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele”.¹⁵⁷ Para eles, era necessário teorizar e refletir as questões homossexuais fora da agitação desses espaços. Do mesmo modo que os editores, o assinante C. S. S valorizou, em sua carta, a saída do *gueto*:

¹⁵⁰ Judith Butler teoriza a performatividade como uma ação que debocha do sexo enquanto um fator natural. Ver mais em: BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 9.

¹⁵¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 9.

¹⁵² FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*. op. cit. p. 10.

¹⁵³ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 57.

¹⁵⁴ Espaços de sociabilidade é uma categoria da etnografia que estuda o convívio dos indivíduos. São nesses lugares de sociabilidade que se constituem os elementos de uma identidade. De acordo com o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, a observação das formas de interação dos indivíduos, permite identificar as estratégias que os atores sociais utilizam para estabelecerem encontros e trocas. Além disso, proporciona um estudo dos fatores que envolvem a construção de suas personalidades e os diferentes padrões culturais que constituem a formação de um grupo. Ver mais em: MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

¹⁵⁵ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 62.

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. op. cit. p. 2

O essencial é integrar-se à comunidade sem prostituir-se, sem jogar fora os seus valores [...] é necessário se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. É preciso que isto seja sempre mostrado, o homossexual agindo conscientemente dentro de sua realidade sexual; é um indivíduo comum [...]¹⁵⁸

Da perspectiva do conselho editorial, os *guetos*, além de não teorizarem sobre os elementos que envolviam as práticas das identidades tidas como desviantes, acabavam por quimerizá-las e envolvê-las numa roupagem estereotipada de identidade, alvo fácil do preconceito da sociedade homofóbica. Assim, os editores de *Lampião da Esquina* buscaram uma nova abordagem das questões homossexuais, eles “[...] queriam politizar a questão” e a única forma, na perspectiva deles “era: tirá-la do gueto primeiramente, para em seguida questionar a postura da esquerda tradicional”.¹⁵⁹

Assim como o *Lampião da Esquina*, outras organizações e movimentos homossexuais se estruturaram com a perspectiva de desvincular suas práticas dos *guetos*. Em maio de 1978, surgiu em São Paulo o primeiro grupo de afirmação homossexual. Segundos seus idealizadores, o SOMOS-SP¹⁶⁰ foi criado a partir “de uma ideia comum a várias pessoas, para possibilitar o encontro de homossexuais, fora dos costumeiros ambientes de badalação e pegação (boates, bares, saunas, cinema e calçadas)”.¹⁶¹ Nesse sentido, o grupo tinha como objetivo produzir um “conhecimento mútuo que fosse menos aleatório” e promover “a discussão da sexualidade, de maneira franca e digna”.¹⁶² Para esse movimento social, a saída do *gueto* representava a negação dos discursos que tentavam condenar os homossexuais à viver na margem, fazendo com que eles fossem “compulsoriamente reintegrados àquilo que se entende por ‘normalidade’ – por meio de violências culturais, psiquiátricas e físicas”.¹⁶³

Como explicitados pelos organizadores do SOMOS, a saída do *gueto* só aconteceria se os membros do grupo conseguissem “alcançar uma identidade enquanto grupo social e

¹⁵⁸ C. S. S. *Lendo o número zero*. op. cit. p. 15.

¹⁵⁹ MATTOSO, Glauco. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 400. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

¹⁶⁰ O grupo SOMOS foi formado a partir da publicação do periódico *Lampião da Esquina* – que deu forças e inspiração para a articulação do movimento – e conforme seus organizadores o nome da associação trata-se de “uma homenagem à Frente de Libertação Homossexual da Argentina, que foi na América Latina o primeiro movimento organizado para lutar pelos direitos homossexuais”. Ver mais em: GRUPO SOMOS. *Grupo Somos: uma experiência*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 14, p. 2, maio, 1979.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Idem.

recuperassem a consciência individual, a partir da homossexualidade comum a todos”.¹⁶⁴ Essa narrativa, em certa medida, assemelha-se com à lógica presente no discurso do editorial do *Lampião da Esquina*, de uma identidade única para todas as manifestações da homossexualidade. A ideia contida na estruturação do grupo SOMOS e no projeto do periódico era a de que houvesse uma espécie de traço característico essencial e metafísico que definisse todos os homossexuais como uma grande uniformidade e, portanto, não levando em conta as diferentes expressões das homossexualidades. Nesse sentido, percebe-se que as identidades “são produzidas e se modificam no quadro das relações [...] socioinstitucionais – situação, contexto, circunstância – de onde emergem os sentimentos de pertencimentos ‘de visões de mundo’ identitárias”.¹⁶⁵ Assim, nota-se que o movimento de construção de novas representações e composições visuais para identificar os homossexuais resultou na fabricação e modificação dos parâmetros que até então definiam as identidades que se reuniam em torno das experiências desse grupo.

As *estratégias* dos editores em promover uma saída do *gueto* das identidades tidas como desviantes, carregaram um conjunto de elementos simbólicos que buscaram desvincular essas identidades, principalmente dos homens gays, de certas representações e visualidades que os associavam ao binômio sexo/gênero, em que ao sexo tido como biológico, corresponderia automaticamente um gênero.¹⁶⁶ A estratégia do projeto político do *Lampião da Esquina* era:

destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, [...], que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter [...]. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados [...].¹⁶⁷

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., p. 27.

¹⁶⁶ Conforme apresentado por Donna Haraway a separação existente para sexo como algo biológico e gênero como algo cultural envolve questões linguísticas. Como pontuado “não há marcador para distinguir raça (biológica) de raça (cultural) como existe para sexo (biológico) e gênero (cultural), ainda que os binarismos natureza/cultura e biologia/sociedade permeiem o discurso ocidental sobre raça”. Para a autora, é necessário pensar em um sistema sexo/gênero/raça/classe e em uma teoria da “‘diferença’ cuja geometria, paradigmas e lógica escapem aos binarismos, à dialética, aos modelos natureza/cultura”. Para Haraway É preciso levar em consideração que sexo/gênero para além de outras construções (sociais, culturais, biológicas) foram também construídas linguisticamente e “o sistema de sexo/gênero adquire outras formas em outros mundos de diferenças marcadas pelo poder e com suas consequências.” Ver mais em: HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista. op. cit. p. 206-209.

¹⁶⁷ O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. op. cit. p. 2.

Como se percebe no trecho acima uma das razões de criação de um jornal homossexual era desvincular os homossexuais da “imagem-padrão”, isto é, a imagem de um homossexual que tem como principal característica a busca, na constituição de sua subjetividade, da *performatividade* feminina, com adoção de modos, gestos, roupas e práticas relacionadas ao gênero feminino. Segundo o editorial, para acabar com essa “imagem-padrão” o *Lampião da Esquina* não pretendia “solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape”.¹⁶⁸ O projeto político do periódico buscou apenas lembrar que “uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraicocristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida” e que enquanto uma minoria era “elementar nos dias de hoje, precisar de voz”.¹⁶⁹ Com isso, apesar da afirmação dos editores de que pretendiam “ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados”, a ideia de “sair do gueto” representou a negação de os homossexuais serem pessoas nas quais “seu sexo não é aquele que ele desejaria ter”. Desse modo, desconstruir a “imagem-padrão” dos homossexuais envolveu um duplo deslocamento, no qual os editores buscaram desvincular os homossexuais de imagens estereotipadas, mas conseqüentemente, construíram em seu lugar, outra imagem que recorria a uma correspondência naturalizada entre vagina/feminino e pênis/masculino.¹⁷⁰

Nesse contexto, procurando fugir das representações cristalizadas a respeito do homossexual enquanto um ser afeminado, o jornal pretendeu desvincular o gay das identidades femininas e assumiu a masculinidade como uma característica marcante da homossexualidade.¹⁷¹ Dessa forma, os editores tinham como objetivo recusar o estigma de

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ Idem.

¹⁷⁰ Durante os anos 1960 e 1970, o conceito de gênero era marcado por diferenças sexuais. Juntamente com essas concepções, foram criadas práticas, discurso e espaços sociais específicos para discutir o gênero enquanto diferença sexual. Esses espaços, são caracterizados como espaços *gendrados*, ou seja, “marcados por especificidades de gênero, como [...] os grupos de conscientização, os núcleos de mulheres dentro das disciplinas, os estudos sobre a mulher, as organizações coletivas de periódicos [...], e outros nos quais a própria diferença sexual pudesse ser afirmada, tratada, analisada, especificada ou verificada.”. Ver mais em: De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. op. cit., p. 206.

¹⁷¹ O historiador César Felipe Rodrigues identifica três classificações da masculinidade que circulavam no período de abertura política e que disputavam pela hegemonia: uma imagem produzida por militantes, trabalhadores organizados e estudantes que se resumia na figura do homem guerrilheiro; uma representação pautada no consumo e no homem bem-sucedido produzida pelo aumento da classe média e pelo desenvolvimento do neoliberalismo; e uma imagem produzida pelo regime militar que representava homens rígidos e militarizados. Apesar de entender que os editores do *Lampião da Esquina* pautaram-se em certos elementos dessas masculinidades para produzirem uma identidade homossexual, esta dissertação não pretende aprofundar nas análises da constituição da masculinidade, o objetivo, é demonstrar como esse contexto de afirmação das masculinidades interferiu no projeto político e gráfico do período. Para aprofundar no assunto, ver mais em: RODRIGUES, César Felipe. *Lampião da Esquina*. op. cit., p. 31

“bobo da corte” e reivindicar o fato de que os “homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.”¹⁷² Com isso, almejou-se de alguma forma preservar o sistema sexo/gênero, ou seja, ao sexo biológico (pênis) deveria corresponder a identidade de gênero masculino e toda a *performatividade* ligada a ela. Assim, certas publicações do *Lampião da Esquina* cobraram dos homossexuais uma *performatividade* definidora do gênero masculino para que ele fosse aceito e reconhecido socialmente, criticando, em determinados momentos, os afeminados por exemplo, e claro, as travestilidades.

É importante pontuar que o projeto político e gráfico do *Lampião da Esquina* foi marcado pela contradição e não possuía um eixo conciso e unidirecional. Nesse sentido, o periódico tinha como estratégia preservar, em certa medida, o sistema sexo/gênero – visto que, ao buscar construir um vínculo entre sexo masculino e uma certa masculinidade, distanciava-se da crítica desse sistema –, contudo não deixava de criticar a normatização da heterossexualidade e a cisgeneridade numa sociedade binária, em que o sexo "biológico" corresponde "naturalmente" um gênero. Assim teríamos um sistema em que só são reconhecidos dois sexos biológicos e automaticamente, dois gêneros ligados a cada um dele – pênis: masculino e vagina: feminino –. O fato apontado no fragmento, de que os homossexuais não negam seu sexo “biológico”, mas ao mesmo tempo não se reconhecem como gênero masculino, traz à luz justamente essa ambiguidade, visto que, contém uma tentativa de desconstrução de certos elementos desse sistema.

A pretensão dos editores em falar por todas as vozes consideradas minorias, pode ser entendida em um contexto no qual o discurso de consolidação das práticas homossexuais emergia junto aos discursos de “[...] protesto contra os autoritarismos de direita e de esquerda; ao lado dos discursos feministas contra o machismo e a violência; dos discursos ecológicos contra a degradação ambiental e dos discursos contra os racismos”.¹⁷³ Dolores Rodrigues, que atuou como revisora do periódico a partir da edição vinte e sete até a edição de número trinta e um, destacou em depoimento oral que mesmo o jornal buscando representar todas as minorias “não conseguiu conciliar isso, ele se tornou um jornal voltado só ao homossexual, masculino e acho que branco. [...]”.¹⁷⁴ Essa postura, pode estar associada ainda aos interesses de membros que atuaram no periódico. João Carlos Rodrigues que a

¹⁷² O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. op. cit. p. 2

¹⁷³ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 44.

¹⁷⁴ RODRIGUES, Dolores. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 541. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

partir da edição onze compôs o grupo de colaboradores do jornal, ressaltou que seus objetivos ao escrever no *Lampião da Esquina* era pôr em prática a atitude política aprendida quando morou em São Francisco chamada de *coalização arco-íris*. Segundo ele, essa perspectiva baseava-se na união de todos os indivíduos que de alguma forma eram estigmatizados pelo sistema. Assim, Rodrigues idealizava a união de todas essas identidades e propagou em suas publicações a utopia que havia apreendido em São Francisco.¹⁷⁵

A estratégia calculada pelo projeto político do *Lampião da Esquina* que visou desvincular, em determinados momentos, a imagem do homossexual masculinizado de *performatividades* femininas, como por exemplo, as *performatividades* travestis, precisa ser inserida em um contexto político mais geral. Os *pilares básicos*¹⁷⁶ da repressão montado pelo Regime Militar foram dirigidos, explícita e predominantemente, contra os “subversivos” e “comunistas”.¹⁷⁷ Entretanto, o aparato censório e a repressão ocorreram também em torno de elementos psicossociais, ou seja, a repressão compreendia a dimensão moral, cívica e religiosa.¹⁷⁸ Desse modo, homossexuais, travestis, prostitutas e outras pessoas consideradas pelo regime como “perversas”, “anormais” e “desviantes” sofreram perseguições, prisões arbitrárias e outras formas de censura e violência.

Nesse contexto, a estratégia do jornal pretendia, em certo ponto, afirmar que a homossexualidade – principalmente nos homens gays masculinizados – não representava uma prática de subversão política e sexual, no interior de uma sociedade cis heteronormativa, mas era um fator “natural” e “neutro” politicamente. Buscando desconstruir a ideologia propagada pelo Regime Militar de que a homossexualidade estava associada “a um submundo de degenerados ‘pederastas’, alcoólatras e prostitutas”,¹⁷⁹ o *Lampião da Esquina*, em certos momentos, tentou se desvincular das identidades femininas e afirmar para fora dos *guetos* a imagem de *gay masculinizado* e uma homossexualidade homogênea, estável e identificada com atributos da masculinidade hegemônica do contexto. Para os editores, era necessário mostrar que os homossexuais não queriam “viver em guetos, nem erguer

¹⁷⁵ SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 38.

¹⁷⁶ Existem várias formas de analisar e entender os acontecimentos que marcaram a história do governo ditatorial no Brasil. Parte dos pesquisadores centraliza seus estudos nos pilares básicos que contribuíram para a manutenção do regime: a espionagem, a polícia política e a censura. Em sua produção Carlos Fico, demonstra como a partir da promulgação dos atos institucionais número dois e cinco (AI2 e AI5), a espionagem e a censura passaram a atuar como forma de desarticular e reprimir os posicionamentos que fossem contrários ao governo. Ver mais em: FICO, Carlos. *Espionagem, polícia política, censura e propaganda*. op. cit. p. 169.

¹⁷⁷ Ver mais em: MEMÓRIAS DA DITADURA. *LGBT*. Disponível em: < <https://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/> >. Acesso em: 26 ago. 2022.

¹⁷⁸ QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes*. op. cit., p. 36.

¹⁷⁹ COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Textos temáticos*. op. cit., p. 302.

bandeiras que o estigmatizassem [...]; e que sua preferência sexual devia ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter”.¹⁸⁰

A afirmação do discurso da masculinidade encontra-se presente no próprio nome dado ao periódico. O título *Lampião da Esquina* e sua logomarca remetem à figura do cangaceiro, personagem histórica e símbolo da virilidade do *cabra macho* nordestino que “[...] ao tornar-se ‘da esquina’ era capaz de localizar-se no ‘desvio’ da rota recomendada pela moralidade dominante sem, contudo, abrir mão de sua masculinidade”.¹⁸¹ Além de considerar o nome escolhido para o jornal como um importante vestígio de que o projeto político dos editores esteve pautado na afirmação da masculinidade é possível perceber, através da logotipo, mais alguns indícios que sustentam essa análise:

Figura 2. Variações da logomarca do jornal. Edições 0, 1, 3, 24, 30 e 33



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A partir da imagem, pode-se visualizar em um primeiro momento a figura de um cangaceiro.¹⁸² Mas em um segundo plano, retirando o elemento que representaria o chapéu – tradicionalmente utilizado pelos cangaceiros – tem-se a representação visual de um falo. Essa interpretação, também foi realizada por um leitor em sua carta publicada na terceira edição

¹⁸⁰ O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. op. cit. p. 2

¹⁸¹ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 36.

¹⁸² O historiador Geovane Costa, evidencia que a figura do cangaceiro utilizada pelos editores além de demarcar a virilidade, pode apresentar um sentido irônico, pelo fato dos membros do periódico utilizarem “de uma referência de ‘macheza”, de virilidade, para nomear um periódico feito por homossexuais assumidos”. COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo*. op. cit., p. 43.

de 1978. Ao comentar sobre suas impressões referentes a forma e ao conteúdo do *Lampião da Esquina* o leitor expôs que o símbolo do jornal:

[...] foi interpretado como a combinação de uma representação estilizada do rebelde com a representação de um falo, é uma coisa ‘fria’, e não pode ser considerado feio ou bonito: é como se tivesse sido feito ‘em série’; a representação fálica é uma atitude agressiva e machista; é uma posição desrespeitosa em relação às mulheres.¹⁸³

Uma imagem além de atuar como uma representação, isto é, como um instrumento que produz um sentido e faz “com que a coisa não tenha existência senão na imagem que a exhibe”,¹⁸⁴ carrega uma certa autoridade que atribui aos símbolos uma relação de poder que regula e modela os espaços físicos e psíquicos.¹⁸⁵ Assim, tanto o nome escolhido para o periódico, quanto as imagens que compuseram a logomarca, cuja estética visual faz lembrar um falo, foram veiculadas como símbolo do poder masculino e de uma masculinidade viril. Tais imagens, mais do que indicar “uma atitude agressiva” e ser “desrespeitosa em relação às mulheres” representaram a negação de práticas femininas e de identidades que carregam como traços essas performances, tal como as das travestis. Essas imagens, expõem a ideia do conselho editorial de sair do *gueto* e inserir os homossexuais “na cena pública, ocupando um novo lugar no imaginário coletivo ao questionar a ideia de que o isolamento em lugares de tolerância era fruto de uma preferência intrínseca a uma natureza homossexual, por si mesma obscena [...]”.¹⁸⁶

Uma notícia veiculada em dezembro de 1978 no jornal *Globo*, apresentou o posicionamento de Rogério Nunes¹⁸⁷ o diretor da Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCDP).¹⁸⁸ De acordo com ele, a legislação da censura que vigorava impunha “restrições, de

¹⁸³ CARTAS NA MESA. *Lampião é desnudado*. op. cit., p. 14.

¹⁸⁴ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. op. cit. p. 75.

¹⁸⁵ MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. op. cit., p. 748.

¹⁸⁶ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 46.

¹⁸⁷ Rogério Nunes foi o dirigente da DCDP que permaneceu mais tempo no cargo e apresentou posição rígida em relação à censura. Tomou posse do cargo dia 4 de novembro de 1971 e sua atuação censória ocorria principalmente aos veículos de comunicação de massa como a televisão e o rádio, para os quais declarava a necessidade de um maior controle e rigor. Ver mais em: FERNANDES, Guilherme Moreira; WOITOWICZ, Karina Janz. A mentalidade censória de Rogério Nunes tematizada no jornalismo impresso dos anos 1970. *Galáxia*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. São Paulo, n. 46, p. 1–12, 2021. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/48462> >. Acesso em: 31 ago. 2022.

¹⁸⁸ A Divisão De Censura e Diversões Públicas (DCDP) foi o órgão oficial de censura e fiscalização do Departamento de Polícia Federal do Brasil durante o Regime Militar. O Departamento era encarregado de fiscalizar, autorizar ou censurar as execuções públicas, reproduções e publicações de conteúdos bibliográficos, culturais e midiáticos, tais como álbuns musicais, peças teatrais, livros, entre outros. Ver mais em: CARVALHO, Lucas Borges de. Media, Censorship and Content Regulation in Brazil: Juridical Aspects and the

tal forma incoerentes com a moral vigente na moderna sociedade” e que devido a isso o trabalho dos censores acabava “se transformando numa constante batalha contra a realidade”.¹⁸⁹ O editor Aguinaldo Silva, apesar de não concordar totalmente com a posição do diretor da DCDP “para qual os critérios da censura deveriam ser apenas atualizados”,¹⁹⁰ recebe o posicionamento de Rogério Nunes com certa esperança de que as questões homossexuais não fossem mais alvos de perseguições por parte do departamento:

[...] não é possível considerar imoral a luta de um determinado grupo – discriminado sexualmente – para sair do gueto que lhe foi imposto e assumir seu lugar na sociedade, deixando de ser, dessa forma, cidadãos de segunda classe.¹⁹¹

Em seu posicionamento, Aguinaldo Silva reforçou a necessidade de uma saída do *gueto*. Para ele, esse ato consistia em desconstruir muitos mitos em relação às práticas homossexuais, entre as quais a crença de que esses “são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar”.¹⁹² O ato de *sair do gueto* não era só assumir uma identidade individual, mas sim, fazer surgir uma comunidade que tinha especificidades próprias.¹⁹³ Representava a tentativa dos editores de construir uma identidade homossexual. Sair do *gueto*, além de retirar os homossexuais da “sombra” significou distinguir e classificar as identidades, pois se havia homossexuais que compensavam:

[...] sua insegurança e sua instabilidade transformando-se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresentava como padrões ideais - é o caso do sapatão e da bicha-louca - não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano.¹⁹⁴

Como exposto, era preciso desvincular o comportamento dos homossexuais “mais pintosos” daqueles que estavam empenhados em “romper o silêncio” e “desmoralizar” as práticas dessas identidades. Para sair do *gueto* e entrar na cena pública, foi necessário que o projeto político dos editores atuasse de forma a organizar as diversas identidades que se

Differences of Concepts. *Law, State and Telecommunications Review*, v. 4, n. 1, p. 51–82, 2012. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/RDET/article/view/21575> >. Acesso em: 31 ago. 2022.

¹⁸⁹ SILVA, Aguinaldo. *Para o Brasil do ano 2.000*. Os bons costumes do século XIX. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 5, fev., 1979.

¹⁹⁰ Idem.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² SILVA, Aguinaldo. *Para o Brasil do ano 2.000*. op. cit., p. 5.

¹⁹³ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 34-35.

¹⁹⁴ SILVA, Aguinaldo. *Para o Brasil do ano 2.000*. op. cit., p. 5.

aglutinavam em torno da categoria de homossexuais. Ademais, segundo os editores, para uma inserção na sociedade era essencial que os homossexuais masculinos se afastassem, em determinados momentos, das travestilidades e suas “reações psicológicas exageradas e neuróticas”.¹⁹⁵

Diante da discussão apresentada, nota-se que a ideia de uma homossexualidade masculinizada é ainda uma forma de manter o entendimento da classificação das pessoas no mundo, dentro do sistema sexo/gênero ou da diferença sexual na medida em que as pessoas nascidas com pênis, independentemente de terem relacionamentos sexuais e afetivos com outros homens, deveriam continuar performando socialmente, o gênero masculino. Assim, percebe-se que as estratégias do *Lampião da Esquina* estavam ainda tentando se encaixar nos padrões de um sistema sexo/gênero e em linhas gerais, não propuseram efetivamente uma desconstrução completa desse discurso.

1.2 – Mantendo a moral e os bons costumes: a busca do conselho editorial pela aceitação social da homossexualidade masculinizada

*Tentar esclarecer sobre a necessidade existente nos homossexuais desta nova geração, de buscarem um modelo de identidade a ser aceito pela sociedade, juntando a isto a demonstração de engodo existente na atualidade, onde as "deslumbradas" [...] insistem em defender a teoria de que o homossexual deve se impor pelo campo financeiro, convivendo, no entanto, dentro dos preconceitos machistas, é uma das coisas que pretendo, embora isto acabe transformando a coisa em estado de guerra.*¹⁹⁶

Frederico Jorge Dantas

Sexta-feira, 30 de maio de 1980. Entrava em circulação mais uma edição do jornal *O Estado de São Paulo*. Entre as notícias publicadas, encontrava-se a matéria “o problema da mudança de sexo: repercussões ante nosso direito”.¹⁹⁷ Uma página inteira reservada a discussão a respeito do surgimento e implicações da “cirurgia de castração”: criada pela rainha Semíramis¹⁹⁸ como forma de “eliminar heranças mórbidas”; presente no nazismo

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ DANTAS, Frederico Jorge. *Qual é a da nossa imprensa?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, número 0, p. 2, abril, 1978.

¹⁹⁷ O ESTADO DE SÃO PAULO. *O problema da mudança de sexo: repercussões ante nosso Direito*. Tribunais. São Paulo, 30 mai. 1980, p. 26. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 5 set. 2022.

¹⁹⁸ Semíramis foi uma rainha do Império Assírio e fundadora da Babilônia.

alemão com a função de “esterilização dos anormais”; aplicada na maior parte dos Estados Unidos como a “lei de esterilização dos anormais e delinquentes” e propagada por toda parte como a solução para que os pacientes “portadores de doenças incuráveis e transmissíveis evitassem descendência de degenerados e raquíticos”.¹⁹⁹ Segundo a reportagem, apesar de tudo isso, o principal “problema” da “cirurgia de castração” decorria “da mudança artificial do sexo”.²⁰⁰ A cirurgia concedia o direito às pessoas de deliberarem a respeito de seu sexo:

Teremos então as hipóteses das travestis ou fetichistas que sentem necessidade de usar roupas, atitudes e complementos do sexo oposto ostentando a aparência do mesmo homossexual que se realiza somente com as pessoas do próprio sexo, e transexuais que possuem toda a disposição psíquica e afetiva do sexo contrário, mas não se conformam com a própria condição.²⁰¹

Além de atribuir um peso pejorativo à cirurgia, descrita ao longo do texto como sinônimo de “síndrome de psicopatia transexual” a matéria categorizou e classificou as identidades, colocando as travestis como pessoas que “ostentavam a aparência de homossexuais”. A publicação homogeneizou as identidades tidas como desviantes e inseriu os grupos de gays, travestis e transexuais em um termo generalizante que condensava essas identidades na figura de homossexuais. A ideia de que mulheres lésbicas, homens gays, travestis e transexuais resumiam-se exclusivamente às práticas e experiências de um grupo denominado de homossexuais pairava nas representações da grande imprensa. Essa concepção, também foi difundida nos discursos do Regime Militar que tratavam de homossexualidades no plural de modo a se referir a todas as formas de orientações sexuais e identidades de gênero.²⁰² No próprio *Lampião da Esquina* essa ideia estava presente. Para os editores, em determinados momentos, a homossexualidade foi definida “como um grande aglutinador de identidades, mais ou menos, marginalizadas e a travestilidade estava incluída nas práticas homoeróticas”.²⁰³

Em um movimento de fortalecimento das identidades tidas como desviantes – compreendidas pelo *Lampião da Esquina* no termo de homossexuais – nota-se que determinadas publicações do periódico se pautaram em uma aproximação dessas identidades. A principal *tática* adotada pelos editores durante os percalços que marcavam a tentativa de

¹⁹⁹ O ESTADO DE SÃO PAULO. *O problema da mudança de sexo*. op. cit., p. 26

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Idem.

²⁰² COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Ditadura e Homossexualidades: iniciativas da Comissão da Verdade do estado de São Paulo “Rubens Paiva”*. 26 nov. 2013. Disponível em: < <http://comissaoaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html> >. Acesso em: 5 set. 2022.

²⁰³ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 34-35.

fortalecimento dos homossexuais masculinos, foi a de unificação das identidades em torno das pautas desse grupo. Na edição de número quatro, João Antônio Mascarenhas que ao ser acusado por seus amigos de desprezar as “bichas pintosas e os travestis”, escreveu um artigo de opinião elencando os motivos pelos quais suas concepções não poderiam ser acusadas de menosprezá-las: “julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer [...] as minorias oprimidas relevem eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos”.²⁰⁴ Apontou ainda que o jornal surgiu com o objetivo de:

[...] mostrar a todos os grupos oprimidos e, em especial, os homossexuais – assumidos com descontração, enrustidos, pintosas ou travestis – que, no fundo, os machistas são tigres de papel, desde que nós não concordemos em reconhecer os direitos que eles mesmos se atribuem.²⁰⁵

Na concepção de Mascarenhas, a união de todas as identidades tidas como desviantes em torno da figura de um homossexual coeso e singular consistia em uma tática importante para a afirmação das práticas dessas identidades diante da repressão do e apagamento posto pela sociedade. Ademais, para parte do grupo de editores era preciso que antes da construção das singularidades de cada subjetividade tida como desviante, fosse necessária a criação de uma identidade monolítica capaz de se afirmar dentro dos parâmetros existentes na sociedade.

O colaborador do *Lampião da Esquina*, Frederico Jorge Dantas apontou na mesma direção das teorizações de Mascarenhas. De acordo com Dantas, o jornalismo *underground* homossexual deveria atuar no sentido de “informar aos nossos irmãos sobre necessidades primárias, que vão desde o modo de encararmos o problema até onde e como devemos nos impor”.²⁰⁶ Entretanto, para a realização dessa tarefa o jornalista expressou ser necessário que as identidades se aproximassem e evitassem conflitos “onde pequenos grupos criticam, rejeitam e combatem o aparecimento de novas ideias, de mentalidades estruturadas numa nova filosofia de vida.”²⁰⁷

A conciliação das identidades oprimidas também foi uma pauta defendida por alguns leitores do periódico, como por exemplo, o assinante Paulo Emanuel de Salvador-Bahia. Em

²⁰⁴ MASCARENHAS, João Antônio. *Sobre tigres de papel*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 9, 25 de agosto a 25 de setembro, 1978.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ DANTAS, Frederico Jorge. *Qual é a da nossa imprensa?* op. cit., p. 5.

²⁰⁷ Idem.

sua carta ele ressaltou a necessidade de que mulheres lésbicas e homens gays se entendessem enquanto um único grupo de identidades estigmatizadas. Na opinião de Emanuel, era fundamental que os homossexuais femininos e masculinos descobrissem que ambos fazem “parte de um mesmo grupo de pessoas discriminadas, e que estamos na mesma canoa. Em outras palavras, se nós não nos unirmos contra os preconceitos, afundaremos todos juntos”.²⁰⁸

Se por um lado a representação de uma identidade coesa era necessária para a afirmação das práticas dos homossexuais frente o apagamento posto pela sociedade, por outro era imprescindível que houvesse um discurso – no interior desses grupos – que fosse capaz de organizar as múltiplas experiências que se mesclavam em torno da concepção de homossexuais. Na edição seis de 1978, o lampiônico²⁰⁹ José Fernando Bastos foi encarregado de criar uma classificação para diferenciar os significados da palavra *bicha*. A publicação do editor revelou uma grande complexidade no que diz respeito aos sentidos da palavra e apontou para doze variações do termo: *policha*, *bichic*, *bicheque*, *bichene*, *bichópolis*, *bichoc*, *bicharm*, *bichada*, *bichwissair*, *bicheira*, *bichão* e *bichicleta*.

De acordo com Bastos, a *policha* é aquela identidade que não se conforma com seu corpo e recusa a masculinidade. Através de uma linguagem satirizada expôs que a *policha* “ultrapassa os limites da tricha. Toma hormônios, já que seu grande sonho é virar Fafá de Belém”.²¹⁰ Nesse sentido, a *policha* estaria associada a figura de um homossexual que performa a feminilidade e rompe com os limites do gênero, como por exemplo, as travestilidades. A *bichic*, *bicheque* e a *bichwissair*, por sua vez, consistiam nos homossexuais que possuíam uma notoriedade social e eram abastados economicamente. Bastos as classifica, respectivamente, como “aquela que usa carteirão embaixo do braço”, “aquela que para pagar qualquer coisa puxa um talão de cheque” e aquela “que voa e que geralmente usa Cartier americano, Gucci argentino e possui em casa trinta perfumes diferentes”.²¹¹ Segundo o editor, esse tipo de homossexual tem ainda como característica o interesse por homens que não se declaravam abertamente gays e que por essa razão, de vez em quando uma era “assassinada por um rapaz do interior de Minas que o porteiro viu subir no

²⁰⁸ EMANUEL, Paulo. *Muito ótimo!* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979.

²⁰⁹ Termo utilizado pelo conselho editorial e pelos leitores para se referirem aos editores e colaboradores do *Lampião da Esquina*.

²¹⁰ BASTOS, José Fernando. *Escolha seu nome*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 9, novembro, 1978.

²¹¹ Idem.

apartamento com ela”.²¹² A *bichene* e a *bichópolis* eram os homossexuais que tinham um grande apego emocional com as celebridades e que gostavam de se encontrar nos grandes centros turísticos. Nas palavras de Bastos, *bichene* era a fã da cantora Marlene, podendo sofrer variações como “*bichal* fã do Sidney Magal”. Já a *bichópolis* mesmo morando em São Paulo, gostava de passar mais tempo no litoral, definida como a que “tem casa em Petrópolis ou Teresópolis, mas mora mesmo em Nilópolis”.²¹³

As *bichoc* e *bichicleta* foram classificadas pelo editor por meio de seus elementos físicos. Enquanto a *bichoc* era o homossexual marcado por seus traços de “feiura” descrita como “a que não pode abrir a porta sem avisar antes, do contrário quem estiver fora cai duro com a feiura dela”. A *bichecleta* era “a atleta, que tem mania de correr de manhã cedo na praia”. A *bicharm* e a *bichada*, tinham como traços de suas identidades a solidão e a tristeza. Eram os homossexuais que “sempre estavam com problemas sentimentais” eram aqueles que “já tentou suicídio várias vezes: corta os pulsos e corre pro hospital, se atira do primeiro andar [...]”. E por último, a *bicheira* e a *bichão* eram os homossexuais que performavam intencionalmente a imagem de heterossexuais. Bastos afirma que muitas dessas identidades tinham relacionamentos com mulheres, mas que apesar disso “no Rio, soltam como se podem” e “bebem, transam todas. No outro dia, fingem que não lembram”.²¹⁴

É evidente que as representações elaboradas pelo editor são limitantes, uma vez que é impossível que todas as identidades tidas como desviantes se enquadrem a essas categorias restritivas. Essas elaborações não tinham o objetivo de propor uma categorização rígida ou científica, mas expressaram as narrativas do *Lampião da Esquina* a respeito de como essas identidades se colocavam no período. Durante o século XX, os sujeitos que até então não possuíam espaço, emergem e começam a se colocar e reivindicar seus direitos. Nesse sentido, esses indivíduos que estão se inserindo na cena pública, passam a organizar e a instituir uma nova representação. Em outros termos, buscam elaborar a sua linguagem própria e atribuir significados para suas identidades.²¹⁵

Dessa forma, a classificação criada por José Fernando Bastos teve como *tática* o emprego do humor para a afirmação de características que supostamente estariam associadas a essas identidades. A linguagem humorística empregada pelo editor, ao se revestir de um sentido de leveza – não propondo ser algo sério ou formal – opera construindo

²¹² Idem.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo*. op. cit., p. 20.

representações acerca das variações do termo *bicha* e associa à essas identidades elementos que estariam relacionados a produção de suas subjetividades. A utilização do humor funcionou como *tática*, pois ao não se propor ser uma estruturação rigorosa, conferiu ao texto uma narrativa incontestável que atuou criando elementos que compuseram uma determinada identidade (esse movimento é realizado dentro de um campo mais amplo que é o de constituição de identidades). Um exemplo desse teor inquestionável que revestiu as elaborações criadas por Bastos, pode ser observado no decimo terceiro significado da palavra *bicha* criada pelo autor: a *bichata*, “aquela que se enquadrou em algumas das variações, mas vai escrever pra cá falando mal do Lampião”.²¹⁶

A escolha do emprego da palavra *bicha* não foi uma unanimidade entre o conselho editorial e chegou a incomodar o editor Francisco Bittencourt que na edição vinte e sete apontou que alguns colaboradores, “trouxeram para as páginas de Lampião um discurso ou uma terminologia que está dentro da filosofia do jornal, mas que vem sendo usado de maneira tão adolescente e antiga que parece mais apenas para ‘épater les bourgeois’²¹⁷”.²¹⁸ Bittencourt, criticou a postura dos demais editores e ressaltou que as “palavras como sapatona e viado estão sendo usadas dentro de uma linguagem de comício que as torna não pejorativa, mas de duas faces, e de um acento machista”.²¹⁹ Além do mais, apesar do termo *bicha* estar associado a uma postura de movimentos reivindicatórios que recorrentemente utilizavam essa linguagem para esvaziar seu conteúdo pejorativo,²²⁰ nas representações produzidas pelo periódico o termo indicou também uma relação com as tentativas do projeto político de organizar as experiências das múltiplas identidades que se sintetizavam em torno da concepção de homossexuais.

Ao longo das edições do *Lampião da Esquina* é possível observar “ora de forma implícita, ora explícita, a criação de uma identidade homossexual comum”.²²¹ Os processos de formações identitárias colocam em contato indivíduos e grupos que passam a compartilhar um conjunto de práticas, representações e crenças.²²² Desse modo, as tentativas do corpo editorial de organizar as experiências das identidades tidas como desviantes – além

²¹⁶ BASTOS, José Fernando. *Escolha seu nome*. op. cit., p. 9.

²¹⁷ Tradução nossa “impressionar a burguesia”.

²¹⁸ BITTENCOURT, Francisco. *Mais tesão, menos politicagem*. *Lampião da Esquina*, ano 3, n. 27, ago. 1980, p. 7.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 21.

²²¹ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 36.

²²² CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., p. 11-12.

de produzir uma identidade homossexual comum – levaram os editores a construírem uma identidade coletiva, produzindo memórias a respeito das homossexualidades e definindo o que deveria ser lembrado e esquecido acerca dessas identidades. As identidades coletivas são estratégias discursivas e simbólicas que tentam homogeneizar e caracterizar sujeitos individuais. A construção de uma identidade coletiva, não se refere somente a um conjunto de elementos comuns a um grupo, mas sim, em configurações e elaborações intencionais da narrativa que buscam criar noções gerais para agrupar os indivíduos em coletivos coesos.²²³ Nesse sentido, no decorrer das publicações identificamos que os editores agruparam as identidades fabricando e reafirmando uma hierarquia: entendidos ou esclarecidos; bichas/guei/²²⁴ deslumbradas; pintosas ou bonecas; bichas-loucas; travestis; bichas biônicas e transexuais.

A base da estrutura dessa hierarquização foi mapeada pelo historiador Ronaldo Pires Canabarro. O autor elaborou uma “escala de importância” que privilegia como parâmetro o grau que o masculino “pesava” ou “importava mais do que o feminino”. Sua escala determinava em grau de importância as identidades: 1) entendidos; 2) bichas e gueis; 3) pintosas; 4) bichas-loucas; 5) as/os que “fazem”; 6) as/os que “são” travestis.²²⁵ Utilizamos como base os estudos de Canabarro para demonstrar a forma pela qual os editores buscaram estruturar o grande grupo de identidades que se resumiam nos homossexuais. Além disso, nossas análises realizadas do jornal apontam que os termos esclarecidos e entendidos funcionavam como sinônimos, assim como as expressões bichas, guei, deslumbradas eram utilizadas para designar um mesmo grupo e as categorias pintosas e bonecas constituíam uma terceira classificação.

Diferente de Canabarro, nossas investigações do *Lampião da Esquina* evidenciam que o termo travesti estava mais associado às identidades que performavam o gênero feminino de forma momentânea e utilizavam de uma *montação* efêmera (relacionada ao uso

²²³ Ibidem, p. 31.

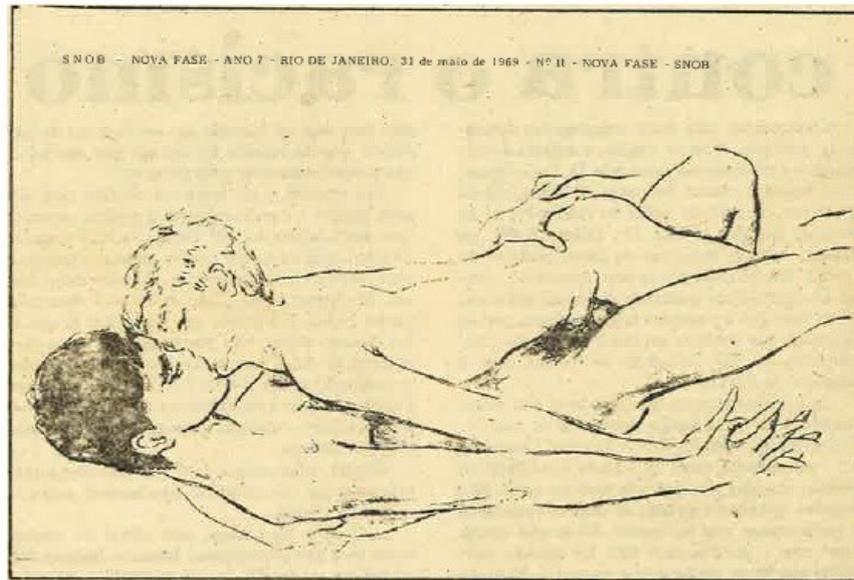
²²⁴ Os editores do *Lampião da Esquina*, frequentemente escreviam a palavra guei em oposição ao termo gay. Essa postura representava as escolhas semântico-políticas do periódico, que pretendia constituir uma nova identidade homossexual. Pode significar também, uma tentativa de abrigar o termo oriundo da língua inglês, pois conforme o editor Aguinaldo Silva o periódico “bagunçou logo o coreto, traduzindo a para guei, que significa absolutamente nada”. Ademais, a linguagem escrita utilizada pelos editores é apontada por Geovane Costa como sendo própria das características dos jornais alternativos, visto que, “variava de uma linguagem formal e erudita a uma linguagem mais coloquial, mais próxima da forma como se conversava nos espaços de sociabilidade homossexuais, incluindo gírias e expressões como ‘bichas’ e ‘viado’, por exemplo”. Ver mais em: CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 28; SILVA, Aguinaldo. *As palavras: para que têm-las?* *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 5, 25 jul. a 25 ago., 1978; COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo*. op. cit., p. 20.

²²⁵ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 100-101.

de maquiagens e adereços que poderiam ser retirados) para se construírem. Já a terminologia de bichas biônicas foi mais utilizada pelos editores para referenciar as identidades que performavam a feminilidade e realizavam modificações corporais mais permanentes, como a utilização de implantes e próteses. O termo indicava aquelas identidades que vislumbravam em seus corpos formas de produzir e inventar o feminino. Ademais, identificamos nas páginas do periódico a existência da identidade transexual que, em alguns momentos, foi representada e classificada pelos editores.

A ideia de homossexual entendido surgiu no final dos anos 1960 com o objetivo de se contrapor a figura da “deslumbrada” e das “bonecas”.²²⁶ E é a partir dos anos 1970 que esse modelo passou a caracterizar o homossexual que mantinha relações sexuais com outro homem homossexual, seja de forma ativa (penetrando) ou passiva (sendo penetrado). Nesse modelo, independentemente se um homem realizasse a atividade ou a passividade na relação sexual, ele passava a pertencer a identidade de entendido.²²⁷ Essa relação, foi ilustrada na capa do jornal *Snob*²²⁸ de 1969 que foi publicada na edição vinte e oito de 1980 do *Lampião da Esquina*:

Figura 3. Capa do jornal *Snob*.



²²⁶ RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 59.

²²⁷ FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 93-94.

²²⁸ O jornal *Snob* foi distribuído entre julho de 1963 e junho de 1969 de forma gratuita no Rio de Janeiro, nas regiões da Cinelândia e Copacabana. Possui noventa e nove edições regulares e uma edição “retrospectiva” e um dos fatores que levaram ao fim de sua circulação foi à intensificação da repressão à imprensa durante o governo de Emílio Medici. Ver mais em: GREEN, James Naylor; POLITO, Ronaldo. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil, 1870-1980*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 155.

Fonte: MICCOLIS, Leila. *Snob, Le Femme: os bons tempos da imprensa guei*. Lampião da Esquina, ano 3, n. 28, setembro, 1980, p. 6.

A ilustração, como descrito na parte superior, representou a “nova fase” do jornal *Snob*. Nessa fase, a proposta era a de promover uma outra perspectiva a respeito dos homossexuais, expondo que a relação entre dois homens poderia acontecer sem que um dos parceiros precisasse abandonar os elementos da identidade de gênero ligada ao seu sexo. A figura, apresenta dois homens – caracterizados de forma masculinizada – um deles com o pênis ereto e ambos de mãos dadas, afirmando que os homossexuais “entendidos” sabiam muito bem o que almejavam: se relacionar com outros homens sem que fosse necessário assumir trejeitos femininos e abdicar de performar a sua masculinidade. Agildo Guimarães, um dos responsáveis pelo periódico, relatou em entrevista concedida ao *Lampião da Esquina* que a “nova fase” do *Snob* foi marcada por “um momento em que resolvemos ‘assumir’” e “fizemos uma campanha para adotar outros nomes que não fossem de mulher”,²²⁹ fazendo menção aos pseudônimos femininos que os editores do boletim utilizavam para assinar as matérias das antigas edições do *Snob*. Na segunda edição do *Lampião da Esquina*, são divulgadas mais algumas ilustrações e informações que exemplificam as composições visuais dos homossexuais entendidos:

Figura 4. Ilustração do conto literário “Do outro lado da porta”



²²⁹ MICCOLIS, Leila. *Snob, Le Femme: os bons tempos da imprensa guei*. Lampião da Esquina, ano 3, n. 28, setembro, 1980, p. 6.

Fonte: ROCHA, M. *Do outro lado da porta*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 8, 25 jun. a 25 jul. 1978.

As figuras reproduzem um homem nu com músculos marcados e traços fortes de virilidade, logo abaixo vem acompanhado de um pequeno conto literário assinado por M. Rocha. Intitulado “do outro lado da porta” o texto narra a paixão entre dois homens que decidem declarar o seu amor abertamente. Como descrito, um dos parceiros – por manter uma dupla relação amorosa com a esposa e o amante – vivia constantemente em um “estado de dúvida que o amargurava”.²³⁰ Após “esclarecer” seus pensamentos, os amantes decidem não esconder mais suas paixões e passam a dividir a mesma casa. As imagens e as informações “modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo”.²³¹ Neste caso, elas indicam que o entendido é aquele homossexual que tem clareza de sua sexualidade e, portanto, é esclarecido a respeito de sua identidade.

O leitor José Alcides Ferreira reafirma essa noção. Ao manifestar sua opinião a respeito dos motivos do fim da circulação dos boletins *Eros* e *Little Darling* ele ressaltou que isso ocorreu pois os editores buscaram “apoio junto de uma camada de homossexuais bastante entorpecida pela bichice e não poderia, como estavam pretendendo, encontrar ajuda”.²³² Segundo Ferreira, o público a quem se dirigia esses periódicos não possuía um esclarecimento a respeito de sua posição enquanto homossexual e só conseguiam “se impor através do ridículo, da vulgaridade e do beautiful people indigesto [...]”.²³³ De acordo com o leitor, diferente desses jornais, as publicações do *Lampião da Esquina* estavam correspondendo às expectativas e necessidades dos homossexuais esclarecidos “ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas visuais congestionadas de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característico [...] pela bicha, incapaz de se impor como gente, como pessoa)”.²³⁴ Ferreira, ainda fez um apelo aos editores: “por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes”. Recebendo

²³⁰ ROCHA, M. *Do outro lado da porta*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 8, 25 jun. a 25 jul. 1978.

²³¹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. op. cit., p. 28.

²³² FERREIRA, José Alcides. *Pauladas na bichórdia*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 14, 25 jun. a 25 jul. 1978.

²³³ Idem.

²³⁴ Idem.

como resposta do conselho editorial a afirmativa: “pode deixar, Zé Alcides, que é com a gente mesmo”.²³⁵

A resposta positiva do conselho editorial dada ao leitor não impediu que Peter Fry, um dos editores do *Lampião da Esquina*, manifestasse sua perspectiva a respeito do assunto. Na edição quatro de 1978, Fry argumentou que apesar de não duvidar que a “maioria das coisas que se produz numa sociedade basicamente machista carregam a mancha” e que a distinção entre “bichas e homens diz muito a respeito da dominação dos homens sobre as mulheres na cama e na vida cotidiana”, considerou a colocação de José Alcides Ferreira “cruel e preconceituosa”, uma vez que, simplesmente descartou “o trabalho jornalístico de um verdadeiro pioneiro como Waldeiltom di Paula, o responsável pelo jornal [...] Little Darilng”.²³⁶ O posicionamento do autor, expõe a multiplicidade de opiniões que eram veiculadas pelo *Lampião da Esquina* e ressalta que o periódico era composto por um corpo editorial complexo e marcado por opiniões divergentes.

De certa forma, o surgimento dos homossexuais entendidos rompeu com a distinção entre a bicha e o homem heterossexual. Durante os anos 1960 cristalizou-se a concepção de que a identidade gay – mais especificamente a figura das *bichas* – se definia em relação à identidade heterossexual em termos de comportamento social e sexual. Nessa perspectiva, o heterossexual era considerado como aquele que se comportava de forma masculina, enquanto a *bicha* tendia a “reproduzir comportamentos geralmente associados ao papel de gênero (gender role) feminino”.²³⁷ Assim, no ato sexual o homem que penetrava não era necessariamente identificado como homossexual – pois penetrar era se comportar de maneira viril –. Já o homem que era penetrado, automaticamente era lido pelo social como homossexual (*bicha*), pois “o ato de penetrar e o de ser penetrado adquirem, nessa área cultural, através dos conceitos de ‘atividade’ e ‘passividade’, o sentido de dominação e submissão. Assim o ‘homem’ idealmente domina a ‘bicha’”.²³⁸

Essa mentalidade foi exposta em uma reportagem publicada na edição vinte e cinco do *Lampião da Esquina*. A notícia, produzida pelos editores Darcy Penteado e João Carneiro, expôs a investigação do caso da travesti Luisa Felpuda²³⁹ que foi assassinada pelo *miche* e

²³⁵ Idem.

²³⁶ FRY, Peter. *História da imprensa baiana*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 4, 25 ago. a 25 set. 1978.

²³⁷ FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade. op. cit., p. 90

²³⁸ Idem.

²³⁹ Tanto o processo judicial, quanto Jairo e seu advogado, classificavam Luisa Felpuda como sendo um homossexual e referiam-se a ela a partir de seu nome masculino (Luís Luzardo Corrêa). A matéria produzida

ex-soldado do exército, Jairo Teixeira Rodrigues. Felpuda, era proprietária de um *rendez-vous*²⁴⁰ – local onde Jairo trabalhava – e teria sido assassinada por ele após ter lançado uma cantada ao empregado que “aceitando, fez seu preço e transaram”.²⁴¹ Jairo, ao ser intimado a depor enfatizou “em todas as suas declarações que era homem e macho. Que sempre sentia nojo quando transava com viados. Que nunca deu e sempre comeu”. Seu advogado, justificou o crime pois, “transando com o patrão, Jairo teria se mostrado impotente, causando com isso a briga que levaria ao assassinado”.²⁴² Além disso, a morte de Luisa foi justificada pelo motivo de que ela “após o uso de alucinógenos, tentou inverter o relacionamento sexual e se Jairo aceitasse, mediante pagamento, seria mais um prostituto pelo desespero que a sociedade injusta oferece a uma geração”.²⁴³ Como exposto, as acusações de Jairo foram justificadas sob a alegação de que o criminoso era inocente, visto que, era simplesmente o ativo sexual da relação e que matou em defesa de sua virilidade. Conforme noticiado por Carneiro e Penteado, Jairo após “provar que não era bicha” seria julgado por um júri popular e “apelando para o mais piegas sentimentalismo” seria absolvido, “isto se, entretanto, não fosse dado como doente mental”.²⁴⁴

Como apontado pelos autores Peter Fry e Edward Mcrae, no campo da sexualidade ainda prenominava, no Brasil, uma percepção na qual não importava o gênero com quem se matinha relações sexuais, mas sim o papel sexual que seria desempenhado no ato. Como evidenciando na matéria acima, os homossexuais eram vistos pelo senso comum como aqueles que assumiam a posição de penetrados, enquanto os penetradores continuavam, de acordo com o pensamento do período, com uma imagem de macho e conseqüentemente de heterossexuais. Nesse sentido, os grupos de homossexuais organizados que estavam emergindo passaram a ter “uma grande preocupação com a possibilidade da oposição heterossexual e homossexualidade ou ativo e passivo [...] e da conseqüente instituição de

pelo *Lampião da Esquina* também associou, em determinados momentos, Luísa com a identidade de homem gay e referia-se a seu nome feminino fazendo o uso de aspas. Entretanto, optou-se por tratá-la no feminino e como travesti, pois os depoimentos de amigos registrados ao longo da notícia indicam que Luisa preferia ser tratada assim e se reconhecia enquanto identidade travesti. Ver mais em: CARNEIRO, João; PENTEADO, Darcy. *A morte de “Luisa Felpuda”*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, p. 4-5, jun. 1980.

²⁴⁰ Segundo a reportagem *rendez-vous* era uma casa que funcionava como ponto de encontro “de bichas, que pagavam oitenta cruzeiros por quarto, para uma trepada mais segura e discreta”. Ver mais em: *Ibidem*, p. 4.

²⁴¹ *Idem*.

²⁴² *Idem*.

²⁴³ *Ibidem*, p. 5.

²⁴⁴ *Ibidem*.

novas formas de rotulação, estigmatização e marginalização”, com isso buscavam outras formas de representar as relações entre as pessoas do mesmo sexo/gênero.²⁴⁵

Diante disso, algumas publicações do *Lampião da Esquina* tentaram romper com as representações que associavam a passividade a prática homossexual e a atividade sexual a heterossexualidade. Como por exemplo, uma tirinha, publica na edição trinta e seis do periódico que pretendia construir uma outra visualidade a respeito das relações sexuais entre as identidades masculinas:

Figura 5. Quadrinho da edição n. 36



Fonte: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 36, p. 16, maio. 1981.

²⁴⁵ COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo*. op. cit., p. 99

O quadrinho ironizou a relação sexual entre um grupo de amigos. Os homossexuais construídos pelo desenho não apresentam muitos elementos físicos ou fisionomia que os distinguem claramente. Tanto o personagem que desempenha a função de “atividade sexual” quanto o que está na posição de “passividade” são desenhados com as mesmas informações visuais: não existe uma roupa que os diferenciem totalmente, os cabelos são os mesmos, os corpos são parecidos e as suas expressões não expõe uma grande diferenciação. Nota-se, com isso, que apesar de ser uma identidade que buscava se desvincular de performances femininas, os homossexuais entendidos, em certa medida, representaram uma transformação cultural na forma pela qual o sexo e as sexualidades eram compreendidos no período.

O entendido ou esclarecido foi uma identidade que surgiu entre a classe média intelectual do Rio de Janeiro e de São Paulo, esses grupos negavam “termos pejorativos, tais como ‘viado’, ‘louca’ ou ‘bicha’, assim como também recusavam o maneirismo efeminado”.²⁴⁶ De forma geral essa concepção de identidade – apoiado em modelos norte-americanos – refletia uma pessoa mais reservada e carregava a perspectiva de que no comportamento sexual de homens gays aquele que penetra não é mais homem do que aquele que é penetrado.²⁴⁷ Nesse contexto, para ser um entendido era necessário que os homossexuais buscassem informações e se esclarecessem a respeito de suas identidades para assim assumi-las publicamente. Segundo João Antônio Mascarenhas, assumir-se representava:

[...] o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isto não se consegue nem rápida nem facilmente, mas em geral, a duras penas, depois de angústias e frustrações. Valera o esforço? Creio que sim.²⁴⁸

Assumir, esclarecer ou entender a respeito de sua identidade significava a inserção “com naturalidade” na sociedade, pois na medida que os homossexuais “impuserem-se, pela qualidade do trabalho, na indústria, comércio, política e outras atividades, haverá maior aceitação por parte dos heterossexuais”.²⁴⁹ Nesse mesmo sentido, o editor Darcy Penteado argumentou que “o homossexualismo é uma condição humana. E como tal, mesmo sendo de uma minoria, está exigindo seu lugar atuante numa sociedade, com o direito a uma existência

²⁴⁶ RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 58.

²⁴⁷ GREEN, James Naylor. Novas palavras, novos espaços, novas identidades, 1945-1968. In: *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 308.

²⁴⁸ MASCARENHAS, João Antônio. *Assumir-se? Por quê?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 2, 25 jun. a 25 jul. 1978.

²⁴⁹ Idem.

não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada [...]”.²⁵⁰ Assim, os homossexuais entendidos eram as identidades que representavam o “mínimo de ameaça possível à masculinidade dominante, pois apenas diferiam do homem heterossexual em sua prática sexual, mas não na aparência nem nos trejeitos”.²⁵¹ Para se afirmarem e se tornarem identidades validas “as representações inovadoras necessitam contemplar, ao menos parcialmente, aquilo que já se encontra em andamento, em processo de constituição no seio da própria sociedade [...]”.²⁵² Desse modo, o *Lampião da Esquina* buscando legitimidade para os homossexuais acomodou-se na sociedade vigente. Esse movimento de busca pela aceitação social gerou, em determinados momentos, um afastamento de identidades que performavam – em maior ou menor grau – o feminino, como por exemplo as bichas/guei/deslumbradas. Dito de outro modo, a análise realizada acima, expõem que a busca de determinados editores pela aceitação social reforçou os padrões sociais vigentes.

O surgimento do *Lampião da Esquina* compõe um cenário diversificado e marcado por relações conflitivas em torno das disputas e posicionamentos das identidades no interior do grupo denominado de homossexuais.²⁵³ Como apontado pelo leitor José Alcides Ferreira, as *bichas* não poderiam ser associadas aos entendidos, isto é, aos homossexuais que são “homens normais”.²⁵⁴ Assim, as bichas, gueis ou deslumbradas, de acordo com o discurso do jornal, estavam um pouco abaixo dos esclarecidos pois “ainda que com características predominantemente masculinas, há trejeitos e afetações que denunciam a feminilidade”.²⁵⁵ Nas edições do *Lampião da Esquina* há algumas ilustrações que exemplificam a elaboração visual das bichas deslumbradas:

²⁵⁰ PENTEADO, Darcy. *Homossexualismo: que coisa é essa?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 2, 25 jun. a 25 jul. 1978.

²⁵¹ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 100.

²⁵² RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo*. op. cit. p. 21.

²⁵³ *Ibidem*, p. 115.

²⁵⁴ FERREIRA, José Alcides. *Pauladas na bichórdia*. op. cit. p. 14.

²⁵⁵ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 100.

Figura 6. Ornamento de página e publicidade



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A imagem da esquerda é um ornamento de página²⁵⁶ veiculado na edição sete de 1978. Nela é exibida a figura de um homem que possui traços que evocam e afirmam sua masculinidade, como por exemplo, o maxilar marcado e os ombros largos e fortes. Apesar disso, a ilustração apresenta alguns elementos que são constantemente reiterados ao feminino como as sobrancelhas finas, o uso de acessórios e adereços e os cílios alongados.²⁵⁷ Já a figura da direita, publicada na edição quinze de 1979 é uma publicidade do jornal *Repórter*. Na gravura existem dois homens que apesar de seus bigodes e traços fortes de virilidade estão em posição de “deslumbrados”, ou seja, de fascínio diante do jornal. A palavra deslumbrada é o feminino de deslumbrado. O mesmo que: alucinada, ingênua e perturbada. A pessoa que está deslumbrada tem a visão ofuscada devido a luz ou o brilho em excesso. Deslumbrar, significa ainda perturbar o entendimento de alguém.²⁵⁸ Nesse sentido, o homossexual deslumbrado era aquele que – apesar de seus elementos masculinos – estava

²⁵⁶ Os ornamentos de páginas são denominados pelos editores de selos ou rubricas. Conforme as informações disponíveis no periódico, eles foram criados por Patrício Bisso e fazem parte de uma iniciativa do conselho editorial em tornar a linguagem do Lampião da Esquina um pouco mais descontraída. Ver mais em: LAMPIÃO DA ESQUINA. Desafio aos cartunistas. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 2, 25 jul. a 25 ago.

²⁵⁷ A classificação e distinção dos sistemas sexo e gênero, isto é, das práticas que estariam associadas ao masculino e ao feminino, ocorreu ao longo dos séculos. Michel Foucault aponta que os elementos que estão relacionados a sexualidades foram classificados, definidos e enquadrados em sistemas de controle e comando. Para o autor, existem quatro operações em torno do controle do sexo. A primeira é um dispositivo de bargem que busca interditar uma prática e difundir-la a ponto de sua exterminação. A segunda busca enquadrar os corpos, suprimindo-os e atribuindo um viés analítico. Esse foi o movimento que aconteceu com a homossexualidade, antes tida como sodomia – um tipo de prática – depois posta como um problema de uma espécie, criando-se uma personagem específica que precisava ser combatida. A terceira são as perpetuas espirais de poder e prazer, que realizam um movimento de tornar o sexo uma coisa médica e de colocar o prazer no campo da dominação. E a quarta são os dispositivos de saturação sexual que atuam de forma a dissipar e fragmentar os desejos sexuais e as sexualidades. Ver mais em: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*. op. cit. p. 42-47.

²⁵⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 242.

momentaneamente trajando ou performando o feminino. Era a identidade que performava na maior parte do tempo sua masculinidade – não negava os traços de virilidade que constituíam seu corpo –, mas que em certos momentos se deixava ofuscar pelo brilho das pintosas ou bonecas, perdendo assim o “esclarecimento” de sua identidade e ficando em um estado de desentendimento.²⁵⁹

As pintosas ou bonecas, eram os homossexuais que ultrapassavam “o limite das bichas e não passam despercebidas – não tem passibilidade heterossexual e ‘dão pinta’”.²⁶⁰ Para o editor João Antônio Mascarenhas, a pintosa ao “falar com voz de falsete, fazer ademanes alambicados, dar gritinhos e requebrar os quadris” estava imitando a “mulher objeto-sexual [...] idealizada pelos machistas”.²⁶¹ Segundo Mascarenhas, esse tipo de identidade não aceitava sua “orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial)” e devido a isso passava a representar um empecilho para a afirmação dos homossexuais entendidos pois, conforme a perspectiva do editor, ao “dar pinta” os pintosos forneciam “argumentos aos machistas, que se negam a admiti-los como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional”.²⁶²

As pintosas eram consideradas, pelos editores, inferiores aos entendidos e, portanto, existiam alguns espaços que essas identidades não poderiam transitar. O leitor Modesto de Souza, por exemplo, garante que a cidade de Fortaleza é “uma cidade entendia”. Assim, ele enviou ao jornal um pequeno “gay-guide”, ou seja, um roteiro turístico elencando os principais pontos de encontros e espaços de sociabilidades destinados ao público homossexual. No roteiro de viagem, Souza indicou que os homossexuais visitassem o bar “Carinhoso”, local onde “as pintosas não entram” e tudo é muito discreto: “nada de travesti, nem de pintosas de outras marcas”.²⁶³ Em algumas edições do *Lampião da Esquina* foi apresentada a visualidade das pintosas:

²⁵⁹ Na edição dezenove contém outra representação visual do homossexual deslumbrado. O desenho feito por Hélio Braga retrata um homem nu com traços um pouco mais finos e com um corpo – que apesar de afirmar o masculino através de seu falo exposto – é representado posando de forma mais delicada.

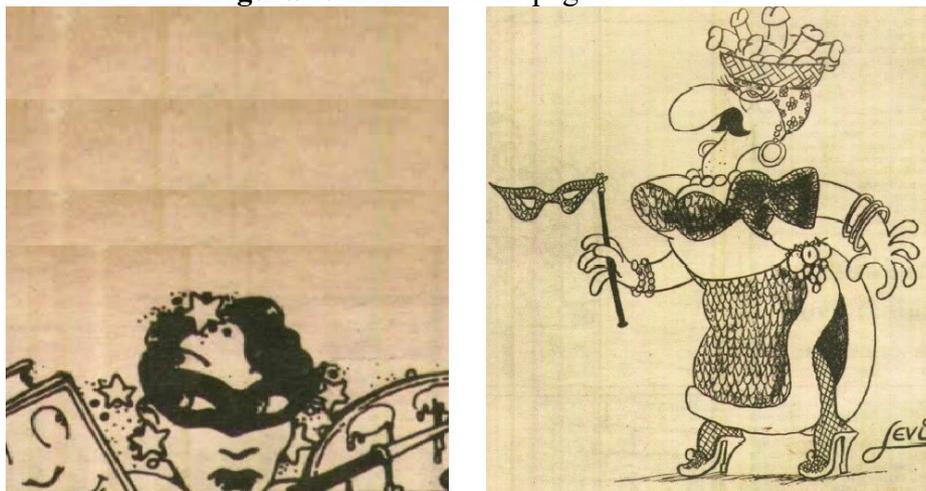
²⁶⁰ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 100.

²⁶¹ MASCARENHAS, João Antônio. *Sobre tigres de papel*. op. cit., p. 9.

²⁶² Idem.

²⁶³ SOUZA, Modesto. *Fortaleza: um gay-guide*. *Lampião da Esquina*, ano 1, n. 7, dez. 1978, p. 4.

Figura 7. Ornamento de página e cartum



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponível em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A imagem da esquerda, disponível na edição treze de 1979, apresenta a ilustração de um homossexual que não esconde sua feminilidade. Suas sobrancelhas arqueadas, o uso de adereços extravagantes, como por exemplo, seus brincos e máscara, e suas expressões finas revelam explicitamente as marcas do feminino em sua performance. Enquanto a figura da direita, publicada na edição vinte e dois, é um cartum que representa de forma mais agressiva a visualidade do homossexual pintoso. Além de deixar mais ressaltado os atributos femininos que marcam o corpo de um homossexual pintoso (como as pulseiras, o salto alto, as vestimentas) o desenho exibe uma cesta sobre a cabeça da personagem carregada de falos. A imagem, reforça as elaborações criadas pelo editor de que essa identidade não aceita sua “orientação sexual com naturalidade” e que, portanto, não se enquadra facilmente na sociedade. Além disso, a cesta cheia de membros e os olhos da figura fixados em sua direção indicam que os homossexuais pintosos não conseguem esconder seus desejos, tendo assim, estampado em sua cabeça suas vontades sexuais. Sendo a efeminação “evidentemente artificial”, Mascarenhas argumentou que a postura das pintosas é agressiva:

O sujeito pintoso agride, e agride porque se sente inseguro e, no fundo, tem um sentimento de culpa, porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual, precisa dar bandeira, mostrar a todos que constitui parte de um grupo anatematizado. O estigmatizado curva-se ante o opressor e passa a julgar-se obrigado a usar a marca que o ferreteador escolheu para ele.²⁶⁴

²⁶⁴ MASCARENHAS, João Antônio. *Assumir-se? Por quê?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 2, 25 jun. a 25 jul. 1978.

A análise acerca das homossexualidades pintosas ou bonecas elucida as contradições que permeavam a constituição e fortalecimento dessas identidades entre 1970 e 1980. Ao afirmarem que a feminilidade é construída culturalmente – haja vista que evidenciavam um padrão comportamental de homossexualidade, cuja performance do masculino deveria ser valorizada para não fornecer “argumentos aos machistas” – os editores do *Lampião da Esquina*, conseqüentemente, recorreram a elementos do sistema sexo/gênero para moldar uma identidade homossexual coesa, que pudesse compor as novas possibilidades anunciadas pela redemocratização. É contraditório, pois ao passo que desconstruíam certos estigmas relacionados a essas identidades – por exemplo, a ideia de que os homossexuais eram degenerados e perversos – se apoiavam em valores da virilidade, recorrendo a masculinidade para desassociar os homossexuais do estigma da “não reprodutividade” e da não necessidade para o funcionamento social.

Se o pintoso agredia por ter interiorizado os valores machistas e com isso passava a agir de modo não natural, ou seja, de forma mais feminina que um homossexual entendido, a bicha-louca era produzida, por determinados editores, como uma identidade que estava em desvairo.

Para o jornal a bicha-louca era bicha por ser feminina e louca por ser pouca esclarecida e desinformada a respeito de sua identidade homossexual.²⁶⁵ O artigo intitulado “Louca e muito da baratinada” publicado na edição oito de 1979 e escrito por Hector e Ricardo da Frente de Libertação Argentina no Exílio expôs que por pertencermos à uma sociedade na qual “a monogamia patriarcal reconhece só dois papéis sexuais e definidos muito precisamente. Toda manifestação que saia destes limites se converte automaticamente numa coisa maldita”.²⁶⁶ Os autores apontam que a bicha-louca tem comportamentos “exagerados” pois internalizou a opressão do patriarcado.²⁶⁷ Assim, diante de um sistema de imposições “a louca se vê obrigada a viver, a autuar, tratando de assumir uma identidade” e seu ponto de partida “é o repúdio que sente pelo papel masculino, sinônimo de machista [...] nega-se a ser homem. Portanto, lhe restará um único caminho: o papel feminino”.²⁶⁸

²⁶⁵ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 103-104.

²⁶⁶ HECTOR; RICARDO. *Louca e muito da baratinada*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 4, jan., 1979.

²⁶⁷ Segundo o artigo, assumir o papel do sexo oposto também era um fenômeno que poderia ser observado na mulher que adota o papel masculino: “neste caso, a mulher repudia um papel que é desprezado e tratado como inferior, e desembocará no papel privilegiado e prestigiado, que é o do opressor”. Ver mais em: HECTOR; RICARDO. *Louca e muito da baratinada*. op. cit. p. 4.

²⁶⁸ Idem.

Nesse sentido, para os autores a bicha-louca “diante da imposição de uma escolha entre dois modelos identitários, repudiaria o papel masculino e veria no papel feminino o único caminho para realização de seus desejos”.²⁶⁹ Além disso, esse homossexual estaria louco pois quando o processo de interiorização da opressão se inicia ele “ainda não pode ter acesso ao assunto desde uma análise ideológico libertária e acredita que o masculino e o feminino são sinônimos de mulher e homem, únicos papéis sexuais e sociais”.²⁷⁰ Hector e Ricardo, descrevem mais alguns elementos que compõem a caracterização da bicha-louca:

[...] se só há dois papéis, duas maneiras de viver o sexo; a louca desejará, na realidade cotidiana e também em suas fantasias um homem “normal” e ele, a louca, será a mulher com todas as características e as taras que o costume e a tradição ordenam. Apelará para a maquilagem, para os gestos sedutores, moverá as cadeiras provocadoramente. A voz será aguda, histérica. As mãos, muito bem tratadas, mostrarão anéis, e o queixo tenderá a elevar-se. Quer dizer, a louca ver-se-á obrigada a imitar a mulher ideal [...] e o destino destes objetos sexuais é o de uma Marilyn Monroe.²⁷¹

Como exposto no trecho, o repúdio da masculinidade abre espaço para a negação do próprio corpo pois “se deseja conquistar um homem que deve desejar uma mulher. Então, os órgãos sexuais da louca, como os do travesti ou do transexual (que chega à emasculação) se convertem em uma moléstia”.²⁷² De acordo com os autores, a bicha-louca está na beira na insanidade e ao descartar “a possibilidade de penetrar genitalmente em seu companheiro” ocultando seu órgão genital, ela produz uma dicotomia angustiante inserindo sua relação sexual “no campo da heterossexualidade, como uma caricatura”. Segundo o fragmento, a louca negando seu corpo, e obrigando seu companheiro a um determinado papel, permanecerá prisioneira do esquema machista e estará muito perto de se tornar uma travesti ou no extremo de seu devaneio uma bicha biônica.²⁷³

As representações e visualidades construídas pelo *Lampião da Esquina* acerca das identidades travestis foram marcadas por muitas contradições. Assim como o termo homossexual – que funcionava como um grande guarda-chuva que abrigava identidades travestis, gays e lésbicas – a palavra travesti foi utilizada para apresentar uma multiplicidade de experiências: “uma mais próxima do ‘ser’ travesti, com o corpo modificado [...]; e um ‘fazer’ travesti na montagem [...]. Poder-se-ia ser travesti, mas também fazer travesti, ainda

²⁶⁹ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 103.

²⁷⁰ HECTOR; RICARDO. *Louca e muito da baratinada*. op. cit. p. 4.

²⁷¹ Idem.

²⁷² Idem.

²⁷³ Idem.

que todas fossem, nos discursos correntes na época, homossexuais em uma escala de feminilidade”.²⁷⁴ Existiu uma dicotomia que marcou as representações dessas identidades e as imagens abaixo apresentam algumas dessas diferenças:

Figura 8. Cartum e capa



Fonte: LAMPPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponível em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A figura da esquerda é uma tirinha publicada em 1980 na edição vinte e três. Ela demonstra que a travesti é um homem que se constrói de elementos femininos que podem facilmente ser retirados ou desmontados. Nesse sentido, o desenho retrata uma mulher, mas que a meia noite perde seu “encanto” e revela sua real identidade masculina. Portanto, para os editores do periódico existiam aquelas travestis que poderiam “retirar toda a feminilidade ‘artística’ da maquiagem e adereços”.²⁷⁵ Já a imagem da direita é a capa da edição trinta e dois de 1981 que exibe um grupo de travestis vestindo a camisa do time de futebol do Vasco e abaixo os seguintes dizeres “cinco páginas sobre as bichas biônicas, e mais uma entrevista com Rogéria, o Zico desta seleção”.²⁷⁶ Diferente da tirinha, essas travestis não podem

²⁷⁴ CANABARRO, Ronaldo Pires; MEYRER, Marlise Regina. *Travesti: textos-vestígios*. op. cit. p. 21-22.

²⁷⁵ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 100.

²⁷⁶ Na página nove da mesma edição, contém algumas informações sobre o local da foto e os nomes das travestis que aparecem na capa: “A partir da esquerda, agachadas: Sandra Mara, Kiriaki, Marlene Casanova, Verushka Ângela Leclery e Jane. De pé: Cláudia Celeste, Elaine, La Miranda, Fujica e Monique Lamarque. As camisas do Vasco e a bola foram gentilizadas da Rey das Calças - Moda Jovem Unisex. O palco é do Teatro Alaska, e a produção Foi de João Paulo Pinheiro. Foto: Ricardo Tupper”. Ver mais em: LAMPPIÃO DA ESQUINA. *A foto da nossa capa*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 9, jan. 1981.

simplesmente remover o feminino de suas identidades, elas possuem implantes, silicones e modificações que marcam permanentemente seus corpos. Segundo o jornal, são as “bichas biônicas”, ou seja, identidades que fazem parte de “um grande grupo de homossexuais masculinos, pessoas que nasceram com pênis, mas que não costumam se relacionar afetivossexualmente com pessoas que nasceram com vagina”.²⁷⁷

Apesar de suas transformações permanentes e da marca evidente do feminino em seus corpos, a bicha biônica ainda era vista pelos editores como parte do grupo de homossexuais. Isso é reforçado pela fotografia vinculada na capa: as travestis performam a feminilidade com seus cabelos longos, seios e implantes, mas estão vestidas com camisas de time de futebol para relembrar os vestígios de sua performance masculina. Como parte integrante da imagem dos homossexuais, as identidades travestis foram alvos de determinações por parte do público leitor do *Lampião da Esquina*. José Alcides Ferreira, em sua carta, escreveu que um homossexual ao se revestir de feminilidade atua a “serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher”.²⁷⁸ Para Ferreira, um homossexual “fantasiado de mulher” ostenta um “comportamento alienado e sexista” e não representa “nenhum perigo para os códigos de honra do macho. Uma criatura destas é somente produto da decadência da cultura ocidental”.²⁷⁹

Como apontado por Ronaldo Pires Canarrabaro as representações das identidades homossexuais realizadas pelo *Lampião da Esquina* “deliberadamente não incluí as pessoas transexuais, que desde aquela época carregam o rótulo de doentes mentais, ainda por conta de existirem tanto mulheres como homens transexuais”.²⁸⁰ Certamente para os editores, as transexuais não estavam totalmente associadas a identidade de homossexuais, entretanto notamos que em algumas edições essa identidade foi representada pelo periódico e, em determinado modo, relacionada ao grupo de homossexuais e confundidas com as travestilidades. No artigo “homossexualismo: que coisa é essa?” escrito por Darcy Penteado e publicado na segunda edição de 1978, o editor apresentou que:

É possível que o ser humano, em sua origem mais primária tenha sido bissexuado porque os dois órgãos sexuais, masculino e feminino, em suas partes periféricas são dotados de predisposição bissexual. O mesmo deve então acontecer [...] no cérebro,

²⁷⁷ CANABARRO, Ronaldo Pires; MEYRER, Marlise Regina. *Travesti: textos-vestígios*. op. cit. p. 16.

²⁷⁸ FERREIRA, José Alcides. *Pauladas na bichórdia*. op. cit. p. 14.

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis*. op. cit., p. 101.

contendo centros masculinos e femininos responsáveis pelo gênero de atuação sexual. A homossexualidade resultaria então da predominância no centro errado, isto é, do sexo oposto. Esta teoria é aceitável, mas não deixa de ser discutível, porque se encaixa perfeitamente como definição de transexualismo, mas carece de mais elementos para o homossexualismo, cujo comportamento psíquico difere, sem ser gradativo ou correlacionado com o outro citado.²⁸¹

De acordo com o fragmento, o comportamento homossexual difere do “transexualismo”, pois esse teria como principal característica uma mudança cerebral que determinaria seu gênero “errado”. Assim, uma identidade transexual agiria de forma contrária às normas ditadas pelo seu sexo/gênero, diferente de um homossexual que não necessariamente tem sua sexualidade incompatível com seu sexo/gênero. A teorização de Penteado, não era um consenso entre o conselho editorial. Para o editor Adão Costa, por exemplo, as identidades transsexuais mesmo após terem “cortado tudo” não deixavam de ser “visivelmente homossexuais” uma vez que, “são os ambientes homos que elas procuram, são os amigos homos, é a mesma velha mitologia homo que elas continuam a cultivar pela vida a fora”. Para Costa, as transexualidades mudam “a aparência, mas, debaixo desta, o que continua existindo é uma boa bicha, castrada ou não”.²⁸² Na edição trinta e cinco é exibida uma ilustração que exemplifica essa concepção:

Figura 9. Cartum publicado na edição n. 35



Fonte: Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981.

A imagem expõe que mesmo após a cirurgia as transexuais continuam mantendo antigos costumes, pelo fato de que sua identidade, ainda que diante de todas as modificações

²⁸¹ PENTEADO, Darcy. *Homossexualismo: que coisa é essa?* op. cit. p. 2.

²⁸² COSTA, Adão. *Quem lucra com esta operação?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981.

que possam ocorrer, permanece sendo masculina. De acordo com Adão Costa, as transexuais “são bichas que ganham um arremedo de xoxota, mas continuam com identidade masculina, ou seja, ainda são os senhores fulano de tal, e não as madames que gostariam de ser”.²⁸³ Nesse mesmo sentido, o editor João Antônio Mascarenhas, evidenciou que a travesti – caracterizada por alguns editores do *Lampião da Esquina* como homossexual – em nada diferenciava de uma transexual, visto que, ela chegava “a submeter-se a operações cirúrgicas para ocultar a identidade. Sua ambição máxima consiste em transfigurar-se na mulher *vamp*,”²⁸⁴ no sofisticado objeto sexual tão comercializado por Hollywood nas décadas de 30 a 50”.²⁸⁵ Nesse ponto, é necessário perceber que o discurso médico da época (nos parâmetros atuais considerado cis heteronormativo) classificou as transexualidades como patologia e, indiretamente, esse discurso médico é reiterado tanto nas narrativas de Antônio Moreira quanto de Darcy Penteado ou na ilustração de Levi.

A partir da análise realizada, é possível verificar que as composições acerca das travestilidades foram motivos de disputas representacionais entre os membros que compunham o conselho editorial do periódico. Tal fato pode ser entendido, visto que, existiu conflitos entre o corpo editorial devido a diferentes perspectivas que o periódico deveria assumir. Membros como Aguinaldo Silva buscaram produzir um jornal mercadológico que pudesse ser comprado por uma quantidade maior de pessoas. Outros como João Silvério Trevisan – com influências do movimento gay de San Francisco – direcionaram o jornal para um aspecto intelectual. Existiam ainda, uma outra parte do conselho editorial que desconfiava de tudo que vinha dos EUA e direcionaram o jornal para a crítica ao Regime Militar. Apesar disso, existiu dois grandes núcleos de editores que comandaram o *Lampião da Esquina* – o núcleo do Rio de Janeiro administrado principalmente por Aguinaldo Silva e o núcleo de São Paulo, comando principalmente por Darcy Penteado e João Silvério Trevisan e na maioria das vezes, como Aguinaldo desempenhava a função de coordenar a edição a palavra final do que seria publicado era dele.²⁸⁶

²⁸³ Idem.

²⁸⁴ Mulher *vamp* é um arquétipo de mulher sedutora, atraente e que leva os homens que delas se aproximam ao perigo e ao pecado. Ver mais em: FERRARESI, Carla Miucci. *Papéis normativos e práticas sociais: o cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos de 1920*. 2007. 508 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 343 Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde16072007101615/publico/2_VOLUME2.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

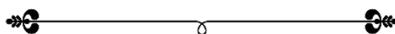
²⁸⁵ MASCARENHAS, João Antônio. *Sobre tigres de papel*. op. cit., p. 9.

²⁸⁶ RODRIGUES, Jorge Caê. *Um Lampião iluminando esquinas*. op. cit., p. 100-106.

Diante do apresentado, nota-se que as identidades travestis foram construídas pelos editores por meio de representações conflitivas e contraditórias. Assim, não houve um consenso entre o conselho editorial acerca das práticas e imagens que representariam essas identidades. Entretanto, sendo a travesti considerada como parte dos homossexuais – seja pelos padrões impostos pela sociedade do período ou pelos discursos do corpo editorial que em certa medida introjetavam a mentalidade de seu tempo – foi necessário para os editores que as travestilidades fossem classificadas, representadas e enquadradas ora como pertencentes aos homossexuais ora como identidades desvinculadas desse grupo.

Capítulo 2

As travestis na mira do Lampião: elaborações discursivas e composições imagéticas construídas pelo corpo editorial acerca das travestilidades



*Lembro-me destes sábios, porém óbvios conceitos aprendidos no colégio para exemplificar o surgimento resultante de uma simbiose, de um novo ser da categoria humana o travesti. Quem é ou o que é, afinal, o travesti?*²⁸⁷

Darcy Penteado

Informações do relatório da Comissão Nacional da Verdade indicam que durante “todo o período da ditadura, as políticas de controle social e de repressão política adotaram, em muitos casos, um viés conservador em termos morais”.²⁸⁸ Essa ideologia propagada pelo regime deu respaldo para que as polícias civis e militares elaborassem “estudos criminológicos de centenas de travestis, recomendando a contravenção penal de vadiagem como instrumento para o combate à homossexualidade”.²⁸⁹ Nesse sentido, o delegado Guido Fonseca,²⁹⁰ responsável por comandar esses estudos, delimitou uma série de elementos para facilitar a caracterização, identificação e perseguição das travestilidades. Ele prescreveu que o cadastro policial das travestis deveria “ser ilustrado com fotos dos pervertidos, para que os juízes pudessem avaliar seu grau de periculosidade”, atribuindo a essas fotografias uma grande importância no inquérito policial.²⁹¹

²⁸⁷ PENTEADO, Darcy. *O travesti, este desconhecido*: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 12, março, 1980.

²⁸⁸ COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Textos temáticos*. op. cit., p. 307.

²⁸⁹ Idem.

²⁹⁰ Guido Fonseca, foi delegado do 4º Distrito Policial de São Paulo. Ele foi responsável por prender cerca de 300 travestis e obrigá-las a preencher termos e declarações com informações referentes a trabalho e renda. Rafael Freitas Ocanha, expõe que Fonseca produzia relatórios nos quais registrava “fotografias de transgêneros como exemplo de ilustração para o inquérito policial por vadiagem”. Segundo Ocanha, essas imagens “poderiam colaborar para a construção do contraventor penal de vadiagem, perante o juiz de direito”. Ver mais em: OCANHA, Rafael Freitas. *Travestis paulistanas na mira da Polícia Civil: a prática da Contravenção Penal de Vadiagem (1976-1977)*. In: *Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP, 2016, São Paulo*, p. 4. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475255809_ARQUIVO_RafaelOcanha-TextoCompleto.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

²⁹¹ OCANHA, Rafael Freitas. *“Amor, Feijão, Abaixo Camburão” – imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983)*. 2014. 217f. Dissertação (Mestrado em História), PUC, São Paulo, 2014, p. 47. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12830/1/Rafael%20Freitas%20Ocanha.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Em 1980, foi a vez do periódico *O Estado de S. Paulo* tentar uma definição para o que eles denominaram de “criminosos que invadiram às áreas residenciais da cidade”.²⁹² A reportagem intitulada *Ninguém os quer, nem a polícia* apresentou as travestis “como anormais que precisam de tratamento especializado [...], pois possuem deficiência de educação, de formação física, intelectual e moral”.²⁹³ Dessa forma, nota-se que as publicações do jornal operaram de forma a produzir uma opinião pública que implementava os “estereótipos do travesti perigoso na mentalidade coletiva da população”.²⁹⁴

Nos jornais da grande imprensa as travestis eram constantemente retratadas “de forma essencializada, com o intuito de simbolizar o mal da sociedade e explicar o crime”.²⁹⁵ Exemplo disso, é a matéria intitulada *Esquina precisa de policiamento*, dessa vez, veiculada no periódico *Folha de São Paulo*. A reportagem descreveu as travestis como “fenômeno da prostituição” e, tentando mensurar as práticas das travestilidades, as caracterizou como “prostitutas e marginais” que durante “a madrugada, promovem brigas e arruaças, pondo em perigo a segurança dos moradores”.²⁹⁶

Além do discurso propagado pela grande imprensa – que frequentemente associou as práticas travestis ao crime, à violência e à perversão – alguns periódicos da imprensa alternativa também se dedicaram em elaborar representações acerca das travestilidades. Foi o caso da primeira edição do boletim *ChanaComChana*²⁹⁷ de 1982 que publicou os apontamentos realizados pela francesa Antoinette Fouque²⁹⁸ no Primeiro Festival das

²⁹² O ESTADO DE SÃO PAULO. *Ninguém os quer, nem a polícia*. Reportagens. São Paulo. Maio de 1980, p. 36. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

²⁹³ Idem.

²⁹⁴ OCANHA, Rafael Freitas. *Amor, feijão, abaixo camburão*. op. cit., 18.

²⁹⁵ Ibidem, p. 77

²⁹⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. *Esquina precisa de policiamento*. A cidade é sua. São Paulo. Agosto de 1980, p. 14. Disponível em: < <https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=&periododesc=05%2F07%2F1982&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=05&month=07&year=1982&jornais=> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

²⁹⁷ O *ChanaComChana* foi um boletim que circulou entre 1981 e 1987 na cidade de São Paulo. O periódico tinha como objetivo criar um espaço de debate entre mulheres lésbicas e articular uma luta feminista nacional, expondo reivindicações próprias das mulheres. Ver mais em: MARTINS, Larissa Pinto; CAETANO, Marcio; BRAGA, Keith Daiani da Silva; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 50, 2020.

²⁹⁸ Antoinette Fouque foi uma psicanalista francesa e uma das fundadoras do MLF (Movimento de Libertação das Mulheres). CHANACOMCHANA. *Festival de Mulheres nas Artes*. São Paulo: Grupo de Ação Lésbica-Feminista, n. 1, 1982, p. 10. Disponível em: <<https://acervobajuba.com.br/?s=chanacomchana>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Mulheres nas Artes.²⁹⁹ De acordo com Fouque, o que uniria as mulheres em torno de uma luta seria suas características biológicas, visto que, “um homem pode ser ‘feminista’ até o extremo do travesti e do transexual, mas não é por isso que tornar-se-á mulher (diferença por sexo)”.³⁰⁰ Conforme descrito, as travestis e transexuais por mais feminino que seus corpos poderiam performar ainda eram tidas como homens e, portanto, não poderiam ser entendidas como mulheres.

Diante do apresentado, nota-se que existiu um interesse por parte de diferentes meios e segmentos sociais em compor elementos para definir e explicar as identidades travestis. Desse modo, preocupados em desvincular a imagem dos homossexuais de atributos propagados pelo discurso da grande imprensa – que construiu as travestis como homossexuais perigosos e marginais – e entendendo que determinadas organizações feministas reivindicaram para as travestis o lugar do masculino, parte do grupo que compôs o corpo editorial do *Lampião da Esquina* se dedicou em produzir e publicar suas percepções e definições a respeito das travestilidades. Assim, no decorrer deste capítulo buscou-se compreender: quais foram os discursos textuais e imagéticos mobilizados pelo *Lampião da Esquina* para construir as travestis? Sob quais ideias e valores os editores e colaboradores do periódico elaboraram essas identidades? E qual é a identidade travesti que o jornal procurou compor?

Como forma de analisar os questionamentos propostos, o presente capítulo foi estruturado em três seções. A primeira delas, dedica-se as análises das construções imagéticas e textuais que foram produzidas pelo corpo editorial a respeito das travestilidades. Na segunda parte as investigações são destinadas a compreensão de como em diferentes setores sociais havia uma preocupação em categorizar as travestis. Foi evidenciado como certos colaboradores do periódico tentaram teorizar e mensurar essas identidades. Na terceira seção do capítulo, após apresentar as concepções dos colaboradores, empreendeu-se uma análise das seções *tendências* e *esquina*³⁰¹ buscando construir um inventário imagético e fornecer indícios acerca das construções de *práticas imaginárias*, ou seja, a forma pela qual as produções culturais vão compor um conjunto de imagens do que seria as travestis.

²⁹⁹ Foi um evento organizado por Ruth Escobar que ocorreu do dia 3 ao dia 12 de setembro de 1982, na cidade de São Paulo. O festival tinha como objetivo reunir as “várias formas de expressão da capacidade artística da mulher, a muito silenciada pela sociedade falocrática”. Idem, p. 7.

³⁰⁰ Idem, p. 9.

³⁰¹ A seção *tendências* era dedicada a exposições culturais como livros, peças teatrais filmes e ilustrações. Já a seção *esquina* era reservada para a publicação de artigos e notas variadas.

2.1 – Arremessando as primeiras pedras: as composições editoriais acerca das práticas travestis

*Pode-se dizer e pensar o que quiser sobre o travesti, mas uma coisa é certa: além de ativa, a nossa rapaziada é criativíssima. Basta olhar. Com beijos, plumas e algum paetê.*³⁰²

Rafaela Mambaba

Na edição experimental do *Lampião da Esquina*, publicada em 1978, a leitora Elisa Doolitie de Salvador-Bahia solicitou aos editores que a questão das travestilidades fosse matéria do periódico.³⁰³ Doolitie, encarava o assunto com certa curiosidade e questionou os editores se eles “poderiam publicar umas fotos de Eloína,³⁰⁴ o travesti, aquela que sai quase nua na Beija-Flor”.³⁰⁵ Ela escreveu ao jornal com o interesse de descobrir se era “verdade que o nome [de Eloína] não poderia aparecer na televisão durante o desfile, para que todo mundo pensasse que era uma mulher”.³⁰⁶ Os editores esclareceram a leitora que estava em sua pauta uma “ampla matéria sobre travestis”. A resposta dada a sua carta evidenciou ainda, que as travestis eram um ponto importante a ser debatido pelo periódico, pois ao contrário do que acreditava Doolitie o nome de Eloína era “permitido na televisão sim, mas não se poderia dizer que se tratava de um homem”.³⁰⁷

³⁰² MAMBABA, Rafaela. *Quem atira a primeira pedra?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 8, 25 ago. a 25 set., 1978.

³⁰³ Na edição experimental o conselho editorial publica uma nota explicando a ideia da seção de *cartas na mesa*. Conforme descrito, a seção tinha como objetivo funcionar como “uma espécie de tribuna através da qual seus leitores pudessem se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal”. Além disso, as cartas que se enquadrassem com a “linha de ideias que norteou a criação do jornal” poderiam ser selecionadas para serem publicadas como artigos. Assim, nesta pesquisa entendemos que a seção de *cartas na mesa* não é um espaço livre e autônomo no qual os leitores expressam seus pensamentos de forma direta e livre de qualquer forma de controle, mas sim um texto produzido pelo jornal, pois quem seleciona “as cartas que seriam publicadas, os títulos que seriam dados a elas, os trechos que seriam apresentados e os que serão suprimidos, a página em que seriam registradas e a extensão do espaço destinado a cada uma delas era o *Lampião da Esquina*.” Ver mais em: LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 14, abril, 1978; BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 78.

³⁰⁴ Em 2023 Eloína dos Leopoldos, retornou, depois de quase cinquenta anos, a seu posto de Rainha de Bateria na Beija-flor. Ao comentar sobre sua participação, ela relata que “é maravilhoso estar de volta. Eu sou resistência, sou o que restou da minha geração”. Ao reviver esse momento, Eloína comenta que “se lembra de Joãozinho Trinta. Ele sempre me falava ‘como você vai fazer quando estiver velha?’. Aqui estou eu, sendo homenageada com essa oportunidade de desfilar novamente”. Ver mais em: ANTRA. Primeira travesti rainha de bateria, volta ao Carnaval, após quase 50 anos. 21 fev. 2023. Disponível em: < <https://antrabrasil.org/noticias/> >. Acesso em: 22 fev. 2023.

³⁰⁵ DOOLITIE, Elisa. *Homens nus*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 14, abr. 1978.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ Idem.

A edição quatro de 1978 atendeu as reivindicações realizadas pela leitora. A tiragem imprimiu na capa os dizeres: “Travestis! Quem atira a primeira pedra?”.³⁰⁸ Como exposto, quando o assunto se tratava de teorizar a respeito das travestilidades, seria o *Lampião da Esquina* que daria os primeiros passos e abordaria a temática. Nesse contexto, é necessário considerar que a consciência social opera interferindo nos processos de rememoração e que os sujeitos sociais são responsáveis por produzirem alterações e atuarem na construção de memórias.³⁰⁹ Portanto, o fato dos editores se proporem em “atirar as primeiras pedras” demonstra certo interesse em configurar narrativas que buscassem explicar e, de certa forma, construir uma identidade para as travestilidades.

A primeira reportagem publicada no *Lampião da Esquina* que discutiu a questão das travestilidades foi assinada pela personagem fictícia Rafaela Mambaba. Segundo os editores, Mambaba era “uma entidade mítica que periodicamente baixava em alguém da redação – em qualquer um, ela não tem preferência” ela era “uma bicha que, nas várias encarnações pelas quais passou, foi sempre perigosíssima e assustadora”.³¹⁰ Conforme observou Marcio Bandeira, a personagem foi frequentemente utilizada pelo conselho editorial para evitar que as respostas dadas as cartas dos leitores fossem associadas a um editor em específico.³¹¹ Para além disso, observamos que Mambaba foi evocada constantemente para tratar de assuntos que não eram consenso entre os editores, como por exemplo, reportagens a respeito das travestilidades. Entendemos que a figura da Rafaela Mambaba foi mobilizada pelos editores como *estratégia* para tratar da temática das travestilidades, portanto, consideramos importante apresentar algumas características que envolveram a construção dessa persona.

De acordo com Edward Macrae, Rafaela Mambaba era “um personagem fictício de sexo ambíguo [...] possuidora de uma língua ferina, do tipo normalmente atribuído a travestis e ‘bichas loucas’”.³¹² É possível perceber que o heterônimo nasceu a partir de reivindicações de leitores que cobraram a articulação de uma “imprensa guey que traga a força pela união, e não a fragilidade pela cizânia; pois é tempo de frentes não de querelas”.³¹³ A carta assinada por P. Camargo, pediu que o público leitor do *Lampião da Esquina* tentasse se aproximar

³⁰⁸ LAMPÃO DA ESQUINA. *Capa*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 1, de ago. a 25 de set., 1978.

³⁰⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. op. cit., 22.

³¹⁰ CARTAS NA MESA. *Uma questão de linguagem*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 14, dez. 1978.

³¹¹ BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* op. cit. p. 80.

³¹² MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 149.

³¹³ CAMARGO, P. *De frentes e querelas*. *Cartas na mesa*, *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 14, 25 jul. a 25 ago. 1978.

mais da bichórdia e compreendesse que as bichas e travestis eram “um povo atolado até o pescoço no mangue do subdesenvolvimento cultural (e outros)” e que devido a isso agiam “em trajes e gestos” para tentar “vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhe salga a vida”.³¹⁴ A palavra bichórdia, mencionada pelo leitor, foi apropriada pelo jornal e transformou-se no nome de uma coluna: bixórdia. Na edição cinco, os editores apresentaram uma definição para o termo:

BIXÓRDIA, s.f.: em machês, palavra originária de ‘bicha’ s.i. (substantivo indefinido) somada a ‘mixórdia’ s.f.: mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ex.: vale tudo, né queridinhas?³¹⁵

Como destacado, a coluna era destinada aos mais diversos assuntos. Nela se encontrava a mistura dos entendidos, das bichas e das tias. Era nesse espaço, onde “vale tudo”, que Rafaela Mambaba exerceu sua função de comentar, sempre de forma irônica e debochada, a respeito de temas polêmicos e controversos. A postura desempenhada pela personagem, chegou a ser criticada pelo público leitor. J. C. L. expôs seu incomodo destacando que tem consciência de que Rafaela Mambaba não existe e que foram os editores que “inventaram uma pessoa com esse nome para mostrar o lado descontraído, do qual se envergonham”.³¹⁶ Nota-se, que a palavra “descontraído” é utilizada pelo leitor para se referir ao comportamento dos homossexuais mais “desinibidos”. Recorrentemente, empregava-se esse termo para designar as práticas das bichas pintosas – homossexuais que não escondiam sua feminilidade, portanto, não passavam despercebidos –. Assim, ao mencionar a palavra, o leitor inferia que Mambaba era mobilizada pelos editores para que eles pudessem exercer sua feminilidade sem se envergonharem e para que eles pudessem “dar pinta” sem comprometer sua identidade “entendida”.

Em nota publicada na edição cinco, os editores comentaram que “alguns leitores do Lampião acham que a Rafaela Mambaba – como se sabe, figura de natureza controvertida, ignorante, beberrona, falaz – deveria se chamar Mão-boba, porque só escreve bobagens”.³¹⁷ A presença da personagem intrigou tanto os leitores que alguns chegaram até a considerar que Mambaba fosse real. Sueli Almeida, da cidade de São Paulo, escreveu em carta

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Bixórdia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 12, out. 1978.

³¹⁶ J. C. L. *O povão, onde está o povão?* op. cit. p. 19.

³¹⁷ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Bixórdia*. op. cit. p. 12.

endereçada ao periódico que tinha interesse de adquirir o "Dicionário de Mestra Mambaba", fazendo referência a um suposto livro escrito pela personagem que conteria um glossário com as principais expressões utilizadas pelos homossexuais.³¹⁸

Para solucionar as dúvidas que surgiram em torno da figura da Rafaela Mambaba, os editores produziram uma reportagem completa sobre o “incrível, fantástico e extraordinário: Rafaela Mambaba”.³¹⁹ A reportagem – que foi destaque da capa da edição vinte e dois – veiculou algumas fotografias da suposta aparência do heterônimo e uma entrevista com a personagem:

Figura 10. Fotografias da Rafaela Mambaba



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, "alive and well"! Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 6-7, fev. 1980.

Observa-se que as fotografias mobilizaram alguns elementos que eram muito utilizados durante os anos 1970 e 1980 para construir o imaginário social da travesti-prostituta, como por exemplo, a postura provocativa, a lingerie e os seios amostra. Assim como filósofo Walter Benjamin, que define o passado como um *flash* que só pode ser apreendido “no momento da aparição, sendo impossível recuperá-lo a não ser como imagem daquilo que deixou de existir”, a historiadora Ana Maria Mauad destaca que a fotografia também é uma espécie de condensação de tempos “que já não existem, mas permanecem

³¹⁸ ALMEIDA, Sueli. *Uma questão de linguagem*. Cartas na mesa. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 14, dez. 1978.

³¹⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, "alive and well"!* Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 6-7, fev. 1980.

estáticos na superfície fotográfica, como se previssem o futuro”.³²⁰ Nesse sentido, partindo da noção de biografia de imagens no tempo – metodologia utilizada pela autora – é possível perceber que a composição de uma imagem feminina, seminua e com semblante debochado já havia aparecido em diferentes mídias da época.³²¹ Em 1979, o ator Anselmo Vasconcelos,³²² por exemplo, recorreu a esses artifícios para caracterizar a travesti Eloína no filme *República dos Assassinos*:

Figura 11. Cenas do filme República dos Assassinos, 1979



Fonte: Captura e montagem produzida pelo autor. REPÚBLICA dos Assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roteiro de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Rimas filmes do Braisl Ltda., 1979.

A película em questão, teve direção de Miguel Faria Junior e foi baseada no livro *República dos Assassinos*, escrito por Aguinaldo Silva. As cenas do drama policial, assim

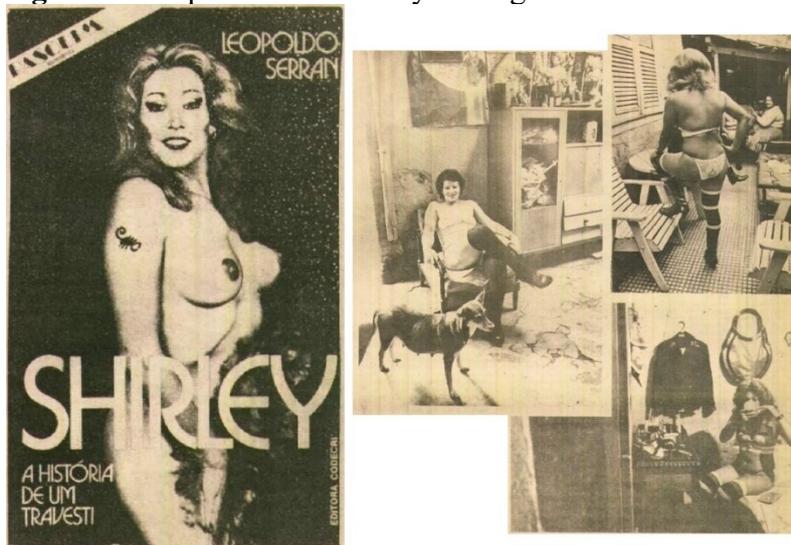
³²⁰ MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. *História: Questões & Debates*, v. 61, n. 2, p. 106, dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/39008>>. Acesso em: 24 out. 2022.

³²¹ Trajetória biográfica de uma imagem consiste considerar que uma fotografia carrega em si os sentidos históricos das gerações. Paralelamente a isso, o estudo da biografia imagética evidencia que os sentidos de uma imagem se transformam e adaptam-se as novas ordens, configurações e espaços ao decorrer de suas ressignificações. Nesse sentido, Mauad aponta que empreender tal análise expõe que as imagens podem constituir um novo regime de historicidade visto que elas “fornecem sentido às ações coletivas, criam memórias das gerações, atribuem valor ao que parece ordinário, mas, sobretudo, conseguem transformar expectativa em esperança”. Ver mais em: MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? op. cit. p. 132.

³²² Segundo entrevista concedida ao *Lampião da Esquina*, Anselmo Vasconcelos era um ator que frequentemente interpretava personagens viris no cinema, no teatro e na televisão. No depoimento, Vasconcelos informa que “aprendeu a transar com a própria ambiguidade, com a coisa feminina que existe dentro dele” para interpretar a travesti. Ressalta ainda, que apesar de ter sido Eloína durante seis meses, era apenas um filme e ele “nunca teria sido um homossexual”. Ver mais em: LAMPIÃO DA ESQUINA. *Durante seis meses ele foi Eloína. Mas é apenas um filme*. Reportagem. Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 10-11, set. 1979.

como as fotografias utilizadas pelos editores para arquitetar a imagem da Rafaela Mambaba, percorrem um caminho imagético semelhante: a caracterização da travesti como uma identidade sensual e depravada, com um olhar provocador e que constrói seu corpo para o sexo. Segundo Mauad, as imagens se reciclam em um processo contínuo de produções de sentido – denominado de *antropologia da imagem*³²³ pelo historiador da arte alemã Hans Belting – e as figuras enquanto símbolos estão sempre se tornando “novas imagens em novos processos de simbolização”.³²⁴ Por meio desse pressuposto, é possível demonstrar outros dois momentos da trajetória percorrida na constituição dessa imagem:

Figura 12. Capa do livro *Shirley* e fotografias de Válter Firmo



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponível em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A figura da esquerda, é a capa do livro *Shirley*, um roteiro-romance de Leopoldo Serran publicado em 1979.³²⁵ Já as da direita são fotografias feitas por Válter Firmo e publicadas em uma reportagem – na terceira edição do *Lampião da Esquina* de 1978 – que

³²³ *Antropologia da imagem*, consiste em pensar que todas as imagens contêm em si imagens novas e distintas. Belting, aponta que o corpo de uma imagem é constituído de práticas sociais em que os sujeitos incorporam as imagens, sejam como representações ou como objetos e gestos corporais. Juntamente com essa metodologia, é preciso pensar no conceito de *intermedialidade*. Tal conceito, propõe pensar nas relações entre novas e velhas imagens e de como tais noções são constantemente reiteradas nas análises: “com os novos meios se pode observar características dos velhos meios que até então não tinham sido percebidas”. Ver mais em: MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? op. cit. p. 116.

³²⁴ MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? op. cit. p. 155.

³²⁵ Leopoldo Serran foi roteirista e escritor brasileiro. A publicação de *Shirley* tem a forma de roteiro pois, quando escrito originalmente tinha por objetivo ser uma produção cinematográfica. Através da coleta de diversos depoimentos de travestis, Serran publica a história de Shirley, personagem fictícia que segundo ele representava a história de travestis que aceitavam enfrentar todas as humilhações para serem fiéis aos seus desejos. Ver mais: SERRAN, Leopoldo. *Shirley: a história de um travesti*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

buscou descrever as experiências de vida das prostitutas que moravam nas “zonas”. A partir da construção deste catálogo imagético, é possível observar que a caracterização do heterônimo Rafaela Mambaba envolveu um movimento incessante de produções de sentido, cuja estética de um corpo libertino e afrodisíaco foi conjurado como *estratégia* pelos editores do periódico para suavizar o caráter controverso que revestia as reportagens a respeito das travestilidades. Além do mais, a definição da persona como um ser místico cujos os “olhos sempre mudam de cor quando entra num barato”³²⁶ e que está constantemente sussurrando as “palavras que as pessoas gostariam de esquecer”³²⁷ atribuiu aos editores uma certa liberdade para usufruírem da ironia e criticar “o quanto o universo estereotipado gay era perverso para aqueles que nele viviam”.³²⁸

Após apresentar os elementos utilizados pelos editores para caracterizar a personagem e expor a função desempenhada pelo heterônimo, partiremos para a análise das publicações que versaram sobre a temática das travestilidades. Nosso objetivo, ao realizar esse movimento, é compreender como os editores do *Lampião da Esquina* compuseram, textual e imageticamente, a identidade travesti.³²⁹

Em 25 de agosto de 1978, foi publicada a primeira reportagem do *Lampião da Esquina* que se dedicou em abordar a temática das travestilidades. Pontuando que a experiência “travesti tem até fortes trancetes históricos”, a publicação – assinada por Rafaela Mambaba – destaca-se por utilizar de uma linguagem satirizada para reconstruir uma possível trajetória histórica do surgimento da travesti.³³⁰ Através da figura do imperador romano Nero, que segundo Mambaba “se intitulava ‘homem de todas as mulheres e mulher

³²⁶ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Incrível, fantástico, extraordinário*. op. cit. p. 7.

³²⁷ CARTAS NA MESA. *Uma questão de linguagem*. op. cit. p. 14.

³²⁸ HEEREN, Jose Augusto de Castro. *O armário invertido: comunicação e discurso sobre a luz do Lampião*. 2011. 240 f. p. 177. Dissertação (mestrado em comunicação). Faculdade Casper Libero: São Paulo. 2011. Disponível em: < <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/O-Arm%C3%A1rio-Invertido.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

³²⁹ Como já explicitado, o trabalho metodológico que desenvolvemos com o *Lampião da Esquina* resumiu-se em leitura das edições e posteriormente a produção de fichas técnicas que destacavam a temática das travestilidades. Assim, reuniu-se uma grande quantidade de reportagens, imagens, cartas de leitores, artigos de opinião e entrevistas que tratavam desse tema. O mapeamento realizado, indicou que a posição do corpo editorial sobre a prática travesti era uma temática recorrente nas edições. Nesse sentido, para a escrita deste item, optamos por selecionar os materiais que contribuíssem para construção de uma análise que expressasse um panorama geral a respeito das visualidades e representações editoriais das práticas travestis. Ademais, as edições que escolhemos para deter nossos estudos tiveram como critério expor as flutuações e contradições acerca dessas composições. Diante da quantidade de material levantado e considerando que esta dissertação não ter por objetivo esgotar o assunto, deixamos sinalizados mais algumas edições que apresentam a posição do conselho editorial diante das práticas travestis: ed. 01, p. 11; ed. 08, p. 8; ed. 09, p. 03; ed. 10, p. 06; ed. 13, p. 03; ed. 17, p. 16; ed. 22, p. 12; ed. 23, p. 03; ed. 31, p. 14; ed. 32, p. 01; ed. 32, p. 03; ed. 35, p. 18.

³³⁰ MAMBABA, Rafaela. *Quem atira a primeira pedra?* op. cit. p. 8.

de todos os homens””, a reportagem fabricava a travesti como uma identidade que “nas noites em que sua parte feminina atacava não tinha dúvidas: enfiava uma peruca, punha uma togazinha leve e partia pra barra pesada”.³³¹ Como exposto, a *montação* de um corpo efêmero e construído para a diversão e entretenimento compunha o que os editores denominaram de “o visual do travesti brasileiro”.³³²

A entrevista publicada na página seguinte reforçou essa perspectiva adotada pelos editores. Ao descrever o processo de *montagem*³³³ de Jorge Alves de Souza,³³⁴ a matéria expôs que “como um verdadeiro artista, com pincel e tintas ele vai aos poucos se transformando numa loura charmosa e linda, com ares de cinema mudo” e quando finaliza “temos diante de nós Geórgia Bengston, seu duplo, uma criatura que ele criou há vários anos, mas com a qual dificilmente se confunde”.³³⁵ Segundo seu depoimento, Geórgia/Jorge era uma travesti que promovia seus projetos artísticos através da profissão de esteticista que exercia durante o dia, pois como explicitado por ela: “salário de travesti é igual ao de gráfico de firma em decadência: está sempre descendo” e se “vivesse só de shows, estaria roubado”.³³⁶

A manipulação do feminino e do masculino realizada por Geórgia/Jorge foi explorada na entrevista de modo a construir a travesti como identidade artística ligada aos palcos e espetáculos. Os editores destacaram ainda que, embora Geórgia fosse “uma profissão noturna que rendia glórias e dissabores” era Jorge, sua identidade masculina, “diurna, rotineira, que

³³¹ Idem.

³³² Idem.

³³³ Montagem é uma terminologia utilizada para se referir aos processos de manipulação e construção de uma apresentação feminina. Nessa construção, muitas vezes, são mobilizados elementos simbólicos para a produção de uma identidade. É preciso considerar que esse processo geralmente envolvem uma *montagem estratégica*, na qual as identidades – as vezes por uma manipulação da vergonha e em outros momentos para transitar em escala de exposição à violência – vão reiteradamente construir e desconstruir sua feminilidade e masculinidade. Ver mais em: DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens*, op. cit., p. 106; BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita*, op. cit., p. 25.

³³⁴ Rita Rodrigues, assinala que Jorge Alves de Souza era Geórgia um ator de teatro e transformista, que escrevia, dirigia e produzia suas próprias peças. Suas produções tinham como marca o emprego do humor, da crítica social e política. Geórgia, foi um dos primeiros atores transformistas “a ousar se apresentar nos palcos da Baixada Fluminense, então representada no imaginário médio carioca como região apenas constituída pela miséria, sujeira e violência”. Ver mais em: RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. Poder, gênero, resistência, proteção social e memória: Aspectos da socialização de “lésbicas” e “gays” em torno de um reservado em São João de Meriti, no início da década de 1980. 2006. 238 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social) - UFF, Niterói, 2006, p. 193. Disponível em: < <http://politicassocial.uff.br/wp-content/uploads/sites/124/delightful-downloads/2017/02/RitaCassiaColacoRodrigues.pdf> >. Acesso em: 15 fev. 2023.

³³⁵ LAMPIÃO DA ESQUINA. “*Mimosas*”, *sim; mas é bom não confundir*. Reportagem. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 9, 25 ago. a 25 set., 1978.

³³⁶ Idem.

lhe dava dinheiro”.³³⁷ Além disso, a imagem dos homossexuais entendidos foi resgatada na entrevista para esclarecer que mesmo Geórgia/Jorge sendo travesti, buscava ser “bem-informado [...] sobre todos os assuntos e saber o que estava acontecendo no resto do mundo”. Sendo entendido dos assuntos, ela era capaz de rejeitar a imagem que criavam da travesti como alienada e que vivia “permanentemente num ‘mundo de fantasias’”. Seu entendimento contribuía também, para que Geórgia/Jorge “difícilmente se confundisse” com a manipulação do feminino e achasse “um absurdo capar um homem, porque mesmo depois da operação ele nunca será uma mulher”.³³⁸

Além de construir textualmente as travestis – como uma criatura feminina que se manifesta a noite para suprir os desejos do seu duplo (diurno) masculino – a primeira reportagem a respeito das travestilidades, tratou de encomendar com “Maurício Domingues, proficiente fotógrafo do bando de Lampião, um ensaio sobre o visual do travesti brasileiro”:³³⁹

Figura 13. “Visual do travesti brasileiro” fotografias de Maurício Domingues



Fonte: MAMBABA, Rafaela. *Quem atira a primeira pedra?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 8, 25 ago. a 25 set., 1978.

Mauad chama atenção para o fato de que as imagens não existem, mas são construídas. A autora ressalta que capturar a “realidade” consiste em “produzir imagens e a

³³⁷ Idem.

³³⁸ Idem.

³³⁹ MAMBABA, Rafaela. *Quem atira a primeira pedra?* op. cit. p. 8.

historiografia produzida pela câmera envolve a construção da estrutura fotográfica, que tanto produz como reconfigura a compreensão e significação histórica”.³⁴⁰ Nesse contexto, observa-se que o ensaio fotográfico ocupou a maior parte da reportagem. Essa configuração, indica que o conselho editorial privilegiou a construção imagética das travestis antes de qualquer representação textual. Além disso, considerando que “o mundo se transforma diante de nossos olhos depois de fotografado” e que “a fotografia geometriza, nivela e classifica”,³⁴¹ é possível perceber que o ensaio fotográfico das travestis e a entrevista com Geórgia/Jorge promovem uma síntese de imagens que despertam na lembrança dos espectadores a visão de um corpo que performa durante a madrugada a diversão, a festa e a gozação, mas que ao amanhecer retorna para sua origem identitária: um homossexual masculino que, como qualquer cidadão, trabalha honestamente para garantir sua sobrevivência.

Essa representação da travesti – resumida a um corpo voltado para o divertimento – e as imagens veiculadas pelos editores – de travestis seminuas cobertas de “plumas e paetês” – foram criticadas na carta da travesti Bamby de Azevedo, da cidade de São Paulo:

[...] eu gostaria de pedir que se vocês não puderem dar as mãos aos travestis pelo menos, façam silêncio em relação a nós e não façam comentários do tipo: “O interessante desta festa do Mis Gay é que os rapazes estavam numa boa, não usavam silicone e pelo que parece não sonham em virar mulher” [...] A outra frase: “é bom lembrar que todos saíram do clube sem querer ser travesti” [...].³⁴²

A reportagem que incomodou Bamby e fez com que sua correspondência fosse publicada na seção de *Cartas na Mesa* com o título de “travesti protesta”, foi assinada pelo editor Adão Acosta e publicada na edição dezesseis de 1979.³⁴³ O editor, foi responsável por acompanhar a festa dos *Miss Gay 79* realizada na cidade de Juiz de Fora - Minas Gerais. Segundo Acosta, a festa consistiu em uma “gostosa brincadeira dos homossexuais” na qual “os rapazes todos de Juiz de Fora, se travestiam numa boa” e ao invés de “sonharem em virar

³⁴⁰ MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? op. cit. p. 107.

³⁴¹ Ibidem. p. 188.

³⁴² AZEVEDO, Bamby. *Travesti protesta*. Cartas na Mesa. Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 19, novembro, 1979.

³⁴³ Ronielyssom Cezar Souza Pereira, apresenta que o fato de as cartas publicadas no periódico apresentarem um título que normalmente estava associado com o seu conteúdo, indica que elas eram lidas e escolhidas pelos editores antes de serem publicadas. Ver mais em: PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. “*Gay-macho*”, “*travesti*” ou “*bicha pintosa*”? – a produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal lâmpião da esquina (1978-1981). 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017, p. 91. Disponível em: < <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3158> >. Acesso em: 01 mar. 2023.

mulher” eles “partiram pra gozação, como é comum no carnaval, mas com bom gosto e muita criação”.³⁴⁴

As críticas de leitores a respeito do posicionamento do periódico diante das práticas travestis apareceram também, na carta escrita pelo leitor Jairo Ramos do Rio de Janeiro. Ele relatou que “não concorda com a discriminação que vocês [editores] fazem contra os travestis”. Destacou ainda, que “sempre o *Lampião* escreve mal sobre os travestis brasileiros; que tem plástica ou são cheios de silicone etc. Não vêem o lado artístico deles [...]”.³⁴⁵ O conflito travado entre as identidades representadas no jornal, demonstra que apesar do conselho editorial buscar uma unificação em torno das identidades homossexuais, suas publicações ressaltaram as diferenças culturais, regionais, de sexualidade e de gênero que apontam para múltiplos caminhos e possibilidades.

Edward Macrae, ressalta que as publicações do *Lampião da Esquina* tinham “como política, publicar as principais cartas críticas que recebia, embora, muitas vezes, juntando uma resposta desaforada”.³⁴⁶ De fato, as repostas dadas as cartas de Bamby e Jairo apresentaram essa característica. A correspondência de Bamby, por exemplo, foi respondida pelo próprio Adão Acosta que tratou de justificar que mesmo ficando “muito feliz com a cartinha, e mais ainda com a opinião reivindicatória” houve um mal-entendido por parte de Bamby, pois segundo ele “não sou contra os travestis ou qualquer minoria”.³⁴⁷ Acosta, esclareceu também que as críticas realizadas ao silicone utilizado por algumas travestis são embasadas em “uma série de pesquisas realizadas no exterior, em relação ao material”. Além disso, a resposta do editor recorreu a *tática* da unificação das identidades em torno das pautas do grupo de homossexuais para questionar Bamby se travestis e gays estariam “no mesmo barco, ou não?”.³⁴⁸

No que diz respeito a carta de Jairo, a resposta não foi assinada por nenhum editor em específico, mas é possível notar que recorreu a elementos semelhantes aos utilizados para responder aos escritos de Bamby. Os editores explicaram para Jairo que quando eles dizem “que alguns travestis brasileiros se submetem a plásticas ou a implantes de silicone, estão

³⁴⁴ ACOSTA, Adão. *Juiz de fora elege sua 'miss gay'(TFM aplaude)*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 13, set. 1979.

³⁴⁵ RAMOS, Jairo. *Sobre os travestis*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979

³⁴⁶ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 163.

³⁴⁷ ACOSTA, Adão. *Travesti protesta*. *Cartas na Mesa*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 19, novembro, 1979.

³⁴⁸ Idem.

fazendo uma constatação, e não uma crítica”.³⁴⁹ Eles pontuaram ainda, que mesmo o jornal procurando mostrar que “existe homossexuais para todos os gostos [...] o simples fato de uma pessoa ser travesti não basta para transformá-la em notícia, dentro de um jornal guei”.³⁵⁰

Nesse contexto, observa-se que a resposta dada às cartas, além de conterem traços de desaforo, recorreram a uma autoridade intelectual atribuída aos “Senhores do conselho”. Por mais que os escritos de Bamby e Jairo tivessem um poder reivindicatório e pautassem que o jornal alterasse a perspectiva com que as questões das travestilidades eram tratadas, era o conselho editorial – formado por artistas e intelectuais – que iria informar seus leitores e deliberar como a temática seria abordada. Assim, estando embasados em inúmeras pesquisas realizadas no exterior os “Senhores do conselho” não entendiam “de onde saiu essa história de que nós somos contra os travestis”.³⁵¹

Diante do exposto, verifica-se que as epístolas escritas por Bamby de Azevedo e Jairo Ramos tensionaram as representações produzidas pelos editores do periódico acerca do corpo, identidade e subjetividade das travestilidades. Além de expor *lutas representacionais*, essas cartas explicitam que as composições realizadas pelos editores – por mais que objetivassem capturar precisamente os significados de ser travesti – não resumem todas as práticas dessas subjetividades. Dito de outra forma, as imagens e textos recorridos pelo conselho editorial para representar as travestis mobilizam uma, dentre muitas, possibilidades que envolvem a subjetivação dessas identidades. Portanto, essas imagens e textos produzidos e divulgados pelo periódico oferecem uma análise dos encadeamentos e das interações sociais e mais do que produzir uma única representação, elas expõem que as composições travestis arquitetadas pelo *Lampião da Esquina* estabelecem “uma relação representacional, entre tantas outras” possíveis.³⁵²

As críticas na forma pela qual as publicações do *Lampião da Esquina* abordaram a temática das travestilidades não ficaram restringidas ao público leitor. É possível verificar, que as composições acerca das travestilidades também foram motivos de disputas representacionais entre os membros que compuseram o conselho editorial do periódico. Nas edições vinte dois, vinte e três e trinta e dois, por exemplo, nota-se conflitos entre o editor

³⁴⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Sobre os travestis*. Cartas na mesa. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979.

³⁵⁰ Idem.

³⁵¹ Idem.

³⁵² JÚNIOR. Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade, op. cit., p. 74.

Darcy Penteado e o colaborador Luiz Carlos Lacerda³⁵³ acerca da “função” que a travesti deveria desempenhar na sociedade e no movimento homossexual. Nesse sentido, partiremos para a análise dos principais fatores que envolveram essa batalha pela homogeneização da identidade travesti.

Em 1980, Darcy Penteado dedicou-se, nas edições vinte e dois e vinte e três, em teorizar a respeito da função social que as travestis deveriam ocupar na sociedade. Na edição vinte e dois, o ensaio – que foi tema central da capa –, intitulado “o travesti esse desconhecido: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma” pontou que:

Hoje, travesti ficou sendo aquele (ou aquela bem mais raramente) que usa roupas do sexo oposto e que elabore o próprio corpo com atitudes, posturas, maquilagem, hormônios e cirurgias plásticas a fim de assemelhar-se ao sexo imitado - o que ironicamente, no caso atual de certos travestis masculinos, supera em feminilidade o modelo adotado.³⁵⁴

Segundo Penteado, a travesti era “um indivíduo dotado de boa dosagem homossexual” e que para satisfazer o próprio ego tentava “uma semelhança como o sexo oposto”.³⁵⁵ Buscando esclarecer as dúvidas entre as características que diferenciava as travestis das transexuais, o editor expôs que enquanto “os transexuais almejam ser mulheres simples e caseiras [...] os travestis têm alma de vedete ou de mulheres mundanas”. Penteado, prosseguiu em seu ensaio destacando que “os enxertos plásticos conseguem dar aos travestis resultados incríveis de simulação” e após transformarem “um corpo antes masculino ou levemente dúbio para o feminino, com seios inflados de silicone líquido, quadris igualmente inflados e evidenciando a cintura” as travestis “complementando com longos cabelos coloridos, maquilagem e muito charme” conseguem ser “superiores as mulheres comuns”.³⁵⁶

Dentro da lógica do editor, as travestis ao atingirem a superioridade de uma “mulher comum” poderiam desenvolver sua “função social”, ou seja, a prostituição. Tentando designar estabilidade e homogeneidade a coletivos que são heterogêneos,³⁵⁷ Penteado explicou que “difícilmente se pode falar sobre travestismo [...] que não seja ligando-o

³⁵³ Nasceu no Rio de Janeiro (capital), em 15 de julho de 1945. Escritor, roteirista e diretor de cinema. Autodidata. Dirigiu entre outros: *Mãos Vazias*, 1972; *O Princípio do Prazer*, 1979; *Leila Diniz*, 1987; *For All: O trampolim da vitória*, 1997. Ver mais em: SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 594.

³⁵⁴ PENTEADO, Darcy. *O travesti, este desconhecido: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 12, março, 1980.

³⁵⁵ Idem.

³⁵⁶ Idem.

³⁵⁷ CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., p. 31.

diretamente a prostituição”.³⁵⁸ Nesse contexto, o autor expôs ainda que “as mulheres contestadoras de hoje negam-se a continuar sendo apenas procriadoras ou objetos sexuais dos homens. Esta segunda função (já que a primeira lhes é impossível) está sendo encampada, sem restrições pelos travestis”.³⁵⁹

Conforme explicitado no excerto, para Penteado, as travestis se encaixariam na sociedade, pois caberia a elas ocupar o lugar de “objeto sexual”. Além disso, sendo o hétero brasileiro comprovadamente – pelas revistas eróticas e pelas fotos de carnaval – “obcecados por traseiros” seria fácil para as travestis desempenharem esse papel, visto que, “preconceitos à parte, mesmo para um machão (mas que não seja muito convicto em tradicionalismos) qual seria a diferença entre um ânus feminino e um masculino?”.³⁶⁰ Para esclarecer ainda mais a importância da existência das travestilidades na constituição de uma sociedade, Darcy Penteado publicou na edição seguinte mais um artigo de opinião que propunha debater “o papel do travesti na emancipação feminina”.³⁶¹

O editor destacou que com o avanço da “conscientização e conseqüente reivindicação dos direitos da mulher” a estrutura patriarcal “que sempre deu ao macho a preponderância no sistema social” estava se modificando.³⁶² Nesse sentido, expôs:

Qual então o saldo que nessa sociedade futura irá satisfazer sexualmente o macho tradicionalista? Ora! Não se mostrem cegos e ignorantes perante o óbvio: é claro que o travesti! Porque este (como foi citado no artigo anterior) não reivindica mais que isto: ser mulher-objeto.³⁶³

Se para o editor “o travesti-prostituto” serviria para o futuro como “um resquício da feminilidade falocrática quase desaparecida” e, portanto, desempenharia a função de “mulher objeto” para satisfazer os desejos de “grupos de nostálgicos sexuais”, para o colaborador Luiz Carlos Lacerda “a revolução da sexualidade” só aconteceria se as travestilidades, as bichas-loucas e as pintosas parassem de “assimilar os espaços delimitados pelo Sistema”.³⁶⁴

Lacerda, discordando da perspectiva de Penteado, publicou na edição trinta e dois seus apontamentos acerca da postura que as travestilidades deveriam exercer socialmente. Na

³⁵⁸ PENTEADO, Darcy. *O travesti, este desconhecido*. op. cit., p. 12.

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 13.

³⁶⁰ *Idem*.

³⁶¹ PENTEADO, Darcy. *O travesti, esse desconhecido: o papel do travesti na emancipação feminina*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 3, abril, 1980.

³⁶² *Idem*.

³⁶³ *Idem*.

³⁶⁴ LACERDA, Luiz Carlos. *Vítimas da falta de espaço*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 4, janeiro, 1981.

coluna intitulada “vítimas da falta de espaço”, o colaborador afirmou que as relações heterossexuais “travestidas de ditador dos parâmetros de ‘normalidade’ e ‘anormalidade’, marginalizava os homossexuais, na medida em que estes não aceitam os espaços ‘permitidos’ por ele”.³⁶⁵ Ele explicou ainda:

Quais são esses espaços? O masculino e o feminino. Sem outra opção ou saída, alguns homossexuais, vítimas inconscientes dessa claustrofobia de papéis pré-conceituais passam a "ocupar " os espaços delimitados pelo Sistema seguindo à risca o que manda o figurino. Aí surge a bicha louca e o sapatão (não confundir com os homossexuais assumidos).³⁶⁶

Conforme argumentado por Lacerda, a travesti era “exatamente a pessoa que levou às últimas consequências essa falta de espaço determinado pelo Sistema”, uma vez que, não tendo “espaço para o homossexual ocupar (como diz a cartilha)” a travesti “radicaliza sua falta de perspectiva e assume o ‘papel de mulher’”.³⁶⁷ Para ele, as travestis eram homossexuais que incorporaram a visão que os heterossexuais produziam acerca da homossexualidade. Assim, ao integrar-se à lógica heterossexual – que segundo o colaborador só reconhecia dois papéis sexuais, a saber, o homem e a mulher – as travestis “acreditavam ser mulheres”. Dentro dessa concepção, essa crença as vezes “chegava as raias da castração física, numa aceitação definitiva de abrir mão da sua sexualidade empírica (o pênis)”.³⁶⁸

O colaborador se contrapõe a Penteado ao afirmar que “a teoria de Darcy Penteado de que os travestis são os que vieram ocupar no mercado da prostituição o lugar da mulher, me parece discutível”, visto que, reconhecê-la consistiria em aceitar e afirmar a existência dos únicos espaços permitidos pelo sistema: o masculino e o feminino.³⁶⁹ Lacerda, contradiz ainda o editor, afirmando que rotular as travestis de “revolucionárias é um absurdo”, uma vez que, “os fregueses dos travestis são ‘senhores casados’, ‘homens sérios’, ou seja: homossexuais reprimidos que ao se relacionarem com os travestis fantasiavam que não estão ‘transando com outro homem’”.³⁷⁰ Diante do exposto, nota-se que para Lacerda as travestis deveriam se conscientizar enquanto homossexual e assumir “uma posição revolucionária, sem travestismo” e sem reivindicar “o espaço da mulher”.

³⁶⁵ Idem.

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ LACERDA, Luiz Carlos. *Vítimas da falta de espaço*. op. cit., p. 4.

³⁶⁸ Idem.

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ Idem.

Em 1998, as disputas entre Luiz Carlos Lacerda e Darcy Penteado foram lembradas por Lacerda em entrevista oral cedida ao pesquisador Claudio Roberto Silva. O colaborador, relatou em seu depoimento que publicava artigos no periódico por visualizar o *Lampião da Esquina* como defensor de uma proposta libertária. Entretanto, aponta para conflitos internos que foram gerados a partir da publicação de seu artigo:

[...] Escrevi um artigo onde colocava que o travesti é a personificação do preconceito da sociedade heterossexual com a homossexualidade. Para explicar melhor, ele se encerra no seu próprio comportamento sexual, a ponto de chegar à mutilação. [...] Acho inclusive que eles estão servindo a um exército de preconceituosos: os caras enrustidos, homens casados, que à noite vão dar o cu para uma entidade que não é propriamente um macho [...]. No fundo, o travesti é o cara que não faz parte do universo da homossexualidade [...]. Ele quer virar mulher, não acredita que possa ter uma sexualidade entre os homens.³⁷¹

Lacerda, ressaltou que ao escrever um segundo artigo em resposta a Penteado, teve sua réplica proibida de ser publicada pelo editor Aguinaldo Silva. Para ele o posicionamento do editor foi descrito como:

eles fizeram uma reunião, e o Aguinaldo disse que não poderia sair porque o jornal também era endereçado aos travestis. Disse que o pessoal em São Paulo tinha ficado muito puto e que meu artigo não iria sair de jeito nenhum. Exatamente como a censura da ditadura, a censura heterossexual que tanto combatiam. A partir dessa recusa eu me nego a colaborar com um jornal que tem um discurso libertário, mas que cerceia a liberdade de expressão. Por causa disso me afastei, nunca mais colaborei.³⁷²

Esse conflito se fez visível na própria edição trinta e dois, na qual desapareceu todo o conselho editorial, ficando apenas o nome de Aguinaldo Silva, como coordenador da edição. Além do mais, as disputas internas acerca da postura que o jornal deveria exercer em suas publicações foram apontadas pelo editor João Silvério Trevisan como um dos motivos que contribuíram para o fim da circulação do *Lampião da Esquina*. Conforme relatado por ele em entrevista oral, Aguinaldo Silva com o tempo não abriu mais espaço para artigos enviados de São Paulo.³⁷³ Cabe sinalizar ainda, que segundo o pesquisador Jorge Rodrigues, as imagens das travestis veiculadas nas capas do jornal passaram a afastar “o leitor enrustido, ou mesmo

³⁷¹ LACERDA, Luiz Carlos. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 607-608. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

³⁷² LACERDA, Luiz Carlos. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 608-609.

³⁷³ TREVISAN, João Silvério. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 251. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

o ‘entendido’”.³⁷⁴ Nesse sentido, os conflitos editoriais que permearam as composições das travestilidades podem ser vistos como um dos fatores, entre tantos outros, que resultaram no fim da publicação do periódico.³⁷⁵

As discussões realizadas até esse momento demonstraram que designar uma “função social” às práticas travestis consistiu em uma estratégia importante para os editores do *Lampião da Esquina*, uma vez que, sendo as travestis parte integrante da categoria de homossexuais era necessário – para arquitetar uma noção aceitável da homossexualidade nos parâmetros da sociedade de abertura – defini-las e enquadrá-las. Nesse sentido, em consonância com os estudos da historiadora Débora Mosqueira, nossas análises apresentaram que as construções acerca das práticas travestis veiculadas pelos editores do *Lampião da Esquina* eram coerentes com o imaginário social do período. Por esse motivo, determinadas publicações do periódico foram responsáveis pela propagação de certos preconceitos contra as travestis e transexuais.³⁷⁶ Além disso, as investigações realizadas em torno das *lutas representacionais* acerca da forma que as identidades travestis deveriam ser construídas, indicam que mensurar as travestilidades não foi um movimento exclusivo dos editores do periódico. Assim, conforme veremos adiante, diferentes movimentos sociais, ativistas e intelectuais utilizaram das páginas do *Lampião da Esquina* para publicar suas percepções sobre as identidades travestis.

2.2 – Das sólidas bases institucionais à instabilidade do ser: elaborações discursivas de movimentos sociais, ativistas e intelectuais acerca das identidades travestis

*É evidente que o travesti é uma Instituição brasileira, uma instituição desprezada, oprimida, mas uma Instituição.*³⁷⁷

Guy Hocquenghem

³⁷⁴ RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade*. op. cit. p. 119.

³⁷⁵ A alguns outros fatores que influenciaram para o fim da circulação do *Lampião da Esquina*. Edwar Mcrae, aponta que o fim da circulação dos jornais alternativos deu-se em grande medida, pelo “acirramento da crise econômica e o conseqüente aumento dos custos da produção, assim como a onda de atentados terroristas às bancas que ousassem vendê-los”. Além disso, Claudio Silva, expõe que o fim do jornal tem que ser pensado considerando o final da abertura democrática, pois os jornais alternativos, em sua grande maioria, estavam relacionados às lutas contra o Regime Militar e pela redemocratização do país. Nesse sentido, com o final do processo de repressão, as pessoas não viam mais sentido para a existência dos tabloides alternativos. Ver mais em: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 142; SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*. op. cit., p. 118.

³⁷⁶ MOSQUEIRA, Débora de Souza Bueno. As “genis” representadas nas páginas do *Lampião da Esquina*. In: NETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (Org.). *História e Teoria Queer*. Salvador: Devires, 2018, p. 248.

³⁷⁷ HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*, Entrevista, *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, p. 6, jul. 1981.

Sexta-feira, 28 de março de 1980. O jornal *O Estado de São Paulo* veiculou na capa as matérias que foram destaque da edição. Entre os temas anunciados, encontrava-se a publicação intitulada “o perigo na invasão dos travestis”.³⁷⁸ Publicada na última página da edição, a reportagem alertou a população a respeito da “invasão dos travestis nos bairros da cidade”. A notícia advertiu ainda, que elas estavam “dominando a noite e as calçadas” fazendo crescer a cada dia “os casos de violência envolvendo os travestis”.³⁷⁹ O aviso construiu as travestilidades como homossexuais criminosos que colocavam em perigo a vida da população. De acordo com Rafael Ocanha, frequentemente o jornal *O Estado de São Paulo* construía uma oposição entre a imagem da família e a ameaça das travestis. Segundo o pesquisador, essa articulação “ajudava na criação do estereótipo que provocava medo nas famílias de classe média, público-alvo de *O Estado de S. Paulo*”.³⁸⁰

Nesse sentido, procurando “alertar as pessoas sobre o uso discriminado (ou pior incriminado) do termo ‘homossexual’ por parte de profissionais da imprensa”³⁸¹ e preocupados com a propagação de representações que constantemente empregavam os “termos homossexuais e travestis [...] para ‘identificar’ suspeitos e acusados de supostos criminosos”,³⁸² os editores do *Lampião da Esquina* buscaram, em determinadas publicações, apresentar novas perspectivas a respeito das homossexualidades, incluindo as travestilidades. Além disso, a ambivalência acerca das práticas que definiriam as identidades travestis, somado a reivindicações de leitores por matérias que abordassem essa temática, levou os editores a publicarem nas páginas do *Lampião da Esquina* os posicionamentos de diferentes segmentos sociais a respeito dos elementos que constituiriam as travestilidades. Assim, como veremos a seguir, as reportagens produzidas pelos colaboradores do periódico, as entrevistas com personalidades do período e os ensaios escritos por ativistas e intelectuais foram utilizados pelos editores como forma de construir uma imagem das travestis que não fosse associada unicamente ao crime e ao perigo.

³⁷⁸ O ESTADO DE SÃO PAULO. *O perigo na invasão dos travestis*. São Paulo, 28 mar. 1980, capa. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 5 set. 2022.

³⁷⁹ Idem.

³⁸⁰ OCANHA, Rafael Freitas. *Amor, feijão, abaixo camburão*. op. cit., p. 93.

³⁸¹ MATTOSO, Glauco. *Não me espreme que eu sangro*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 5, 25 ago. a 25 set. 1978.

³⁸² Idem.

Intitulada “revolucionário é o travesti”, a entrevista com o militante homossexual francês Guy Hocquenghem³⁸³ apresentou essa perspectiva. Ao ser questionado por Paulo Otoni, um dos colaboradores do *Lampião da Esquina*, sobre as características da “vida homossexual no Brasil”, Hocquenghem destacou que especificamente no Rio de Janeiro “o mundo homossexual é variado e é muito difícil de se falar em unidade”, uma vez que, existem “várias formas que coabitam, muito diferentes entre si”.³⁸⁴ Entretanto, segundo o ativista “a questão gay particularmente interessante no Brasil é a questão do travesti”. Ele pontuou ainda que:

No caso do Brasil, estou arriscando, principalmente por uma questão racial, por se tratar de um país multirracial de uma dimensão enorme, uma dimensão que faz com que todas as questões sejam diferentes. Penso de fato que a importância do travesti no Brasil não é simplesmente aquilo que se vê nos outros países. Isto é, um pouco no teatro e uma minúscula parcela na prostituição. No Brasil existe uma quantidade que é uma verdadeira população [...]. O impacto social, se você quiser, do movimento gay brasileiro, é nulo comparado não importa com qual travesti. O que chamo de impacto social, para ser sociológico, é a importância da mensagem dada, seja pelo impacto, seja pelo humor, quando se passar um tipo. É evidente que o travesti é uma instituição brasileira, uma instituição desprezada, oprimida, mas uma instituição [...]. No Brasil a situação é muito mais explosiva sexualmente. Se há um país onde a revolução sexual tem um sentido, esse país é o Brasil da atualidade.³⁸⁵

Conforme exposto, a publicação buscou construir um discurso sobre as travestis como identidades brasileiras com potencial para transformação sexual, uma vez que, segundo Hocquenghem “o impacto social [...] do movimento gay brasileiro, é nulo comparado não importa com qual travesti”.³⁸⁶ Além disso, considerando que os processos representacionais expõem os confrontos sociais e as *lutas de representações*, “cujo objetivo são os ordenamentos do mundo social, logo, a ordenação [...] de cada corpo e cada indivíduo”,³⁸⁷ fica evidente a tentativa de romper com os discursos que associavam as travestis à prática do crime.

³⁸³ Guy Hocquenghem foi um filósofo, ensaísta, romancista e militante homossexual francês. Na época da entrevista ao *Lampião da Esquina*, ele lecionava na Universidade do F.H.A.R (Front Homosexuel d'Action Révolutionnaire). Suas falas foram realizadas a partir das discussões de seu livro *Le Gay Voyage* de 1980, no qual Hocquenghem fez uma análise das cidades gays mais importantes: “Nova York, Berlim, Amsterdã, Roma etc. [...] um trabalho muito bem cuidado contanto experiências, viagens entrevistas [...]. Como não poderia deixar de ser, tem 13 páginas sobre o Rio, o carnaval, as loucuras tropicais”. Ver mais em: HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*. op. cit., p. 6.

³⁸⁴ HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*. op. cit., p. 6.

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*. op. cit., p. 6.

³⁸⁷ CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. In: *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 172.

Em consonância com esse movimento – de disputa discursiva pela produção da imagem das travestilidades – Guy Hocquenghem, propôs mensurar as travestis “como se este fosse um ser existente como homossexual e heterossexual. Por definição, um ‘não ser’, um ‘falso ser’”.³⁸⁸ Nesse sentido, é interessante perceber que a busca por uma explicação dos elementos que formariam a identidade travesti gerou uma instabilidade e produziu uma ambiguidade na constituição desse *ser*. Tal contradição se estabeleceu, pois assim como um rizoma “(uma raiz subterrânea, que não tem início nem fim, cuja principal característica é seu crescimento ininterrupto por todos os lados)”³⁸⁹ a identidade travesti, também sem início e sem conclusão, está sempre no meio do caminho entre os dois termos do binário sistema sexo/gênero. Não se permitindo fixar, essa identidade incomoda, confunde e vibra as estruturas supostamente rígidas da binaridade. Portanto, Hocquenghem definiu as travestilidades como um “não ser”, “um falso ser”, pois a subjetividade travesti não tem um centro estável, mas conexões que se espalham por todos os lados. Nesse contexto, não existe um sujeito travesti unificado e monolítico e qualquer tentativa de enquadramento produz, como explicitado pelo excerto, determinações e classificações limitantes. Cabe pontuar ainda, que o entendimento do corpo e da identidade travesti como “não ser” ou um “falso ser”, conforme apresentado no documento, escancara a permanência do sistema sexo/gênero na sociedade cisheteronormativa, que inviabiliza e deixa sem lugar um corpo/gênero que não se enquadra nessa ordem, como é o caso das travestis. A referência de Hocquenghem para dizer que a travesti é um não ser, passa pela ideia de que o “ser” é o ser binário do esquema sexo/gênero. Isso desumaniza a travesti, tornando sua subjetividade ininteligível, já que não corresponde as normas desse sistema.

Na busca para encontrar a origem do crescimento do rizoma das sexualidades brasileiras, as colocações do militante homossexual produziram outras ramificações:

Problemas demográficos, raciais, calor, ao mesmo tempo cultura, o fato de que a sexualidade nunca foi desprezada, junto com uma repressão muito forte. Tudo isso faz do Brasil o único país onde a revolução sexual é algo explosivo. [...] o modo que os portugueses dominaram o Brasil, com o rigor sexual deles [...]. Todas estas razões fazem do Brasil um país pouco determinado sexualmente [...]. É um país de malandro-bicha, onde a ambiguidade entre a violência e feminilidade é muito grande. O fato de ser travesti não impede de ser violento, principalmente no Brasil, onde existe o protótipo do travesti violento, que se corta com gilete, corta os outros. Por que no mundo inteiro o travesti brasileiro é comparado à mulher sueca? [...] Se

³⁸⁸ HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*. op. cit., p. 6.

³⁸⁹ ROCHA, Jorge Alberto; SALES, Deivison Warlla Miranda. *Deleuze e Guattari: a noção de processos de subjetivação*. op. cit., p. 167.

eu falo da confusão não é de um modo pejorativo [...]. Confusão quer dizer simplesmente proliferação, isto é, riqueza.³⁹⁰

Como apresentado, a ambiguidade sexual era o que fazia do Brasil o “país onde a revolução sexual é algo explosivo”.³⁹¹ Além disso, a caracterização da travesti como uma identidade mutuamente associada ao “protótipo de violência” e a imagem da “mulher sueca”³⁹² atribuíram a essa composição visual – para além do caráter agressivo – marcas extremas de feminilidade. Em outras palavras, a entrevista com Guy Hocquenghem promoveu uma alteração no retrato da travesti como marginal para uma valorização da “confusão”. Assim, a colocação de que “no Brasil existe uma verdadeira população de travestis” – diferente do que se vê nos outros países com “uma minúscula parcela na prostituição” – fabricou as travestilidades como identidades que têm na prostituição valor institucional de mudança, uma vez que, na concepção do autor, essa prática era o que promoveria uma “confusão” no campo das sexualidades e, portanto, a “revolução sexual”.

Conforme exposto nas análises da seção anterior, o editor Darcy Penteado buscou valorizar a prostituição como elemento que atribuiria às práticas travestis uma “função social” e, portanto, um enquadramento nos parâmetros existentes na sociedade do período. Segundo Michel Foucault, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”.³⁹³ Para Foucault, o discurso é um jogo de poderes que produzem uma ordem de significados e agem como procedimentos de exclusão e de interdição das práticas. Nesse sentido, o discurso seria a força motriz que move as relações sociais e quem o controla tem autoridade e poder. Assim, em outras matérias do *Lampião da Esquina* é possível observar que a alegoria da prostituição foi novamente utilizada, porém como artifício para alterar os discursos que associavam a imagem da travesti ao estereótipo de criminosa. Na edição trinte e dois, por exemplo – tiragem que se dedicou a abordar a temática das travestilidades na capa, em reportagens e entrevistas – o colaborador Antônio Carlos Moreira, acompanhado do fotógrafo Ricardo, produziu uma reportagem na

³⁹⁰ HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*. op. cit., p. 6-7.

³⁹¹ *Ibidem*, p. 6.

³⁹² A comparação da travesti à “mulher sueca” pode estar associada com o motivo de que determinadas travestis valorizam outros indivíduos que se constroem como “uma verdadeira europeia, a categoria êmica valorizada no meio travesti por denotar sucesso, enriquecimento e sofisticação”. Essa categoria envolve a construção de uma identidade que evoca elementos como cabelos loiros, traços finos, olhos claros e corpo escultural para se construir. Ver mais em: DUQUE, Tiago. *Reflexões teóricas, políticas e metodológicas...*, op. cit., p. 492.

³⁹³ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, p. 8-10, 1999.

Zona do Mangue - Rio de Janeiro,³⁹⁴ que discutiu a respeito da temática. Ao coletar o depoimento de Gisele, Moreira demonstrou que a travesti reivindicava:

[...] que o Governo brasileiro legalize de vez a prostituição, porque segundo ela, os policiais estão cada vez mais violentos com quem faz vida. "Eles ficam noite e noites rondando de camburão, gastando gasolina, e depois reclamem que a gasosa está cara. Por que eles não vão correr atrás de traficante, bandido, assaltante? Que país é esse? A polícia quando apanha dinheiro da gente, não quer mixaria, é de 500 cruzeiros para cima. Quando as bichas não dão, eles forjam flagrante de maconha ou levam pro Corcovado, amarram uma na outra querem foder a gente e tudo. Tem mais é que legalizar a putaria para acabar com essa sacanagem. Já que eles gostam tanto de dinheiro, vamos dar pro país e não pra eles".³⁹⁵

Em oposição aos discursos propagados pelo jornal *O Estado de São Paulo* – que apontava que quando o assunto se tratava das travestis “a polícia não prendia, a justiça lhes dá cobertura e no código penal não há como enquadrá-los”³⁹⁶ – o depoimento de Gisele expunha as violências cometidas pela força policial. Nota-se, que a reportagem de Antônio Moreira deslocou o discurso das travestis como “livres de qualquer controle, violentos e sempre dispostos a reagir”³⁹⁷ para construí-las enquanto um, entre tantos outros, cidadãos vítimas dos abusos praticados pelas autoridades. Nesse contexto, o questionamento de Gisele de o “porque a polícia não vai correr atrás de traficante, bandido, assaltante?”³⁹⁸ aparta esses atributos das identidades travestis e os relacionam à imagem do Outro. Além disso, observa-se que a reportagem apresentou outra perspectiva na relação entre as travestis e os demais moradores da Zona do Mangue:

³⁹⁴ Zona do Mangue era uma região localizada no Rio de Janeiro conhecida por abrigar a prática da prostituição. Segundo a historiadora Claudielle Pavão da Silva, o local “foi marcado pela atuação repressora do poder público que o entendia como um espaço caracterizado por atividades criminosas e ocupado por indivíduos pertencentes às ‘classes perigosas’”. A área foi sendo habitada por travestis e prostitutas após o estado promover uma intensiva tarefa de “modernizar a cidade do Rio de Janeiro e ‘higienizá-la’”, que “retirou as meretrizes dos locais frequentados por famílias e ‘pessoas de bem’” e as aglomerou na localidade. Ver mais em: SILVA, Claudielle Pavão. “*Flores horizontais*”: Sociabilidade, prostituição e travestilidade na Zona do Mangue (1960-1970). 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: < <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1978?mode=full#preview-link0> >. Acesso em: 21 mar. 2023.

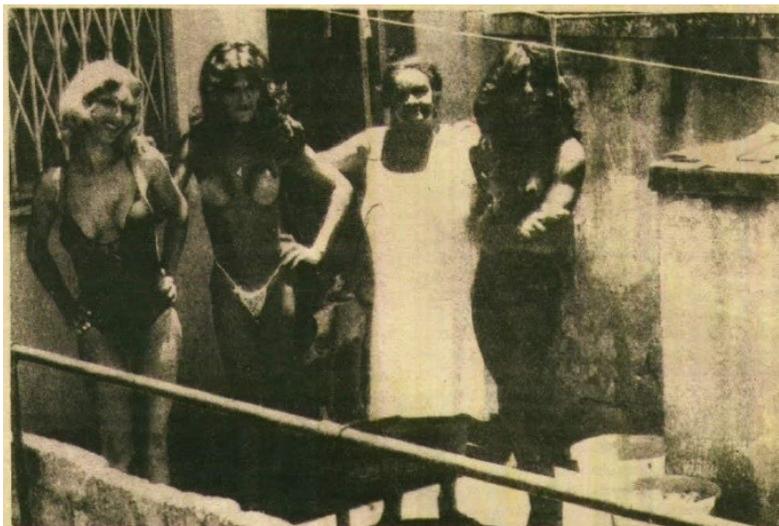
³⁹⁵ MOREIRA, Antônio Carlos. *Um passeio na Zona*. Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 6, jan. 1981.

³⁹⁶ O ESTADO DE SÃO PAULO. *Ninguém os quer, nem a polícia*. op. cit., p. 36.

³⁹⁷ Idem.

³⁹⁸ MOREIRA, Antônio Carlos. *Um passeio na Zona*. op. cit., p. 6.

Figura 14. Fotografia “Um passeio na Zona”



Fonte: MOREIRA, Antônio Carlos. *Um passeio na Zona*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 6, jan. 1981.

Compreender a fotografia como mecanismo de reserva de memória e como arquivos do mundo,³⁹⁹ possibilitou depreender que a foto acima constrói na imaginação dos leitores uma visão de harmonia. As travestis posando com as mãos na cintura e sorrindo ao lado de D. Rosinha, “simpática moradora da Zona do Mangue” que “só alugava quartos para travestis”, pois segundo ela “são seus melhores amigos”, contribuiu para a composição da imagem de conciliação e afinidade entre as travestis e os demais moradores da região. Diante do exposto, cabe ressaltar que se por um lado a reportagem de Antônio Moreira e a entrevista com o militante homossexual Guy Hocquenghem apresentaram um potencial crítico – uma vez que promoveram uma perspectiva das travestilidade para além do arquétipo de violência – por outro, ao buscarem uma definição e enquadramento para as práticas travestis recaíram no aprisionamento dessas identidades e no determinismo que associava as travestis à prostituição.

A edição trinta e dois apresentou ainda uma entrevista com a celebridade Rogéria “a camisa dez dos travestis”.⁴⁰⁰ Nota-se, que a associação da atriz ao símbolo da “camisa dez”, isto é, o líder mais talentoso da seleção das travestis, atribuiu ao seu depoimento uma autoridade de especialista no assunto. Assim, conforme veremos adiante, as considerações da celebridade foram construídas de forma a homogeneizar e resumir todas as práticas travestis às suas próprias experiências de vida.

³⁹⁹ MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? op. cit. p. 118.

⁴⁰⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Rogéria superstar: confissões íntimas da camisa 10 dos travestis*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 8, jan. 1981.

A entrevista foi mediada por alguns colaboradores e membros do periódico que apresentaram uma breve descrição da interlocutora: “Astolfo Barroso Pinto, um rapaz nascido em Niterói que durante anos administrou com a maior eficiência sua própria fantasia – ser uma grande artista – a ponto de se tornar uma comediante, uma vedete e até uma atriz dramática de mão cheia”.⁴⁰¹ Na presença de uma perita no assunto das travestilidades, o editor Aguinaldo Silva tratou de pautar – na pergunta que abriu a entrevista – uma questão frequentemente debatida pelo jornal: “Há quem diga que os travestis que põem silicone, operam e o diabo, não são homossexuais, seriam uma outra coisa; o que você acha disso?”.⁴⁰² Em resposta ela esclareceu que:

É tudo viado, querida, tudo a mesma coisa. Só que, de repente, as pessoas que se põem travesti, se vestem de travesti, que se colocam vestidos de mulher, são de um QI tão baixo, que isso me deixa muito triste [...] só marginal é que se veste de mulher. Marginal que eu digo é de assaltar botar navalha no bolso, revólver e sair vestido de mulher porque ganha fácil [...]. Nem todos os homens que se vestem de mulher nesse país são marginais nós temos aí vários exemplos. Tem a Rogéria, a Valéria, a Veruska, mil pessoas que fazem show de travesti e que nunca precisaram usar de subterfúgio para atingir uma posição na vida [...]. Agora, vestidos de mulher ou não, a diferença é nenhuma: a cabeça é uma só, homossexual e acabou.⁴⁰³

As falas de Rogéria foram mobilizadas de forma a fabricar uma *identidade coletiva* para as travestis, em outras palavras, durante a entrevista buscou-se definir práticas que fossem comuns e que promovessem coesão às travestilidades. Nesse sentido, as retóricas: “toda bicha que disser que se veste de mulher porque se sente mulher, está mentindo” ou “mulher, ninguém vira mesmo, a cabeça é sempre de homossexual”⁴⁰⁴ são “heurísticamente necessárias porque podem nos dizer ‘alguma coisa’ da realidade”.⁴⁰⁵ Segundo Joel Candau, as “retóricas holistas” consistem no “emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos”.⁴⁰⁶ Elas são utilizadas pelos sujeitos sociais para comunicar de forma eficaz e persuasiva os elementos para a constituição de entidades coletivas. A partir dessa perspectiva, observa-se que a entrevista mais do que simplesmente expor as concepções da Rogéria, empenhou-se em configurar

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² Idem.

⁴⁰³ LAMPPIÃO DA ESQUINA. *Rogéria superstar*. op. cit., p. 8.

⁴⁰⁴ Idem.

⁴⁰⁵ CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. op. cit., p. 29.

⁴⁰⁶ Idem.

narrativas que constituíram as travestis enquanto *identidades coletivas*, homogêneas e estáveis.

O depoimento de Rogéria procurou também, desassociar as práticas travestis da imagem das “operadas” ou “eunucos”, termos utilizados durante a entrevista como sinônimos de transexual. Ao ser questionada pelo colaborador Alceste Pinheiro e pelo editor Aguinaldo Silva sobre os motivos pelos quais “nunca quis fazer a linha transexual” ela argumentou que:

Operar realmente não faz a minha cabeça, de repente eu viraria eunuco! Eu já disse isso várias vezes e tem umas operadas que não gostam muito de ler esse tipo de coisa [...]. Eu sei que tenho o sexo masculino, mas certas horas sou uma mulher fantástica. Tudo depende da vontade do freguês: ah, quer um homem? Então é de frente. Agora, de costas, sou uma mulher perfeita [...]. As operadas precisam entender uma coisa: quando a gente quer engordar um gato e impedir que ele continue transando, a gente o capa, a gente faz isso com os leitões, com vários animais, inclusive com os racionais que somos nós, queridas.⁴⁰⁷

Como exposto, Rogéria articulou sua identidade através de uma manipulação do feminino e do masculino para esclarecer às “operadas” que apesar de em certos momentos elas serem “mulheres fantásticas” elas ainda pertencem ao “sexo masculino”. Nesse ponto, cabe ressaltar que ao longo de sua experiência de vida, Rogéria frequentemente mobilizou a binaridade do sistema sexo/gênero como tática de afirmação da categoria homossexual. Em 1999, por exemplo, esse discurso é mais uma vez reiterado pela celebridade em uma propaganda na televisão brasileira:

Figura 15. Comercial “Bombril quase de graça com Rogéria”



⁴⁰⁷ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Rogéria superstar*. op. cit., p. 8.

Fonte: Captura e montagem produzida pelo autor. PROMOÇÃO Bombril quase de graça com Rogéria. Direção: Andres Bukowski. São Paulo: Produtora Abafilmes, 1999.

As cenas, extraídas da propaganda “Rogéria é quase uma mulher, Bombril é quase de graça”, iniciam apresentando a atriz como “quase mulher”, mas ao olhar em direção a sua genitália – utilizada na publicidade como determinador de gênero –, o apresentador a constrói como “quase homem”. Conforme observado pelo doutor em comunicação Leonardo Pinheiro Mozdzenski, o comercial classificava a celebridade “como uma ‘quase pessoa’ dentro do sistema de gênero”.⁴⁰⁸ Ademais, se relacionada com sua entrevista para o *Lampião da Esquina*, nota-se que a genitália é evocada como determinismo identitário, uma vez que, dentro dessa lógica, Rogéria poderia se construir feminina, mas a sua genitália a ligaria a sua “cabeça de homossexual”.⁴⁰⁹ É necessário reafirmar que entendemos as ambiguidades que concebem a propaganda e compreendemos que a imagem de Rogéria foi utilizada pela comunicação como estratégia cômica para a venda do produto. Contudo, na análise realizada acima utilizamos o comercial para demonstrar como a manipulação do sistema sexo/gênero foi recorrentemente utilizada pela personalidade como tática de afirmação identitária.⁴¹⁰

Há na entrevista outros elementos que nos ajudam a compreender como determinados colaboradores do *Lampião da Esquina* compuseram a identidade travesti. Um exemplo disso, é a colocação de Antônio Carlos: “a discussão começou quando a gente viu que a maioria dos travestis procura ao máximo se assemelhar ao comportamento estereotipado da mulher, inclusive fisicamente. Além disso, procuram um ‘homem’, ficando explícita a relação heterossexual, homem e mulher”.⁴¹¹ Rogéria, em consonância com as colocações do colaborador, buscou uma explicação para o que ela definiu de “comportamento estereotipado das travestis”:

O cara tá vestido de mulher, mas ele é apenas a caricatura de uma mulher. Por exemplo, Rogéria: eu me visto de mulher, mas não é porque eu me sinto uma mulher. Eu não! Eu sou um cara. Agora eu jamais usaria um bigode, nem bancária o machão, porque eu gosto é de me vestir de mulher [...]. E tem mais uma coisa: pra mim, as que se vestem de mulher são as mais homens [...]. Um homem tem mais coragem de ser passivo com alguém vestido de mulher do que com um guei

⁴⁰⁸ MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. "Mulher como garoto-propaganda do Dia dos Pais": outvertising e as retóricas LGBTfóbicas na publicidade e no comentariado homotransfóbico brasileiro. *Signos do Consumo*, n. 2, p. 81, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/173801>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

⁴⁰⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Rogéria superstar*. op. cit., p. 8.

⁴¹⁰ Diante disso, para compreender os meandros que envolvem a constituição da propaganda, ver mais em: Idem.

⁴¹¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Rogéria superstar*. op. cit., p. 8.

vestido de homem. Porque na cabeça dele o negócio seria o seguinte: "Não, ela tá vestida de mulher, ela é uma mulher, é um sapatão". É a fantasia total na cabeça do cara. Mas em momento nenhum as que estão vestidas de mulher se sentem mulher.⁴¹²

Na edição oito de 1979, os colaboradores do *Lampião da Esquina* já haviam tentado fornecer uma explicação para o “comportamento caricatural” das travestis. A publicação do artigo “gay-macho: uma nova tragédia americana” de Seymour Kleinberg⁴¹³ apresentou que “o comportamento de imitação grotesca ou ridícula” tem a “intenção de criticar atitudes sexistas, ou posições que as mulheres assumiam ou eram obrigadas a assumir de tal forma que a feminilidade, artificialmente exacerbada, as privava de sua humanidade”.⁴¹⁴ Segundo Kleinberg, era justamente por esse “comportamento grotesco” que “as feministas censuravam as travestis e bonecas que ainda tentam ostentar os escravizantes emblemas do passado”.⁴¹⁵ O autor explicou ainda, que essa “censura seria válida se fosse sincera a imitação dos travestis”, visto que, “eles não tem a ilusão de que são mulheres, só com os que já beiram a loucura isto acontece. Os demais têm um compromisso com a ambiguidade: não são nem homens nem mulheres, e raramente andróginos; a essência de seu comportamento é neutra”.⁴¹⁶

Diante do exposto, nota-se que houve uma preocupação nas publicações dos colaboradores em demonstrar que travestis e gays – independentemente do quão femininas possam ser – faziam parte da mesma categoria de homossexual. Além disso, os posicionamentos de personalidades e intelectuais “especializados” no assunto das travestilidades caracterizaram as travestis como homens (por essência) com um desejo homossexual tão intenso que se vestem de mulher e fabricam um corpo feminino para conseguir se relacionar com uma quantidade maior de outros homens.

A discussão realizada até esse momento, buscou evidenciar que definir as práticas para uma *identidade coletiva* das travestilidades não foi um movimento realizado unicamente pelos editores do *Lampião da Esquina*. Os posicionamentos de Guy Hocquenghem, Rogéria e Seymour Kleinberg e de tantos outros colaboradores que escreveram para o periódico

⁴¹² Idem.

⁴¹³ Segundo informações disponíveis na edição, o artigo de Seymour Kleinberg constituía em uma condensação de seu trabalho “publicado originalmente na revista norte-americana Christopher Street, e depois, no jornal Gay News”. Ver mais em: KLEINBERG, Seymour. *Gay-macho: uma nova tragédia americana*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 8-9, jan. 1979.

⁴¹⁴ Ibidem, p. 8.

⁴¹⁵ Idem.

⁴¹⁶ Idem.

expõe esse fato.⁴¹⁷ Além disso, durante os anos 1970 e 1980 circulou em outras mídias do período, conforme veremos a seguir, imagens das travestilidades que em certo grau, se assemelharam com as composições presentes nas páginas do jornal.

2.3 – A produção de visualidades na seção tendências: analisando as construções de práticas imaginárias das travestis na literatura, teatro e cinema.

*Com vocês, Shirley, nossa irmã das profundezas.*⁴¹⁸

Leopoldo Serran

*Eloína é um homossexual que sente um amor muito forte por um homem.*⁴¹⁹

Anselmo Vasconcelos

*Quem souber exatamente o que é um travesti que levante o dedo.*⁴²⁰

Darcy Penteadado

Segundo Ulpiano Meneses é interessante – mais do que caracterizar o que uma imagem representa em si – traçar trajetórias representacionais dessas imagens, ou seja, analisar os sentidos dos registros visuais em seus mais diversos circuitos. Desse modo, acessando a iconosfera⁴²¹ travestis dos anos 1970 e 1980 é possível “estudar a cultura visual (ou, ainda melhor, o regime visual) sob a óptica da dinâmica, da transformação da sociedade”.⁴²² Nesse contexto, preocupado em evitar o estilhaçamento do campo pelo “foco na heterogeneidade dos suportes de representações visuais” buscamos, conforme a metodologia proposta pelo autor, “definir a unidade, a plataforma de articulação, o eixo de desenvolvimento numa problemática histórica proposta pela pesquisa e não na tipologia

⁴¹⁷ Ao longo da publicação é possível notar outras entrevistas, ensaios e reportagem de intelectuais e celebridades a respeito das identidades travestis. Neste item, optamos por selecionar os argumentos de celebridades que possuíam uma certa notoriedade e as construções de colaboradores envolvidos com grupos de militância homossexual, para analisar como as imagens e representações travestis estavam sendo produzidas nesses espaços. Assim, deixamos sinalizados mais algumas edições que apresentam as construções de outros colaboradores, intelectuais e celebridades: ed. 0, p. 7; ed. 20, p. 11; ed. 27, p. 14.

⁴¹⁸ SERRAN, Leopoldo. *Nunca houve uma mulher como Shirley*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, p. 20, maio, 1979.

⁴¹⁹ VASCONCELOS, Anselmo. *Durante dois meses ele foi “Eloína”, mas é apenas um filme*. Entrevista, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 10-11, set. 1979.

⁴²⁰ PENTEADO, Darcy. *A louca da consolação*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 27, p. 16, ago., 1980.

⁴²¹ Iconosfera é um “conjunto de imagens que, num dado contexto, está socialmente acessível”. Ver mais em: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Fontes visuais, cultura visual*. op. cit., p. 15.

⁴²² *Ibidem*, p. 27.

documental de que ela se alimentará”.⁴²³ Diante desse cenário, no decorrer da dissertação buscamos problematizar os sentidos construídos, textual e imageticamente, pelos editores do *Lampião da Esquina* acerca das identidades travestis. Contudo, essa problemática de pesquisa permitiu que mobilizássemos um conjunto de documentos visuais, mas também de outras tipologias, que favoreceram a composição de um quadro imagético/representacional das travestis. Assim, conforme veremos adiante, a imagem das travestis foi produzida – através do jornal, literatura e cinema – e circulou em diferentes paisagens sociais.⁴²⁴ Ademais, esses registros produziram uma determinada prática imaginária⁴²⁵ das travestis, atribuindo certos comportamentos e características a essas identidades.

Em doze de novembro de 1979 estreou nos cinemas o filme *República dos Assassinos*.⁴²⁶ Dirigido por Miguel Faria Junior e baseado “no romance homônimo de Aguinaldo Silva que era, também, o autor do roteiro”,⁴²⁷ a película narrava a “trama de um grupo de policiais que começam a fazer ‘justiça’ com as mãos, incentivados pela própria autoridade que deveria reprimi-los”.⁴²⁸ Os crimes do “Esquadrão da Morte” começam a provocar uma onda de reações por todo o país quando “bichas, piranhas e pivetes enfrentam o esquadrão e botam pra quebrar”.⁴²⁹ Dentre as múltiplas possibilidades de análise que constituem a produção cinematográfica o estudo do retrato da personagem Eloína, interpretada pelo ator Anselmo Vasconcelos, contribui com a “somatória das diversas historicidade que caracterizam as transformações”⁴³⁰ das identidades travestis durante os

⁴²³ Idem.

⁴²⁴ Os documentos utilizados para produzir a análise foram encontrados a partir da leitura da seção tendências e esquina, espaços publicados no periódico que eram reservados para a divulgação de produções cinematográficas, obras literárias e peças teatrais que abordavam questões referente a temática das homossexualidades.

⁴²⁵ Termo utilizado em consonância com os estudos de Nicholas Mirzoeff. Segundo o autor, a visualidade precisa ser entendida como “prática [...] imaginária ao invés de perceptual porque o que está sendo visualizado é demasiado substancial para que qualquer pessoa individual o veja, e é criado a partir de informações, imagens e ideias”. Assim, a prática é imaginária pois o que está sendo inventado (que é o alvo da produção visual, neste caso as travestis) expressa os esforços do Outro em compor uma visualização, portanto, manifesta a autoridade do visualizador sobre o visualizado. Ver mais em: MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. op. cit., p. 746-747.

⁴²⁶ Conforme informações divulgadas pelo cartaz do filme, a produção teve exibição nas seções dos cinemas Rian, Leblon, Ópera, Palácio 2, Vitória, Madureira, América e Grande circuito. Ver mais em: LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartaz*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 13, nov. 1979.

⁴²⁷ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cenas de um filme lampiônico*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 9, jan./ago. 1979.

⁴²⁸ BITTENCOURT, Francisco. *Um filme para abertura*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 17, nov. 1979.

⁴²⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartaz*. op. cit., p. 13.

⁴³⁰ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *A fotografia como documento*. op. cit., p. 138.

anos de 1970 e 1980.⁴³¹ Assim, nas primeiras cenas da película, a personagem Eloína é apresentada aos espectadores:

Figura 16. Primeira aparição de Eloína



Fonte: Captura e montagem produzida pelo autor. REPÚBLICA dos Assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roteiro de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Rimas filmes do Braisl Ltda., 1979.

De acordo com as cenas, a primeira caracterização de Eloína compõe o quadro imagético das travestis enquanto corpos projetados para a diversão. Percebe-se que no momento inicial do contato do público com a personagem é evocado um cenário burlesco que reveste a travesti de adornos de penas e plumas, sentido semelhante ao presente nas fotografias sobre o “visual do travesti brasileiro” de Maurício Domingues.⁴³² Esta construção foi mobilizada pelo ator Anselmo Vasconcelos e por Carlos Prieto – cenógrafo responsável por “todo visual do filme e, principalmente, de Eloína” –⁴³³ como forma de valorizar a vestimenta enquanto processo fundamental de constituição das identidades travestis. Ao ser questionado por João Carlos, colaborador do *Lampião da Esquina*, a respeito da importância de Prieto como maquiador e figurinista para a construção da personagem, Anselmo pontou que “não foi apenas importante, foi fundamental. A roupa tem um significado especial para travesti [...], ele não vai numa loja comprar uma roupinha qualquer, ele faz a própria

⁴³¹ O filme República dos Assassinos, pode ser explorado em outras perspectivas, como por exemplo, sobre a ótica da violência policial que caracterizava a sociedade das décadas de 1970 e 1980. Ou ainda, a partir de uma ruptura de certos aspectos da masculinidade, uma vez que, a personagem travesti foi interpretada por Anselmo Vasconcelos, ator comumente associado a personagens viris. Entretanto, nesta pesquisa, optamos por explorar a produção da imagem da personagem Eloína e os aspectos mobilizados na película para compor a identidade travesti. Além disso, buscamos associar esses elementos com outros documentos para traçar um quadro imagético/representacional dessas identidades

⁴³² Para conferir a análise das fotografias de Maurício Domingues ver mais em: Capítulo 2 item 1, p. 93.

⁴³³ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Durante dois meses ele foi “Eloína”, mas é apenas um filme*. Entrevista, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 10, set. 1979.

roupa”.⁴³⁴ Nesse ponto, é possível traçar algumas trajetórias representacionais em que a indumentária travesti foi mobilizada como processo fundamental na produção de suas práticas.

A primeira está presente no roteiro-romance⁴³⁵ *Shirley* de Leopoldo Serran, publicado originalmente em 1979.⁴³⁶ A obra descreve as experiências de vida da travesti Shirley, “um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo”.⁴³⁷ Em uma das passagens mais emblemáticas na história de Shirley, observa-se como as vestes foram recorridas enquanto dimensão fundamental para a produção de sua identidade:

Iolanda: esse é o Gregório, das roupas... se você quer entrar no concurso de miss Brasil das bonecas, vai ter que arranjar uma roupa deslumbrante... [...]

Gregório abre seu baú e de lá sai um vestido dourado que brilha com a luz do sol. O vestido é pesado, metálico (feito todo de lantejoulas douradas). Uma grande atriz de Hollywood poderia tê-lo usado numa entrega do Oscar. O olhar de Shirley é de deslumbramento. [...]

Shirley: Êi, o que é isso? Eu quero alugar um vestido.

Gregório: Ah. Me desculpe, mas esse eu não alugo. [...]

Shirley: (*após quase sucumbir*) Esquece, Iolanda, eu não vou pendurar mais vinte milhas da tua conta. Eu vou ganhar esse concurso, vou ser estrela de show. Vou te pagar tudo quanto devo e depois... Paris ... [...]

Passagem de tempo. Sobre o palco as cinco finalistas. Shirley está entre elas. A locutora anuncia.

Nina: Em terceiro lugar, a representante do Paraná, Michele (*a representante do Paraná avança, todas as outras batem palmas*), em segundo lugar, mis São Paulo, Eva Braun... (*palmas e o mesmo acontece*) e em primeiro lugar, a nova Miss Brasil, mis Bahia, Luana...⁴³⁸

De acordo com os fragmentos do diálogo entre Shirley, Iolanda (dona do prostíbulo) e Gregório (vendedor de roupas) ao não realizar a compra do vestido, a personagem, conseqüentemente perdeu o concurso de *miss*. Nota-se, que a ausência da veste foi posta

⁴³⁴ VASCONCELOS, Anselmo. *Durante dois meses ele foi “Eloína”*. op. cit., p. 11.

⁴³⁵ O livro tem a forma de um roteiro-romance “porque foi escrito originalmente para ser um filme”, mas alguns “problemas fizeram com que o filme fosse retirado provisoriamente de produção”. A obra surgiu depois que o cineasta Hector Babenco, o jornalista Celso Cúri e o roteirista Leopoldo Serran “ouviram dezenas de bonecas, gravaram quilômetros de fitas com entrevistas e frequentaram todos os pontos, muquifos e bibocas. No fim Leopoldo Serran sentou e escreveu o roteiro de Shirley”. Ver mais em: LAMPIÃO DA ESQUINA. *O travesti é como um pistoleiro*: todo dia tem que vencer um desafio. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 12, nov. 1979; LAMPIÃO DA ESQUINA. *Nunca houve uma mulher como Shirley*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, p. 20, maio 1979.

⁴³⁶ A obra também pode ser explorada por outras perspectivas. Pode elucidar, por exemplo, aspectos da vida operária no Brasil durante os anos 1970, uma vez que, um dos personagens principais é João, operário que se apaixonou por Shirley. Há muitos pontos de análises contido no roteiro-romance, contudo vamos nos deter nos aspectos mobilizados para produzir a imagem de Shirley.

⁴³⁷ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Nunca houve uma mulher como Shirley*. op. cit., p. 20.

⁴³⁸ SERRAN, Leopoldo. *Shirley*: a história de um travesti. Rio de Janeiro: Codecri, 1979, p. 76-80.

como efeito direto de seu fracasso. Além disso, a passagem final do roteiro-romance expõe que Shirley finalmente atinge a “imagem de mulher perfeita” quando adquire o vestido dourado:

Shirley e Iolanda caminham pelo corredor. Param em frente a uma porta e tocam. Shirley está muito animada. A porta se abre e aparece Gregório [...]. As duas entram. Iolanda já vai falando.

Iolanda: Gregório, meu amor, você ainda não vendeu aquele vestido dourado lindo, vendeu?

Gregório: Ainda não.

Shirley respira aliviada e abraça Iolanda totalmente dependente.

Iolanda: Não te falei, minha querida? Pronto, agora você pode ficar calma. Você vai ser a mulher mais linda na festa [...].

A vitrola roda um disco. O som é de uma cantora americana. Shirley está vestida no seu longo metálico dourado. Ela dubla a música para o espelho fazendo trejeitos. Ela parece não se cansar de olhar, fazer poses e cantar. Shirley esta perdidamente apaixonada por ela mesma [...].

Estão todos parados no salão e voltados para uma parede, onde um spot ilumina e reflete o ouro de Shirley [...]. Ela levanta o rosto e encara a plateia. Sua fala, ao contrário do que se espera, não vem no tom viado-louco. É séria, compenetrada.⁴³⁹

Como exposto, o vestido dourado de Shirley reveste-se, tal como na caracterização de Eloína, em instrumento simbólico de grande importância para a sua realização enquanto mulher, uma vez que, em sua posse a personagem torna-se “a mulher mais linda da festa” e perde seu “tom de viado-louco”.

A caracterização da imagem travesti com vestimentas extravagantes, também é notável na peça teatral *Terezinha de Jesus*, escrita por Ronaldo Ciambroni.⁴⁴⁰ O espetáculo apresentava a história de “um rapaz chamado André, posto pra fora de casa quando o pai descobre que tem um filho bicha, que vai por ai de boca em boca, precisando se transformar em travesti para sobreviver”.⁴⁴¹ Na crítica teatral escrita por Paulo Emanuel, publicada na edição dezenove do *Lampião da Esquina*, o figurino da personagem Terezinha/André é posto como um dos pontos relevantes do enredo:

⁴³⁹ Ibidem, p. 83-85.

⁴⁴⁰ A peça teatral *Terezinha de Jesus* foi escrita pelo autor, diretor e ator brasileiro Ronaldo Ciambroni. Ela era apresentada no Teatro Aplicado, na cidade de São Paulo. As seções ocorriam de quarta a sexta-feira às 21h, nos sábados às 20h e 22h30 e aos domingos às 18h e 21h. O preço dos ingressos era de 150 Cr\$ e 80 Cr\$. O elenco era composto por Ronaldo Ciambroni, no papel principal, “Roberto Francisco (que ainda é coreógrafo do show), José Rosa (muito bem na boneca Samara), Salomé Parisio (a vedete de Teatro de Revista com seu timbre de voz forte). Vera Mancini (cheia de versatilidade e talento), Washington Augusto, Vanderlei Barbosa, Fábio Ferrigolli e João Prata. As músicas são de Gilda Vanderbrande e Dirceu de Oliveira; cenário de Roci e figurinos de Lu Martan”. Ver mais em: JORNAL DA REPÚBLICA (SP). *Em cartaz*. São Paulo, n. 65, p. 14, 10 nov. 1979; EMANUEL, Paulo. *Com a cara e a coragem*. Tendências. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p. 17, dez. 1978.

⁴⁴¹ EMANUEL, Paulo. *Com a cara e a coragem*. op. cit., p. 17.

As bonecas do show se arriscam, desnudando-se, passando o corte nu e cru da gilete na própria carne. Elas não se envergonham de mostrar a cafonice das roupas de seda e cetim; as lantejoulas, purpurinas e plumas que já estão ultrapassadas; os bofes comumente enrustidos que gostam de sugar as bichas em nome do amor delas, de sua sensibilidade e talento; as frases feitas, os chavões [...]. Está tudo lá, cantando com alegria, sim, mas sem a caricatura tão imposta, com uma posição mais crítica, mais humana, mostrando aos olhos da plateia que os travestis emplumados e empetecados, são gente também.⁴⁴²

Além do comentário de Emanuel, a divulgação da peça, publicada na seção “em cartaz” do *Jornal da República (SP)* mencionou que o figurino dos atores era um dos aspectos que “valia a pena sair de casa pra ver as bonecas”: “lantejoulas misturadas com humor e fantasia, nesta história do homossexual André que atinge o estrelato como Terezinha de Jesus”.⁴⁴³ Nesse contexto, as indumentárias “emplumadas e empetecadas” das travestis continuaram associadas como elementos intrínsecos as suas práticas, contudo há um deslocamento de sentido que precisa ser destacado: se na caracterização de Eloína e de Shirley as plumas e lantejoulas são valorizadas como elementos primordiais em suas construções, na crítica de Emanuel as “roupas de cetim, as lantejoulas, purpurina e plumas” são associadas aos adjetivos “ultrapassado” e “cafona”. Assim, a peça teatral ao apresentar para a “plateia que os travestis, emplumados e empetecados, são gente também”, inclui nesse quadro imagético uma crítica a postura de travestis que exercem em suas práticas uma “caricatura do feminino”.⁴⁴⁴

Conforme observamos no capítulo anterior, o editor do *Lampião da Esquina* João Antônio Mascarenhas expôs que a ambição máxima das travestis era “transfigurar-se na mulher *vamp*, no sofisticado objeto sexual comercializado por Hollywood nas décadas de 30 a 50”.⁴⁴⁵ A associação das travestis com a estética das mulheres *vamps*, isto é, “sedutoras, narcisistas e ao mesmo tempo cruel, perversa e impetuosa para com seus pretendentes”⁴⁴⁶ foi uma imagem recorrentemente mobilizada para compor a representação visual das travestis

⁴⁴² Idem.

⁴⁴³ JORNAL DA REPÚBLICA (SP). *Em cartaz*. São Paulo, n. 65, p. 14, 10 nov. 1979.

⁴⁴⁴ EMANUEL, Paulo. *Com a cara e a coragem*. op. cit., p. 17

⁴⁴⁵ Para conferir a análise das colocações de João Antônio Mascarenhas ver mais em: Capítulo 1 item 2, p. 81.

⁴⁴⁶ A estética *vamp* começou a ser veiculada pelo cinema hollywoodiano no início do século XX. Tal imagem, construiu no imaginário popular o arquétipo feminino de anti-heroína, de mulher dominadora e irresistível. A atriz Theda Bara, foi uma das primeiras mulheres a protagonizar, em 1915 no filme *Escravo de uma paixão*, a imagem das *vamps*. Cabe destacar que não buscamos neste texto aprofundar nas discussões relacionadas a construção do arquétipo *vamp*, nosso objetivo é discutir como tais aspectos foram associados as práticas travestis. Assim, para saber mais sobre a produção visual das mulheres *vamps*, ver mais em: FERRARESI, Carla Miucci. *Papéis normativos e práticas sociais*. op. cit., p. 353.

durante os anos 1970 e 1980. Na divulgação do filme *República dos Assassinos*, por exemplo, a estética da *vamp* foi utilizado para descrever a atuação de Anselmo Vasconcelos:

Figura 17. Fotografias de divulgação do filme *República dos Assassinos*



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cenas de um filme lampiônico*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 9, jan./ago. 1979.

O texto que acompanhou as fotografias destacou ser incrível que “o rapaz da esquerda e a *vamp* solitária são exatamente a mesma pessoa, o ator Anselmo Vasconcelos, em cenas diferentes de *República dos Assassinos*”.⁴⁴⁷ Nesse sentido, o conto *A dona boazuda* escrito por Pedro Hilário e publicado na seção *Literatura* do *Lampião da Esquina* é outro exemplo de produção que mobilizou o arquétipo da *vamp* para definir as práticas travestis:

Vou até ser franco com vocês. Pois, quando eu vi a tal boazuda parada ali naquela esquina, me arrepiei que nem gato de briga e só faltei cair duro pra trás, no que ela atravessou a rua e fez um sinalzinho assim pra mim. Ai que eu fiquei foi doido de vontade! [...]

Eu tratei ela no carinho. Se pedia pra beliscar, eu beliscava. Se queria que eu arranhasse, eu arranhava. Fiz tudo o que pediu, mas na minha vez de pedir o presentão, negou. Pedi pra tirar a roupa todinha, até as íntimas, mas se fez de arrisca e disse ‘não’.

Aí, pensei cá com os meus botões que aquilo ia ter de ser na surpresa, comecei a dar beijo na dona pra deixar ela tonta e, quando já tava bem crespa de arrepio, eu... zás!... arranquei a calcinha. Mas ali no escuro não dava pra ver. Levei a mão. Nem vão acreditar no que eu segurei.

Pois a boazuda era um tremendo macho igual a mim [...]. Ah, ora que?! Dei-lhe uma surra, para ensinar o safado a tomar vergonha na cara. Nada de reagir, só fazia chorar, a pintura lambuzou pela cara toda e, com sinceridade, fiquei tomado de pena [...]

Me agachei, aí já peguei o safado pelo braço e fui levando pra bica d’água [...] lavei ele todo [...]. Depois, fomos pra trás do guindaste de novo e ajudei ele a botar a roupa. [...]

De vestido, tinha virado mulher igual a antes, ficou mais mulher ainda com batom e pintinha de lápis preto na bochecha. E arrumou o cabelo no final de tudo. Aí fiquei vesgo, vocês nem imaginam, pois fiquei vesgo pela dona, ela toda assim boazuda na minha frente. [...]

⁴⁴⁷ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cenas de um filme lampiônico*. op. cit., p. 9.

Fui por trás, peguei nos peitos – cada bolotão! – e ela encostou já sem medo, pedia, queria, a boca abertinha. Ah, meu camaradinha, fui que fui e ela gostou que gostou! Quando acabou a festa, vesti ela, cada palmo de coxa eu beijei doce.⁴⁴⁸

Observa-se que o texto retratou as travestis como uma personalidade manipuladora que mascara sua identidade para persuadir os homens a uma relação sexual. Segundo o conto, a travesti após enganar seu parceiro, o seduz deixando-o cego de paixão e sugando sua virilidade, uma vez que, mesmo depois de descobrir que “a boazuda era um tremendo de um macho” o pretendente ficou “vesgo pela dona” deixando-se enfeitiçar pelos seus encantos. Além disso, a ilustração vinculada ao texto reforça essas características:

Figura 18. Ilustração do conto *A dona boazuda*



Fonte: Hilário, Pedro. *A dona boazuda*. Literatura, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 20, 25 ago. a 25 set. 1978.

A figura expõe uma “criatura noturna” trajando uma máscara feminina que recobre sua verdadeira face masculina. A sobrancelha arqueada – tal como a de Eloína nas fotografias de divulgação do filme *República dos Assassinos* – produz o olhar malicioso de persuasão e tentação, descrito no enredo do conto literário. Ademais, o volume retratado em sua vestimenta íntima reitera a construção imagética das travestis enquanto homens que se caracterizam de mulher para suprir seus desejos e vontades sexuais. Nota-se, que neste ponto, a imagem das travestis representada no conto literário corresponde, em certa medida, com os sentidos construídos pelos colaboradores do *Lampião da Esquina*, das travestilidades enquanto homens com um desejo homossexual tão intenso que se vestem de mulher para conseguir se relacionar com uma quantidade maior de outros homens.⁴⁴⁹

⁴⁴⁸ Hilário, Pedro. *A dona boazuda*. Literatura, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 20, 25 ago. a 25 set. 1978.

⁴⁴⁹ Para conferir a análise das representações e visualidades dos colaboradores acerca das identidades travestis ver mais em: capítulo 2 item 2, p. 112.

Diante disso, partindo do pressuposto de que o campo visual vai muito além do estudo exclusivo de uma imagem e, portanto, os registros visuais possuem a “capacidade de provocar efeitos, produzir e sustentar formas de sociabilidade e tonar empíricas as propostas de atuação do poder”⁴⁵⁰ podemos verificar outros momentos em que o arquétipo de mulher sedutora e manipuladora foi evocado para estruturar as práticas das travestis:

Figura 19. Eloína montada para atrair clientes



Fonte: Captura e montagem produzida pelo autor. REPÚBLICA dos Assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roteiro de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Rimas filmes do Braisl Ltda., 1979.

Se no conto literário *A dona boazuda* temos a descrição: “no que ela atravessou a rua e fez um sinalzinho assim pra mim”,⁴⁵¹ nas cenas acima, retiradas do filme *República dos Assassinos*, encontramos a materialização visual desse ato. Em vista disso, assim como a travesti produzida no conto de Pedro Hilário, a Eloína retratada no filme de Miguel Faria Junior, faz movimentos com as mãos para seduzir possíveis pretendentes e após serem enfeitiçados pelos seus gestos predatórios, Eloína foge com sua presa levando-a suspender momentaneamente sua virilidade em prol da realização sexual.

Na obra *Shirley*, as travestis também foram relacionadas a imagem de homens manipuladores que se escondem em trajes femininos para conseguir clientes:

João caminha na direção de Shirley [...]. A rua está vazia [...].

⁴⁵⁰ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual. op. cit., p. 15.

⁴⁵¹ Hilário, Pedro. *A dona boazuda*. op. cit., p. 20.

Shirley: Ih, você encarnou em mim, hein! Porque você não apanhou outra por aí... [...]. Já te falei, sou muito cara pra você...

João: Talvez muito barata...

Shirley: (*um susto*) Mil cruzeiros... você acha barato?

João: Acho. Você vale mais. Só que eu não tenho esse dinheiro todo pra dar. [...] Tenho quinhentos...

Shirley: Escuta, bofe, você não errou de mulher só não. Você errou de rua. Isso é preço de zona lá do interior de onde você veio.

João: É preço da cidade. Quentinhos é muito dinheiro.

Shirley: Pode ser pra você (*um ar de falsa estranheza*) você sabe mesmo quem eu sou? Eu ando de Mercedez, Galaxie, Puma...

João: Então, desculpe, eu me enganei... te conheci num banheiro de botequim, trepada em cima do vaso.

Shirley: (*alegria cínica*) Olha só, ele é bom de língua! Escuta, bofe, a noite tá mesmo acabando. Vou pegar os teus quinhentos. Eu gosto de gente atrevida. [...] É... mas vou logo avisando que estou naqueles dias. Tudo certo com você?

João: Tudo certo (*sorrindo e se exercitando*). Se você quer saber. Eu também estou naqueles dias...

Shirley ri. Passa o braço no de João. Os dois saem caminhando. [...] Shirley e João fazem um amor selvagem e mordido. O corte é apenas no torso. João vindo por trás. Uma passagem de tempo. Os dois deitados. Se olhando nos olhos. Após um tempo, ele estica a mão até a cabeceira e pega a nota de 500. Entrega para ela. Shirley recebe e coloca a nota na mesinha do seu lado [...]

Shirley: Tou cansada. Sabe que hoje você é o terceiro?

Ela acaba de dizer isso e se levanta apenas de calcinha. Entra no banheiro deixando a porta aberta. Num só plano podemos ver a cama com João deitado e Shirley no banheiro. Ela mija de pé, o braço encostado na parede, dando balançadinhas e tudo. João que nada vê, pergunta:

João: Qual é o seu nome?

Shirley: (*última balançadinha e guardando*). Meu nome é Shirley. [...]⁴⁵²

No segundo encontro das personagens as identidades travestis foram novamente reiteradas a imagem de homens manipuladores e sedutores:

Uma passagem de tempo. Agora chove. Os outros travestis desapareceram. Encolhido debaixo de uma marquise, João espera [...]. Após um tempo, o carro que pegou Shirley para. Ela salta e vem pra baixo da marquise correndo [...]. Os dois se olham nos olhos [...].

Shirley de calcinha e João de cueca. Os dois se beijam apaixonadamente. Após um tempo, João recua. Olha Shirley por um momento e depois arranca a sua calcinha. João se afasta espantado com o que vê. Os dois se encaram calados por um tempo.

João: Você deveria ter-me dito...

Shirley: Dito o que?

João: Que você não era uma mulher...

Shirley: Eu sou uma mulher.

⁴⁵² SERRAN, Leopoldo. *Shirley*: a história de um travesti. op. cit., p. 27-30.

João: (*súbita irritação*) você é um palhaço. É isso que você é. (*vendo Shirley contraída*) mas não precisa ficar preocupada. Eu não vou bater em você...

Shirley: (*armando os punhos como um boxeador*) mas se quiser bater, pode tentar...

O sangue sobe em João e ele desfecha um murro em Shirley, murro que é parcialmente aparado. A briga começa. Os dois totalmente nus. Não é boxe, é briga de rua. Só que os dois não se atacam. Batem e separam. O sangue começa a aparecer no rosto dos dois. E no momento que parece que vai perder, Shirley pega um objeto do quarto e bate no rosto de João que arregaça o rosto. Shirley vai para o chão, cansada também. Sangrando, os dois se olham e arfam. João está deitado de bruços no tapete descolorido. Shirley está sentada com as costas no pé da cama. Após um longo tempo de olhos nos olhos, Shirley se arrasta até onde está João. Começa a acariciá-lo. Este não reage. Apenas fecha os olhos, consentindo. Shirley deita-se sobre ele. Plano apenas das cabeças numa passagem de tempo, em pleno amor.

João: Você é a maior mulher que eu já tive na vida⁴⁵³

Como exposto nos fragmentos do roteiro-romance, João – que no desenrolar do enredo se torna namorado de Shirley – se interessou por ela pois acreditou que Shirley era uma mulher por essência, o que é reforçado pela própria personagem – que induzindo o parceiro a praticar sexo anal – mencionou que “estava naqueles dias”.⁴⁵⁴ No segundo encontro das personagens, João desconfiado – assim como o protagonista do conto *A dona boazuda* – “arranca a calcinha de Shirley”⁴⁵⁵ revelando sua essência masculina. Na obra, a estética *vamp* também foi relacionada a construção das travestis, uma vez que, mesmo depois da briga, João se vê apaixonado por Shirley e “após um longo tempo de olhos nos olhos” ele é hipnotizado e acaba consentindo com a relação de passividade sexual. Nesse contexto, a sedução da *vamp* está completa com a declaração de João: “você é a maior mulher que eu já tive na vida”.⁴⁵⁶

O inventário construído acima, permite entender que durante as décadas de 1970 e 1980 era comum, nessas produções culturais, produzir o corpo travesti como uma mercadoria para o prazer. Além disso, constata-se que esses registros atuaram incorporando na dimensão social um novo arquétipo travesti: a *vamp* homossexual sedutora e manipuladora que se transfigura de elementos femininos para angariar uma quantidade maior de parceiros sexuais e após enfeitiçar suas vítimas, suga sua virilidade, conduzindo seus pretendentes a uma relação sexual com outro homem.

Outra imagem frequentemente associada as práticas travestis, é a que o militante homossexual francês Guy Hocquenghem classificou de “protótipo do travesti violento, que

⁴⁵³ SERRAN, Leopoldo. *Shirley: a história de um travesti*. op. cit., p. 35-37.

⁴⁵⁴ Ibidem, p. 29.

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 36.

⁴⁵⁶ Ibidem, p. 37.

se corta com gilete e corta os outros”.⁴⁵⁷ A associação das travestis a imagem de navalha na carne foi muito difundida durante os anos 1970 e 1980 pelas produções culturais. Esse vínculo pode ser observado em cenas da película *República dos Assassinos*:

Figura 20. Automutilação de Eloína



Fonte: Captura e montagem produzida pelo autor. REPÚBLICA dos Assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roteiro de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Rimas filmes do Braisl Ltda., 1979.

Na exibição, Eloína recorre a navalha como mecanismo de defesa das agressões realizadas por seu cliente. O antropólogo Don Kulick, destaca em seu estudo etnográfico que o ato de “abrir um corte na veia do antebraço e borrifar o próprio sangue” foi uma prática de defesa que se popularizou entre determinadas travestis, quando “ficou claro que o HIV era transmitido pelo sangue”.⁴⁵⁸ Entretanto, é interessante perceber que a representação da automutilação das travestis já circulava em fins da década de 1970 – anos antes do avanço nos casos de HIV – no campo social. Além das cenas do filme *República dos Assassinos*, estreado em 1979, o roteiro-romance *Shirley*, do mesmo ano, apresentou duas passagens que compõem o quadro representacional das práticas travesti associadas a utilização da navalha como estratégia de defesa:

A polícia ocupou o botequim e começam a arrastar os travestis. Os protestos começam. Uma grita, esperneia. Outra, uma mulata, começa a gritar.

⁴⁵⁷ Para conferir a análise das representações produzidas por Guy Hocquenghem acerca das identidades travestis ver mais em: capítulo 2 item 2, p. 105.

⁴⁵⁸ KULICK, Don. *Travesti: prostituição*. op. cit., p. 50.

Luba: Tão querendo me levar por quê? Tava só comendo um pastel de queijo com guaraná. Por acaso isso é crime? O pastel não era nem de carne... Ninguém vai me levar presa por causa de um pastel de queijo ...

Paulete: Solta me braço, solta meu braço... que intimidade é essa? Um campari... tava bebendo um campari... sou maior de idade... tenho todos os documentos para provar.

Enquanto falam, três travestis são arrastadas: Luba, Paulete e Claude, que é a única que parece estar indo de boa paz. Mas na porta do bar, Claude se solta rapidamente do policial que a agarra. Uma gilete surge na sua mão e ela faz vários cortes num braço, depois troca a gilete de mão e faz cortes no outro braço. Age com uma rapidez que deixa o policial sem ação.

Claude: (*mostrando o baço cheio de sangue*) Me leva... vamos, quero ver... me leva...

Os policiais ficam totalmente sem ação. Todas as pessoas estão fixadas nos braços cheios de sangue.

Policial 1: O quê que eu faço?

Policial 2: Sei lá. Larga aí. Vamos botar essas duas pra dentro da viatura... Deixa essa. Depois apaga aí dentro do camburão e não vai dar pra explicar [...].⁴⁵⁹

No reencontro de Shirley com um cliente, a navalha foi mais uma vez relacionada com as práticas de defesa das travestis:

Shirley caminha até o carro. Abaixa a janela. No volante está o jovem que Shirley iniciou. [...]

Jovem: Oi, tudo bem? Como é, vamos sair? [...]

O jovem coloca o dinheiro na mão de Shirley. Ela conta, dá um adeus pros outros travestis e entra [...] O jovem passa a marcha no carro. Dirige um pouco. Depois pergunta:

Jovem: Êi, você não tem uma navalha na liga, tem?

Shirley: (*com desprezo*) Eu tenho uma navalha na língua.

Jovem: (*voltando os olhos para a estrada*) Podes crer... tem mesmo.⁴⁶⁰

Como exposto, Claude para evitar que os policiais a prendesse realiza cortes em seus braços. Na passagem, as autoridades desistem de levá-la, pois ficam preocupados com a possibilidade de ela “apagar dentro do camburão” e assim terem que explicar e se responsabilizarem pela causa da morte. Já no segundo momento, ao ser interrogado pelo cliente “você tem uma navalha na liga?”, Shirley responde que tem “uma navalha na língua”. Esse trecho, também foi ressaltado pelo escritor de *Shirly*, Leopoldo Serran, em entrevista publicada no *Lampião da Esquina*. Ao ser questionado pelos editores do periódico: “sabe-se que você conversou com muitos travestis. O que você tem a dizer sobre eles?” Serran, pontou que “a arma de um travesti é a língua” e que a navalha é uma “arma defensiva contra as agressões que o mundo lhe dirige todos os dias. E os travestis manejam essa arma com

⁴⁵⁹ SERRAN, Leopoldo. *Shirley*. op. cit., p. 22-24.

⁴⁶⁰ *Ibidem*, p. 49-51.

rara habilidade”.⁴⁶¹ Desse modo, nota-se que essas produções já associaram, na década de 1970, as práticas travestis ao gesto de automutilação como defesa de agressões. Nesse ponto, é importante ressaltar que autores como Neuza Oliveira, Luiz Mott e Aroldo Assunção, apresentaram em suas obras que a prática de automutilação “que as travestis chamam simplesmente de ‘se cortar’” era uma prática utilizada por determinadas travestis antes mesmo do avanço do HIV em fins da década de 1980 e, portanto, não se originou com a epidemia de Aids.⁴⁶² Assim, em consonância com os autores, a documentação analisada acima, expõe que essa prática foi mobilizada pelas produções culturais como forma de associar e reiterar elementos, como por exemplo, o uso de navalhas as práticas travestis.

Diante do apresentado, cabe ressaltar que os registros analisados estavam situados em um contexto de produção no qual a eliminação de direitos democráticos e a instauração de um regime autoritário e repressor, adiou as possibilidades de formação de movimentos que reivindicassem maiores aceitações no campo das sexualidades. A repressão generalizada do regime pós 1964, de certa forma, dificultou a organização de movimentos de travestis, lésbicas e gays entre 1960 e 1970. Com isso, não foi possível surgir “uma rede bem-estruturada de ativistas para monitorar a situação, documentar as violações de direitos humanos quando elas ocorreram e mesmo fazer as denúncias públicas”.⁴⁶³ Nesse contexto, concomitantemente com a associação das travestis a imagem de *vamp* manipuladora e da navalha na carne, produções como *República dos Assassinos* e *Shirley* realizaram esforços no sentido de apresentar que a perseguição policial era, também, um traço constituinte das práticas travestis. Em *República dos Assassinos*, por exemplo, há uma cena que expôs essa perseguição:

⁴⁶¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. *O travesti é como um pistoleiro*. op. cit., p. 12.

⁴⁶² MOTT, Luiz; ASSUNÇÃO, Aroldo. *Gilete na carne: etnografia das automutilações dos travestis da Bahia*. *Temas IMESC*, São Paulo, p. 41-56, 1987. Disponível em: < <https://luizmottblog.wordpress.com/gilete-na-carne/> >. Acesso em: 19 abr. 2022; OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: o Jogo Aberto dos Travestis no Espelho da Mulher*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.

⁴⁶³ COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Textos temáticos*. op. cit., p. 300.

Figura 21. Policiais perseguindo Eloína



Fonte: Captura e montagem produzida pelo autor. REPÚBLICA dos Assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roteiro de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Rimas filmes do Braisl Ltda., 1979.

Como apresentado na cena Eloína, na companhia de seu namorado Carlinhos, é coagida a se retirar de uma praça pública durante a luz do dia, sobre repressão policial que a seguia. Nesse sentido, em entrevista ao *Lampião da Esquina*, o ator Anselmo Vasconcelos relatou casos de perseguição policial durante os dois meses que interpretou a personagem. Ao ser questionado pelo colaborador do periódico João Carlos: “depilado, de cabelos vermelhos, sobancelha feita... E como é que teus conhecidos reagiram?”,⁴⁶⁴ Anselmo respondeu que quando deixou as unhas crescerem:

[...] começou a pintar um clima estranho, uma espécie de expectativa das pessoas, quando eu saía na rua. O jeito como olhavam pra mim... Porque, vocês sabem, homem de unha grande ou é cafajeste ou é bicha. Inclusive teve um incidente com um policial, uma vez. Eu vinha das filmagens dirigindo o meu carro, quando me pararam numa blitz. O policial me pediu documentos e me examinou longamente.⁴⁶⁵

Conforme o relato do ator, ao realizar mudanças corporais que o aproximaram de elementos – reiterados pelas normas regulatórias do sexo –⁴⁶⁶ ao campo feminino, ele passou

⁴⁶⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Durante dois meses ele foi “Eloína”, mas é apenas um filme*. op. cit., p. 10.

⁴⁶⁵ VASCONCELOS, Anselmo. *Durante dois meses ele foi “Eloína”*. op. cit., p. 10.

⁴⁶⁶ Segundo Judith Butler, “[...] as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual”. Assim, pensar o sexo por meio da performatividade é entender que a materialização do sexo atua como diferenciação sexual com o

a ser submetido a situações de violência. No roteiro-romance *Shirley*, também há uma passagem que elucida as agressões que permeiam a constituição de um corpo travesti:

João caminha com as mãos no bolso. Não há um só travesti à vista. Um ar de estranheza corre seu rosto. Vê um guardador de carro e se aproxima dele [...].

João: Eu tou procurando a Shirley. Viu ela?

Guardador: Shirley... Shirley... hum... vi não... aliás não vi nenhum deles hoje...

João: E onde é que elas estão?

Guardador: Ou tão na cama com um homem ou tão em cana com os homens...

João: Cana? Presa?

Guardador: É... acontece a toda hora...

João: Mas, por quê?

Guardador: Sei lá... e alguém precisa de motivo pra prender um travesti? Alguém manda e eles cumprem. Todo mundo precisa ganhar a vida....

Delegacia int. noite: Uns doze travestis estão presos. Espalhados na sala do delegado elas são guardadas por uns três detetives e/ou investigadores. Shirley é uma das doze. O delegado está sentado e falando [...].

Delegado: [...] O alemão saiu naquela noite para procurar uma de vocês. E não viveu pra ver o galo cantar na manhã seguinte.

Jaqueline: Ainda que isso seja verdade, foi uma pessoa que matou o tal alemão... não fomos nós... por acaso quando um homem mata outro, vocês saem prendendo todos os homens de São Paulo?

Delegado: Minha filha, eu detesto estas conversas filosóficas. O que é um travesti? O que é um homem? Qual o significado da vida? É uma conversa que me cansa, me deixa de mau humor, mesmo. Foram vocês. A arma foi uma faca com mais de oito dedos de comprimento. Possivelmente uma dessas que a gente usa pra cortar peru de Natal. Agora, vocês têm sete dias – nem um mais – pra me trazer o nome do autor da proeza. Porque senão, a rua vai ficar fechada pra vocês. Pra sempre.⁴⁶⁷

A obra realiza um esforço de apresentar aos leitores que as práticas travestis são permeadas de demarcações e fixações que negligenciam seus corpos e identidades. Nesse sentido, o autor de *Shirley*, Leopoldo Serran, comparou as experiências das travestis dos anos 1970 e 1980 a “história do grande pistoleiro que vive sempre à espera do próximo aventureiro que irá baixar na cidade para desafiar o seu gatilho”.⁴⁶⁸ Apresentou ainda, que ouviu uma discussão de algumas travestis “sobre qual banheiro deveriam usar num restaurante. Quando você não tem segurança quanto a isso, então não se tem segurança de nada”.⁴⁶⁹ Assim, sendo o sexo/gênero uma norma pela qual os corpos são qualificados como

objetivo de consolidar e reafirmar a hegemonia heterossexual. Ver mais em: BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: Crocodilo, 2019, p. 21.

⁴⁶⁷ SERRAN, Leopoldo. *Shirley*. op. cit., p. 40-42.

⁴⁶⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA. *O travesti é como um pistoleiro*. op. cit., p. 12.

⁴⁶⁹ Idem.

viáveis (ou não),⁴⁷⁰ nota-se que o corpo travesti ao não assumir e não se fixar nos discursos imperativos da heterossexualidade, passam a ser excluídos e deslegitimados por essas normas.⁴⁷¹ Ademais, percebe-se que produções como *República dos Assassinos* e *Shirley* – apesar de reafirmarem determinados estigmas – contém uma quantidade de vestígios que nos ajudam a acessar uma dimensão importante dos processos sociais que traspassaram a constituição das identidades travestis durante os anos 1970 e 1980, como por exemplo, as violências e negligências pelas quais foram submetidas no período de redemocratização brasileira.

Do mesmo modo que essas produções, o periódico *Lampião da Esquina* – ao calcar seu projeto político e gráfico na estratégia de “dar voz e representar todos os grupos injustamente discriminados” –,⁴⁷² realizou, paralelamente e de maneira imbricada, dois movimentos: o primeiro consistiu na perpetuação e criação de certos estigmas relacionado as travestilidades, pois como observamos, a estratégia de união de todas as identidades tidas como estigmatizadas resultou na construção e afirmação de uma identidade homossexual coesa e monolítica. É importante ressaltar, contudo, que “falar por todas as vozes”, ao invés de estabelecer uma unidade, exteriorizou os múltiplos caminhos e possibilidades de sexualidades e de gêneros. O segundo movimento, que analisaremos no último capítulo desta dissertação, permitiu aos editores do *Lampião da Esquina* produzirem uma série de entrevistas e reportagens com as travestilidades, uma vez que, estavam buscando atingir a estratégia de “dar visibilidade e união a todas as identidades que de alguma forma eram estigmatizados pelo sistema”. Portanto, através desses registros, estruturamos um mosaico imagético/representacional das experiências travestis durante os anos 1970 e 1980 que possibilitou elucidar aspectos constituinte da vida social desse período, como por exemplo, as violações de direitos humanos cometidas contra as travestilidades e as práticas que possibilitaram a formação de movimentos reivindicatórios de travestis.

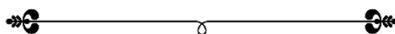
⁴⁷⁰ BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. op. cit., p. 21.

⁴⁷¹ Ibidem, p. 39-40.

⁴⁷² O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. op. cit. p. 2

Capítulo 3

As tarântulas nas páginas do *Lampião da Esquina*: experiências e expectativas das travestis representadas em entrevistas realizadas pelo jornal



*O que nós quisemos e queremos fazer com *Lampião* é reunir, na medida do possível, sob uma mesma bandeira, todos aqueles que não tiveram voz até agora e que sempre foram oprimidos pela sociedade ocidental.*⁴⁷³

Francisco Bittencourt

Durante o seu período de existência, o jornal *Lampião da Esquina* não se preocupou em definir um único público leitor, mas buscou falar por outras vozes como as dos negros, das feministas e das travestilidades. Contudo, as análises realizadas até esse momento nos mostraram que o desejo dos editores de abrir as publicações para várias direções enquadrou algumas dessas identidades. No que tange as travestilidades, elas tiveram suas particularidades inseridas e reduzidas aos interesses dos homossexuais masculinos. Como analisamos, a complexa sonoridade emitida pelas identidades travestis, em algumas publicações, foi encapsulada pela forma binária de entendimento e transformada em um ruído dentro da melodia que tentou falar pela multiplicidade de experiências aglomeradas na categoria de homossexuais. Assim, o que observamos nos capítulos anteriores foi a incessante ânsia dos editores de construir uma identidade homossexual coesa. Identidade essa que foi marcada pela diferença, pois para que o homossexual ideal pudesse existir foi fixado, para fora dele, as identidades e significantes do Outro, no caso das travestilidades.⁴⁷⁴

Mais plural do que o público leitor foi o posicionamento veiculado pelos onze editores que compuseram o corpo editorial do periódico. A dificuldade de reunir muitos membros – espalhados entre Rio de Janeiro e São Paulo – para discutir as pautas e publicações somado as diferentes perspectivas que o periódico deveria assumir, gerou uma série de tensionamentos e disputas entre conselho e editorial. Nesse quesito, como demonstramos houve grandes divergências entre os posicionamentos assumidos pelo editor João Antônio Mascarenhas, ou por Darcy Penteadado, ou por Aguinaldo Silva, sobre o caráter que deveria assumir as matérias acerca das travestilidades.

⁴⁷³ BITTENCOURT, Francisco. *Deus nos livre do boom gay*. *Lampião da Esquina*, ano 2, n. 23, abr. 1980, p. 4.

⁴⁷⁴ SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014, p. 9.

Como forma de compreender a configuração do projeto político do periódico as pesquisas, frente a essa diversidade de temas que foi abordado pelos editores, tem demarcado pelo menos duas principais fases do *Lampião da Esquina*: a da militância, no início, e a mercadológica no período final de sua existência.⁴⁷⁵ É perceptível que na fase final os editores buscaram espaço no mercado e, portanto, direcionaram as matérias para um aspecto mais pornográfico, divulgando imagens de homens nus. Como descrito pelo sociólogo Edward Macrae, pouco antes de deixar de circular, o periódico voltou-se para “reportagens sobre um mesmo tema como travestis, michês, masturbação e hotéis de ‘pegação’”.⁴⁷⁶ Todavia, diante da complexa organização que caracterizou os projetos políticos e gráficos do periódico consideramos um equívoco definir o *Lampião da Esquina* enquanto uma publicação coesa e unidirecional. Ao contrário, podemos utilizar da contradição e incoerência que representou as edições para, em meio a tantos sons, compor a melodia das experiências das travestis durante os anos 1978 e 1981.⁴⁷⁷

Desse modo, o desejo de certos editores de compreender e classificar as travestilidades a partir de oposições binárias e universalizantes, juntamente com o empenho de outros membros de denunciar as violências e violações cometidas pelo Regime Militar contra os grupos de homossexuais gerou um conjunto de entrevistas que discutiram aspectos relacionados a construção do corpo e do gênero das travestilidades. A análise da documentação revelou que, em cerca de doze edições, foi veiculado um conjunto de relatos de travestis que tiveram como objetivo apresentar suas experiências de vida e descrever os significados de ser travesti. Além das entrevistas, em aproximadamente treze edições, os editores publicaram matérias que denunciaram a repressão e perseguição instaurada contra as travestilidade.

É evidente que o discurso acessado nessas entrevistas, constitui-se não só das experiências das travestis, mas também das narrativas que foram selecionadas e ressignificadas pelos editores. Assim, neste capítulo, as entrevistas e reportagens elegidas para o estudo foram analisadas enquanto uma síntese dessas experiências e como esforços dos editores de construir significantes para compor uma identidade para as travestilidades.

⁴⁷⁵ Ver mais em: RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade* op. cit., p. 119; MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 53; SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*, op. cit., p. 100.

⁴⁷⁶ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política*. op. cit. p. 53.

⁴⁷⁷ A experiência é compreendida aqui enquanto uma categoria que possibilita analisar a vida dos sujeitos como processos históricos, trazendo protagonismo aos indivíduos que foram reprimidos e explorados. Ver mais em: SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Nesse sentido, nossas interpretações prezaram por problematizar e investigar os depoimentos que foram coletados pelo conselho editorial e não os interpretar como dados objetivos. Portanto, através desses indícios propagados pelo *Lampião da Esquina*, podemos questionar: Como as experiências das travestis foram representadas em entrevistas e reportagens realizadas pelos editores? Quais significantes foram mobilizados para compor essas identidades? Quais foram as estratégias mobilizadas para perseguir as travestis? E quais as táticas utilizadas por elas para resistir as perseguições?

Para analisar as experiências das travestis que foram apresentadas pelo conselho editorial do *Lampião da Esquina* estruturamos este capítulo em duas seções. Na primeira delas, examinamos como o gênero, o corpo e a identidade das travestis foram elaborados e representados pelos editores. Na segunda seção, os estudos foram destinados a analisar as operações de perseguição e a guerra travada entre o Estado e a presença das travestis nas ruas, assim como as violências cotidianas perpetradas contra elas. Por fim, apresentamos os atos de resistências à repressão, evidenciando as principais táticas utilizadas pelas travestis.

Vamos agora verificar como as experiências de vida das travestis foram apresentadas e, paralelamente, produzidas pelos editores do jornal; quais significantes foram selecionados para compor essas identidades e quais narrativas foram utilizadas para contar as trajetórias das travestilidades entre 1978 e 1981.

3.1 – Um mosaico de experiências: o corpo, o gênero e as identidades das travestis representados em entrevistas e reportagens realizadas pelo periódico

*Maricona, não! Maricona, jamais! Vai embora, viado! [...].
Pegue o seu jornal e enfie no rabo!*⁴⁷⁸

Depoimentos de travestis.

De acordo com Kathryn Woodward, professora de ciências sociais da Open University, as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.⁴⁷⁹ Dito de outra forma, o processo de demarcação identitária carrega um conjunto de significantes, formado por elementos da cultura como roupas, cabelos e acessórios que constroem e configuraram a imagem de um grupo ou sujeito social. Para a autora, o corpo “é um dos locais envolvidos no

⁴⁷⁸ SILVA, Aguinaldo. *Libélulas, mariposas, vampiras e damas da noite*. Lampião da Esquina, Entrevista, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 4, jan., 1981.

⁴⁷⁹ SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*. op. cit. p. 8.

estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual”.⁴⁸⁰ Seguindo nesse eixo, a maior parte das publicações do *Lampião da Esquina* que apresentaram as experiências de vida das travestilidades tiveram o corpo como temática recorrente, definindo-o como aspecto central na constituição dessas identidades.

Exemplo disso, foi a entrevista intitulada “Eloína dá o serviço: operações, implantes e silicones” publicada na edição vinte e um de 1980. Produzida pelo colaborador do periódico José Fernando Bastos, a matéria com a rainha de bateria da Beija-Flor de Nilópolis, privilegiou a construção corporal como aspecto central de constituição de suas experiências. Aqui, é importante lembrar que a reportagem com Eloína foi uma reivindicação realizada na epístola de Elisa Doolitie na edição experimental de 1978. Para sanar as curiosidades dos leitores, o corpo de Eloína foi minuciosamente dessecado por José Bastos:

LAMPIÃO - E como aconteceu essa sua transformação, esses seios, as pometes (bochechas), os quadris...

ELOÍNA - Para os seios, por exemplo, existem vários tratamentos. A prótese que foi o que eu fiz, o silicone, e o hormônio [...]. A prótese é uma bolsa que eles colocam no seio e injetam um soro e é feita em 15, 20 aplicações e não tem espécie nenhuma de reação. Não é proibido e custa aqui por volta de sessenta mil cruzeiros. O hormônio ataca muito os nervos e modifica também outras partes do corpo. O silicone, que é proibido tanto em homem quanto em mulher porque dizem que dá câncer, é um líquido injetado diretamente no seio, sem a bolsa que protege, como na prótese. A prótese não dói nem machuca.

LAMPIÃO - E que remédio novo é esse, o Amplan? Como se compra e como se usa?

ELOÍNA - O Amplan só é vendido na Europa e nos Estados Unidos. Você consegue a receita com um médico, são umas pílulas. Aí você procura um cirurgião plástico que faz um corte nas duas virilhas e coloca duas dessas pílulas em cada. Aí vem toda a reação. Os cabelos crescem mais, a voz afina, os músculos somem, os seios crescem. Mas isso enfraquece muito o organismo. E não é em todas as pessoas que faz efeito. Depende do organismo de cada um.

LAMPIÃO - Muita gente pergunta sempre onde vocês escondem o pênis. [...] como é que faz?

ELOÍNA - Algumas puxam bastante para trás e prendem com esparadrapo. Eu uso um tapa sexo próprio para isso. Mando fazer o biquini com as alças exatamente onde ficariam os testículos e puxo o pênis para baixo das pernas.⁴⁸¹

As perguntas realizadas pelo colaborador do jornal revelam que o corpo foi representado na entrevista como indicador de autenticidade das identidades travestis. Além disso, as interrogações feitas por Bastos produziram um movimento preciso de abrir e separar cada parte formadora do corpo de Eloína, expondo para o público leitor de *Lampião*

⁴⁸⁰ Ibidem, p. 14.

⁴⁸¹ BASTOS, José Fernando. *Eloína dá o serviço: operações, implantes e silicones*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 3, fev., 1980.

da *Esquina*, uma melhor visualização – nomeada pelo colaborador – da “transformação travesti”. É possível perceber que a valorização do corpo como elemento essencial das trajetórias das travestis foi uma imagem constantemente articulada por parte do conselho editorial do jornal. Na edição trinte e sete, por exemplo, há uma repetição – quase como uma cópia – desta composição. Como quem utiliza um papel químico, os editores Antônio Moreira, Aguinaldo Silva e Alceste Pinheiro transferem as questões realizadas na entrevista com Eloína para a reportagem com a “travesti profissional conhecido (a) em boa parte da América Latina”⁴⁸² Bárbara Hudson:

ALCESTE – Como é a técnica de esconder o pau?

BÁRBARA — A minha técnica é a seguinte; eu pego dois emplastos de Sabiá, divido ao meio e ficam quatro pedaços. Ponho um pedaço no testículo direito, outro no esquerdo e puxo para trás, ficando o membro solto. Ponho o terceiro pedaço no membro, e também puxo para trás. Arrumo os pentelhos pra cima e abro as pernas.

AGUINALDO – O emplastro Sabiá não arde?

BÁRBARA – Arde, mas aí é um sacrifício pela arte. Na hora em que eu coloco não arde, mas na hora de tirar, é um sacrifício.

ALCESTE – Dois emplastos seriam necessários para todos ou só para você? Será que tem alguma que precise de cinco?

BÁRBARA – Eu conheço travestis, no Sul, que fazem strip-tease até sem emplastos.⁴⁸³

Com base nos trechos apresentados acima, podemos notar que as interrogativas: “como aconteceu suas transformações?” e “onde vocês escondem o pênis?” atribuíram uma autoridade aos editores para representar o corpo das entrevistadas e, conseqüentemente, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.⁴⁸⁴ Assim, ambas as entrevistas tornam elucidativas as interações sociais e de poder que ocorrem nos processos de demarcação identitária.

A entrevista com Bárbara Hudson também mobilizou a imagem – já utilizada pelo conselho editorial – das travestis enquanto corpos duplos:

⁴⁸² MOREIRA, Antônio Carlos. *A nova versão de a médica e a monstra*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, p. 16, jul. 1981.

⁴⁸³ *Ibidem*, p. 17.

⁴⁸⁴ SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*. op. cit. p. 91.

Figura 22. A médica e a monstra
A Nova Versão de
“A Médica e a Monstra”



Fonte: MOREIRA, Antônio Carlos. A nova versão de a médica e a monstra. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, p. 16, jul. 1981.

A legenda da fotografia “de dia um discreto rapaz de noite uma exuberante senhora” compõe a trajetória visual das travestis enquanto identidades que manifestam seu feminino a noite, mas durante o dia retornam para sua “identidade essencialmente masculina”. É necessário ressaltar que o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, chama a atenção para o fato de que a imagem dificilmente condiz com o que foi fotografado, visto que, “o destino do referente e o de sua imagem raramente coincidem”.⁴⁸⁵ Nesse sentido, as fotografias das travestis e as construções visuais feitas pelos editores de *Lampião da Esquina* não necessariamente relacionam-se com suas práticas. Aqui, o que nos interessa é perceber que essas imagens podem ser indicativos de um imaginário coletivo.

Em 1981, circulou nas páginas do *Lampião da Esquina* a notícia de que o projeto de lei⁴⁸⁶ de autoria do deputado José de Castro Coimbra havia sido aprovado pela câmara dos deputados – e se autorizado pelo Senado Federal – acrescentaria no código penal o artigo de que: “não constitui fato punível a ablação de órgãos e partes do corpo humano, quando considerada necessária em parecer unânime de junta médica”.⁴⁸⁷ Ao tomar nota da informação

⁴⁸⁵ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A fotografia como documento. op. cit., p. 142.

⁴⁸⁶ O projeto de lei esteve em tramitação na Câmara dos Deputados e em 30 de janeiro de 2023 foi arquivado nos termos do Artigo 105 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados. Para ver o regime de tramitação na íntegra acessar: BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei PL 70/1995, de 22 de fev. de 1995. Dispõe sobre intervenções cirúrgicas que visem à alteração de sexo e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1995. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=15009>>. Acesso em: 01 set. 2023.

⁴⁸⁷ LAMPIÃO DA ESQUINA. *Homem/mulher*: pra virar tudo basta operar? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981.

o editor Adão Costa, produziu uma reportagem registrando seu posicionamento diante do tema:

O deputado José de Castro Coimbra, médico, dono de clínica, e inscrito no PDS paulista, elaborou um projeto de lei no qual regulamenta as operações de transexualismo. Transexualismo? Corro até a estante e pego o dicionário Aurélio para tirar as dúvidas: nele, a palavra não existe. Mesmo assim, é o maior ibope na chamada classe guei: todo o mundo fala de transexualismo; todos comentam a tal operação [...]. Quanto a mim, tenho minhas dúvidas. O mais imediato, segundo informações que colhi de fontes fidedignas (quer dizer, bichas já operadas) é que, a partir da castração (ou ablação, como prefere o deputado Dr. Coimbra), o gozo se torna impossível. Eu, que gosto muito, mas muito mesmo, de gozar, fico chocado com uma notícia destas. Mas além deste problema urgente e imediato (para onde vão os espermatozoides da bicha que não pode gozar: pra cabeça? Mas a cabecinha dela, segundo os médicos que a operaram, é de mulher!), existem outros, psicológicos e legais. Conheço várias operadas, mas nenhuma delas deixou de ser, apesar de ter cortado tudo, visivelmente homossexual.⁴⁸⁸

Segundo o historiador Ronaldo Pires Canabarro, trechos semelhantes ao destacado acima “funcionam como fragmentos palimpsestos do que mais tarde veríamos ser a construção da identidade travesti”.⁴⁸⁹ Nesse sentido, é interessante perceber que tal como um pergaminho, cujo texto primário foi raspado para dar lugar a outro, as questões feitas por Costa na reportagem – de como o corpo travesti deveria ser produzido, moldado e enquadrado em determinadas normas –, são reavivadas ao longo do século XXI, em discussões como, por exemplo, “sobre quais são as pessoas e os corpos que têm direito ao uso do banheiro público”.⁴⁹⁰

Ademais, não se considerando “o mais indicado para falar sobre o assunto” Costa coletou o depoimento “daqueles que mais se aproximam da ideia do deputado Coimbra do que seja um transexual: os travestis”.⁴⁹¹ Em seguida, entrevistou algumas travestis e registrou, nas páginas do jornal, os posicionamentos delas a respeito do tema:

Veruska: - Acho uma maravilha. Quando esta lei for aprovada será um sinal de civilização, mostrando assim que nós brasileiros estamos evoluindo. As bichas saem daqui e vão fazer a operação na Europa. Por que não gastar dinheiro com os médicos da nossa terra? Para mim isto vem mostrar que os brasileiros estão ficando com a cabeça evoluída.

⁴⁸⁸ COSTA, Adão. *Quem lucra com esta operação?* op. cit., p. 5.

⁴⁸⁹ CANABARRO, Ronaldo Pires; MEYRER, Marlise Regina. *Travesti: textos-vestígios*. op. cit. p. 21.

⁴⁹⁰ BRASIL. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2023). *Nota técnica sobre direitos humanos e o direito dos banheiros: vencendo a narrativa do apartheid de gênero que impede as pessoas transgêneras do acesso à cidadania no uso dos banheiros e demais espaços segregados por gênero*. Brasil: Antra, 28 de ago. 2023. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/08/nota-tecnica-wc-antra-final.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2023.

⁴⁹¹ COSTA, Adão. *Quem lucra com esta operação?* op. cit., p. 5.

Jane: - Acho maravilhoso porque, quando uma pessoa quer fazer uma coisa que a realize, acho divino. E o caso dos transexuais. Se eles lutam por este tipo de operação, e de repente é liberado, é uma vitória. Sou totalmente a favor.

Eloína: - Eu não sou contra. Pode ser que amanhã até faça esta operação. Porém tem que ser uma coisa legalizada. E preciso pensar legalmente, principalmente na mudança dos papéis, para que as pessoas possam viver felizes. Agora para ficar operada e continuar com os papéis de homem, prefiro continuar como estou, porque minha vida está maravilhosa.⁴⁹²

Diferente da perspectiva apresentada pelo editor, a grande maioria das entrevistadas consideraram a aprovação da lei um avanço na luta pelo reconhecimento dos direitos trans.⁴⁹³ Desse modo, os depoimentos expostos acima produziram um deslocamento nas narrativas propagandas pelo jornal e geraram um tensionamento nos discursos acerca das travestis: na perspectiva do editor os significantes do corpo foram utilizados para definir rigidamente como as travestis deveriam ser e funcionar, já nas colocações das entrevistadas o corpo foi percebido enquanto parte constituinte da identidade de gênero. Em outras palavras, elas não relacionaram a formação das identidades travestis com a obrigatoriedade de se encaixarem nas características biológicas tipicamente atribuídas aos sexos feminino e masculino, mas tiveram – com a possível aprovação da lei – a expectativa de serem minimamente reconhecidas.

Além de discutir os aspectos relacionados ao corpo, as entrevistas e reportagens que apresentaram as experiências de vida das travestilidades exploraram questões relacionadas à construção do gênero. Na edição trinta e dois, por exemplo, Francisco Bittencourt teorizou a respeito das características pertencentes as práticas das travestilidades. Segundo o editor, se observado do ponto de vista de uma sociedade em que “predominam os valores machistas” o feminino performado pelas travestis seria “a negação absoluta desses valores, o espelho onde uma sociedade castradora se reflete”.⁴⁹⁴ Entretanto, ao buscar o entendimento dessas identidades a partir de “um conceito feminista” os mesmos elementos – tidos como pertencente ao feminino – passaram a significar o enaltecimento dos valores machistas, “já que o travesti quer dar pretende dar ao homem tudo aquilo que a mulher emancipada moderna procura apagar de seu corpo, que é a imagem da mulher-boneca, da mulher objeto,

⁴⁹² Idem.

⁴⁹³ Ao todo, Adão Costa entrevistou onze travestis. Seis delas eram celebridades prestigiadas nos anos 1970 e 1980 e as outras seis eram travestis, que segundo o editor, “faziam prostituição nas ruas”. Das onze entrevistadas, sete consideraram a notícia positiva, três se colocaram contra e uma não se posicionou. Ver mais em: Idem.

⁴⁹⁴ BITTENCOURT, Francisco. *Brasil: campeão mundial de travestis*. Lâmpião da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 3, jan. 1981.

passiva e vazia”.⁴⁹⁵ Ademais, os elementos formadores das práticas das travestis foram abordados pelo editor através da perspectiva dos homossexuais masculinos:

Ser mulher, todos sabemos, é muito mais complicado do que ser homem. O homem é simples mortal, se veste como pode e lhe dá na telha, nem a barba precisa fazer, se não quer. A mulher transporta consigo toda uma parafernália cosmética quase inacreditável. Assim, a opção do travesti é uma opção de sacrifício e quase sempre de muita atribulação. Isso sem falar na dor e no sofrimento dos que tomam hormônios, implantam seios, fazem eletrólise, cortam o pomo de Adão, aumentam ou rebaixam a testa, injetam silicone nas maçãs do rosto, nos lábios e nos quadris. São as verdadeiras oitavas maravilhas do mundo, ainda em primeira geração, as bichas biônicas ou experimentais, de quem não se sabe o que advirá.⁴⁹⁶

Como exposto, as múltiplas características que envolveram a construção das práticas das travestis foram reduzidas as expectativas do Outro. Para a sociedade machista, a travesti era a negação de todos os seus valores, já para a “mulher emancipada” elas resumiram-se a reprodutoras da lógica conservadora que as oprimiam e nas expectativas dos homossexuais masculinos eram mártires que produziam sua imagem feminina por meio da dor e do sofrimento. Na visão do Outro a constituição do gênero das travestis transformou-se em um demarcador da diferença, uma vez que, a manutenção “da sociedade machista” dependia igualmente da exclusão das travestis; a afirmação da “mulher emancipada” não poderia acontecer enquanto a travesti continuasse reiterando os estigmas; e a construção do homossexual só estaria completa quando descobrissem “onde colocar o travestismo no contexto homossexual”.⁴⁹⁷ Assim, a demarcação da diferença foi acompanhada da exclusão, pois, para ser homossexual, “mulher emancipada” e até mesmo “machista” não se poderia ser travesti.⁴⁹⁸

A matéria de Aguinaldo Silva – que acompanhou o artigo de opinião de Francisco Bittencourt – apresentou outros aspectos a respeito do assunto. Durante o mês de dezembro de 1980, o editor frequentou os principais pontos de prostituição de travestis do Rio de Janeiro com o objetivo de observar e coletar o depoimento das “libélulas, mariposas, vampiras e damas da noite”.⁴⁹⁹ Seguindo um estilo de reportagem sensacionalista,⁵⁰⁰ Silva

⁴⁹⁵ Idem.

⁴⁹⁶ Idem.

⁴⁹⁷ Idem.

⁴⁹⁸ SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença*. op. cit. p. 9.

⁴⁹⁹ O editor esteve na Praça Tiradentes, no cinema Iris, no calçadão do Instituto Histórico e Geográfico e na praia do Flamengo. Ver mais em: SILVA, Aguinaldo. *Libélulas, mariposas, vampiras e damas da noite*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 3-4, jan., 1981.

entrevistou algumas travestis a fim de desvendar – para o público leitor de *Lampião da Esquina* – os mistérios e fatos ocultos da “vida das travestis”. As entrevistas produzidas por ele, foram estruturadas de modo a registrar o dia, a hora, o local observado e uma descrição – em tom dramático – de alguma experiência vivenciada pela depoente. Em seguida, as perguntas: “você gosta de ser homossexual?”, “não preferiria ser mulher?”, “porque você se prostitui?” e “como vocês vivem?” foram feitas a todas as entrevistadas. Segue abaixo, alguns trechos das repostas fornecidas ao editor:

Watusi, você gosta de ser homossexual? / Claro! Eu sou maravilhosa! / Mas não preferia ser mulher? / Pra isso que eu tou aqui: vou juntar um dinheirinho, e depois me mando pra França: vou mandar cortar [trecho do depoimento de Watusi]

Você gosta de ser homossexual? / Se eu disser a você que gosto dessa vida, tou mentindo, né? / Mas então, por que você tá aqui? / Porque aqui se ganha dinheiro fácil/ E o que você quer da vida é isso? Ganhar dinheiro? / Não é isso que todo mundo quer? Eu sou praticamente analfabeta. Ia viver de que, se não fosse à calçada? Ia ser empregadinha de madame, lavar penico? / Mas se você não fosse homossexual, não ia ter que arranjar um emprego? / Se... Essa história de "se", queridinha... [...] / Mas esse negócio de transar com tanto homem, isso não te cansa, às vezes? / [...] tá assim de homem querendo sair comigo. Eu vou achar isso ruim por quê? / Mas tem homem que só gosta de homem. Você, com esse negócio de ficar cada vez mais parecida com uma mulher, não agrada a eles / Ah, isso é maricona, eu não gosto / Mas homem que só gosta de mulher vai procurar mesmo mulher de verdade / Ah, é? Pois eu vou te contar um segredo; não existe isso: homem que gosta de mulher; isso eu aprendi aqui, na calçada; eles vão com elas só pra dar uma satisfação pra sociedade [trecho do depoimento de Ângela].

Me aproximo. Pergunto se elas moram ali, naquela casa da Rua do Lavradio (uma espécie de Casa de Irene onde só moram travestis). Uma delas me pergunta: Por quê? / É que eu queria entrar lá. Uma agitação geral. Nova pergunta: Pra quê? / Bom, é que eu tou fazendo uma reportagem [...] sobre travestis e aí, eu queria ver como é que vocês vivem. Novo silêncio [...]. De repente, uma delas, [...] volta-se para mim e murmura: Se você tentar entrar ali, a gente te mata; te estraçalha toda, e depois te joga dentro da lixeira. [trecho do depoimento de um grupo de travestis].

⁵⁰¹

Ao realizar as mesmas questões a todas as entrevistadas Aguinaldo Silva, procurou atribuir coesão as experiências de vidas das travestis. Entretanto, por mais que o editor tentou produzir um enquadramento desses relatos as respostas fornecidas aos seus questionamentos apontaram para as múltiplas trajetórias e possibilidades de ser travesti. Além disso, é interessante perceber que muitas das entrevistadas se negaram a fornecer informações ao editor ou, quando fizeram, expressaram frases como: “pegue o seu jornal e enfie no rabo!”;

⁵⁰⁰ Uma reportagem sensacionalista é caracterizada “pela cultura da violência e pela dramatização do cotidiano, com títulos enormes, ilustrações abundantes e textos condensados”. Ver mais em: BARATA ZICMAN, Renée. História através da imprensa. op. cit. p. 92.

⁵⁰¹ SILVA, Aguinaldo. *Libélulas, mariposas*. op. cit. p. 3-4.

“vai embora, viado!” e “se você tentar entrar ali, a gente te mata”.⁵⁰² Esses enunciados podem indicar uma posição de recusa das travestis diante da necessidade do Outro de construir e moldar suas experiências.

Outra temática frequentemente abordada nas entrevistas e reportagens que retrataram as experiências das travestis foi a das trajetórias de vida. Desse modo, partiremos para a análise das matérias que versaram sobre esse assunto. Nosso objetivo, ao realizar esse movimento, é apresentar os principais aspectos que compuseram as experiências das entrevistadas destacando suas reivindicações e expectativas.

Em dezembro de 1979, foi publicada uma reportagem que retratou as trajetórias de Flávia e Tatiana. Os editores Darcy Penteadó e João Silvério Trevisan, buscando reunir depoimentos de travestis para uma matéria sobre a advogada Alice Soares,⁵⁰³ foram até a rua Rego Freitas em São Paulo e as encontram “na calçada, batalhando”. Penteadó, explicou “sem rodeios que gostaria de entrevistá-las para o *Lampião* e alguns minutos mais tarde, Darcy abre a porta de sua casa para os dois travestis”. Abaixo, segue uma breve descrição – feita por Trevisan – do perfil das entrevistadas:

Flávia, é um belo travesti de 22 anos, que faz viração desde os 17. Acaba de colocar seios de silicone (“número pequeno porque não sou exagerada como as outras”). Pretende fazer seu pé de meia enquanto é jovem e acha que o homem é atraso na vida da gente. Tatiana, a outra convidado (a), tem olhos safados e 28 anos, batalhando desde os 22 (“comecei tarde porque tinha medo”), é romântica (“vivo cada momento censo se fosse o último”), não tem silicone, mas toma hormônio de vez em quando (“peito pra os caras não funciona eles querem é pinto mesmo”).⁵⁰⁴

A primeira pergunta foi direcionada a Flávia. Os editores pediram para que ela contasse um pouco sobre sua história e explicasse “como chegou a fazer viração”.⁵⁰⁵ Flávia, relatou que era do interior e fugiu para a cidade de São Paulo, em 1973, depois de conflitos com a família. Ela contou que no período que viveu em Itatiba foi internada no hospital psiquiátrico de recuperação Américo Barreto para ver “se tirava isso da cabeça e se virava

⁵⁰² Idem

⁵⁰³ Conforme as informações disponíveis na reportagem, Alice Soares, era uma advogada criminal que atuava no Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Ela acompanhava os estagiários em audiências, sempre na área criminal, e junto com eles “aguentava a barra da clientela carente da periferia de São Paulo – operários, negros, travestis – que solicitam seus serviços gratuitos ou quase”. Ver mais: TREVISAN, João Silvério. *Dois travestis, uma advogada*: três depoimentos vivos sobre o sufoco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p. 5, dez. 1979.

⁵⁰⁴ Idem.

⁵⁰⁵ Viração era um termo utilizado para se referir aos processos de se tornar travestis.

homem”. Expôs ainda, que no hospital os médicos lhe deram drogas, choque e medicação. Em conversa com Trevisan, ela descreveu um pouco mais sobre sua passagem pela clínica:

Flávia – Eu tomava impregnação, era uma injeção pra me castigar, sei lá — cada vez que eu tomava queria morrer. Ficava num estado assim, meio sonolento. E o eletrochoque era pra eu perder a vontade de ser travesti. Só que com aquilo eu ficava ainda mais amedrontada, quer dizer, mais mulher.

E os médicos tentavam lhe convencer a mudar?

Flávia – Tentavam. Botavam uma menina na minha frente, ela ficava ali nua fazendo poses, e eu não sentia nada; aí eles me davam mais eletrochoque na cabeça. Fiquei lá um bom tempo. De dois em dois meses eu fugia, mas voltava pra casa, e minha família me levava de novo pra lá. Daí, minha mãe viu que não adiantava, e me deixou um tempo em casa. Então, eu procurei um emprego, fui trabalhar. Era num hospital, eu trabalhava como *office-boy*. Mas aí eu vi que não dava mesmo: peguei minhas trouxas e vim pra São Paulo. Aqui. Fiz umas amizades, arrumei emprego numa casa de família. Eu era doméstica – quer dizer, doméstico, né? Meu cabelo já estava grande, mas eles me aceitaram assim mesmo.

Você fazia o que? Limpeza?

Flávia – Limpava, lavava prato e cozinhava. De noite, dava minhas voltinhas. Até que uma noite, eu entrei em cana, entende? Tinha esquecido a carteira profissional em casa – eu tinha a carteira assinada –. Fiquei três, quatro dias preso, e aí saiu meu retrato no "Notícias Populares", com a foto e meu nome certinho, assim - "Flávia, o travesti ladrão, se virando na Avenida Bandeirantes". Era tudo mentira, mas minha patroa ficou apavorada e me mandou embora. Daí, eu me joguei de vez na viração.⁵⁰⁶

Como exposto, parte da trajetória de vida de Flávia foi marcada por um minucioso controle do seu corpo. Ao longo de seu processo de entendimento enquanto travesti ela teve seus desejos e comportamentos submetidos a uma “máquina de poder” que objetivou, em um primeiro momento, observá-la para em seguida fabricar um corpo submisso e dócil.⁵⁰⁷ É importante perceber as relações políticas que marcaram a construção da identidade de gênero de Flávia: ao identificá-la enquanto um corpo desviante dos padrões impostos pela sociedade sua família atuou de forma a fragmentar e dissolver sua sexualidade.⁵⁰⁸ Assim, ao ser levada para o hospital psiquiátrico as relações de poder tiveram um alcance imediato sobre ela. As drogas, o eletrochoque e a medicação atuaram como dispositivos de controle e assujeitamento de sua sexualidade. Segundo Michel Foucault, “este investimento político do corpo está ligado [...] à sua utilização econômica; [...] como força produtiva que o corpo é

⁵⁰⁶ TREVISAN, João Silvério. *Dois travestis*. op. cit. p. 5.

⁵⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987, p. 164.

⁵⁰⁸ Segundo Foucault, a família é um dispositivo de fragmentação e dissolução das sexualidades que atua de forma a dissipar os desejos sexuais. Ver mais em: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*. op. cit. p. 45-47.

investido por relações de poder e dominação”.⁵⁰⁹ Portanto, Flávia só deixou de ser torturada pelo hospital e pela família quando procurou um emprego e se “tornou força útil e ao mesmo tempo produtiva e submissa”.⁵¹⁰

Os editores também pediram para que Tatiana contasse sobre sua trajetória. Ela explicou que apesar de “nunca ter tido atração por mulheres” iniciou suas transformações – por conta do medo – só depois dos vinte anos de idade.⁵¹¹ Além disso, ela apresentou em seu depoimento que a perseguição policial foi uma constância ao longo de sua trajetória. Segue abaixo, um fragmento de seu relato:

Teve um caso que aconteceu há uma semana, é muito importante; eu ia descendo e vinham dois caras, um deles passou a mão em mim; eu quis ratear com ele, mas os dois mandaram a gente ficar quieta. Pareciam dois malandros mesmo, não tinham senso de nada. Eu fiz o que eles mandaram, mas aí me entrosei com minhas amigas, e uma delas falou: “É, vamos dar um pau nesses caras, que eles tão muito folgados”. A gente partiu pra cima deles, mas aí um deles puxou um revólver e deu um tiro na gente. Todo o mundo correu, menos eu que fiquei lá, incrementando com eles, chamando eles de malandros e tal. Dali a pouco veio a Garra;⁵¹² uma amiga minha foi lá e falou pra eles, “olha, esses dois caras estão com um revólver, atiraram na gente”. Pois os dois voaram em cima dela e bateram tanto que a pobre até hoje está no hospital; eram da polícia, também!⁵¹³

Tatiana, evidenciou que a polícia de São Paulo elaborou diversas estratégias para reprimir e controlar a presença das travestis, como por exemplo, mobilizar “um homem, uma mulher e um cachorro” para persegui-las ou utilizar de disfarces para abordá-las.⁵¹⁴ Ao ser questionada por Trevisan sobre quantas vezes havia sido presa, ela respondeu que “umas dez vezes”, considerou que foram poucas, comparada a uma conhecida “que já foi presa mais de cem vezes”.⁵¹⁵ Se a polícia produziu estratégias para reprimi-las, Flávia e Tatiana, descreveram as táticas utilizadas pelas travestis para desmobilizar as operações policiais:

Flávia – Quando a gente sai de casa em pleno dia, eu pego uma sacola para dar uma disfarçada, senão eles levam. Finjo que vou fazer compras.

⁵⁰⁹ Ibidem, p. 29.

⁵¹⁰ Idem.

⁵¹¹ TREVISAN, João Silvério. *Dois travestis*. op. cit. p. 6.

⁵¹² Segundo informações divulgadas pelo jornal, GARRA era um Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos. O grupo foi uma criação do Erasmo Dias, secretário de segurança do Estado de São Paulo, para assaltos a bancos. Entretanto, como apontado pela advogada Alice Soares, ele estava sendo utilizado na “repressão aos travestis”. Ver mais em: Idem.

⁵¹³ Idem.

⁵¹⁴ Idem.

⁵¹⁵ Ibidem, p. 7.

Tatiana –As do babado são as que se cortam, dão escândalo, apanham, chegam na polícia e já viram a máquina do delegado. É, tem travesti que é assim; quando são presos eles se revoltam e pegam o delegado, batem nele. Daí o delegado leva eles pro xadrez. Naquele dia, eles tiraram toda a roupa e tocaram fogo. Foi aquele fumacê na cela, todo o mundo gritando. E aí falaram: vamos se cortar todos juntos. Uma dava a gilete para a outra... Já fazia quatro dias que estavam lá; então, se cortavam pra ver se levavam eles pro hospital, porque lá o pessoal tem medo do escândalo e solta elas.⁵¹⁶

Como apresentado, as travestis – dentro das estratégias estabelecidas pela polícia – desenvolveram suas táticas de resistências, como por exemplo, “dar escândalo” para se livrarem das prisões arbitrárias e se cortarem para serem liberadas. “Os escândalos” eram táticas frequentemente utilizadas pelas travestis durante os anos 1978 e 1981. Eles resumiam-se em criar uma situação constrangedora com o objetivo de expor publicamente algum caso que as travestis considerassem injusto. Tal recurso foi muito difundido entre as práticas das travestis. Impediu, por exemplo, que a Watusi da cidade do Rio de Janeiro fosse levada para o distrito policial, uma vez que, “este teve que ser esvaziado porque iam receber a visita de um juiz, e os canas não queriam dar vexame”⁵¹⁷.

Produzir táticas para contornar a repressão policial não foi algo exclusivo das trajetórias de Flávia e Tatiana. Como veremos a seguir, nos anos 1978 e 1981, as travestis se empenharam na luta contra as operações de “Rondão” e nas estratégias de limpeza que buscaram higienizar as ruas de sua presença.

3.2 – A guerra às mariposas e as pequenas flores da revolução: analisando as operações de higienização e as táticas de resistências das travestilidades à repressão

Tirar os travestis das ruas de bairros estritamente residenciais; reforçar a Delegacia de Vadiagem para aplicar o artigo 59 da lei das Contravenções Penais; destinar um prédio para recolher somente homossexuais; e abrir uma parte da cidade para fixá-los são alguns pontos do plano elaborado para combater de imediato os travestis.⁵¹⁸

O Estado de São Paulo

⁵¹⁶ Ibidem, p. 6.

⁵¹⁷ SILVA, Aguinaldo. *Libélulas, mariposas*. op. cit. p. 4.

⁵¹⁸ O ESTADO DE SÃO PAULO. *Polícia já tem plano conjunto contra travestis*. São Paulo, abr. 1980, p. 20. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 5 set. 2022.

Em 1980, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma reportagem que retratou o plano de combate às travestis elaborado pelo delegado Paulo Bonchristiano⁵¹⁹ em conjunto com o coronel da polícia militar Sidney Palácios. Motivados pelas matérias veiculadas “pelo O Estado sobre o perigo que representam os travestis nas ruas da cidade [...] os dois policiais traçaram um esquema de prevenção”.⁵²⁰ A estratégia deles consistiu na:

Retirada dos travestis das áreas estritamente residenciais com a utilização de todo dispositivo possível de homens e viaturas dos distritos policiais [...]. Ao mesmo tempo em que a atuação nas ruas será rigorosa, a Delegacia de Vadiagem deverá ser reforçada com escrivães, investigadores e viaturas [...]. Paulo Bonchristiano e Sidney Palácios pretendem também que a Secretaria de Segurança providencie um prédio próprio para recolher os travestis.⁵²¹

A matéria publicada pelo *O Estado de São Paulo* foi motivo de preocupação do editor Darcy Penteado. Na edição vinte e quatro do *Lampião da Esquina* ele destacou que o plano de repressão elaborado por Bonchristiano e Palácios “configura-se de muita gravidade porque além de contrariar a constituição, violenta o direito humano de não segregação”.⁵²² A medida foi vista ainda como alarmante porque, se aprovada, poderia motivar a criação de “prisões especializadas para tudo e todos que por qualquer razão pudessem ser incômodos à ideologia do sistema”.⁵²³ Para mais, cabe destacar que o editor criticou a postura exercida pelo *O Estado de São Paulo*, pois na reportagem “as palavras travesti e homossexual foram usadas sem a especificação adequada, o que pelo menos para o grande público se faria necessário”.⁵²⁴ Como exposto, apesar do *Lampião da Esquina* pautar a união “sob uma mesma bandeira de todos aqueles que não tiveram voz”⁵²⁵ as colocações de Penteado contradizem essa perspectiva, uma vez que, – mesmo denunciando os abusos cometidos pela polícia contra as travestis – o editor se preocupou em distinguir o “homossexual” da imagem “do travesti prostituto passível ao crime”. Essa postura, explícita o caráter contraditório das

⁵¹⁹ “José Paulo Bonchristiano, foi chefe da Divisão de Ordem Política do Dops de São Paulo. A primeira operação de grande porte realizada por ele no Dops, em abril de 1964, foi a apreensão de 19 cadernetas na casa do líder comunista Luís Carlos Prestes [...]. Bonchristiano também comandou a Operação Ibiúna, que desmantelou o Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 12 de outubro de 1968”. Ver mais em: MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da ditadura*: Paulo Bonchristiano. Disponível em: < <https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/paulo-bonchristiano/> >. Acesso em: 19 set. 2023.

⁵²⁰ O ESTADO DE SÃO PAULO. *Polícia já tem plano*. op. cit. p. 20.

⁵²¹ Idem.

⁵²² PENTEADO, Darcy. *Um apelo da tradicional família Mesquita*: predam, matam e comam os travestis! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 24, p. 2, maio. 1980.

⁵²³ Idem.

⁵²⁴ Idem.

⁵²⁵ BITTENCOURT, Francisco. *Deus nos livre do boom gay*. op. cit. p. 4.

publicações do periódico e expõe a linha tênue entre a “união de todas as bandeiras” e a afirmação dos homossexuais masculinos.

O artigo de opinião do editor Darcy Penteado, registrou as reivindicações das travestis diante das medidas repressivas instauradas pelo Estado:

Foi bastante importante a participação dos (poucos) travestis que tiveram a coragem de comparecer ao 1 Encontro Brasileiro de Homossexuais. Seus depoimentos pessoais sobre repressão, maus tratos e extorsões que sofrem, tiveram a força de um libelo, exigindo urgentes providências de nós, os homossexuais, contra a máquina da repressão do sistema que ainda não foi desativada, como se andou propalando. Tudo faz crer (tomara que não) que esteja em fase de descanso para reparo. Não podendo mais ser usada para fins políticos devido às modernas e anunciadas aberturas, usará sua força para impor a moral de conveniência dos sistemas aos indesejáveis mais óbvios: os homossexuais e particularmente os travestis.⁵²⁶

Como exposto no fragmento, na medida em que o processo de abertura avançava “a máquina da repressão” produzia novos alvos para combater. Nesse sentido, intensificou-se o controle moral e a perseguição as travestis. Este também foi um ponto abordado na entrevista oral produzida pelos pesquisadores Julia Gumieri e Marcos Tolentino no Memorial da Resistência de São Paulo com a ativista travesti Neon Cunha.⁵²⁷ Em seu depoimento, Cunha pautou a urgência de repensar as demarcações temporais do Regime Militar, visto que, a Constituição é de 1988, mas, “mesmo assim muito liderada por homens brancos [...] que sobreviveram fazendo seus acordos [...]. Eu conheço a ditadura até os anos 2000, que são as operações de extermínio, que tem residual e práticas da ditadura. Então, assim, dizer que ela acabou em 85, pra quem? Eu continuei preta, pobre e trans. A ditadura permaneceu”.⁵²⁸

Na edição vinte e seis de 1980 e na trinta e dois de 1981 é possível acompanhar o desenrolar dessas estratégias de combate as travestis. Como descrito na reportagem de João Silveiro Trevisan, todo processo de perseguição começou em abril de 1980 quando “um jornal de grande penetração nas áreas conservadoras iniciou uma campanha contra os travestis, sugerindo que a polícia tomasse atitudes mais enérgicas”.⁵²⁹ Em seguida, a polícia militar e civil se juntaram “para, entre outras coisas, tirar os travestis dos bairros residenciais,

⁵²⁶ PENTEADO, Darcy. *Um apelo da tradicional família*. op. cit. p. 2.

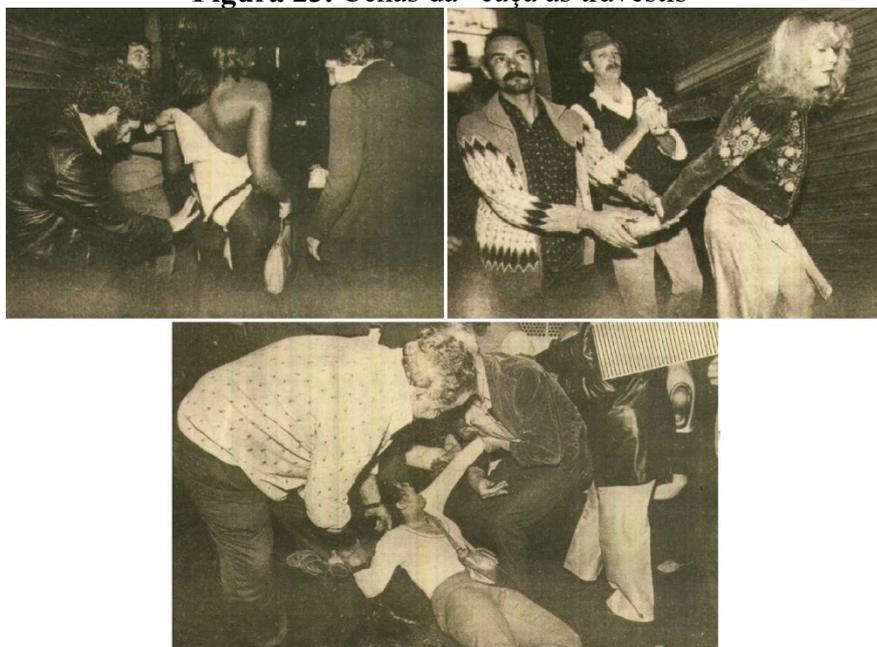
⁵²⁷ Neon dos Afonso Cunha, nasceu em 1970 em Belo Horizonte – MG. Atualmente, é funcionária pública, publicitária e ativista por direitos humanos. Ver mais em: CUNHA, Neon. *Entrevista sobre gênero, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Entrevista concedida a Marcos Tolentino e Julia Gumieri em 27/07/2022 no Memorial da Resistência de São Paulo por meio do “Projeto Percursos Curatoriais Gênero e Ditadura” desenvolvido em parceria com o Acervo Bajubá.

⁵²⁸ *Ibidem*, p. 14.

⁵²⁹ TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 18, jul. 1980.

reforçar a Delegacia de Vadiagem e destinar um prédio (o desativado presídio do Hipódromo) para abrigar especialmente homossexuais”.⁵³⁰ No fim de maio de 1980, o esquema chefiado por Bonchristiano e Palácios foi transferido para o delegado José Wilson Richetti que “chegou para levar o plano até as últimas consequências, através das Operações Limpeza e Rondão”.⁵³¹ Com a mobilização de uma equipe policial, Richetti “saía pela cidade disposto a limpar não apenas as zonas residenciais, mas sobretudo o centro da cidade, atacando as Bocas do Lixo, a Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche e Vieira de Carvalho, áreas frequentadas por prostitutas, travestis, miches, lésbicas e bichas em geral”. As agressões e violações praticadas pelo delegado foram registradas em uma série fotográfica produzida por Juca Martins e divulgadas na última página do *Lampião da Esquina*:

Figura 23. Cenas da “caça as travestis”



Fonte: LAMPIÃO DA ESQUINA. *Pega pra captar!* Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 20, jul. 1980.

Além dos registros imagéticos, Trevisan divulgou os depoimentos de algumas travestis vítimas do Richetti. Uma delas relatou que o delegado “abriu uma gaveta e fechou-a violentamente prendendo seus seios”.⁵³² O editor descreveu ainda, que presenciou os “investigadores tentarem tirar a dentadura de um travesti, para recolher a gilete escondida e como ele jurou aos berros que seus dentes eram naturais, foi

⁵³⁰ Idem.

⁵³¹ Idem.

⁵³² Idem.

espancado”.⁵³³ Expôs também, que mulheres alvos da repressão reclamaram dos “banhos de água fria e das porradas que arrancam dentes, quebram pés e provocam abortos; denunciaram as extorsões mascaradas em fianças altíssimas e roubos sistemáticos de objetos de valor ou dinheiro, no ato da prisão”.⁵³⁴

Na sexta-feira, 13 de junho de 1980 travestis, prostitutas e lésbicas cansadas das investidas de Richetti organizaram um ato público de protesto. Reunidas diante do Teatro Municipal a marcha seguiu em direção à Praça Largo do Arouche – fechada a mais de duas semanas pelo delegado. Exibindo faixas que “pediam a exoneração de Richetti” e gritando os slogans “ada, ada, ada Richetti é despeitada ou então: a b x, libertem os travestis e Richetti enrustida deixa em paz a nossa vida, um dois três Richetti no xadrez” as manifestantes protestaram contra “a prisão cautelar ali experimentada e exigiam o fim da violência policial, da discriminação racial e a libertação de putas e travesti”. A reportagem divulgou uma fotografia da passeata:

Figura 24. Passeata contra a repressão policial



Fonte: TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 18, jul. 1980.

Trevisan chamou a atenção para o fato de que quando a passeata parou na praça do Arouche muitos “estabelecimentos amplamente sustentados pelas bichas começaram a baixar as portas, inclusive o famigerado Caneca de Prata cuja clientela de viados classe-média, entre incrédula e divertida, espiava as primas pobres, através da porta de vidro”.⁵³⁵ Aqui

⁵³³ TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti*. op. cit. p. 18.

⁵³⁴ Idem.

⁵³⁵ TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti*. op. cit. p. 18.

torna-se visível as demarcações de classe que separam as demandas das diversas identidades que se aglomeravam em torno da categoria de homossexual. Ao final da matéria, o editor ressaltou que:

Nada indica que a repressão vai arrefecer depois disso. Apesar de prometer punição para as arbitrariedades dos policiais, o secretário de segurança adverte que ‘não será esse o pretexto de que poderão valer-se aqueles que infringem as leis, ou atentam contra a moral e os bons costumes, para voltar a constringer a sociedade com seus desvios de comportamento’. Aliás, de agora em diante parece que o próprio DOPS irá acompanhar o movimento homossexual com mais atenção, conforme se deduz de boletim expedido por esse órgão.⁵³⁶

De fato, a guerra não havia cessada. Na edição trinta e dois de 1981 os colaboradores do *Lampião da Esquina* Paulo Augusto e Francisco Fukushima, publicaram uma matéria registrando o desenrolar do conflito. A publicação apresentou que após serem “perseguidos pela máquina policial – azeitada principalmente a partir de maio, quando foi desfechada a chamada operação Rondão – os travestis paulistas começaram a abandonar o centro da cidade, seguindo para os bairros ou avenidas da Zona Sul”.⁵³⁷

Apesar da grande fuga das travestis do centro da cidade, os colaboradores conseguiram “conversar com os mais audazes que insistiram em fazer seu *trottoir* no Centro”.⁵³⁸ Caminhando pelas ruas, Augusto e Fukushima se depararam com uma “variedade humana imensa – prostitutas, mendigos, vadios, gente de classe média enchendo as lojas e policiais: dezenas, centenas deles, percorrendo incessantemente todo o Centro, a revistar qualquer pessoa que achem por bem revistar”.⁵³⁹ Depois de muita procura, eles encontraram Aretusa de 17 anos que relatou os desdobramentos das operações de Richetti:

A maioria dos travestis foi para as avenidas Angélica, Indianópolis, República do Libano e Radial Leste. Aqui a gente não pode trabalhar em paz. Os bofes ficaram amedrontados depois do Rondão os melhores fregueses sumiram. Agora a média são dois, e olhe lá. Os homens não dão trégua. Outro dia, na carreira eles atiraram na gente e acertaram no salto da minha sandália. Lá no distrito, tanto no 1º, 2º, 3º ou 5º eles tomam tudo. A Cleide, para sair teve que entregar Cr\$ 8 mil. E olha que ainda levou gás lacrimogênio na cara. Esse Richetti, então, é um viado. Uma bichona enrustida que nos persegue por puro prazer. Por que ele não assume?⁵⁴⁰

⁵³⁶ Idem.

⁵³⁷ AUGUSTO, Paulo; FUKUSHIMA, Francisco. *Na paulicéia, com olhos de lince e pernas de avestruz*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 5, jan. 1981.

⁵³⁸ Idem.

⁵³⁹ Idem.

⁵⁴⁰ Idem.

Os colaboradores do *Lampião da Esquina*, também conseguiram conversar com Tatiana que descreveu a situação das ruas depois das investidas do delegado:

Eles querem reduzir as bichas a zero [...]. Me transferi da Radial Leste para cá há coisa de um ano, pois lá não tava dando mais. As bichas aqui são mais finas, e os fregueses quando gostam, não nos largam mais. A merda é que com o Richetti os melhores bofes sumiram. Eu também passei um tempo sumida. Como sou de menor – 1 7 anos – me levaram para a UT-3 da Febem, onde cortaram meu cabelo e me deram hormônios masculinos para eu ser homem [...]. E depois, eles são uns filhos da puta. Um professor de educação física tenta comer as bichas que vão pra lá. Veio pra cima de mim mas não deu. Outro cara, policial quando gosta da bicha, depois que ela é solta, vem procurá-la aqui, no pedaço, pra sair com ela.⁵⁴¹

Na página oito da mesma edição, o editor Darcy Penteado publicou um artigo de opinião no qual refletiu a respeito das operações de perseguição. Ele apontou que “sem conseguir resolver o problema da criminalidade no centro da cidade de São Paulo, a operação Rondão jogou para os bairros aqueles a quem o delegado Richetti considera lixo humano: prostitutas e travestis”.⁵⁴² Expulsas das áreas centrais, as travestis se aglomeraram na periferia resultando em uma “sobrecarga sobre a qual as autoridades competentes só pensam em termos de repressão e nada mais”.⁵⁴³ Não demorou muito e as travestis se tornaram alvos de perseguição dos demais moradores, que ressaltaram que só “seriam compreensivos desde que aqueles moderassem o seu exibicionismo, considerado excessivo”.⁵⁴⁴

Além do exposto, Augusto e Fukushima destacaram as consequências geradas pelas políticas de ódio as travestis:

Não bastasse a perseguição policial, os travestis tiveram de sofrer, em novembro, o resultado dos caprichos de um desequilibrado que portava uma espingarda ‘picapau’, carregada de chumbo e sal grosso, com a qual alvejava os travestis da Zona Sul da cidade. Apelidado pelo jornal Notícias Populares com o epíteto de ‘Jack, o Atirador’. Carlos Pineezi Filho, 28 anos, ex vendedor de automóveis (trabalho que abandonou, junto com sua casa e a noiva), durante três semanas disseminou o medo e o ódio entre os travestis do pedaço. Aproximava-se fingindo interesse, dava um rápido sinal de luz com seu carro e, quando o travesti tinha se oferecer, disparava a espingarda, geralmente apontada para o traseiro ou as pernas da vítima e soltava gostosas gargalhadas enquanto está fugia. Ele, pelo menos, colheu o que semeou foi atacado por dois travestis, no dia 7 de novembro e agredido a gilete e cacos de vidro, sendo hospitalizado com um corte profundo na testa.⁵⁴⁵

⁵⁴¹ Idem.

⁵⁴² PENTEADO, Darcy. As flores negras da repressão. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 8, jan. 1981.

⁵⁴³ Idem.

⁵⁴⁴ Idem.

⁵⁴⁵ AUGUSTO, Paulo; FUKUSHIMA, Francisco. *Na paulicéia, com olhos de lince*. op. cit. p. 5.

De acordo com o fragmento, as matérias veiculadas pela “imprensa marrom”, bem como, as declarações públicas de Richetti motivaram os diferentes seguimentos da população a iniciarem uma caçada as travestis. Notícias como a descrita acima – na qual os distintos segmentos sociais decidiram perseguir e exterminar as travestilidades – não foram acontecimentos isolados e nem ficaram restringidos só a cidade de São Paulo. Na décima edição do *Lampião da esquina*, por exemplo, o editor Aguinaldo Silva publicou uma reportagem que retratou o caso da travesti carioca, Verushka. Ela era moradora do “Edifício Canindé, na Rua Washington Luis, no bairro carioca de Fátima” um típico prédio que abrigava “em doce convivência as pessoas mais diversas: famílias de classe média remediada, rapazes solteiros, mulheres solitárias de ocupação mais ou menos obscura e aposentados militares do terceiro escalão”.⁵⁴⁶ Entretanto, a escolha de um novo síndico “veio alterar o precário equilíbrio no qual seus moradores conviviam”.⁵⁴⁷

Como descrito na reportagem o novo síndico, Gérson Correia, era “sargento da Marinha, solteiro e adepto fiel da teoria de que homem, para ser homem tem que falar muito alto e fazer gestos largos”.⁵⁴⁸ Ao tomar posse no cargo “baixou uma série de éditos”, dentre eles, um destinado especificamente a “Vicente de Fluri, o travesti Verushka, morador do prédio há quatro anos: a partir de sua posse como síndico ele só poderia continuar usando o elevador social do prédio se trocasse suas vestimentas por roupas ‘estritamente masculinas’”.⁵⁴⁹ Verushka, se defendeu dos abusos e questionou Gérson sobre o que ele “entendia por roupas estritamente masculinas”.⁵⁵⁰ Ela explicou ainda, que era “um artista, que tinha carteira da Censura Federal, que tinha passado por um tratamento de hormônios, e que sua figura só seria chocante se [...] passasse a usar paletó e gravata”.⁵⁵¹ Mas, o síndico não quis ouvir suas explicações e respondeu aos gritos: “quem manda no prédio sou eu, e eu quero moralizar isso aqui”.⁵⁵² A partir de então, Verushka levou o caso para a justiça.

A advogada responsável por conduzir o processo de Verushka foi Aída Vaisberg, “velha amiga de Vicente [...] especializada em advocacia criminal”. Aída, confessou que

⁵⁴⁶ SILVA, Aguinaldo. *Síndico quer Verushka usando gravata e paletó*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, p. 3, mar. 1979.

⁵⁴⁷ Idem.

⁵⁴⁸ Idem.

⁵⁴⁹ Idem.

⁵⁵⁰ Idem.

⁵⁵¹ Idem.

⁵⁵² Idem.

“atuar numa causa civil era novidade para ela”. Contudo, pontuou os motivos pelos quais não hesitou em defender os interesses de Verushka:

Em primeiro lugar, porque nós somos amigos. Mesmo assim, eu não ficaria com o caso, se não achasse que Vicente tem ratão. Acontece que ele é um cidadão, fiel cumpridor dos seus deveres, que paga impostos etc, como é que se pode pensar em restringir seus direitos? Um destes, seguramente, é andar vestido com as roupas que quiser. Eu poderia ter ido até uma delegacia e dado queixa por constrangimento ilegal. Mas, com isso estaria criado o escândalo, e eu quero preservar a imagem de Vicente. Além disso, andei pesquisando e descobri o seguinte: esse tipo de ação é inédita no Brasil, nunca foi tentada antes. Com ela, estará firmada jurisprudência, o que é muito importante para as pessoas que costumam sofrer esse tipo de perseguição por parte de síndicos arbitrários.⁵⁵³

A reportagem divulgou que para Verushka, o caso deixou de ser puramente pessoal, visto que, ela adquiriu consciência de que “há muita gente que passa pela mesma situação e trata de mudar dos prédios em que moram, em vez de defender seus interesses”. Nesse sentido, ela se empenhou na luta pela garantia de seus direitos, afirmando que: “eu quero que fique bem claro; se a atitude do síndico é ilegal, então a lei nos proteja de atitudes como estas”.⁵⁵⁴

Como vimos nas análises realizadas neste capítulo, apesar das limitações que marcaram as publicações do *Lampião da Esquina* – no que tange as travestilidades – foi possível explorar por meio das edições do jornal os aspectos relacionados as experiências de vida das travestilidades, bem como, evidenciar algumas das táticas de resistências produzidas para fazer frente a repressão promovida pelas políticas de ódio instauradas pelo Estado, entre 1978 e 1981.

⁵⁵³ Idem.

⁵⁵⁴ Idem.

Considerações finais

Ao longo desta dissertação buscamos compreender as elaborações referentes às identidades travestis veiculadas pelos editores e colaboradores do jornal *Lampião da Esquina*, entre os anos 1978 e 1981. Analisamos as diversas lutas de representações e as composições visuais presentes nas páginas do periódico, bem como, observamos que as construções produzidas pelo conselho editorial acerca das homossexualidades não ocorreram sem tensões e nem sempre foram consenso dentro do editorial do jornal.

A partir de uma contextualização do periódico e dos elementos que caracterizaram seu projeto político e gráfico, percebemos que uma das estratégias da publicação foi a de desvincular as imagens dos homossexuais das representações que até o momento haviam se cristalizados em torno dessas identidades. Nesse sentido, a busca pela constituição de novas representações para as homossexualidades, as tentativas de desassociar das representações que haviam sido construídas até o momento e os esforços de produzir novas visualidades para as identidades homossexuais, levaram os editores a fixaram o *Lampião da Esquina* para fora do gueto.

A partir das análises realizadas em torno da constituição tanto do nome escolhido para a publicação, quanto dos elementos formadores do logotipo do jornal, compreendemos que as narrativas dos editores de promover uma saída do gueto das identidades tidas como desviantes produziram uma série de discursos que desvincularam essas identidades, principalmente dos gays masculinizados, dos textos e imagens que os associaram ao binômio sexo/gênero. Desse modo, sair do gueto envolveu um duplo movimento, no qual os editores desvincularam os homossexuais de imagens estereotipadas, mas paralelamente, construíram em seu lugar outra imagem que recorreu a uma correspondência naturalizada entre vagina/feminino e pênis/masculino.

Em seguida, destacamos a necessidade de conceber o projeto político e gráfico do periódico através da contradição, uma vez que, suas publicações não possuíram um único eixo conciso e unidirecional. Essa perspectiva favoreceu o entendimento de que apesar da sua importância para a história da imprensa alternativa, no que tange as travestilidades, as estratégias do *Lampião da Esquina* estavam ainda tentando se encaixar nos padrões de um sistema sexo/gênero e em linhas gerais, não propôs uma desconstrução completa desse discurso.

Ao longo das edições do jornal observamos através das imagens e textos produzidos pelo conselho editorial as tentativas dos editores de construir uma identidade homossexual comum para as diversas experiências que se aglomeraram nessa categoria. Desse modo, – apoiado nas produções do historiador Ronaldo Pires Canabarro – identificamos que os editores agruparam as identidades em uma hierarquia: entendidos ou esclarecidos; bichas/guei/deslumbradas; pintosas ou bonecas; bichas-loucas; travestis; bichas biônicas e transexuais.

De forma geral, os textos e imagens mobilizados pelo *Lampião da Esquina* acerca das identidades travestis foram marcados por muitas contradições. Como exposto, do mesmo modo que o termo homossexual funcionou como um grande guarda-chuva que abrigou as identidades travestis, gays e lésbicas o termo travesti também foi utilizado para representar uma multiplicidade de experiência. Assim, o estudo do projeto gráfico produzido pelos editores demonstrou que as imagens e textos mobilizados para arquitetar as identidades das travestis recorreram a elementos muito utilizados durante os anos 1970 e 1980 para construir o imaginário social das travestis, como por exemplo, a postura provocativa e a composição de uma imagem feminina, seminua e com o semblante debochado.

Analisar os sentidos dos registros visuais das travestis em seus mais diversos circuitos expôs que essas imagens arquitetaram uma determinada prática imaginária das travestis e atribuíram certos comportamentos e características a essas identidades. Nesse sentido, os inventários imagéticos construídos no decorrer desta dissertação evidenciaram que durante os anos 1970 e 1980 as travestis foram, recorrentemente, associadas aos arquétipos de mulheres vamps (sedutoras, cureis e impetuosas com seus pretendentes) e ao arquétipo do “protótipo do travesti violento” que “se corta com gilete e corta os outros”.

Ademais, ao calcar seu projeto político e gráfico na estratégia de “dar voz e representar todos os grupos injustamente discriminados” os editores do *Lampião da Esquina* – paralelamente e de forma imbricada – atuaram na perpetuação e criação de certos estigmas relacionados as travestilidades e produziram uma série de entrevistas e reportagens que apresentaram e, conseqüentemente, produziram as experiências de vida das travestilidades. Nesse sentido, foi possível utilizar da contradição e incoerência que caracterizou as edições do jornal para construir um mosaico de experiências que registrou as principais narrativas que marcaram as trajetórias das travestilidades entre 1978 e 1981.

Fontes e bibliografia

Fontes

Edições de Jornal

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

ACOSTA, Adão. *Juiz de fora elege sua 'miss gay'(TFM aplaude)*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 13, set. 1979.

ACOSTA, Adão. *Travesti protesta*. Cartas na Mesa. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 19, novembro, 1979.

ARACAJU. Ferreirinha. *De assunto só*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 2, janeiro, 1981.

ALBUQUERQUE, Sandra Maria C. de. *Mais penas de pavão*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, 25 jun. a 25 jul. 1978.

AUGUSTO, Paulo; FUKUSHIMA, Francisco. *Na paulicéia, com olhos de lince e pernas de avestruz*. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 5, jan. 1981.

AZEVEDO, Bamby. *Travesti protesta*. Cartas na Mesa. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 19, novembro, 1979.

ALMEIDA, Sueli. *Uma questão de linguagem*. Cartas na mesa. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 14, dez. 1978.

BASTOS, José Fernando. *Escolha seu nome*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 9, nov., 1978.

BASTOS, José Fernando. *Eloína dá o serviço: operações, implantes e silicones*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 3, fev., 1980.

BITTENCOURT, Francisco. *Um filme para abertura*. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 17, nov. 1979.

BITTENCOURT, Francisco. *Deus nos livre do boom gay*. Lampião da Esquina, ano 2, n. 23, abr. 1980, p. 4.

BITTENCOURT, Francisco. *Mais tesão, menos politicagem*. Lampião da Esquina, ano 3, n. 27, ago. 1980, p. 8.

BITTENCOURT, Francisco. *Brasil: campeão mundial de travestis*. Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 3, jan. 1981.

CARNEIRO, João. *Esquerda, direita, um dois*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 2, abr. 1980.

CARNEIRO, João; PENTEADO, Darcy. *A morte de "Luisa Felpuda"*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, p. 4-5, jun. 1980.

CAMARGO, P. *De frentes e querelas*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 14, 25 jul. a 25 ago. 1978.

C. S. S. *Lendo o número zero*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 15, 25 maio a 25 jun. 1978.

CARTAS NA MESA. *Lampião é desnudado*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 14, 25 jul. a 25 ago.

- CARTAS NA MESA. *Por causa de Rivelino*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 14, 25 maio a 25 jun. 1978.
- CARTAS NA MESA. *Uma questão de linguagem*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 14, dez. 1978.
- COSTA, Adão. *Quem lucra com esta operação?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981.
- DANTAS, Frederico Jorge. *Qual é a da nossa imprensa?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, número 0, p. 2, abril, 1978.
- DOOLITIE, Elisa. *Homens nus*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 14, abr. 1978.
- EMANUEL, Paulo. *Muito ótimo!* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979.
- EMANUEL, Paulo. *Com a cara e a coragem*. Tendências. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p. 17, dez. 1978.
- FRY, Peter. *História da imprensa baiana*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 4, 25 ago. a 25 set. 1978.
- FERREIRA, José Alcides. *Pauladas na bichórdia*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 14, 25 jun. a 25 jul. 1978.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Esquina precisa de policiamento*. A cidade é sua. São Paulo. Agosto de 1980, p. 14. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=&periododesc=05%2F07%2F1982&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=05&month=07&year=1982&jornais=>>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- GUIMARÃES, Gide. *Qual é a tua, oh lampião?* Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 17, 25 ago. a 25 set. 1978.
- GRUPO SOMOS. *Grupo Somos: uma experiência*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 14, p. 2, maio, 1979.
- HECTOR; RICARDO. *Louca e muito da baratinada*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 4, jan., 1979.
- HOCQUENGHEM, Guy. *Hocquenghem – Revolucionário é o travesti*, Entrevista, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, p. 6-7, jul. 1981.
- J. C. L. *O povão, onde está o povão?* Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 19, 25 ago. a 25 set. 1978.
- Hilário, Pedro. *A dona boazuda*. Literatura, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 20, 25 ago. a 25 set. 1978.
- JORNAL DA REPÚBLICA (SP). *Em cartaz*. São Paulo, n. 65, p. 14, 10 nov. 1979. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=194018&pagfis=1114&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- KLEINBERG, Seymour. *Gay-macho: uma nova tragédia americana*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 8-9, jan. 1979.

LACERDA, Luiz Carlos. *Vítimas da falta de espaço*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 4, janeiro, 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Capa*. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 1, abril, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartas na mesa*. Rio de Janeiro, edição experimental, n. 0, p. 14, abril, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Desafio aos cartunistas*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 14, 25 jul. a 25 ago.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Capa*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 1, 25 ago. a 25 set., 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *"Mimosas", sim; mas é bom não confundir*. Reportagem. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 9, 25 ago. a 25 set., 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Bixórdia*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, p. 12, out. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Durante dois meses ele foi "Eloína", mas é apenas um filme*. Entrevista, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 10, set. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Incrível, fantástico, extraordinário: Rafaela Mambaba, "alive and well"!* Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 6-7, fev. 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Nunca houve uma mulher como Shirley*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, p. 20, maio. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cenas de um filme lampiônico*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 9, jan./ago. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Sobre os travestis*. Cartas na mesa. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *O travesti é como um pistoleiro: todo dia tem que vencer um desafio*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 12, nov. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartaz*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 13, nov. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Capa*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 1, jan. 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Capa*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 36, p. 1, maio, 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartum*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 6, mar. 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Pega pra capar!* Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 20, jul. 1980.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartum*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 20, abr. 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartum*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Homem/mulher: pra virar tudo basta operar?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Cartum*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 36, p. 16, maio. 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Ornamento de página*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 9, dez. 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Ornamento de página*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, p. 12, jun. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Publicidade do jornal Repórter*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 15, p. 7, ago. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Durante seis meses ele foi Eloína. Mas é apenas um filme*. Reportagem. Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 10-11, set. 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Sem essa de entregação*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 9, 25 de maio a 25 de junho, 1978.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *Rogeria superstar: confissões íntimas da camisa 10 dos travestis*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 8-10, jan. 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. *A foto da nossa capa*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 9, jan. 1981.

MASCARENHAS, João Antônio. *Sobre tigres de papel*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 9, 25 de agosto a 25 de setembro, 1978.

MASCARENHAS, João Antônio. *Assumir-se? Por quê?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 2, 25 jun. a 25 jul. 1978.

MATTOSO, Glauco. *Não me espreme que eu sangro*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 5, 25 ago. a 25 set. 1978.

MAMBABA, Rafaela. *Quem atira a primeira pedra?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 8, 25 ago. a 25 set., 1978.

MOREIRA, Antônio Carlos. *Um passeio na Zona*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 6, jan. 1981.

MOREIRA, Antônio Carlos. *A nova versão de a médica e a monstra*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 3, n. 37, p. 16-17, jul. 1981.

MICCOLIS, Leila. *Snob, Le Femme: os bons tempos da imprensa guei*. Lampião da Esquina, ano 3, n. 28, set. 1980, p. 6-7.

NACCACHE, Rogério. *Ecos do número zero*. Cartas na mesa, Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 15, 25 jun. a 25 jul. 1978.

O CONSELHO EDITORIAL. *Saindo do gueto*. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, edição experimental, número 0, p. 2, abril, 1978.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *O perigo na invasão dos travestis*. São Paulo, 28 mar. 1980, capa. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 5 set. 2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *O problema da mudança de sexo: repercussões ante nosso Direito*. Tribunais. São Paulo, 30 mai. 1980, p. 26. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 5 set. 2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Ninguém os quer, nem a polícia*. Reportagens. São Paulo. Maio de 1980, p. 36. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Polícia já tem plano conjunto contra travestis*. São Paulo, abr. 1980, p. 20. Disponível em: < <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not> >. Acesso em: 5 set. 2022.

PENTEADO, Darcy. *Homossexualismo: que coisa é essa?* Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 2, 25 jun. a 25 jul. 1978.

PENTEADO, Darcy. *O travesti, este desconhecido*: a função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 22, p. 12-13, março, 1980.

PENTEADO, Darcy. *O travesti, esse desconhecido*: o papel do travesti na emancipação feminina. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, p. 3, abril, 1980.

PENTEADO, Darcy. *Um apelo da tradicional família Mesquita*: predam, matam e comam os travestis! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 24, p. 2, maio, 1980.

PENTEADO, Darcy. *A louca da consolação*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 27, p. 16, ago., 1980.

PENTEADO, Darcy. *As flores negras da repressão*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 8, jan. 1981.

RAMOS, Jairo. *Sobre os travestis*. *Cartas na mesa*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 19, julho, 1979.

ROCHA, M. *Do outro lado da porta*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 8, 25 jun. a 25 jul. 1978.

SERRAN, Leopoldo. *Nunca houve uma mulher como Shirley*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, p. 20, maio, 1979.

SILVA, Aguinaldo. *As palavras: para que temê-las?* *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 5, 25 jul. a 25 ago., 1978.

SILVA, Aguinaldo. *Para o Brasil do ano 2.000*. Os bons costumes do século XIX. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 5, fev., 1979.

SILVA, Aguinaldo. *Síndico quer Verushka usando gravata e paletó*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, p. 3, mar. 1979.

SILVA, Aguinaldo. *Libélulas, mariposas, vampiras e damas da noite*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, p. 3-4, jan., 1981.

SOUZA, Modesto. *Fortaleza: um gay-guide*. *Lampião da Esquina*, ano 1, n. 7, dez. 1978, p. 4.

TREVISAN, João Silvério. *Dois travestis, uma advogada*: três depoimentos vivos sobre o sufoco. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p. 5-7, dez. 1979.

TREVISAN, João Silvério. *São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti*. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, p. 18, jul. 1980.

VASCONCELOS, Anselmo. *Durante dois meses ele foi "Eloína", mas é apenas um filme*. Entrevista, *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, p. 10-11, set. 1979.

Relatórios e legislações

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei PL 70/1995, de 22 de fev. de 1995*. Dispõe sobre intervenções cirúrgicas que visem à alteração de sexo e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1995. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=15009>>. Acesso em: 01 set. 2023.

BRASIL. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. *Nota técnica sobre direitos humanos e o direito dos banheiros*: vencendo a narrativa do apartheid de gênero que impede as pessoas transgêneras do acesso à cidadania no uso dos banheiros e demais espaços

segregados por gênero. Brasil: Antra, 28 de ago. 2023. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/08/nota-tecnica-wc-antra-final.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2023.

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Ditadura e Homossexualidades*: iniciativas da Comissão da Verdade do estado de São Paulo “Rubens Paiva”. 26 nov. 2013. Disponível em: <<http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html>>. Acesso em: 5 set. 2022.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Texto sete: ditadura e homossexualidades. In: COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório volume II textos temáticos*. Dez. 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

Sites

MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da ditadura*: Costa e Silva. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/artur-da-costa-e-silva/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da ditadura*: Paulo Bonchristiano. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/paulo-bonchristiano/>>. Acesso em: 19 set. 2023.

MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da ditadura*: Ernesto Geisel. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/geisel/>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Discursos

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Ernesto Geisel*: discurso feito aos dirigentes da Arena, no palácio da alvorada. 29 ago. 1974, p. 113-122. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/17.pdf/view>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

Entrevistas

CUNHA, Neon. *Entrevista sobre gênero, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Entrevista concedida a Marcos Tolentino e Julia Gumieri em 27/07/2022 no Memorial da Resistência de São Paulo por meio do “Projeto Percursos Curatoriais Gênero e Ditadura” desenvolvido em parceria com o Acervo Bajubá.

LACERDA, Luiz Carlos. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 594-614. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

MASCARENHA, João Antônio. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 256-277. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

MATTOSO, Glauco. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da

Silva. São Paulo, 1998, p. 389-443. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

MACRAE, Edward. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 327-360. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

RODRIGUES, Dolores. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 533-554. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

RODRIGUES, João Carlos. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 555-593. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

TREVISAN, João Silvério. *Reinventando o sonho História Oral de Vida Política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. [Entrevista concedida a] Claudio Roberto da Silva. São Paulo, 1998, p. 220-255. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

Audiovisual

PROMOÇÃO Bombril quase de graça com Rogéria. Direção: Andres Bukowski. São Paulo: Produtora Abafilmes, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=61nafq0nZoA>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

REPÚBLICA dos Assassinos. Direção: Miguel Faria Jr. Roteiro de Aguinaldo Silva. Rio de Janeiro: Rimas filmes do Braisl Ltda., 1979. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ITXU6qkZoKQ>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

Literatura

SERRAN, Leopoldo. *Shirley: a história de um travesti*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

Referências bibliográficas

Livros

BARBOSA, Marialva. *História da Imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio de Janeiro: Maud X, 2010.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: Crocodilo, 2019.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronaldo. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil, 1870-1980*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Vértices, 1990.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. 5. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"*. Salvador: EDUFBA, 2018.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: o Jogo Aberto dos Travestis no Espelho da Mulher*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1994.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

Capítulos de livro

AQUINO, Maria Aparecida. O jornal O Estado de S. Paulo: um liberal convicto. In: AQUINO, Maria Aparecida. *Censura, imprensa e estado autoritário (1968-1978): exercício cotidiano da dominação e da resistência o Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 37-118.

BUTLER, Judith. Inscrições corporais, subversões performativas. In: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 185-201.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

CERTEAU, Michel. Estratégias e táticas. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 97-102.

CHARTIER, Roger. Introdução. In: *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 61-79.

CHARTIER, Roger. Poderes e limites da representação. Marin, o discurso e a imagem. In: *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 163-180.

De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. *O Brasil republicano*. vol. 4, 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 169-205.

FICO, Carlos. Rumo à democracia. In: FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2020, p. 89-123.

FRY, Peter. Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 87-112.

GREEN, James Naylor. Novas palavras, novos espaços, novas identidades, 1945-1968. In: *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 251-328.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOSQUEIRA, Débora de Souza Bueno. As “genis” representadas nas páginas do Lampion da Esquina. In: NETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo Rodrigues (Org.). *História e Teoria Queer*. Salvador: Devires, 2018, p. 237-252.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampion iluminando esquinas escuras da Ditadura. In: GREEN, James N; QUINHALHA, Renan (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos -SP: EdUFScar, 2015, p. 83-123.

SKIDMORE, Thomas Elliot. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN, Alfred (org.). *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 25-81.

Artigo em revista

ARIAS, José Miguel Neto; AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015). *Cadernos.info*, Santiago, n. 39, p. 101-112, 2016. Disponível em: <

https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-367X2016000200007 >. Acesso em: 10 out. 2022. <https://doi.org/10.7764/cdi.39.986>

BARATA ZICMAN, Renée. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 4, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa alternativa brasileira nos “anos de chumbo”. *Akrópolis: revista de Ciências Humanas da UNIPAR*. v. 11, n. 2, abr./jun., 2003. Disponível em: < <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/332> >. Acesso em: 17 out. 2022.

CARVALHO, Lucas Borges de. Media, Censorship and Content Regulation in Brazil: Juridical Aspects and the Differences of Concepts. *Law, State and Telecommunications Review*, v. 4, n. 1, p. 51–82, 2012. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/RDET/article/view/21575> >. Acesso em: 31 ago. 2022. <https://doi.org/10.26512/lstr.v4i1.21575>.

CANABARRO, Ronaldo Pires; MEYRER, Marlise Regina. Travesti: textos-vestígios na construção de uma identidade-Jornal Lampião da Esquina (1978-1981). *Revista Tempo E Argumento*, v. 12, n. 29, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.23871/dimensoes-n38-16813>>. Acesso em: 24 out. 2020. <https://doi.org/10.5965/2175180312292020e0106>.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 35, p.253-270, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221>>. Acesso em: 9 abril 2021.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.

DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200010>>. Acesso em: 16 maio 2018. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200010>.

FERNANDES, Guilherme Moreira; WOITOWICZ, Karina Janz. A mentalidade censória de Rogério Nunes tematizada no jornalismo impresso dos anos 1970. *Galáxia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica*. São Paulo, n. 46, p. 1–12, 2021. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/48462> >. Acesso em: 31 ago. 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-2553202148462>.

GRECO, Heloisa Amelia. 50 anos do Golpe Militar/ 35 anos da Lei de Anistia: a longa marcha da “estratégia do esquecimento”. *Cadernos de História*, v. 15, n. 22, p. 160-189, 2014. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.22378871.2014v15n22p160> >. Acesso em: 22 ago. 2022. <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2014v15n22p160>.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 22, p. 201-246, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644638>. Acesso em: 14 dez. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100009>.

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade: alguns dilemas da relação história e cinema. *Revista Domínios da Imagem*, Londrina, n. 3, p. 65-78, 2008.

LOPES, Fábio Henrique. Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira: Apontamentos de uma pesquisa. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 23, n. 35 p. 145-167, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p145>>. Acesso em: 12 jul. 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2016v23n35p145>.

MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. *História: Questões & Debates*, v. 61, n. 2, dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/39008>>. Acesso em: 24 out. 2022. <https://doi.org/10.5380/his.v61i2.39008>.

MARTINS, Larissa Pinto; CAETANO, Marcio; BRAGA, Keith Daiani da Silva; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 50 –75, 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>.

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridas. *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 24, p. 197-207, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/9ywwLKWfTzTmPTJdhR5XTb/?lang=pt#>>. Acesso em: 4 out. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100022>.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A fotografia como documento - Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, n. 14, p. 131-151, 2003.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, nº 45, p. 11-36, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100002>.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745- 768, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>>. Acesso em: 17 maio 2022. <https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646472>.

MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. "Mulher como garoto-propaganda do dia dos pais": outvertising e as retóricas LGBTfóbicas na publicidade e no comentariado homotransfóbico brasileiro. *Signos do Consumo*, n. 2, p. 76-92, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/173801>>. Acesso em: 24 mar. 2023. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v12i2p76-92>.

MOTT, Luiz; ASSUNÇÃO, Aroldo. Gilete na carne: etnografia das automutilações dos travestis da Bahia. *Temas IMESC*, São Paulo, p. 41-56, 1987. Disponível em: <<https://luizmottblog.wordpress.com/gilete-na-carne/>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

OCANHA, Rafael Freitas. Travestis paulistanas na mira da Polícia Civil: a prática da Contravenção Penal de Vadiagem (1976-1977). In: *Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP*, 2016, São Paulo, p. 1-13. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475255809_ARQUIVO_RafaelOcanha-TextoCompleto.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

ROSA, Susel Oliveira da Rosa. “Apesar de vocês amanhã vai ser outro dia” imprensa alternativa versus ditadura militar em Porto Alegre. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, vol. 01, n. 01, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/4850/2768>>. Acesso em: 14 out. 2022.

ROCHA, Jorge Alberto; SALES, Deivison Warlla Miranda. Deleuze e Guattari: a noção de processos de subjetivação. *Nuevo Itinerario*, n. 13, 2018, p. 178. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo1702836-deleuze-e-guattari-a-no%C3%A7%C3%A3o-de-processos-de-subjetiva%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 13 jul. 2022.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFPPCv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 22 ago. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200003>.

SANTOS, Rafael França Gonçalves. Amizades e invenções de si: as experiências trans em Campos dos Goytacazes. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 1, n. 3, p. 136-148, nov. 2017. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/sociabilidadesurbanas/>>. Acesso em: 23 mar. 2020

SILVA, Edlene Oliveira; BRITO, Alexandre. Travestis e transexuais no jornal Lâmpião da esquina durante a ditadura militar (1978-1981). *Dimensões - Revista de História da UFES*, v. 38, p. 214-239, 2017. <https://doi.org/10.23871/dimensoes-n38-16813>.

SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista brasileira de História da Educação*, nº 16, jan./abr. 2008. p. 63-85. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>>. Acesso em: 30 set. 2022. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v8n1.cevieira>.

Teses e dissertações

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?* Sobre quando Lâmpião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. 2006. 129f. Dissertação (Mestrado em História), PUC, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12924>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa. *O Lâmpião da Esquina: Uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)*. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em História), UnB, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/21357>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. 2007. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

RODRIGUES, César Felipe. *Lâmpião da Esquina: disputas e (Re)Construções das Masculinidades e Identidades Homossexuais do Fim da Década de 1970*. 2020. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Araraquara, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204299>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*. 2012. 373 f. Tese (Doutorado em História Social) - UFF, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/283> >. Acesso em: 11 jul. 2022.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *Poder, gênero, resistência, proteção social e memória: Aspectos da socialização de “lésbicas” e “gays” em torno de um reservado em São João de Meriti, no início da década de 1980*. 2006. 238 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social) - UFF, Niterói, 2006. Disponível em: < <http://politicassocial.uff.br/wp-content/uploads/sites/124/delightful-downloads/2017/02/RitaCassiaColacoRodrigues.pdf> >. Acesso em: 15 fev. 2023.

CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis - Identidades transviadas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em História), UPF, 2015.

COELHO, Mateus Gustavo. *Gêneros desviantes: o conceito de gênero em Judith Butler*. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191493> >. Acesso em: 29 set. 2022.

COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo do Brasil: iluminando identidade(s) e representação(ões) do(s) homossexual(is) de 1978-81*. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11268> >. Acesso em: 10 out. 2022

FERRARESI, Carla Miucci. *Papéis normativos e práticas sociais: o cinema e a modernidade no processo de elaboração das sociabilidades paulistanas na São Paulo dos anos de 1920*. 2007. 508 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde16072007101615/publico/2_VOLUME2.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

HEEREN, Jose Augusto de Castro. *O armário invertido: comunicação e discurso sobre a luz do Lampião*. 2011. 240 f. Dissertação (mestrado em comunicação). Faculdade Casper Libero: São Paulo. 2011. Disponível em: < <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/04/O-Arm%C3%A1rio-Invertido.pdf> >. Acesso em: 14 fev. 2023.

OCANHA, Rafael Freitas. *“Amor, Feijão, Abaixo Camburão” – imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983)*. 2014. 217 f. Dissertação (Mestrado em História), PUC, São Paulo, 2014. Disponível em: < <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12830/1/Rafael%20Freitas%20Ocanha.pdf> >. Acesso em: 30 jan. 2023.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 313 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). São Carlos, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399?show=full> >. Acesso em: 07 mar. 2020.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. *“Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”? – a produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal lampião da esquina (1978-1981)*. 2017. 192 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017. Disponível em: < <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3158> >. Acesso em: 01 mar. 2023.

QUINALHA, Renan Honorio. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais), USP, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-20062017-182552/pt-br.php>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. 1998. 674 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/000949748>>. Acesso em: 11 maio 2022.

SILVA, Daniel Henrique de Oliveira. *Lampião da esquina: lutas feministas nas páginas do "Jornal Gay", luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981)*. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17838>>. Acesso em: 05 maio 2022.

SILVA, Claudielle Pavão. *"Flores horizontais": Sociabilidade, prostituição e travestilidade na Zona do Mangue (1960-1970)*. 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: <<https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1978?mode=full#preview-link0>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16505>>. Acesso em: 03 out. 2022.

Direitos de imagem

社皮. *Fio decorativo png*. Disponível em <<https://pt.pngtree.com>>. Acesso em: 12 set. 2022.

Anexos

Anexo I. Fichamento temático do Lâmpião da Esquina (1978-1981)

FICHAMENTO TEMÁTICO – LÂMPIÃO DA ESQUINA 1978-1981
Identificação do periódico
<p>- Referência bibliográfica: LÂMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: < http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 07 jun. 2022.</p> <p>- Material fichado: 38 edições regulares e 3 edições extras</p> <p>- Lista de siglas: M. – Manchete C. – Coluna R. – Reportagem E. – Entrevista L. – Literatura LP. – Lâmpião da Esquina</p>
TEMÁTICAS ELENCADAS
Tema 1: Surgimento do Lâmpião da Esquina e objetivos de seu projeto político
<ul style="list-style-type: none">• Contexto de surgimento e composição do corpo editorial<ul style="list-style-type: none">- Informações dos organizadores da edição experimental (Ano 1, n. 0, p. 2, abr., 1978, C. a esquerda)- Informações sobre os membros do conselho editorial (Ano 1, n. 0, p. 2, abr., 1978, M. Senhores do conselho)- Embates de opiniões entre os editores (Seção Opinião de cada edição)- Reportagem com dados acerca da distribuição da edição 0 (Ano 1, n. 1, p. 9, 25 maio a 25 jun. 1978, R. Sem essa de entrega)- Opinião de leitores sobre o nome, a capa e o símbolo do jornal (Ano 1, n. 3, p. 14, 25 jul. a 25 ago. 1978, M. Lâmpião é desnudado)- Desaparecimento do conselho editorial por conflitos internos (Ano 3, n. 32, p. 19, jan., 1981, C. Lâmpião)- Entrevistas com editores de jornais gay anteriores ao LP que ajudam a traçar um contexto para o surgimento do jornal (Ano 3, n. 28, p. 6-7 set. 1980, E. Os bons tempos da imprensa...)- Carta de Agildo Guimarães criador do jornal Snob, antecessor do LP., falando sobre a repercussão do periódico (Ano 1, n. 1, p. 14, 25 maio a 25 jun. 1978, M. Um abraço do gente gay)

- Artigo escrito Leila Micolis falando do contexto de surgimento do jornal (Ano 2, n. 18, p. 7, nov. 1979, E. Os bons tempos da imprensa gay)
- Impressões de leitores acerca da edição experimental (Ano 1, n. 2, p. 15, 25 jun. a 25 jul. 1978, M. Ecos do número zero)
- Matéria expondo a perseguição e censura em período de redemocratização (Ano 1, n. 5, p. 16, out. 1978, M. Sinal de Alerta)
- Matéria que retrata a censura à imprensa (Ano 1, n. 9, p. 6, fev., 1979, M. “Ma che cosa é questa?”)
- Criação do jornal e razões para a ausência de mulheres na edição experimental (Ano 1, n. 0, p. 5, abr., 1978, C. Mulheres do mundo inteiro)
- Carta de leitor criticando o perfil socioeconômico do conselho editorial e destacando que o jornal pretende se inserir na sociedade vigente (Ano 1, n. 4, p. 17, 25 ago. a 25 set. 1978, M. Qual é a tua, oh Lampião?)
- Projeto político e a concepção de gueto
 - Motivos de criação e publicação do jornal e definição de gueto homossexual (Ano 1, n. 0, p. 2, abr., 1978, M. Saindo gueto)
 - Objetivos de sair do gueto e criar uma imprensa homossexual (Ano 1, n. 0, p. 5, abr., 1978, M. Qual é a nossa imprensa)
 - Carta de leitor apontando suas impressões acerca do jornal, expondo a importância de sair gueto e de se criar uma identidade homossexual (Ano 1, n. 1, p. 15, 25 maio a 25 jun. 1978, M. Lendo o número zero)
- Trajetória de surgimento do movimento homossexual brasileiro
 - Reportagem sobre a trajetória do grupo SOMOS (Ano 1, n. 12, p. 2, maio 1979. M. Grupo SOMOS)
 - Razões para se assumir homossexual e tentativas de se criar uma identidade coletiva (Ano 1, n. 2, p. 2, 25 jun. a 25 jul. 1978, M. Assumir-se? Por quê?)
 - Apontamentos a respeito da construção do movimento homossexual e constituição de memória uma memória do movimento (Ano 3, n. 25, p. 10, jun. 1980, C. O paraíso acabou, viva a utopia)
- Propaganda divulgando outros jornais alternativos (Ano 1, n. 2, p. 14, 25 jun. a 25 jul. 1978. C. Por uma imprensa independente)

Tema 2: As travestis na mira do Lampião da Esquina

- Posição do corpo editorial sobre a prática travesti
 - Personagem fictícia Rafaela Mambaba expondo, textual e imageticamente, o que ser travesti (Ano 1, n. 4, p. 8, 25 ago. a 25 set., 1978, R. Quem atira a primeira pedra?)
 - Darcy Penteadado discorre sobre o que envolve as práticas travesti do período (Ano 2, n. 22, p. 12, mar. 1980, M. O travesti esse desconhecido)
 - Matéria que descreve características do corpo travesti (Ano 3, n. 35, p. 18, abr. 1981, M. Da paulistinha ao gay-gala)
 - Construções de Adão Costa sobre o corpo travesti (Ano 2, n. 17, p. 16, out., 1979, C. Bixórdia)
 - Comparação de Darcy Penteadado sobre travesti de Portugal e do Rio de Janeiro (Ano 1, n. 13, p. 3, jun. 1979, M. Portugal sem bacalhau)
 - Darcy Penteadado falando sobre a existência de travestis no Brasil Colônia (Ano 1, n. 9, p. 3, fev., 1979, M. Lordy Cornbury)
 - Representação travesti elaborada pelo jornal por meio da personagem Rafaela Manbaba (Ano 1, n. 21, p. 6, out. 1978, M. Incrível, fantástico, extraordinário)
 - Reflexões de Darcy Penteadado sobre o papel social da travesti (Ano 2, n. 23, p. 3, abr. 1980, M. O papel do travesti na emancipação feminina)
 - Definições de Francisco Bitencourt sobre o que é ser travesti (Ano 3, n. 32, p. 3, jan. 1981, R. Brasil: campeão mundial de travestis)
 - Artigo escrito por Penteadado afirmando o fim das hierarquias entre homossexuais e travesti (Ano 3, n. 31, p. 14, dez. 1981, M. Convergindo: da Mesopotâmia a Richetti)
 - Coluna Bixordia, disponível a partir do número cinco, contém elementos utilizado pelo jornal para caracterizar a travesti, como linguagem e gírias.
 - Definição das travestis como loucas por performarem o feminino (Ano 1, n. 8, p. 8, jan., 1979, M. Gay-Macho uma nova tragédia americana)
 - Reportagem falando do carnaval e construindo a travesti como uma figura hilária (Ano 1, n. 10, p. 6, mar., 1979, R. Carnaval, todo mundo sem máscara)
 - Capa da edição que define as travestis como bichas biônicas (Ano 3, n. 32, p. 1, jan. 1981, Capa)
 - Glossário criado pelos editores para explica as diferentes designações para o termo bicha (Ano 1, n. 6, p. 9, nov., 1978, M. Escolha seu nome)
- Posição de colaboradores do jornal acerca das identidades travestis
 - Percepções do ator Jorge Alves de Souza sobre o que é ser travesti (Ano 1, n. 4, p. 9,

25 ago. a 25 set., 1978, R. Mimosas sim, mas é bom não confundir)

- Visão de garoto de programa sobre práticas travestis (Ano 2, n. 20, p. 11, jan. 1980, E. Os clientes, os passeios)

- Visão de Rogéria sobre as práticas travestis (Ano 3, n. 32, p. 10, jan., 1981, E. Rogéria superstar)

- Colocação de Rogéria sobre o que é ser travesti (Ano 3, n. 32, p. 6, jan., 1981, E. Rogéria camisa 10 dos travestis)

- Percepções do autor e professor Guy Hocquenghem sobre as travestis (Ano 3, n. 37, p. 6-7, jul. 1981, E. Revolucionário é o travesti)

- Luiz Carlos Lacerda a respeito da posição das travestis dentro da categoria homem/mulher (Ano 3, n. 32, p. 4, jan., 1981, C. Vítimas da falta de espaço)

- Artigo de Hector e Ricardo apontando para os problemas de um corpo marcado pela feminilidade (Ano 1, n. 8, p. 4, jan., 1979, M. Louca e baratinada)

- Celso Curi relaciona as travestis com a rua e a prostituição (n. 0, p. 1, abril, 1978, R. Na defesa, palavras do Ministro)

- Colaborador Antônio Carlos falando da relação das travestis com a prostituição (Ano 3, n. 32, p. 6, jan. 1981, R. Um passeio na zona)

Tema 3: Construção do imaginário social e representações travestis na literatura, teatro e cinema

- Representações teatrais

- Peça teatral interpreta por uma travesti (Ano 1, n. 1, p. 11, 25 maio a 25 jun. 1978, M. Nas rodas da engrenagem)

- Espetáculo teatral que narra as dificuldades de uma travesti (Ano 2, n. 19, p. 17, dez. 1978, C. Com a cara e coragem)

- Representação sobre as travestis na peça teatral a Loca da Consolação (Ano 3, n. 27, p. 16, ago. 1980, C. A louca da consolação)

- Representações literárias

- Conto, escrito por Pedro Hilário que narra a história de um homem que se apaixona por uma travesti (Ano 1, n. 4, p. 20, 25 ago. a 25 set. 1978, L. A dona boazuda)

- Fragmentos de um roteiro escrito por Leopoldo Serran sobre travesti (Ano 1, n. 12, p. 20, maio. 1979, M. Nunca houve uma mulher como Shirley)

- Propaganda do roteiro-romance de Leopoldo Serran que conta a história da travesti

Waldir/Shirley (Ano 2, n. 16, p. 5, set. 1979. C. Não deixe de ler o desbundante roteiro-romance)

- Entrevista com o escritor Leopoldo Serran, sobre o livro Shirley (Ano 2, n. 18, p. 12, nov. 1979, E. O travesti é como um pistoleiro)

- Composições cinematográficas

- Entrevista com o ator Anselmo Vasconcelo que protagonizou a travesti do filme República de Assassinos (Ano 2, n. 16, p. 10-11, set. 1979, E. Durante seis meses ele foi Eloína)

- Cenas do filme República dos Assassinos e uma descrição do ator Anselmo Vasconcelos (Ano 2, n. 15, p. 9, jan./ago. 1979, M. Cenas de um filme lampiônico)

- Entrevista com José Augusto Iwersen, que realizou o documentário “Daniele, Carnaval e Cinzas”. Filme disponível em: <https://acervo.mis-sp.org.br/filme/danielle-carnaval-e-cinzas> (Ano 2, n. 16, p. 12, set. 1979, R. Filme premiado)

-Comentário sobre a interpretação do ator Anselmo Vasconcelos no papel da travesti Eloisa (Ano 2, n. 18, p. 17, nov. 1979, M. Um filme para a abertura)

Tema 4: Experiências das travestis representadas em entrevistas e reportagens realizadas pelo jornal

- Experiências de vidas

- Experiências de vida de Monica, travesti de Carangola-MG (Ano 1, n. 7, p. 10, dez. 1978, R. Monica uma vida em segredo)

- Entrevista com Flavia e Tania que narram suas trajetórias e práticas (Ano 2, n. 19, p. 5, dez. 1978, R. Dois travestis, uma advogada)

- Experiências de vida da travesti Maria Leopoldina (Ano 2, n. 23, p. 5, abr. 1981, E. Blanco, Michalski, Marinho)

- Experiências de vida de travesti Cubana (Ano 3, n. 33, p. 15, fev. 1981, R. Yo soy cubana)

- Experiências de vida Claudie (Ano 3, n. 35, p. 6, abr. 1981, R. Claudie é um transexual)

- Experiências de vida de Barbara (Ano 3, n. 37, p. 16, jul. 1981, E. A nova versão de a médica e a montra)

- Depoimentos de travestis sobre os significados de sua identidade (Ano 3, n. 32, p. 3, janeiro, 1981, R. Brasil campeão mundial de travestis)

- Entrevista com Bia Friedman travesti que aparece na capa do Livro Shirley (Ano 2, n.

16, p. 16, set. 1979, C. Bixordia)

- Processo de montagem
 - Entrevista com travesti discutido aspectos relacionados a construção do corpo. (Ano 1, n. 21, p. 3, out. 1978, E. Eloína dá o serviço)
 - Depoimento travesti sobre a importância da depilação para a construção corporal (Ano 2, n. 22, p. 11, mar. 1980. R. Doce tortura)
 - Reportagem com Claudia Cassparelly sobre montagem travesti (Ano 3, n. 27, p. 14, ago., 1980, R. A incrível metamorfose de Cassparelly)
 - Entrevista com uma travesti Jane e com a Rogéria sobre montagem do corpo (Ano 3, n. 32, p. 6, jan., 1981, E. Intimidade de uma estrela)
 - Opinião de travestis sobre resignação sexual (Ano 3, n. 35, p. 5, abr. 1981, R. Quem lucra com essa operação)

Tema 5: Violências e resistências de travestis

- Perseguição realizada pelo Estado
 - Travesti presa em São Paulo por estar na rua durante o dia (Ano 1, n. 1, p. 9, 25 maio a 25 jun. 1978, C. Direito de ir e vir)
 - Polícia destrói conjunto habitacional de travesti (Ano 1, n. 5, p. 3, out. 1978, M. Tocaram fogo no Mangue)
 - Reportagem denunciando a morte de mais uma travesti (Ano 2, n. 24, p. 10, M. Olha o Mão Branca)
 - Artigo de Silvério Trevisan falando do início da repressão a prostituição (Ano 1, n. 21, p. 2, out. 1978, M. A vida é fácil?)
 - Juiz Álvaro Mayrink fala da lei de vadiagem e prostituição (Ano 3, n. 30, p. 13, M. Um juiz pela minoria)
 - Operação Rondão e a perseguição as travestis (Ano 3, n. 32, p. 8, jan. 1981, C. As flores da revolução)
 - Operação Rondão (Ano 3, n. 26, p. 18, jul. 1980, M. São Paulo: a guerra santa do Dr. Richetti)
 - Perseguição travesti e o esquadrão mata bicha (Ano 2, n. 20, p. 11, jan. 1980, M. Um esquadrão mata-bicha)
 - Perseguição a travestis em São Paulo (Ano 3, n. 32, p. 5, jan. 1981, R. Na pauliceia com olhos de lince)
 - Presença das travestis na praça da República e batidas policiais (Ano 1, n. 13, p. 6, jun.

1979, M. Uma praça chamada República)

-Darcy Penteado fala da perseguição as travestis (Ano 2, n. 24, p. 2, M. Predam matam e comam os travestis)

- Violências cotidianas e ataques sociais

- Travesti impedida de se comportar como mulher em seu apartamento (Ano 1, n. 10, p. 3, mar. 1979, M. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó)

- Jornais da grande imprensa publicam que travestis não usassem o metrô (Ano 1, n. 12, p. 4, maio 1979, M. Todo mundo pro banheiro)

- Agressões a travestis no carnaval (Ano 2, n. 22, p. 2, mar. 1980, M. Tá legal Geni)

- Medicina considerando a transexualidade como distúrbio psiquiátrico (Ano 2, n. 16, p. 16, set. 1979, C. Bixórdia)

- Carta falando de assassinato de uma travesti (Ano 3, n. 26, p. 16, jul. 1980, M. Santa Felpuda)

- Carta de leitor que critica as travestis (Ano 1, n. 2, p. 14, 25 jun. a 25 jul. 1978, M. Paulada na Bixordia)

- Bar que proíbe a entrada de travesti (Ano 1, n. 7, dez. 1978, p. 4, M. Fortaleza: um gay-guide)

- Ativismo travesti

- Importância em se criar uma comunidade travesti e a importância das travestis para o movimento homossexual (Ano 2, n. 23, p. 4, abr. 1980, M. Deus nos livre do boom gay)

- Pautas e reivindicações de travestis dentro do movimento homossexual (Ano 2, n. 24, p. 4, M. Homossexuais a nova força)

- Tentativa de criar imprensa gay presidida pela travesti Thula Morgani (Ano 3, n. 27, p. 4, ago. 1980, M. 28 de Julho, um dia de luta)

Anexo II. Modelo de ficha de análise do periódico *Lampião da Esquina*

FICHA DE ANÁLISE – LAMPIÃO DA ESQUINA N. 7
Ficha técnica
<p>- Corpo editorial: Darcy Penteadó, João Silvério Trevisan, Francisco Bittencourt, Clóvis Marques, Adão Acosta, João Antônio Mascarenhas, Gasparino Damata</p> <p>-Cidade: Rio de Janeiro</p> <p>-Editora: Lampião</p> <p>-Ano: 1</p> <p>-Edição: n. 7</p> <p>-Data: dezembro de 1978</p> <p>-Valor: Cr\$ 15</p> <p>-Referência bibliográfica: LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-16, dez. 1978. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/11-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-07-DEZEMBRO-1978.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.</p>
Descrição do periódico
<p>-Na capa o nome do jornal vem escrito LAMPIÃO da esquina, o valor do jornal é de Cr\$15,00. Consta também que a edição é referente a dezembro de 1978. Um dos temas aprestado na capa é a reportagem intitulada: Na terra dos homens, paulada na boneca!</p> <p>-MANCHETE MONICA VALÉRIA, UMA VIDA EM SEGREDO (p.10): Reportagem com uma travesti da cidade de Carangola MG. O jornal usa o artigo (o) para se referir a Monica. A entrevista é realizada por Antônio Chrysóstomo. Nessa reportagem conta de formar detalhada as experiências de vida de Monica.</p> <p>- Na seção esquina, localizada na p. 4, está disponível um “gay-guide” da cidade de fortaleza. Nesse guia de viagem é citado um bar em que “as pintosas não entram”.</p> <p>- Na seção reportagem, localizada na p. 9, contém um ornamento de página que apresenta a imagem de um homossexual trajando elementos reiterados ao campo do feminino.</p> <p>- Na seção de cartas na mesa, localizada na p. 14, a leitora Sueli Almeida solicita aos editores o “dicionário da mestre Manbaba”. Ela acreditava que a personagem fictícia compunha o corpo de editores.</p>

Anexo III. Fotografia de Juca Martins. A partir da esquerda: Peter Fry, João Silveiro Trevisan, Celso Curi, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas e Darcy Penteado.



Anexo IV. Propaganda dos jornais alternativos

